



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO (PPGLE)

Iasmin Araújo Bandeira Mendes
Professor Orientador: José Hélder Pinheiro Alves

**A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO E A FORMAÇÃO DE LEITORES:
traçando caminhos para uma sociedade leitora**

CAMPINA GRANDE - PB
2022

IASMIN ARAÚJO BANDEIRA MENDES

**A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO E A FORMAÇÃO DE LEITORES:
TRAÇANDO CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE LEITORA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, linha de pesquisa em Ensino de Literatura e Formação de Leitores da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

CAMPINA GRANDE - PB
2022

M538f Mendes, Iasmin Araújo Bandeira.
A Festa Literária de Boqueirão e a formação de leitores: traçando caminhos para uma sociedade leitora / Iasmin Araújo Bandeira Mendes. - Campina Grande, 2022.
152f. : il. Color

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".
Referências.

1. Festa Literária de Boqueirão. 2. FLIBO - História. 3. Festa Literária. 4. Formação de Leitores. 5. Evento - Paraíba. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 394.48:82-91(043)

IASMIN ARAÚJO BANDEIRA MENDES

**A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO E A FORMAÇÃO DE LEITORES:
TRAÇANDO CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE LEITORA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, linha de pesquisa em Ensino de Literatura e Formação de Leitores da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

Aprovada em 28 de outubro de 2021

Banca examinadora

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves
(Orientador)

Profa. Dra. Josilene Pinheiro Mariz
(Examinadora)

Profa. Dra. Danielly Vieira Inô
(Examinadora)

Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes
(Examinador)

CAMPINA GRANDE – PB
2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO
 Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da **302** Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Iasmin Araújo Bandeira Mendes**.

1. Aos 28 dias do mês de outubro do ano de 2021, às 09:00 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pelo(a) Prof(a). Dr(a). José Hélder Pinheiro Alves, (UFCG/PPGLE), orientador(a), e composta pelo(a) Prof(a). Dr(a). Josilene Pinheiro-Mariz, (UFCG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pelo Prof(a). Dr(a). Frederico Fernandes Garcia Fernandes, (UEL), na qualidade de membro titular externo e pela Prof(a). Dr(a). Danielly Vieira Inô, (UEPB), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) discente **Iasmin Araújo Bandeira Mendes**, intitulada: "**A Festa Literária de Boqueirão e a Formação de Leitores: Traçando Caminhos para uma Sociedade Leitora**".
2. A sessão foi aberta pelo(a) presidente que apresentou os integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra ao(a) mestrando(a). Este(a) fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições do(a)s examinadores(as).
3. Logo após, o(a) presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.
4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho do(a) candidato(a) durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 80 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, o presidente da Banca Examinadora informou ao candidato que o trabalho obteve nota **10,0(dez)** correspondente ao conceito **APROVADO**.
5. Nada mais havendo a tratar, Eu **JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR**, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente, e também o mestrando que dá ciência do resultado.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 28/10/2021, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danielly Vieira Inô, Usuário Externo**, em 28/10/2021, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **Iasmin Araújo Bandeira Mendes, Usuário Externo**, em

https://sei.ufcg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=usuario_externo_documento_assinar&id_acesso_externo=399635&id_documento=208... 1/2



28/10/2021, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE HELDER PINHEIRO ALVES, PROFESSOR 3 GRAU**, em 01/11/2021, às 08:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSILENE PINHEIRO MARIZ, PROFESSOR 3 GRAU**, em 01/11/2021, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Augusto Garcia Fernandes, Usuário Externo**, em 17/02/2022, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1882725** e o código CRC **E0DD1D0B**.

RESUMO

Esta dissertação é fruto de nossa pesquisa de mestrado, que teve como objetivo geral investigar como se caracterizam as ações da Festa Literária de Boqueirão (FLIBO) em relação à formação de leitores. São objetivos específicos: (a) descrever as circunstâncias de criação da Festa Literária de Boqueirão; (b) delinear o histórico da Festa Literária de Boqueirão, a partir das programações, redes sociais e notícias, de suas dez primeiras edições e; (c) registrar memórias de sujeitos sociais e mediadores de leitura envolvidos na Festa, a fim de analisar suas representações sobre a FLIBO e sobre a relação desta com a formação de leitores. A FLIBO surgiu em 2010 e desde então promove anualmente um evento literário com palestras, mesas redondas, oficinas e apresentações culturais que acontecem em praça pública, de forma aberta e gratuita. Além disso, há ações em escolas públicas e particulares que precedem o evento. Justificamos este trabalho pela contribuição social que nosso objeto implica em uma cidade de pequeno porte no interior da Paraíba e em outras iniciativas no estado, pelo ineditismo da pesquisa e pelos índices de leitura apontados por organizações nacionais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, que envolve um estudo de caso e uma pesquisa documental. Os instrumentos utilizados foram análise de conteúdo e entrevistas. Embasamos nossa análise em Horellou-Lafarge e Segré (2010), Rouxel (2014), Certeau (1994), sobre o conceito de formação de leitores literários; Candido (2004), Bourdieu (1979), Soares (1998; 2008) sobre democratização de leitura; Chartier (1999;2001) sobre práticas de leitura e Rajewsky sobre intermedialidade; Martin-Barbero (1987) sobre mediação e Petit (2008; 2009) sobre mediação de leitura; Bordini e Aguiar (1998) sobre o papel da escola na formação de leitores e sobre conceito de Cidades Educadoras em Bernet (1997), Brada e Ríos (2004) e Cabezudo (2004). Ao final deste trabalho foi possível resgatar a história da Festa Literária de Boqueirão e constatar algumas de suas características ao longo de sua trajetória, sendo as principais delas: os vieses educativo e cultural, o protagonismo feminino, o uso de lugares democráticos para a propagação da leitura, a diversidade de práticas de leitura e a intermedialidade.

Palavras-chave: Festa Literária de Boqueirão, FLIBO, Festa Literária, Paraíba, Formação de Leitores.

ABSTRACT

This dissertation is the result of our master's research that aimed to investigate how the actions of the Boqueirão Literary Festival (FLIBO) are characterized in relation to the process of readers' development. The specific objectives are: (a) to describe the circumstances surrounding the creation of the Boqueirão Literary Festival; (b) outline the history of the Boqueirão Literary Festival, based on the programming, social medias and news of its ten first editions and (c) register memories of social subjects and reading mediators involved in the Festival in order to analyze their representations about FLIBO and its relationship with the process of readers' development. FLIBO emerged in 2010 and since then promotes a literary event annually with lectures, round tables, workshops and cultural presentations that take place in public squares, openly and free of charge. In addition, there are actions in public and private schools that precede the event. We justify this work by the social contribution that our object implies in a small town in the interior of Paraíba and in other initiatives in the state, by the originality of the research and by the reading indexes indicated by national organizations. Methodologically, it is a qualitative and descriptive research, which involves a case study and a documentary research. The instruments used were content analysis and interviews. We base our analysis on Horellou-Lafarge and Segré (2010), Rouxel (2014), Certeau (1994), on the concept of literary readers' development; Candido (2004), Bourdieu (1979), Soares (1998; 2008) on democratization of reading; Chartier (1999;2001) on reading practices and Rajewsky on intermediality; Martin-Barbero (1987) on mediation and Petit (2008; 2009) on reading mediation; Bordini and Aguiar (1998) on the role of the school in the formation of readers and on the concept of Educating Cities in Bernet (1997), Brada and Ríos (2004) and Cabezudo (2004). At the end of this work, it was possible to rescue the history of the Literary Festival of Boqueirão and verify some of its characteristics along its trajectory, the main ones being: the educational and cultural bias, the female protagonism, the use of democratic places for the propagation of the reading, the diversity of reading practices and intermediality.

Key-words: Festa Literária de Boqueirão, FLIBO, Literary Festival, Paraíba, Reader's Development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CAPÍTULO I - UMA FESTA LITERÁRIA NO INTERIOR DA PARAÍBA	17
1.1. Acesso e Democratização da Leitura	19
1.2. Eventos Literários e Formação de Leitores	22
1.3. Mediação de Leitura: uma nova perspectiva	25
1.4. Espaços de Formação de Leitores: uma Cidade Educadora para além da Sala de Aula	30
1.5. Conhecendo Boqueirão: Cidade das Águas, das Rimas e das Letras ...	35
2. CAPÍTULO II - PRÁTICAS DE LEITURA E INTERMIDIALIDADE NA TRAJETÓRIA DA FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO (2010-2019)	41
2.1. Práticas de Leitura	41
2.2. Intermidialidade	43
2.3. 10 anos da Festa Literária de Boqueirão	45
2.3.1. I Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2010)	49
2.3.2. II Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2011)	52
2.3.3. III Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2012)	56
2.3.4. IV Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2013)	59
2.3.5. V Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2014)	64
2.3.6. VI Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2015)	68
2.3.7. VII Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2016)	72
2.3.8. VIII Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2017)	76

2.3.9. IX Festa Literária de Boqueirão - FLIBO (2018)	80
2.3.10. X Festa Literária de Boqueirão - FLIBO (2019)	82
CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÕES SOBRE A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO: OS SUJEITOS DESTA HISTÓRIA	85
3.1. O surgimento da Festa Literária de Boqueirão	85
3.2. A FLIBO ocupa a cidade	88
3.3. A FLIBO e as escolas: uma relação duradoura	91
3.4. Boqueirão e suas bibliotecas: uma relação que poderia ser	95
3.5. A FLIBO e a comunidade de Boqueirão	101
3.6 A FLIBO enquanto política pública	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	118

INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1898, p. 9) cunhou a célebre frase: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”; para ele, antes de construirmos sentidos a partir do que está escrito, desvendamos e aprendemos tudo com o que nos deparamos em nosso cotidiano. Antes de sabermos como escrever a palavra flor, a vemos, sentimos, cheiramos. E se não a virmos, sentirmos ou cheirarmos, tampouco esta palavra de quatro letras nos fará sentido.

Esta frase emblemática é destrinchada por muitos teóricos que estudam a Pedagogia do autor, que tem como base o contexto no qual o aprendente está inserido. Porém, nos chama atenção também a oração que segue esta primeira e que tem tanta importância quanto ela: “a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1898, p. 9), ou seja, a leitura da palavra implica a continuidade da leitura do mundo, sobre o que podemos concluir que a leitura da palavra fomenta e amplia a leitura de mundo, pois o texto, a palavra, o livro, são portas para conhecimentos e descobertas, informações e aventuras que engrandecem a experiência de vida do leitor.

Compreendendo que se faz necessário insistir e aprimorar as políticas em prol da leitura e focalizando a leitura literária por todos os atributos que serão discutidos posteriormente, grupos e entidades de diversos municípios do Estado da Paraíba têm se mobilizado para a organização de feiras, festas e festivais literários. Em 2019, o estado atingiu o marco de 20 feiras (Cf. Anexo 1). Do litoral ao sertão, no brejo, no agreste e no cariri¹, as cidades paraibanas incluíram na sua programação anual um evento em ode à literatura, aos livros e à leitura.

No Brasil, há grandes eventos literários reconhecidos nacional e internacionalmente, como a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP-RJ), a Feira do Livro de Porto Alegre (RS), a Jornada Literária de Passo Fundo (RS) e diferentes Bienais do Livro, como as de São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro. Neste sentido, municípios da Paraíba têm se destacado no Nordeste, driblando os percalços econômicos e sociais e se valendo de seu amplo arcabouço cultural, para desenvolver atividades voltadas à formação de leitores, com destaque às feiras, festas e festivais literários.

A pioneira destes eventos foi a Festa Literária de Boqueirão que surgiu em 2010, através da Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES). Inicialmente chamada Feira Literária de Boqueirão, a FLIBO, acrônimo que vigora, tornou-se Festa em 2018, quando de sua nona edição. Após o marco de dez anos de atuação, em 2019, surge a necessidade de contar a história deste evento literário, no interior da Paraíba, que já trouxe para o palco de

¹ O Estado da Paraíba é dividido em seis microrregiões climatologicamente homogêneas: Litoral, Agreste, Brejo, Cariri/Curimataú, Sertão e Alto-sertão.

uma cidade de 17 mil habitantes, nomes como Ariano Suassuna, Braulio Tavares, Lourdes Ramalho e tantos outros.

Para além de registrar a história da FLIBO, questionamo-nos sobre as contribuições de tal evento para a comunidade alcançada por ele. Parte dos pesquisadores em Estudos Literários têm canalizado suas energias para compreender como se dá a formação leitora significativa. Para contribuir com estas discussões, vê-se, então, a necessidade de analisar a relação das ações da Festa com a formação de leitores literários. Quais ações têm sido executadas pela Festa Literária de Boqueirão desde seu surgimento em 2010? De que forma essas ações visam à formação leitora na cidade?

Sendo assim, nosso objetivo geral é investigar como se caracterizam as ações da Festa Literária de Boqueirão em relação à formação de leitores literários na cidade. Consideramos ações os projetos, vivências e atrações que foram planejadas e executadas pela FLIBO entre 2010 e 2019. São objetivos específicos: (a) descrever as circunstâncias de criação da Festa Literária de Boqueirão; (b) delinear o histórico da Festa Literária de Boqueirão, a partir das programações, redes sociais e notícias, de suas dez primeiras edições; e (c) registrar memórias de sujeitos sociais e mediadores de leitura envolvidos na Festa, a fim de analisar suas representações sobre a FLIBO e sobre a relação desta com a formação de leitores.

Justificamos este trabalho pela contribuição social que nosso objeto, a FLIBO, implica em uma cidade de pequeno porte no interior da Paraíba, uma vez que a Festa já se consolida há mais de uma década. Escolhemos este objeto de estudo por perceber a necessidade de trazer esta discussão para a academia, considerando que o embasamento teórico-metodológico sobre este tema pode contribuir para a solidificação das feiras literárias da Paraíba e da própria FLIBO, que é considerada a “mãe” dessas iniciativas. Trazemos também como justificativa a escassez de estudos que focalizam a formação de leitores a partir de eventos literários, especialmente no contexto da Paraíba.

Sobre festas literárias, é possível encontrar trabalhos de diversas áreas que analisam aspectos diversos, como o uso da mídia e a organização do evento², porém, nenhum deles tem como tema a formação de leitores.

Especificamente sobre a Feira do Livro de Porto Alegre, há um livro sobre os 50 anos da Feira, ao qual não tivemos acesso (Cf. GALVANI, 2004), e alguns artigos e trabalhos de conclusão de curso sobre o evento, que acontece desde 1955.

² Cf. Massola et Wortmann (2015), Targino et Cruz (2015), Ferraz et Cavedon (2006). Pesquisa feita na BDTD (<http://bdtd.ibict.br>) com as palavras-chave: “feira literária”, “festa literária”, “festival literário”, “jornada literária”, “evento literário” e “feira do livro”..

Em relação à Festa Literária de Boqueirão, encontramos textos que citam sua importância enquanto evento cultural da Paraíba, como o artigo e dissertação de Garcia e Brasileiro (2014) e textos da Revista Blecaute (Cf. GAUDÊNCIO; LUIZ; NETO, 2010; 2011).

Há ainda artigos referentes a atividades desenvolvidas na FLIBO, como oficinas. Citamos aqui, “Poesia e sala de aula: estratégias de leitura” (FERREIRA; OLIVEIRA; NEVES, 2018), “A literatura de cordel: arte de essência criativa e lúdica, formando leitores e integrando cidadãos” (MACIEL, 2017) e “Da leitura e produção textual à escrita criativa literária em sala de aula” (SILVA, 2018)³. Nestes casos, são estudos extensivos sobre ações pontuais e, portanto, não levam em consideração o evento literário como um todo.

Internacionalmente, encontramos estudos sobre festivais literários que focalizam sua relação com a cultura literária, com os leitores. O livro *Literary Festivals and Contemporary Book Culture*, de Millicent Weber exemplifica esta tendência. A obra é bastante cara a esta pesquisa, pois contempla diversos estudos na área. Porém, por ilustrar o contexto de países de língua inglesa, ou seja, um contexto diverso do nosso, serve mais como modelo de pesquisa do que comparativo analítico.

Outra motivação que impulsiona este estudo são os dados da Pesquisa Retratos da Leitura do Instituto Pró-Livro de 2016, que, apesar de apresentar conceitos de leitor e leitura restritos, em nossa opinião, “nos convidam à reflexão sobre os avanços e desafios que nosso país enfrenta para a criação de uma sociedade efetivamente leitora”. (FAILLA, 2016, s/p). Desde 2007, se mantêm as definições de que leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses e não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze.

Estudamos as 4ª e 5ª edições da pesquisa, que foram realizadas, respectivamente, em 2015 e 2019 e publicadas em 2016 e 2020. A mais recente traz o dado de que 52% da população brasileira é leitora, enquanto em 2016 esta porcentagem era de 56%. Na Paraíba, a porcentagem é menor: 51% da população pesquisada se diz leitora (FAILLA, 2016) e no Nordeste, 48% (FAILLA, 2020, s/p). A edição de 2020 traz um diferencial interessante, pois adiciona ao seu objetivo de “conhecer as condições de leitura e de acesso ao livro [...] pela população brasileira” o de “identificar os hábitos dos brasileiros especificamente em relação à Literatura” (FAILLA, 2020, s/p), o que nos deu dados importantes que serão retomados nos próximos capítulos.

Outra pesquisa, o observatório do Plano Nacional de Educação, mostra que, em 2018, o índice de leitura era pior que o de escrita: apenas 43,5% das crianças do terceiro ano pesquisadas tinham aprendizagem adequada em leitura. Através dos dados de nossa

³ Pesquisa feita no Google Scholar (<https://scholar.google.com/>): “flibo” boqueirão, “flibo” feira e “flibo” festa.

pesquisa, teremos registrado parte importante da história da leitura na Paraíba e poderemos compreender se há potencial de contribuição da FLIBO e de eventos literários no geral para a modificação do panorama de leitura no Brasil.

Entendemos que estruturar a metodologia de uma pesquisa de forma coerente é essencial para atingir os objetivos desejados e para analisar os dados obtidos de maneira efetiva. A presente pesquisa, de natureza aplicada, abordagem qualitativa e cunho descritivo e longitudinal, é composta por uma análise documental e um estudo de caso e tem como *corpus* a Festa Literária de Boqueirão (FLIBO) e *locus* a cidade de Boqueirão.

Esmiuçando cada termo, trata-se de uma pesquisa aplicada, porque não envolve verdades e interesses universais, pelo contrário, focaliza características locais. Além disso, os resultados obtidos nesta pesquisa podem ser utilizados para modificar a realidade específica do *locus* de pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa por se preocupar com a “compreensão de um grupo social” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009), no caso, a comunidade Boqueirãoense diretamente relacionada à Festa Literária. A pesquisa qualitativa lida com dados mais abrangentes que aqueles meramente numéricos e busca refletir para além de categorizar. Por isso, nosso intuito não é demonstrar o público atingido nas 10 edições da FLIBO, mas compreender quais as ações propostas pelo evento e de que forma essas ações se relacionam com a formação de leitores literários na cidade. Compreendemos que há riscos neste tipo de abordagem; destacamos o fato de que é necessário controlar a influência do observador sobre o seu objeto para que não haja a sensação de que o pesquisador domina profundamente seu objeto de estudo (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Como forma de combater esta possibilidade, optamos por utilizar como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada com seis sujeitos, pois, assim, foi possível agregar mais vozes a esta pesquisa, explorando variados pontos de vista.

Quanto aos objetivos, a partir da categorização de Gil (2007), a pesquisa se caracteriza como descritiva, pois descreve fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVINÕS, 1987) e porque, através de nossas entrevistas, pretendemos levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população (GIL, 2007). Apesar de o autor afirmar que os estudos de caso, do qual trataremos mais à frente, se aplique mais frequentemente à pesquisa exploratória, compreendemos que não estamos apenas trazendo um novo olhar sobre determinado objeto, mas também descrevendo como ele tem se caracterizado ao longo dos anos, sendo esta uma pesquisa descritiva.

Justamente por analisar a trajetória da FLIBO ao longo do tempo, trata-se de uma pesquisa longitudinal, especificamente retrospectiva. Isto porque ela tem um recorte temporal mais longo (10 anos) e é conduzida do tempo presente, lançando um olhar sobre o passado (FONTELLE *et al*, 2009). Nosso estudo analisa a Festa Literária de Boqueirão de 2010 a 2019,

em suas 10 edições. Optamos por não incluir a edição de 2020, que aconteceu excepcionalmente em formato virtual, devido à pandemia de COVID-19. Tal edição não foi contabilizada pela organização do evento como a 11ª edição, tendo sido chamada de FLIBO virtual. Até o final desta pesquisa, a edição 2021 não havia sido anunciada. Entendemos, pois, que, com esta pesquisa, contribuímos para a conclusão de um ciclo, de uma década da FLIBO, e esperamos apresentar nossos resultados em uma futura edição da Festa.

A pesquisa foi dividida nas seguintes etapas: I) pesquisa documental através da análise da programação, redes sociais e notícias, das dez primeiras edições da FLIBO e II) entrevistas semiestruturadas com sujeitos sociais e mediadores de leitura envolvidos com a FLIBO.

As modalidades de pesquisa escolhidas foram Pesquisa Documental e Estudo de Caso. A pesquisa documental se utiliza de fontes que ainda não têm tratamento analítico, no nosso caso, as programações, postagens em redes sociais e notícias das dez edições da FLIBO. As vantagens desta modalidade são o fato de que as fontes são ricas e estáveis, o baixo custo, a melhor visão do problema e a possibilidade de desenvolver hipóteses que conduzem a outros meios para verificação (GIL, 2007). Na pesquisa em questão, o outro meio de verificação foi a entrevista semiestruturada que será detalhada mais à frente. Gil (2007) cita também como vantagem o fato de que tal modalidade não exige contato com os sujeitos da pesquisa. Nas ciências humanas, este ponto pode tornar a pesquisa lacunar, já que compreender a contribuição do objeto no grupo social é indispensável nesta área, como vimos em Silveira e Córdova (2009).

Como técnica de pesquisa nesta modalidade, utilizamos a análise de conteúdo (GIL, 2009). A identificação e localização das fontes foi feita através da internet, em *blogs* que até 2018 eram utilizados para divulgação da Festa, no *instagram* @fliboparaiba, principal rede social utilizada atualmente, e em notícias veiculadas para a divulgação do evento.

O estudo de caso, por sua vez, permite um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que se permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2007), no qual alguns dos propósitos são: a) preservar o caráter unitário do objeto estudado e b) formular hipóteses. Compreende-se o risco que esta modalidade oferece por se pautar em uma flexibilidade metodológica que dificulta a análise dos dados e, até mesmo, sua coleta. Por isso, pontuamos os critérios para a escolha dos entrevistados e para as perguntas direcionadas a cada um deles. Para esta etapa, utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada.

Escolhemos fontes variadas, envolvidas de diferentes formas com a Festa Literária de Boqueirão, desde sua criação. Suas respostas permitiram o delineamento da FLIBO, a partir de sua idealização até sua 10ª edição, principalmente no que diz respeito a suas ações relacionadas diretamente à formação de leitores.

QUADRO 1 - ENTREVISTADOS E ENTREVISTADAS DA PESQUISA

Entrevistada 1	Professora, escritora e produtora cultural. Idealizadora da Festa Literária de Boqueirão e membro da Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES).
Entrevistado 2	Poeta e ex-gestor público.
Entrevistada 3	Voluntária da FLIBO, escritora, membro da Associação Boqueirãoense de Escritores, ex-aluna do ensino básico de Boqueirão e estudante universitária.
Entrevistado 4	Professor do Ensino Fundamental II e Ensino Médio (escola pública).
Entrevistada 5	Professora do Ensino Fundamental I (escola particular).
Entrevistada 6	Professora, idealizadora do Projeto @minibibliotecaparticular, voluntária da FLIBO e membro da Associação Boqueirãoense de Escritores.

O intuito foi escolher pessoas que participaram da FLIBO de maneiras diversas. Inicialmente, os perfis traçados foram: 1) produtora cultural idealizadora da FLIBO, para compreendermos os detalhes sobre a criação do projeto e as intenções publicizadas pela organização; 2) gestão pública, com uma visão sobre a participação da esfera pública no evento; 3) aluna/ex-aluna, para compreender a visão daqueles para quem o evento é feito; 4 e 5) professores da rede pública e particular, para compreendermos a relação da FLIBO com as escolas e seus projetos nessas instituições. A entrevistada 6 foi incluída após a descoberta do projeto @minibibliotecaparticular, quando a pesquisa já estava em curso.

É importante compreender que cada entrevistado agrega mais de uma função social e, por isso, os perfis, traçados inicialmente, se expandiram à medida que conhecíamos mais a fundo nossos entrevistados. Além disso, tais perfis não são estanques; as entrevistadas 3 e 6, por exemplo, se tornaram membros da Associação Boqueirãoense de Escritores em 2020, quando a pesquisa já estava em curso. Analisando o quadro 1, sentimos falta de uma amostragem maior do público que não tem ligação com a organização do evento, das pessoas para quem a FLIBO é feita. A entrevistada que mais se assemelha a este perfil é a Entrevistada 3, mas, por fazer atualmente parte do voluntariado e da ABES, observa a FLIBO por um prisma diferente. Não foi possível abranger o público da Festa em si neste primeiro momento, pois fez-se necessário inicialmente compreender o intuito do evento e a forma como ela se organiza, como nos propomos em nossos objetivos. Contatar esses sujeitos é ponto chave para a continuação desta pesquisa no futuro.

As entrevistas aconteceram remotamente devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19. Apesar de acreditarmos que uma entrevista presencial possibilitaria um envolvimento maior dos entrevistados, já que o formato presencial implica a

formação de um ambiente mais propício à comunicabilidade, confiança e descontração, os dados obtidos se mostraram suficientes para a análise e alcance dos objetivos. Realizamos entrevistas semiestruturadas; os entrevistados 2, 3 e 4 optaram por receber as perguntas e enviar as respostas em áudio ou por escrito e os entrevistados 1, 5 e 6 optaram por participar de uma vídeo-chamada com a pesquisadora.

A partir das entrevistas foi possível registrar as memórias dos sujeitos sociais e investigar a partir delas as ações da Festa relacionadas à formação de leitores. Uma vez que houve utilização de entrevista como instrumento de coleta de dados, para resguardar os envolvidos, o projeto foi enviado e avaliado pela Plataforma Brasil obtendo resultado positivo (Cf. Anexo 2). Os nomes dos entrevistados foram ocultados para preservar suas identidades. As entrevistas foram divididas em duas partes, a primeira relacionada às experiências pessoais do sujeito enquanto leitor/a e a segunda, às suas experiências relacionadas à FLIBO.

Para consubstanciar a metodologia descrita acima de forma significativa, foi necessário embasamento teórico em temas como formação de leitores, democratização da leitura, história dos eventos literários no Brasil e espaços e mediação de leitura. Tal arcabouço está detalhado nos tópicos do primeiro capítulo, intitulado *Um evento literário no interior da Paraíba*. Iniciamos o capítulo refletindo sobre que concepções de leitura e de leitor de que estamos falando neste estudo; para isso, recorremos a Horellou-Lafarge e Segré (2010), Rouxel (2014) e Certeau (1994).

No primeiro tópico, *Acesso e democratização da leitura*, trazemos as reflexões de Soares (1998; 2008) sobre a falta de acesso à leitura como exclusão social e cultural, Candido (2004) sobre a literatura como direito inalienável, Bourdieu (1979) sobre o conceito de capital cultural e Petit (2013) em uma problematização sobre a relação entre classe social e formação leitora e sobre o conceito de democracia na perspectiva da formação cultural.

O segundo tópico, *Eventos literários e formação de leitores*, traz reflexões sobre a leitura como prática cultural e sobre os conceitos de práticas de leitura (CHARTIER, 2001) e comunidade de leitores (CHARTIER, 1999), além de apontar desenvolvimento dos eventos literários em nosso país, baseado em Lindoso (2013), Sousa (2019) e Vargas (2015).

O terceiro tópico, *Mediação de Leitura: uma nova perspectiva*, retoma o conceito de mediação de Jesus Martin-Barbero (1987) e de mediação de leitura em Muniz e Oliveira (2014). Ainda sobre o tema, trazemos a pesquisa Retratos da Leitura, do Instituto Pró Livro, que nos mostra que família e escola são importantes iniciadores de leitura entre crianças e que a bíblia é um dos livros mais lidos no Brasil, inclusive pelos mais jovens. Trazemos ainda a pesquisa de Espíndula (2017) sobre a biblioteca na formação de leitores na Paraíba e Petit (2008; 2009) com seus estudos sobre mediadores de leitura na América Latina.

No quarto tópico, *Espaços de formação de leitores: uma cidade educadora para além*

da sala de aula, refletimos sobre os espaços onde é possível promover a leitura, além da escola. Revisitamos os trabalhos de Petit (2008; 2009), que traz pesquisas sobre a leitura em hospitais, bibliotecas, presídios, plantações de café etc. e trazemos Bordini e Aguiar (1998) problematizando a questão da literatura na escola, com o cuidado de não menosprezar sua importância para a formação de leitores. Apresentamos o conceito de Cidades Educadoras em Bernet (1997), Brada e Ríos (2004) e Cabezado (2004) e na Carta das Cidades Educadoras (1990).

Por fim, o tópico *Conhecendo Boqueirão: Cidade das Águas, das Rimas e das Letras*, apresenta o *locus* desta pesquisa, a cidade de Boqueirão, elencando seus espaços potencialmente educativos.

No segundo capítulo, *Práticas de leitura e Intermidialidade na trajetória da Festa Literária de Boqueirão (2010-2019)*, apresentamos nossa análise documental das programações das 10 primeiras edições da FLIBO e apontamos as práticas de leitura no evento e a tendência do mesmo em relação à intermidialidade. Para isso, fundamentamos os conceitos de *Práticas de Leitura e Intermidialidade* nos tópicos 2.1. e 2.2., respectivamente, a partir de Rajewsky (2012) e Chartier (1999, 1999a), antes de expor as programações de cada uma das edições da FLIBO nos tópicos seguintes.

No terceiro capítulo, *Representações sobre a Festa Literária de Boqueirão: os sujeitos desta história* analisamos as falas de nossos entrevistados quanto a seis pontos de discussão: o surgimento da FLIBO, os espaços utilizados pela Festa, a relação da Festa com as escolas, a relação da Festa com as bibliotecas, a participação da comunidade e a FLIBO como política pública.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais esperando contribuir para o planejamento das edições seguintes da Festa Literária de Boqueirão e de outras festas, feiras e festivais literários na Paraíba ou nos demais estados brasileiros, servindo como documento de pesquisa e reflexão por descrever e analisar as ações que podem contribuir para a formação de leitores em tais eventos.

CAPÍTULO I - UMA FESTA LITERÁRIA NO INTERIOR DA PARAÍBA

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” - Provérbio Africano.

A leitura é “a prática cultural mais diversificada” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 15), pois é possível ler de muitas maneiras os mais diversos textos. Lemos o tempo todo, seja ao passar diante de um *outdoor*, seja ao nos debruçarmos em um livro de contos. Diante desta realidade, faz-se necessário refletir sobre a que tipo de leitura estamos nos referindo nesta pesquisa quando falamos sobre formação de leitores.

qual leitor se quer formar? Um leitor escolar, mais ou menos experiente, capaz de responder às questões, dominando, o tempo dos estudos, com certo número de conhecimentos factuais e técnicos, ou um leitor de literatura(s), que lê para si, para pensar, agir e se construir, e que se envolve em uma relação durável e pessoal com a literatura? (ROUXEL, 2014, p. 21)

Compreendemos que é importante que haja formação de ambos perfis de leitores, escolar e literário, utilizando as nomenclaturas dadas por Rouxel, porém, esta pesquisa se detém a um deles especificamente. Vamos refletir um pouco para concluirmos qual. A primeira distinção que devemos fazer é entre a leitura instrumental e a simbólica. A leitura instrumental é aquela que tem um fim determinado, para extrair alguma informação, com um objetivo claro. Já a simbólica é feita para a fruição, para o deleite. Esta categorização se refere à intenção do leitor no momento da leitura e não ao texto em si. O texto literário, portanto, pode ser lido das duas maneiras, dependendo do direcionamento do leitor. Nesta pesquisa, defendemos a formação de um leitor que busque a leitura simbólica e pretendemos verificar se a FLIBO tem ações que apresentem como objetivo este tipo de formação.

Além do fato de que a leitura é diversificada, há também uma grande variedade de textos. Considerando este fato, temos que o texto literário se difere dos demais porque nele “o escritor faz um trabalho de alteração da língua” (PETIT, 2008, p. 37). Barthes (1988, p. 16) apresenta o texto literário como uma trapaça, “só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua”, diz ele. E continua: “essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu chamo, quanto a mim: literatura”. O leitor que é, ou é formado para ser, público de um evento literário, além de ser um leitor voltado à leitura simbólica, é um leitor de literatura, de textos literários.

A formação de leitores a qual nos referimos não é necessariamente uma alfabetização ou letramento. Inclusive porque, precisamos diferenciar, baseados em Horellou-Lafarge e Serge (2010, p.69) que a “não-leitura não é totalmente o iletrismo nem o analfabetismo”. Os autores definem o analfabeto como aquele incapaz de identificar as palavras e o iletrado como

aquele que pode decifrar uma frase, palavra a palavra, mas não apreende seu sentido - este é chamado no Brasil de “analfabeto funcional”.⁴ Nem o letramento nem a alfabetização, porém, parecem trabalhar a sensibilidade do leitor diante do texto e, por isso, tratamos nesta pesquisa de uma terceira vertente: a formação do leitor literário.

Mas em que momento podemos categorizar alguém como “leitor”? Problematizamos aqui o conceito de leitor da Pesquisa Retratos da Leitura do Instituto Pró-Livro, que se mantém desde 2007, de que leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses (FAILLA, 2020, s/p). Sabemos que, para uma pesquisa de cunho quantitativo é preciso estabelecer conceitos e diretrizes, mas acreditamos que a leitura de um livro nos três meses que antecedem o estudo (nota-se aqui que não é necessário ter uma consistência de leitura) não necessariamente caracteriza o sujeito enquanto leitor. Imagine que um jovem, para fazer uma prova, leu trechos de um livro literário um mês antes da pesquisa, sendo este o primeiro livro que lera na vida, seria plausível considerá-lo leitor? Por outro lado, imagine que uma outra pessoa, que tem uma média de 10 livros lidos ao ano, tenha passado por questões familiares e não tenha lido nada no semestre que antecedeu a pesquisa, ela deixou de ser leitora? É, portanto, uma definição demasiado quantitativa e objetiva para uma prática cultural que é subjetiva.

O perfil dos leitores literários não é homogêneo e se modifica à medida que se modificam a produção e a circulação de livros e, conseqüentemente, as práticas de leitura (CHARTIER; CAVALLLO, 1999), sobre o que discutiremos, no segundo capítulo. Ao longo da história, a leitura passa de oral a escrita, de mediada a direta, de compartilhada a individual, se diversificando também em relação aos grupos sociais. Defendemos a formação do leitor crítico, do leitor que se encanta pela leitura e atribui sentido a ela, sendo co-criador (AMARILHA, 2011), tendo participação ativa (OLIVEIRA, 2018), sendo mediador, interpretador (BOSI, 2003) e leitor competente (COLOMER, 2007).

Deixamos claro, por fim, que, para este estudo, ler não é decifrar, decompor palavras em sílabas, como o era no século XIX, nem é reconhecer, como no século XX; não é ainda compreender, como “passa a ser o lema para os pedagogos” (HORELLOU-LAFARGE; SERGE, 2010, p. 75) ainda no século XX. Ler é (se) sensibilizar, sentir, se envolver, e também, refletir e se empoderar. É a formação para este tipo de leitura a qual defendemos que se torne “prática social costumeira, compartilhada por todos” (HORELLOU-LAFARGE; SERGE, 2010), que buscamos identificar nas ações da Festa Literária de Boqueirão.

⁴ O Indicador de Alfabetismo Funcional categoriza cinco níveis de alfabetismo: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente; os dois primeiros definem o Analfabetismo Funcional (BRASIL, 2018, p. 4)

1.1. Acesso e Democratização da Leitura

A leitura é, para Magda Soares (2008), (a) condição essencial para a democracia cultural e (b) instrumento de promoção da mesma. Ela atribui à democracia “o sentido de distribuição equitativa de bens materiais e simbólicos” (SOARES, 2008, s/p). Quando pensamos em bens materiais, temos em mente aquilo que é palpável (dinheiro, imóveis, objetos e, no caso, livros); quanto aos bens simbólicos, os relacionamos a conceitos mais abstratos como poder, cultura e educação.

Em relação aos bens simbólicos, Bourdieu (1979) identifica o que ele conceitua enquanto capital cultural, que cada pessoa carrega consigo e que é acumulado ao longo da vida - como o capital financeiro - mas que não diz respeito a bens palpáveis. O capital cultural pode ser incorporado (através das vivências), objetivado (através de materiais) ou institucionalizado (através de diplomas e certificados). São exemplos de capital cultural as músicas, as peças, os espaços culturais e as leituras às quais cada pessoa teve acesso. Sendo assim, quanto mais vivências culturais, mais capital cultural é acumulado pelas pessoas. A leitura aumenta o capital cultural do sujeito leitor, pois uma pessoa que tem em sua bagagem mais leituras consegue dialogar sobre mais assuntos, aumenta sua capacidade de argumentação, melhora sua compreensão sobre o mundo, seu vocabulário e seus referenciais.

Candido (2004) afirma que a leitura é (a) ela própria um direito e (b) um instrumento de denúncia da realidade social. Sobre a primeira categoria de cada autor - Candido (2004) e Soares (2008) - a literatura como direito e como condição para a democracia - Candido (2004) afirma que “não há homem que possa viver sem ela” (CANDIDO, 2004) e que ela é, portanto, bem incompreensível, isto é, “que não pode ser negado a ninguém” por garantir a integridade espiritual (CANDIDO, 2004, p. 173-174). Esta constatação de Cândido, apesar de idealista, nos abre os olhos para os perigos que existem na alienação do direito à literatura em uma sociedade. Soares (2008) afirma que o direito a esse bem é negado constantemente no Brasil e cita como principais motivos: as raras, mal distribuídas e precárias bibliotecas e livrarias do país; a negação do direito à escolarização; a concorrência de outros elementos, como os meios tecnológicos de comunicação e entretenimento; e a formação precária do leitor que o impede de ver a leitura como atividade atrativa.

Soares (2008) afirma ainda que “este (o Brasil) é um país de livros caros para uma população em sua maioria pobre” e associa a desigualdade no acesso aos livros à desigualdade social do país. Negar o acesso à leitura para classes já desprivilegiadas é, portanto, intensificar o processo de segregação cultural em nosso país, pois mantém o *status quo* excludente vigente.

Os desafios são diversos, e se, por um lado, são vários os esforços que buscam superá-los, como a criação de bibliotecas comunitárias em bairros periféricos para que a comunidade acesse este espaço com mais facilidade, a inserção da leitura nos meios tecnológicos de comunicação e entretenimento e as diversas pesquisas na área de Estudos Literários que buscam mostrar uma abordagem mais adequada para a formação de leitores; por outro lado, algumas medidas governamentais chegam a aumentar os obstáculos, como a defasagem do ensino básico público na pandemia de COVID-19, o que impediu muitas crianças e adolescentes de continuarem na escola e a possibilidade de tributação dos livros propostos pelo governo no início de 2021.

Analisando o segundo conceito defendido pelos autores, a leitura enquanto instrumento de promoção da democracia cultural (SOARES, 2008) e de denúncia da realidade social (CANDIDO, 2004), devemos pensar não só nas obras que expõem e denunciam a miséria e a barbárie (CANDIDO, 2004), mas em todas as obras, pois, como afirma Soares (2004, p. 31)

A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes; [...] A leitura literária democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças [...]. A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos.

Esta perspectiva de Soares demonstra que a leitura da palavra, especificamente do texto literário, permite ao leitor ampliar sua leitura do mundo; pois a leitura da palavra está, para Freire (1989), sempre contextualizada com aquilo que é vivido, com a experiência que temos na sociedade da qual fazemos parte. A leitura da palavra, ou da palavramundo, como se refere o autor, está intimamente ligada às nossas vivências e a partir dela é possível analisar, refletir, questionar sobre o mundo em que vivemos.

Cada ser humano é criado em determinado contexto (social, político, econômico, familiar, religioso), ou seja, algumas convicções que nos antecedem nos são passadas ao longo de nossa criação por aqueles que participam dela. Isto é natural e, apesar de não ser determinante, tem uma característica impositiva que influencia nossa forma de pensar e agir. O acesso a outros mundos através da leitura da palavra escrita abrange este horizonte, nos permitindo conhecer outros contextos, lugares e condições mesmo sem acessá-los fisicamente.

Oportunizar a mais pessoas esta expansão de horizontes significa criar um contexto de criatividade, discussão, conhecimento e aprendizagem. Por outro lado, não oportunizar

significa excluir o indivíduo e tirar dele a possibilidade de adentrar determinadas discussões, pois “é muito mais difícil ter voz ativa no espaço público quando se é inábil no uso da cultura escrita [...] Ter familiaridade com a leitura, assim como com a escrita, não é suficiente e não garante nada; mas quem está distante dela corre todos os riscos de ficar fora do jogo” (PETIT, 2009, s/p).

O acesso - ou falta dele - à leitura e à literatura compõe, portanto, um dos vários vértices da desigualdade social. Bordini e Aguiar (1988, p.10) afirmam que “do ponto de vista histórico, a situação de desigualdade entre elementos alfabetizados e analfabetos produziu uma relação de domínio dos primeiros sobre os segundos, que se acrescentou a todas as outras formas de dominação social”, isso significa que a exclusão a partir da falta de acesso aos livros e à leitura é mais um fator que impede que práticas de dominação sejam conservadas. Permitir o distanciamento entre cidadão e literatura é, portanto, distanciá-lo do conhecimento e, assim, marginalizá-lo. Uma marginalização que lhe é imposta, uma vez que “a maioria da população não teve a oportunidade de decidir se queria ou não ler literatura” (BESNOSIK, 2016, p. 61-62), pois a alfabetização, o acesso a livros e a livrarias e a formação leitora estão em apenas alguns espaços, disponíveis para determinados grupos.

É importante que as classes menos favorecidas tenham acesso à cultura letrada, sob pena de se manterem as diferenças sociais. [...] O que se propõe é abrir-lhes o leque de opções de modo a atuar efetivamente na vida social e não apenas como massa de manobra, uma vez que elas passam a ser capazes de jogar com as mesmas armas. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p.11)

Diante do exposto, é preciso fazer duas ressalvas: a primeira é de que a leitura por si só não é capaz de criar um mundo democrático. Petit (2013, p. 102) acusa: “não podemos conjugar leitura e democratização imaginando, por exemplo, que a difusão de obras de alto nível cultural, filosóficas ou literárias, teria um efeito profilático contra o totalitarismo”. Por isso, não defendemos aqui que a literatura é messiânica no processo de humanização, pois não podemos assegurar o impacto dela na conduta pessoal individual do sujeito leitor, mas entendemos que a literatura possibilita, aos sujeitos em geral, instrumentos para lidar com a realidade, para subsidiar argumentos, para lutar contra injustiças e isto, sim, pode contribuir para um mundo mais democrático.

A leitura e a literatura dependem dos sujeitos que lidam com elas, do contexto político e social e de vários outros fatores. Alguns dos mais tiranos ditadores da história mundial eram exímios leitores, pessoas cultas e, mesmo assim, bárbaras. Não julgamos plausível categorizar pessoas que leem como boas e pessoas que não leem como más, pois estaríamos simplificando irresponsavelmente uma das mais complexas discussões filosóficas. Nem podemos nos ater a uma reflexão idealista; por isso, o que defendemos, com base em várias experiências, devidamente referenciadas ao longo deste trabalho, é que a leitura e a literatura

são alicerces que contribuem para uma formação mais rica dos indivíduos, independente do contexto em que eles se encontram.

O que nos leva à segunda ressalva, a de que a relação entre classe social e contato com a leitura não é determinante; não defendemos que haja determinismos relacionados ao nível leitor de classes mais ou menos desfavorecidas, pois a realidade é que há “uma apropriação desigual da escrita no interior dos mesmos meios sociais [...] (bem como) a circulação de um mesmo produto cultural em diferentes meios e grupos sociais” (CHARTIER, 2001, p. 15). Sabendo disso, nossa preocupação e defesa é de que o acesso aos livros não seja discriminatório para que toda a população tenha a oportunidade de ser leitora, ultrapassando os diferentes obstáculos impostos aos diferentes grupos.

1.2. Eventos Literários e Formação de Leitores

Os eventos literários representam uma das várias possibilidades e tentativas de democratizar o acesso ao livro, leitura e literatura. Demeneck (2014) afirma que em 2011 havia 75 festas literárias no Brasil, já Lindoso (2013) nos mostra que este número subiu para 200 em 2012 e para 261 em 2013.

Apesar de encontros entre leitores, saraus poéticos, lançamentos de livros e outros momentos em torno da leitura já ocorrerem há bastante tempo, o perfil dos eventos contabilizados pelas pesquisas acima são aqueles que agregam uma programação mais extensa, com várias atrações e, em geral, a venda e exposição de títulos. Estes surgiram em meados do século XX como iniciativa de editoras, que tinham como objetivo comercializar seus livros (LINDOSO, 2013). Esta **primeira categoria**, de caráter mercadológico, na qual o objetivo central é a venda de livros, pode ser exemplificada pelo formato inicial das bienais, especialmente a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Nelas, o papel do escritor era divulgar seu produto, ou seja, era exclusivamente promocional.

Com o passar do tempo, os eventos literários passaram a conter, além da venda de livros, alguns eventos paralelos que possibilitavam o encontro entre escritores e leitores, como mesas redondas, debates, palestras e bate-papos, o que modificou tanto o formato dos eventos, quanto o papel do escritor, que passa a ter como atividade não apenas o da escrita, anterior ao evento literário, mas também o da apresentação ao público. Sua aparição torna-se um espetáculo para além da obra que ele criou, inclusive este artista passa a cobrar cachê, pois compreende que agora oferece além do produto livro, o serviço enquanto palestrante. Ainda nesta **segunda categoria**, que ganha seu maior exemplo em 2003, a Festa Literária Internacional de Paraty, os eventos passam a incluir em suas programações outras apresentações artísticas, como música, teatro, dança, exposições e, portanto, apresentam um viés mais cultural.

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS) representa uma **terceira categoria** de eventos literários, os quais são caracterizados por seu viés educativo e forte atuação nas escolas. De acordo com o site oficial do projeto⁵, a Jornada é promovida, desde 1981, pela Universidade de Passo Fundo em conjunto com a Prefeitura Municipal e tem como objetivo a formação de um leitor que priorize o texto literário. Para isto, dentre suas várias iniciativas, cabe destacar as pré-jornadas, nas quais os autores convidados indicam obras que devem ser lidas pela população para incitar uma discussão mais rica quando do desenvolvimento do evento. Estas obras são levadas a professores e alunos, que são envolvidos em uma preparação para a Jornada, que acontece bianualmente.

É importante salientar que os três tipos de evento coexistem e um evento pode conter mais de um viés (mercadológico, cultural e educativo), podendo ter a predominância de um deles, que é o que acontece com os eventos citados nas categorias acima. Ainda considerando estes três vieses, um outro ponto importante a se refletir é sobre as nomenclaturas destes eventos literários: bienais, jornadas, feiras, festa/festivais de livro ou literários; quais as diferenças entre elas?

As bienais indicam a periodicidade dos eventos, que acontecem a cada dois anos. As jornadas parecem denotar uma ação mais duradoura, ao invés de pontual. As feiras indicam logo uma relação de compra e venda, porém, Sousa (2019, p. 11), faz uma dissociação entre feiras de livros e feiras literárias, segundo ela, as feiras de livros se caracterizam pelo viés mercadológico enquanto as feiras literárias

têm, em geral, adotado uma configuração – com eventos dentro do evento (palestras com escritores, com pesquisadores e especialistas em leitura, lançamentos de livros, momentos de autógrafos, performances artísticas, música, dança, minicursos para diferentes públicos etc.) – que extrapola a função [mercadológica] e ganham ares de um evento cultural, não meramente voltado para o marketing do livro e do autor, mas caracterizado pela ideal de festa, festejo, confraternização, encontro. Por isso, também considero, nessa mesma perspectiva, os eventos autodenominados de festa e/ou de festival literários. (SOUSA, 2019, p. 11)

Já as festas e festivais, como indicado acima pela autora, parecem atender melhor à característica cultural que os eventos adquiriram, eventos cujo objetivo é “contribuir com a formação cultural da população, com foco no estímulo à leitura e à formação do leitor e, eventualmente, à conquista de novos públicos consumidores”. (SOUSA, 2019, p. 12). Neste trabalho, para evitar repetições, quando as especificidades não precisem ser apontadas, utilizaremos eventos literários ou festas literárias para englobar bienais, feiras, festivais, jornadas etc.

⁵ Cf.: <http://jornadasliterarias.upf.br/verConteudo.php?cod=346>

Neste sentido, adentramos uma discussão muito cara a nossa pesquisa: o potencial de contribuição de eventos literários para a formação de leitores.

Vargas (2015, s/p) tece as seguintes críticas:

Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros. Eventos literários, sejam eles festas, feiras, bienais com maior ou menor projeção nacional, são fenômenos de marketing. Ou seja: eventualmente ouve-se falar num produto chamado livro, em seus autores, como quem anuncia uma nova marca de refrigerante. O cidadão escuta através da mídia que livros são essenciais, que ler faz bem, acontece às feiras, as escolas se movimentam, as prefeituras distribuem o vale livro ou que nome tenha essa ajuda essencial dos órgãos envolvidos. Na verdade, feiras e eventos cumprem essa missão de popularizar o objeto livro, divulgar alguns nomes da produção literária nacional e internacional, mas são, (...), eventuais.

A partir das críticas de Vargas (2015), entendemos que o olhar dela está voltado a um formato de evento literário que tem como base ou a mercantilização do livro ou a espetacularização dos artistas/autores. Apesar de sabermos da importância de tais ações, concordamos que o resultado direto delas não é a formação de leitores, necessariamente. Porém, quando investigamos o formato das festas literárias que têm viés educacional, percebemos que os objetivos do evento se ampliam e passam a abranger, sim, a formação de leitores.

Demeneck (2014) aborda outra perspectiva. Ele aponta para o movimento cultural que há nas cidades que sediam este tipo de evento, no sentido de que a cidade se move, se mobiliza ao redor daquilo que está acontecendo. Sobre isso, pontuamos que não se trata de um evento cultural qualquer, mas um evento cultural ligado à literatura, ou seja, as referências expostas na cidade são relacionadas a livros, literatura, leitores, escritores, e isto faz toda a diferença, pois este tipo de evento aproxima o público da leitura, mesmo que esta seja completamente estranha àquele.

Demeneck (2014) também apresenta falas dos escritores Ignácio Loyola Brandão e André Santanna. O primeiro afirma que algumas ações das festas literárias, como uma que ele mesmo participou junto a crianças, “transcendem a questão de formação de leitores. Significam dessacralizar a literatura, torná-la acessível e prazerosa”. Já Santanna aponta para as “pessoas que não têm o hábito de ler” e como elas “acabam se interessando por livros”. Ele, inclusive, chama a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) de Disneylândia Literária o que, apesar de parecer chocante, nos aponta a forma como esses eventos podem encantar um futuro leitor.

Afinal, não é assim que surge o interesse pela leitura? Quando crianças, vemos um objeto que nos chama atenção e pegamos, não necessariamente com o objetivo de ler, mas a partir da curiosidade. Assim funcionam os eventos literários: imerso em um espaço que tem o livro como centro, o público, mesmo que não seja leitor, dá um passo, talvez o primeiro, em direção à leitura.

A formação de leitores, porém, requer esforço e constância maiores. A preocupação de Vargas (2015) de que as festas literárias são eventuais também nos afeta. Eventos que tenham como foco a venda de livros ou até o diálogo entre escritores e leitores atingem um público leitor que já existe, o que é muito importante. Porém, compreendemos que o terceiro viés apontado por Lindoso (2013), o educativo, através do vínculo com escolas e através de outras ações, é o que mais apresenta potencial para a formação de leitores literários.

1.3. Mediação de Leitura: uma nova perspectiva

Quando tratamos da formação de leitores, rapidamente associamos esta a uma responsabilidade da escola, não só no que diz respeito a ensinar as crianças a ler, mas também a formar leitores literários. Este papel tem sido desempenhado, visto que, segundo a Pesquisa Retratos da Leitura (FAILLA, 2020, s/p), 52% dos leitores de literatura afirmam que começaram a se interessar por literatura por causa da indicação da escola ou de um professor ou professora. Porém, os baixos índices de leitura no Brasil, apresentados na introdução deste estudo, não serão supridos exclusivamente pela escola.

É necessário superar a ideia de que a literatura é “algo ligado (somente) à escola, que se abandona tão logo se deixam as aulas” (COLOMER, 2007, p. 64). Isto porque, segundo Colomer (2007, p. 139):

Essa tarefa (a leitura) é social: a criança que lê um livro o faz no seio de sua família, na aula ou na biblioteca, comentando-o com os adultos e com outras crianças leitoras, imersa em múltiplos sistemas ficcionais e artísticos que formam competências e conhecimentos que podem passar para a sua leitura. A aprendizagem da literatura realiza-se, assim, em meio a um grande desenvolvimento social de construção compartilhada do significado.

Que outras instâncias, então, estão relacionadas à formação de leitores literários? De que forma estas instâncias desempenham ou devem desempenhar esta função? Segundo Failla (2016, s/p), a formação de leitores se dá através do tripé Família, Estado e Sociedade Civil, podendo a Escola e as Festas Literárias, foco desta pesquisa, estar inseridas tanto no Estado quanto na Sociedade Civil, dependendo de como são organizadas.

Este tópico apresenta uma discussão sobre o conceito de mediação de leitura e as instâncias que praticam esta mediação. Primeiramente, vamos discutir sobre o conceito de mediação. A mediação diz respeito às relações feitas pelos sujeitos e entre sujeitos no compartilhamento de informações e construção de conhecimentos. Segundo Martin-Barbero (1987), o indivíduo é mediado por várias instâncias, como família, escola, sociedade, igreja, trabalho, mídia, e estas, por sua vez, influenciam a forma como ele irá receber informações e comunicá-las. Isto implica que todos estes grupos ou pessoas resultam, apesar de não serem

determinantes, na forma como nos comportamos e reconhecemos o mundo. Para este estudo, portanto, faz-se necessário refletir sobre como a família, a escola, os ciclos sociais, contribuem para a aproximação ou distanciamento entre os indivíduos da nossa sociedade e a leitura.

Da noção de mediação, chegamos ao conceito de mediadores de leitura, que também aparecem na bibliografia como mediadores sociais de cultura, iniciadores aos livros (PETIT, 2008), animadores culturais e ainda de atores (BRADA; RIOS, 2004, p. 35)⁶. Esses mediadores são, segundo Muniz e Oliveira (2014, p. 45, 47), “pontes para o desenvolvimento do chamado ‘gosto’ pela leitura literária, em qualquer fase da trajetória de leitura do indivíduo [...] aquele que aproxima o leitor do texto”. Nas palavras de Chartier e Hébrard (1995), esses mediadores são “instâncias promotoras de medidas para formar leitores”. Ou seja, são pessoas, grupos ou instituições que desenvolvem ações, sistematizadas ou não, que contribuem com a formação de leitores, com a aproximação entre o sujeito e o livro, leitura e literatura.

Eles podem ser, segundo Muniz e Oliveira (2014), **institucionais**, como escola, igreja, biblioteca, ou **pessoais**, como pai, mãe, professor. Nesta segunda categoria, Petit (2008; 2009) cita bibliotecários, professores, psicólogos, artistas, escritores, editores, livreiros, trabalhadores sociais ou humanitários, psicoterapeutas, psicopedagogos, apresentando relatos sobre como estes mediadores aproximaram sujeitos, principalmente em situação de vulnerabilidade, dos livros. Poderíamos incluir ainda a esta ampla lista, ativistas culturais e contadores de histórias.

Em relação à primeira categoria, mediadores institucionais, escolhemos quatro instâncias que mais comumente apresentam o livro às crianças: a família, a igreja, a escola e a biblioteca, refletiremos sobre cada uma delas e sugeriremos uma quinta instância.

Apresentamos em primeiro lugar, a família. Segundo Petit (2009, s/p), “a transmissão no seio da família permanece a mais frequente”. Sobre ela, é correto afirmar que “a criança aprende a ler ao impregnar-se precocemente dos diferentes tipos de escrito que lhe são lidos pelos adultos que o cercam” (HÉBRARD, 1980 *apud* HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 81). Petit (2009, s/p) afirma que “na maioria das vezes, tornamo-nos leitores porque vimos nossa mãe ou nosso pai mergulhado nos livros quando éramos pequenos, porque os ouvimos ler histórias ou porque as obras que tínhamos em casa eram tema de conversa”. Esses momentos de formação não são sistematizados e são muitas vezes relacionados à “afetividade, pertencimento e diálogo familiar” (MUNIZ; OLIVEIRA, 2014, p. 54).

⁶ “A tarefa educativa não se centraliza em um só sujeito histórico, como o professor, mas institui outros atores” (BRADA; RIOS, 2004, p. 35)

Sobre isto, a Pesquisa Retratos da Leitura nos traz um dado importante: apesar da maioria dos entrevistados afirmarem que não foram/são influenciados por ninguém em relação à leitura, daqueles que afirmaram ter tido influência, 8% apontaram que a influência veio da mãe ou responsável do sexo feminino, sendo esta a segunda resposta mais citada, depois da influência de professores ou professoras (11%). Este destaque que as mulheres têm em relação à leitura e formação de leitores já foi apontado por teóricos como Petit (2013, p. 53), quando ela fala sobre a feminização dos iniciadores de livro. “Tenhamos consciência de que esses iniciadores de livros são em muitos casos mulheres, a tal ponto que alguns se perguntaram se o futuro dos livros dependeria do futuro das mulheres” (PETIT, 2013, p. 36).

Percebemos, então, que a família se apresenta como importante instância de mediação no que diz respeito à leitura, mas será que ela sozinha cumprirá o papel de formar leitores? Será que todas as famílias se empenham nessa função, sabendo que pouco mais da metade dos adultos se consideram leitores? (FAILLA, 2020, s/p). Além disso, cada família tem um contexto cultural, social e econômico específico e não são todas que possibilitam a iniciação leitora de suas crianças no seio familiar. Portanto, sabendo da importância desta instituição, é importante analisar outras que também atuam na formação dos sujeitos.

A segunda instância sobre a qual achamos interessante refletir é a igreja. Em relação a ela, a pesquisa Retratos da Leitura, do Instituto Pró Livro (FAILLA, 2020, s/p), mostra que a bíblia é o livro mais citado pelos brasileiros desde 2007, inclusive entre os leitores de literatura, categoria criada apenas na última edição e sobre a qual não há definição explícita. Ainda segundo a pesquisa, 35% dos entrevistados leem a bíblia.

O Brasil é um país de população predominantemente cristã⁷ e, por isso, muitas pessoas têm a bíblia como livro sagrado. Apesar de saber que a introdução desta leitura acontece também no seio familiar, achamos interessante relacionar esta categoria à instância igreja porque ela especifica melhor o tipo de leitura de que se trata. Leitura esta que pode acontecer de variadas formas: seja em uma leitura silenciosa e particular, seja em uma leitura compartilhada no momento da missa. Se, por um lado, apontamos para a leitura da bíblia como prática de leitura que merece destaque em nosso país, considerando sua abrangência, por outro, é importante refletir sobre a relação desta prática com a formação de leitores de forma mais abrangente. Até que ponto a leitura da bíblia encaminha o leitor a outras leituras? Não buscamos responder esta pergunta, mas instigar esta reflexão.

A bíblia tem um *corpus* restrito, ou seja, traz um tema bastante específico. Por isso, acreditamos que a instância Igreja e a leitura da Bíblia especificamente não é suficiente para a formação de leitores, especialmente, literários na sociedade. O que não exclui sua importância.

⁷ Segundo o IBGE, 86,8% dos brasileiros se denominam cristãos (IBGE, 2012).

A terceira instância que apresentamos é a Escola; como discutimos no início deste tópico, a Escola é instituição de extrema importância para a formação leitora, uma vez que a ela é dada a chancela para formação geral do indivíduo, porém, ela ainda enfrenta algumas limitações, que vêm sendo apontadas em diversos estudos e pesquisas nos últimos anos. Segundo Cademartori (2009), nela ainda há uma leitura pragmática, obrigatória, burocrática, que se faz como meio para atingir um fim alheio a ela; Oliveira (2018) aponta um alto nível de conteudismo, havendo uma abordagem tarefaira e uma adultização do conhecimento; Bordini e Aguiar (1988, p.17) se opõem a esta prática escolarizada ao afirmar que “a educação do leitor de literatura não pode ser, em vista da polissemia que é própria do discurso literário, impositiva e meramente formal”. Muitos professores e pesquisadores têm desenvolvido estratégias e metodologias para vencer estes obstáculos, mas o panorama geral da formação de leitores na escola ainda está aquém do nível desejado pelas diretrizes nacionais, por isso, responsabilizar exclusivamente a escola pela formação de leitores não é suficiente, sendo necessário agregar outros grupos e espaços.

A quarta instância sobre a qual buscamos refletir é a biblioteca; a importância desta na formação de leitores já foi constatada em estudos como os de Petit (2008; 2009; 2013), nos quais a autora relata suas experiências de mediação de leitura com jovens em situações de vulnerabilidade social. Petit mostra como a mediação de leitura em bibliotecas permite a interação entre esses jovens e consolo para a situação que vivem fora dos livros. A autora também destaca a importância dos profissionais bibliotecários como mediadores de leitura, apresentando relatos sobre como a leitura compartilhada e a indicação de livros feitos por esses sujeitos têm contribuições positivas para os leitores.

No contexto brasileiro, e, especificamente, paraibano, Espíndula (2017) apresenta sua tese de doutorado situando as práticas dos leitores da Biblioteca Municipal de Campina Grande. A autora defende a tese “de que os leitores existem e alguns deles mantêm vínculo com a biblioteca durante períodos consideráveis, quer estejam vinculados à educação formal ou não” (ESPÍNDULA, 2017, p. 25), o que se opõe ao “discurso historicamente construído [...] segundo o qual não há leitores utilizando-se daquela instituição” (ESPÍNDULA, 2017, p. 25). Ela aponta ainda os motivos que justificam a invisibilidade de tais leitores: a) as leituras nem sempre são realizadas nas salas da biblioteca e b) as práticas efetivas e visíveis são, em sua maioria, relacionadas à preparação para concursos, o que parece ser considerado uma função ilegítima ou menos nobre da leitura. A autora apresenta ainda, em suas conclusões, descontinuidades nas ações da biblioteca, como “alterações de endereço, períodos de fechamento, reinaugurações, mudanças de nome...” (ESPÍNDULA, 2017, p. 354).

Além dos dados sobre a Biblioteca Municipal de Campina Grande, acessamos também dados sobre a Biblioteca Municipal de Monteiro (ESPÍNDULA; SANTOS, 2009 e ARAÚJO, 2010; 2011 *apud* ESPÍNDULA, 2017, p. 26), segundo os quais “verificou-se que há um número

relativamente pequeno de usuários cadastrados na biblioteca monteirense" e "são raros os vínculos que não mantenham vínculo com o ensino regular". Homologamente, sobre a Biblioteca de Campina Grande, Espíndula (2017, p. 357) conclui que a relação entre a Biblioteca e leitores vinculados à educação formal é [...] uma tendência histórica. Percebemos, então, que apesar dos desafios da escola em relação à formação de leitores literários, são os sujeitos em idade escolar (ou educação superior) que parecem estar mais envolvidos com a leitura.

Em relação ao discurso historicamente construído sobre as bibliotecas, citado anteriormente, Espíndula (2017) apresenta duas perspectivas que incidem sobre a ideia de biblioteca, a primeira, idealizada, aponta as bibliotecas como templos que impõem respeito, mas afastam o público em geral; a segunda, depreciativa, de que são espaços abandonados. Estes discursos, bem como outros motivos apontados pelos entrevistados da Pesquisa Retratos da Leitura (2020, s/p), como a falta de livros novos - segundo Espíndula (2017, p.354), a prática de doação é a fonte quase exclusiva de aquisição de obras para a Biblioteca Pública de Campina Grande - e a dificuldade de acesso, justificam o fato de que 68% dos brasileiros não frequentam bibliotecas e apenas 4% o fazem com frequência. As histórias desses frequentadores assíduos, estudados por Espíndula (2017), mostram a efetividade e importância da biblioteca em suas práticas leitoras. Considerando os estudos já citados, defendemos o fortalecimento desses estabelecimentos enquanto instâncias de mediação de leitura, como também compreendemos que sozinhos eles não suprem a função de formar leitores literários.

Ademais, sabendo que a cidade de Boqueirão, *locus* de nossa pesquisa, possui uma biblioteca municipal, questionamo-nos qual uso é feito deste espaço, como ele tem contribuído para a formação leitora na cidade e se há alguma ligação entre ele e a Festa Literária de Boqueirão.

Após esta breve análise das instâncias mediadoras Família, Igreja, Escola e Biblioteca e sabendo que há outras como grupos virtuais e clubes de leitura, percebemos que a) não são todas as *famílias* que têm - e, portanto, não são todas que compartilham com seus filhos - práticas de leitura; b) que as *igrejas* oferecem um *corpus* de leitura muito específico; c) que a *escola*, introduzindo a literatura enquanto conteúdo e obrigação, pode acabar afastando a criança/adolescente do gosto pela leitura e d) que as bibliotecas, muitas vezes, não atendem às necessidades da comunidade, por falta de recurso, acervo ou pessoal.

Sugerimos, então, uma outra instância mediadora, que não está vinculada a apenas um espaço de formação - casa, escola, biblioteca e igreja - mas a todos eles, na medida que tem como sede a própria cidade. Esta instância é o Evento Literário, uma vez que, através dele, muitos sujeitos têm contato com a literatura e experienciam vivências que os influenciam e modificam. De maneira alguma propomos superestimar esta em detrimento das outras;

sugerimos que todas as instituições se fortaleçam por um bem comum: o de formar leitores literários.

Os que viveram o mais distante dos livros e que puderam, um dia, considerá-los como objetos próximos, companheiros, dizem que tudo começa com encontros, situações de intersubjetividades prazerosas, que um centro cultural, social, uma ONG, ou uma biblioteca, às vezes a escola, tornam possíveis. (PETIT, 2009, s/p)

A união desses mediadores de leitura, sejam pessoais ou institucionais, esboçam, ao nosso ver, o panorama de formação de leitores ideal. Segundo Aguiar (1996, p. 25 *apud* Muniz; Oliveira, 2014), “quanto maior for o contato do sujeito com todas essas instâncias de interferência (ou de mediação), tanto maior serão suas chances de se tornar leitor”.

Ainda sobre os Eventos Literários como instância mediadora de leitura, devemos apontar que, principalmente depois que assumiram aspectos culturais e educativos, eles têm englobado, cada vez mais, mediadores pessoais de leitura, incluindo-os em atividades e projetos ou oferecendo-os formações e discussões. É comum ver, portanto, a participação de professores, escritores, bibliotecários, contadores de histórias, seja como atração, seja como público de Festas Literárias. Este encontro permite a troca de experiência e o fortalecimento da mediação de leitura como um todo. Como já vimos, esses agentes são importantes para a formação leitora porque atuam em diversos espaços e com diferentes estratégias, o que acaba por atingir mais pessoas.

Cabe, por fim, o apelo feito por Petit (2009, s/p) de que “seria essencial que as atividades desses mediadores tivessem continuidade, que uma vontade política permitisse multiplicá-las, sistematizá-las, para que seja dada a cada um a oportunidade de descobrir outros mundos”. O evento literário nos parece uma boa iniciativa para consolidar as ações de tais mediadores, por isso, também analisaremos este aspecto, a mediação de leitura, nas ações da Festa Literária de Boqueirão.

1.4. Espaços de Formação de Leitores: uma Cidade Educadora para além da Sala de Aula

“O poder da literatura talvez resida justamente na sua capacidade infinita de nos mostrar mundos possíveis dentro e fora de nós, de nos colocar em contato com o mundo do outro, com mundos desconhecidos e jamais acessíveis se não fosse por ela” (RÖSING, 2017, p. 13)

Retomando as mediações institucionais apresentadas no tópico anterior, reafirmamos que, quando pensamos em leitura, a associamos a locais determinados, em geral locais fechados e, mais precisamente, à escola. Associação parecida fazemos entre arte e museu,

por exemplo. Como se ao tirar uma obra de um museu - espaço de legitimação - ela deixasse de ser arte. Neste tópico, buscamos refletir sobre a legitimidade de diversos outros espaços quanto à formação leitora.

Vimos que cada instituição de mediação de leitura tem suas limitações. Uma vez que a responsabilidade do estímulo à leitura geralmente recai sobre a escola, decidimos direcionar nosso olhar para ela. Iniciamos com uma discussão sobre o ensino burocrático da literatura nas escolas. O que percebemos atualmente é que o Brasil e o mundo veem o crescimento de uma política neoliberal, que se aproxima mais do racionalismo e do pragmatismo que governos anteriores e que parece ter como interesse a manutenção de sistemas sociais tradicionais, ou seja, desiguais. Uma das características deste novo tipo de política é que volte a haver uma valorização de campos do conhecimento das áreas de exatas e da natureza em detrimento das áreas humanas, como a literatura. Esta perspectiva já era observada por Bordini e Aguiar (1988, p.13), quando afirmaram que “a desvalorização da leitura se relaciona ao fato de que talvez esta, como atividade intelectual, não proporcione acumulação de capital”, com o que concorda Amarilha (2011) quando nos diz que “ao capitalismo não interessa o indivíduo sensível e criativo” e é justamente este indivíduo que é formado a partir da leitura.

Esta valorização está presente não só no currículo explícito, aquele no qual vemos quais os conteúdos que serão estudados, mas também no currículo oculto, o qual

juntamente com o currículo expresso, constituem “no modo como as instituições de preservação e distribuição cultural, como as escolas, produzem e reproduzem formas de consciência que permitem a manutenção de do controle social sem que os grupos dominantes tenham de recorrer a mecanismos declarados de dominação” (APPLE, 1982, p. 12)

Quando refletimos sobre aquilo que a escola ensina, portanto, devemos pensar não apenas no que está nos livros e nas provas, mas muito mais no que está no discurso proferido pelos professores, gestores e da legislação educacional. É sobre esta amplitude que Bordini e Aguiar (1988, p. 12) afirmam que “o analfabeto, o não leitor (aquele que aprendeu a ler e não o deixa de fazê-lo) e o leitor deficiente são subprodutos desse modelo escolar”.

A problemática da escola no que diz respeito à literatura (seu ensino e sua presença) também perpassa a formação dos professores para a leitura. “Constatamos o pouco contato (dos professores) com o texto literário.” (BESNOSIK, 2016, p. 62). Neste sentido não devemos pensar apenas nos professores de literatura ou, ainda, nos de língua portuguesa. A questão real deve ser: como formamos leitores em uma escola onde os próprios professores não leem? Em uma sociedade que defende a leitura, mas que, em geral, não a pratica com assiduidade? Bem como a cidadania só é ensinada pela cidadania, a literatura só pode ser

ensinada quando há uma cultura de leitura no entorno dos educandos. “Hoje professores atuantes confessam não ter familiaridade com este tipo de texto. Confessam que a leitura literária não fez parte das suas vidas. Não foram seduzidos pela palavra” (BESNOSIK, 2016, p. 63), isto, somado à rejeição que sofrem as atividades que requerem esforço e tempo, como a leitura, na sociedade dinâmica e de informação instantânea em que vivemos, acaba por afastar sempre mais a comunidade dos livros e do hábito da leitura.

Estas barreiras impedem que a formação do leitor seja garantida de maneira efetiva no âmbito escolar, apesar de que incessantes pesquisas já nos trazem soluções para uma melhoria no ensino da literatura nas escolas.

Adicionamos a esta discussão o fato de que a educação é uma instância muito complexa, que não se resume aos processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas salas de aula. Podemos pensar em três dimensões da educação, explicitadas no quadro abaixo:

QUADRO 2 - EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

	Conceito	Exemplos
Instituições formais de ensino	<i>Instituições cujo objetivo explícito é ser espaço de ensino-aprendizagem. Formalizadas por órgãos superiores.</i>	Creches Escolas Universidades
Intervenções educativas não formais	Organizadas a partir de objetivos explícitos de formação ou ensino, mas fora do sistema do ensino regulamentar.	Educação no tempo livre Auto-escolas <i>Escolas de idiomas</i>
Vivências educativas informais	Vivências difusas e penetrantes, sem objetivo explícito de educar.	Espectáculos Propagandas Relações de amizade <i>Clubes de leitura</i>

Fonte: Adaptação do texto introdução ao documento “A cidade educadora” da prefeitura de Barcelona. I Congresso Internacional das Cidades Educadoras. (CIDADES EDUCADORAS, 1990. p. 13). Em itálico, contribuições da autora.

Nós aprendemos em todos os espaços que percorremos, através das mais variadas experiências do nosso dia a dia, sejam elas formais, não formais ou informais. Quando pensamos em formação, devemos levar em consideração esta concepção mais ampla. Brada e Rios (2004, p. 30) afirmam que “devemos deixar de considerar as diferentes formas de educação e aprendizagem como independentes umas das outras e considerar a complementaridade dos âmbitos e momentos da educação”.

A formação leitora, portanto, também acontece nessas três instâncias. Ao possibilitar que a literatura vá para além das salas de aula, levando-as aos parques, praças e bibliotecas, associando a leitura ao espaço social em que vivem os sujeitos, ou ainda, ao levá-la para a sala de aula, diante de um contexto diferente, plural, e não apenas ligada à aprendizagem de

estruturas linguísticas, como tem sido proposto e praticado por muitos professores e pesquisadores, torna-se possível uma democratização de acesso à leitura e, mais importante, um estímulo mais constante e mais contextualizado à atividade leitora. Esta estratégia serve inclusive para complementar e fortalecer os esforços da escola nesta área.

Para defender esta descentralização da leitura, retomamos Michèle Petit (2008; 2009; 2013) e suas pesquisas sobre mediação de leitura fora do ambiente escolar em países da América Latina. A autora relata experiências literárias coletivas em hospitais, plantação de café, bibliotecas e espaços comunitários. Suas pesquisas focalizam pessoas em situação de crise - guerra, exílio, imigração - o que não vem a ser o foco deste estudo, mas apresentam conclusões exitosas quanto a experiências de formação de leitores que fogem das perspectivas com as que já estamos habituados. O que queremos dizer é que a formação leitora não se dá apenas da forma tradicional que idealizamos, ou seja, através do contato inicial através da família e, posteriormente, através da escola, em uma relação bastante próxima com a alfabetização. Na verdade, ela se dá para diferentes indivíduos de maneiras também diversas e heterogêneas.

Petit (2009, s/p) mostra a potencialidade desses outros espaços para a formação leitora, ao caracterizá-los como “espaços de liberdade, sem notas nem controle, sem preocupação com o rendimento escolar imediato ou com resultados quantificáveis, mais próximos de um “terreno de aventura”. Além disso, esses espaços estão estritamente ligados com a ideia de coletividade, de comunidade.

Pensando nesses espaços coletivos, para além das escolas, mas incluindo-as, alinhada aos conceitos já trabalhados neste tópico, as dimensões da educação e os espaços de leitura, apresentamos a ideia de Cidade Educadora. Este conceito surgiu no I Congresso Internacional das Cidades Educadoras, no qual foi redigida a Carta das Cidades Educadoras; segundo esta,

A cidade será educadora quando reconheça, exerça e desenvolva, para além das suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços), uma função educadora, isto é, quando assuma uma intencionalidade e responsabilidade, cujo objectivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes, a começar pelas crianças e pelos jovens. (CIDADES EDUCADORAS, 1990)

Ao que Cabezudo (2004, p. 13) complementa:

Essa nova dimensão do conceito de cidade implica considerar que a educação das crianças, jovens e cidadãos em geral não é somente responsabilidade das instituições tradicionais (Estado, Família, Escola), mas também deve ser assumida pelo município, por associações, instituições culturais, empresas com vontade educadora e por todas as instâncias da sociedade.

As cidades educadoras, portanto, se comprometem a desenvolver ações de cunho educativo (formal, informal ou não formal) em seus mais diversos espaços, se utilizando da

colaboração das instituições presentes na cidade e dos próprios cidadãos. Bernet (1997) apresenta três concepções para a efetiva promoção de uma cidade educadora: aprender na cidade, aprender da cidade e aprender a cidade; apresentadas no quadro abaixo:

QUADRO 3 - APRENDER NA/DA/A CIDADE

Concepção	Papel da cidade	Definição
Aprender na cidade	A cidade como contexto	Trata das atividades educativas que acontecem na cidade, através de instituições, especialmente das instituições formais de ensino. Brada e Rios (2004) propõem um Mapa Educativo da cidade para que se possa visualizar melhor esta concepção, ao elencar tais instituições.
Aprender da cidade	A cidade como agente de educação	Trata de como os cidadãos de uma cidade aprendem propriamente com ela. Diz respeito aos valores, aos hábitos, ao calendário municipal. Tudo isso perpassa, obviamente, as relações entre os cidadãos de diversas gerações. Para Brada e Rios (2004), trata de desvendar o currículo oculto da cidade.
Aprender a cidade	A cidade como objeto de aprendizagem	Trata de fazer com que os cidadãos da cidade a conheçam tanto no aspecto físico, quanto no histórico.

Fonte: Adaptado de Bernet (1997) e de Brada e Rios (2004).

Considerando a conceituação apresentada, percebemos que a formação de leitores tende a ser valorizada em uma cidade educadora, pois leitura e educação são áreas que caminham lado a lado. Quando há a intenção de possibilitar o desenvolvimento de indivíduos e de uma comunidade, temos na leitura, no livro e na literatura, ferramentas com grande potencial de contribuição.

Uma cidade educadora denota uma cidade onde seus habitantes sejam envolvidos por valores como criatividade, imaginação, aprendizagem, colaboração e questionamentos. Sabemos que, através da leitura, estes valores podem ser aflorados e atingidos.

A cidade de Boqueirão não tem políticas públicas de cidade educadora, mas foi nela que surgiu a Festa Literária pioneira na Paraíba. Voltemos nosso olhar a esta cidade, para compreender o contexto em que se formou a FLIBO e para, posteriormente, podermos discutir de que forma os espaços desta cidade têm sido usados na propagação de ações referentes à leitura e, conseqüentemente, à educação.

1.5. Conhecendo Boqueirão: Cidade das Águas, das Rimas e das Letras

Conhecer Boqueirão é essencial para conhecer a FLIBO. Saber de seu povo, sua gente e suas terras é importante para compreender de que forma a Festa Literária se insere e pode contribuir para aquela comunidade. Weber (2018, p. 7) afirma que “não há dúvidas que o contexto local dos festivais literários é uma característica importante para determinar como eles operam”.

A cidade de Boqueirão foi fundada na década de 60, por Antônio de Oliveira Ledo. Àquela época, a cidade se chamava Carnoió e recebeu o nome atual pelo grande corte que o Rio Paraíba faz na região. De acordo com o site da Prefeitura de Boqueirão, a cidade tem 16.888 habitantes e uma área de 374.523 km².

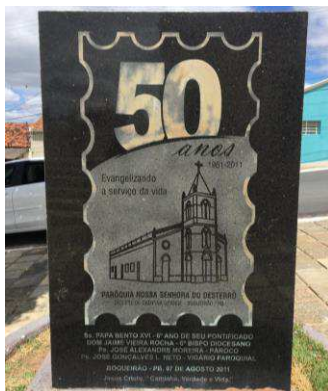
Boqueirão nasceu a partir da Igreja de Nossa Senhora do Desterro. A matriz, que foi criada em 1961, tem uma praça ao lado, onde acontece a festa da Padroeira, em Janeiro. Além desta praça, há várias outras, nas quais acontecem os eventos da cidade. As praças compõem um elemento importante em Boqueirão.

IMAGEM 1: IGREJA NOSSA SENHORA DO DESTERRO



Igreja de Nossa Senhora do Desterro. Fonte: a autora.

IMAGEM 2: PLACA COMEMORATIVA IGREJA NOSSA SENHORA DO DESTERRO



Placa em alusão aos 50 anos da igreja, comemorados em 2011. Fotos: a autora.

Outro ponto central na cidade é, sem dúvidas, o Açude Eptácio Pessoa, mais conhecido como Açude de Boqueirão. A represa, que foi beneficiada com a transposição do

Rio São Francisco, abastece várias cidades paraibanas e tem apelo turístico na cidade. A luta contra a seca é aparente em outros espaços, como a sede do DNOCS, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca e a sede da APA (Associação de Proteção Ambiental) 8 Verde, que tem por objetivo desenvolver ações em prol da sustentabilidade da chamada Cidade das Águas. O 8 remete ao formato do Açude Epitácio Pessoa, o Açude de Boqueirão.

IMAGEM 3: SEDE DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA A SECA (DNOCS)



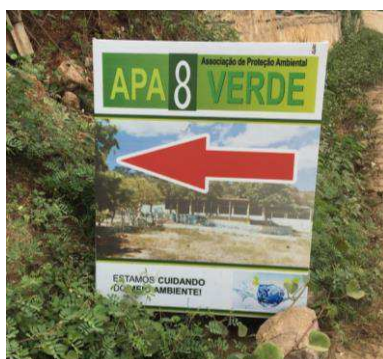
Sede do DNOCS-PB, Departamento Nacional de Obras Contra a Seca. Foto: a autora.

IMAGEM 4: ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO AMBIENTAL APA 8 VERDE



Associação de Proteção Ambiental APA 8 Verde. Foto: a autora.

IMAGEM 5: PLACA INDICATIVA APA 8 VERDE



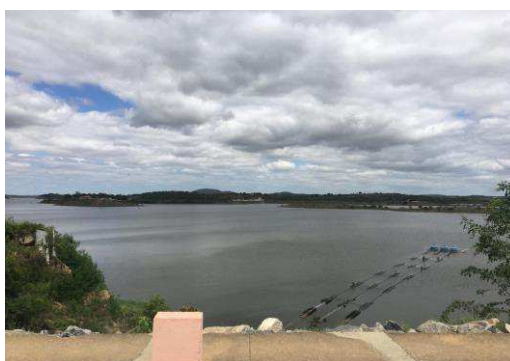
Placa Associação de Proteção Ambiental APA 8 Verde. Foto: a autora.

IMAGEM 6: ENTRADA APA 8 VERDE



Entrada Associação de Proteção Ambiental APA 8 Verde. Foto: a autora.

IMAGEM 7: AÇUDE EPITÁCIO PESSOA (AÇUDE DE BOQUEIRÃO)



Açude Epitácio Pessoa. Foto: a autora.

IMAGEM 8: CIDADE DE BOQUEIRÃO VISTA DO AÇUDE EPITÁCIO PESSOA



Cidade de Boqueirão vista do Açude Epitácio Pessoa. Foto: a autora.

Como o foco desta pesquisa está também nos espaços educativos da cidade, principalmente naqueles utilizados pela Festa Literária de Boqueirão, vimos a oportunidade de fazer um mapeamento dos espaços educativos de Boqueirão para a sistematização de um Mapa Educativo, como proposto por Brada e Rios (2004). Para isso, listamos os espaços educativos da cidade para que, na análise de dados, possamos verificar quais deles são

utilizados na Festa Literária e de que maneira.

QUADRO 4 - MAPA EDUCATIVO DE BOQUEIRÃO - PB

ESCOLAS ESTADUAIS	ESCOLAS MUNICIPAIS	ESCOLAS PARTICULAR ES	ESPAÇOS EDUCATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - ECIT Conselheiro José Braz do Rêgo (Estadual) - Escola Estadual Severino Barbosa Camelo (Padrão) - Escola Estadual Professora Terezinha Leal - Dis. Marinho Boqueirao - Escola Estadual do Guiné - Escola Estadual Marechal José Pessoa - Escola Estadual Relva 	<ul style="list-style-type: none"> - Escola Municipal Euflaudizia Rodrigues - Escola Municipal Padre Inácio - Escola Municipal Virginius da Gama Melo - Escola Municipal João Agripino Filho - Escola Municipal - Virginius da Gama e Melo - Escola Municipal Manoel Araújo Costa - Escola Municipal Agrotécnica Jose Augusto Lira - Escola Municipal José Fernandes De Oliveira - Escola Municipal Manoel Pereira Da Silva - Escola Municipal João Ernesto do Rêgo - Escola Municipal Manoel Francisco Barbosa - Escola Municipal Jose Nascimento Da Silva - Escola Municipal Padre Hermínio Bezerra Cabral - Escola Municipal José de Sousa Barbosa - Escola Municipal José Adelino Leal - Escola Municipal Antonio Ramos - Escola Municipal Mista de Carcará - Escola Municipal Henrique José Cavalcanti - Escola Municipal Josefina Heraclito do Rêgo - Escola Municipal Joao Francisco Barbosa - Escola Municipal Jose Andrade Filho - Escola Municipal Nossa Sra Do Carmo - Escola Municipal Auda Cordeiro De Brito Lira - Escola Municipal Caetano Cavalcante De Albuquerque - Escola Municipal Caetano Cavalcante De Albuquerque - Escola Municipal Domício Gonçalves Carneiro - Escola Municipal João Bernardino Neto - Creche Municipal Maria Eduarda Barbosa - Creche Municipal Josefa Barbosa C Leal 	<ul style="list-style-type: none"> - Escola Criativa da Mônica (ed. infantil e fund. I e II) - Escola Professora Edilene Rodrigues (ed. infantil e fund. I e II) - Centro Educacional Semear (ed. infantil) - Centro Educacional Monteiro Lobato (ed. infantil) - Escola Espaço da Criança Pingo de Gente (fund. I) 	<ul style="list-style-type: none"> - Biblioteca Municipal - Filarmônica Nossa Senhora do Desterro - Escola de Artes - APA 8 Verde - Praça da ABES - Associação Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)

Fonte: pesquisa junto a moradores da cidade e em sites de busca. Quadro criado pela pesquisadora.

Boqueirão conta com 40 escolas, sendo seis estaduais, 29 municipais (entre elas duas creches) e cinco particulares. Além das instituições formais de ensino, incluímos no mapa educativo, espaços de educação não formal. Vemos que as opções de espaços educativos, culturais e artísticos, para além das escolas é muito restrito, o que minimiza as opções de eventos na área de educação, cultura e arte para a população. Estes espaços contam - ou têm potencial para contar - com cursos e formações em diferentes áreas, são eles: a Biblioteca

Municipal, a Filarmônica Nossa Senhora do Desterro, a Escola de Artes, a Associação de Preservação Ambiental 8 Verde e a Praça da Associação Boqueirãoense de Escritores. Na sede da Filarmônica e na Escola de Artes já há cursos de música para a população.

IMAGEM 9: SEDE DA FILARMÔNICA NOSSA SENHORA DO DESTERRO



Sede da Filarmônica Nossa Senhora do Desterro. Foto: a autora.

A Praça da ABES é onde ocorre a FLIBO, estando sempre com decoração relacionada à Festa e aos livros; nela há também um espaço fechado onde fica a sede da ABES, lá encontra-se um acervo de livros que é utilizado apenas na época da Festa. A cidade também conta com uma Biblioteca Municipal, que divide espaço com outros órgãos públicos. Nos capítulos seguintes problematizamos questões como: por que a sede da ABES é aberta apenas na época da Festa e não de forma contínua? Como é o espaço da Biblioteca Municipal e de que forma ele é utilizado?

IMAGEM 10: SEDE DA ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE ESCRITORES



Sede da ABES - Associação Boqueirãoense de Escritores. Fotos: a autora

IMAGEM 11: PRAÇA DA ABES - ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE ESCRITORES



Praça da ABES - Associação Boqueirãoense de Escritores. Fotos: a autora.

IMAGEM 12: FRENTE BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BOQUEIRÃO



Frente da Sede da Biblioteca Municipal de Boqueirão. Fotos: a autora.

IMAGEM 13: ENTRADA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BOQUEIRÃO



Entrada da Sede da Biblioteca Municipal de Boqueirão. Fotos: a autora.

Tendo comentado sobre nosso *locus* de pesquisa, a cidade de Boqueirão, apresentaremos, nos capítulos seguintes, a análise dos dados coletados através da pesquisa documental e das entrevistas semiestruturadas.

CAPÍTULO II - PRÁTICAS DE LEITURA E INTERMIDIALIDADE NA TRAJETÓRIA DA FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO (2010-2019)

“A cidade das águas se transforma na cidade das rimas e letras” trecho da programação da I FLIBO.

Em 2019, a FLIBO completou 10 anos de história. Nosso primeiro esforço na reunião dos dados sobre este período foi recuperar informações sobre cada uma das edições da Festa. Este capítulo apresentará a análise dos dados coletados na pesquisa documental, através das programações, redes sociais e notícias veiculadas ao longo dos anos 2010 e 2019, apontando as práticas de leitura e a tendência de intermedialidade ao longo desta história. Mas o que são práticas de leitura? O que é intermedialidade? Fundamentamos tais termos nos dois primeiros tópicos deste capítulo.

2.1. Práticas de Leitura

Ao longo do tempo, a forma como os sujeitos lidam com os livros mudou, isso se justifica pela mudança no suporte no qual é feita a leitura, na posição social dos sujeitos, no tipo de governo que rege sua sociedade etc.

As práticas de leitura são os diversos usos e significações feitas pelos sujeitos em relação àquilo que leem (CHARTIER, 1999a), envolvendo, portanto, quem lê, o que é lido e como se lê. Elas envolvem “[...] as normas e convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação” (CHARTIER, 1999, p. 13). Estas práticas são heterogêneas e se modificam ao longo da história.

É importante pontuar que essas práticas só começaram a ser discutidas quando da formação de uma episteme que passou a ter o foco no leitor e na apropriação das obras pelos leitores. Este novo momento surge com teóricos como Chartier (1999, 1999a), Manguel (1997), Chartier e Cavallo (1999), entre outros, em estudos sobre a História da Leitura e sobre a leitura como prática cultural.

Sobre tais práticas, podemos pensar na passagem da leitura oral, compartilhada, à leitura individual. Esta ganhou predominância, principalmente nos centros urbanos, à medida que a ideia de individualidade se solidificava. Com uma quantidade maior de pessoas alfabetizadas e com a disseminação dos livros, os leitores passaram a ter acesso a uma leitura sem mediação, o que foi e é muito importante para a independência e maturação do sujeito leitor. Segundo Chartier (1999), o leitor passa a ser mais livre e as leituras mais desordenadas e menos controladas. Por outro lado, a leitura coletiva permite a socialização dos sujeitos em um fenômeno que Petit (2008, p. 28) define como “atividade para enredar as pessoas na

malha das palavras”.

A leitura coletiva dava uma liberdade menor ao leitor e era o caminho mais utilizado quando havia pouca alfabetização. Muito utilizada nos meios eclesiásticos, em que a palavra de Deus era concedida a poucos e cabia a estes compartilhá-la aos demais, a oralidade também esteve muito presente na formação leitora do Nordeste, através da literatura de cordel; muitas vezes, não havia nem o suporte físico, o cordel era contado (ou cantado) a partir da memória do cordelista/cantador e o público, em geral analfabeto, tinha acesso a esta literatura.

Esta marca da oralidade é muito presente nas festas literárias, considerando que tais eventos unem o melhor de dois mundos, pois, por um lado, permitem o resgate da perspectiva coletiva da leitura, através de declamações, saraus, discussões sobre livros etc., ou seja, há uma espetacularização da leitura para atrair o público leitor, que socializa com quem está se apresentando e com seus pares. Este espetáculo, chamado por Aguilar e Cámara (2017) de máquina performática literária, segundo Fernandes (2019),

desloca a atenção para performances, declamações, formação de coletivos, índices de oralidade encontrados na escrita literária, formas de ocupação do espaço público por meio de intervenções, saraus e festivais literários. Sob tal prisma, a literatura não deixa de ser um dispositivo de afeto.

A perspectiva do afeto se associa com a de socialização e de vivência em grupo que além de, como vimos, usufruir da leitura coletiva, permite a consolidação do ideal de comunidade, principalmente em cidades pequenas, como é o caso do nosso *locus* de pesquisa.

Por outro lado, é através destas vivências coletivas que os eventos atingem o privado. O sujeito é confrontado consigo mesmo enquanto leitor através de suas vivências em eventos literários, sejam os espetáculos citados, sejam as palestras, mesas redondas, oficinas e minicursos que acabam por ter caráter mais formativo.

Outras práticas de leitura são as leituras intensivas e extensivas (CHARTIER, 2001). A leitura intensiva diz respeito a ler exaustivamente poucos livros e deter-se a cada um deles. Ela era mais comum até o século XIX quando o acesso aos livros era muito mais restrito do que hoje. Já a leitura extensiva se refere a leitura de vários livros, uma leitura, muitas vezes, não sistematizada, possível hoje, principalmente, por causa das diversas mídias às quais temos acesso cotidianamente. Essas práticas de leitura não se excluem, mas atualmente, as práticas leitoras, bem como as práticas sociais, são mais dinâmicas e plurais do que eram. Perpassamos, em todas as nossas atividades, diferentes mídias e nos inserimos em diversas culturas. Como vimos, a nossa sociedade, de forma geral, passou de uma sociedade de cultura oral para uma de cultura escrita; porém, quando vamos analisar como nos encontramos hoje não podemos categorizar nossa sociedade como pertencente a uma única

cultura, pois a sociedade em que vivemos é muito mais fluida, como afirma Santaella (2007, p. 128-129):

vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de cultura, em um caldeirão imenso de misturas: a cultura oral que ainda persiste com força indiscutível, intensificada pela sua integração nos meios audiovisuais, principalmente o cinema e a televisão; a escrita, que se evidencia na multiplicidade das manifestações dos tipos gráficos e do design; a cultura impressa, que povoa as bibliotecas e os quiosques com suas profusões de manchetes e capas coloridas, fisingando a atenção de transeuntes apressados; a cultura de massas, que, longe de perder o seu poder, aprendeu a conviver com as suas competidoras, tanto a cultura das mídias, que é a cultura do disponível, quanto a cibercultura, que é a cultura do acesso.

Os eventos literários contemporâneos estão envolvidos neste contexto, no qual várias linguagens e mídias se relacionam. A formação do leitor literário, portanto, não perpassa apenas o livro físico e é bastante complexa. Mas, afinal, quem são esses leitores da contemporaneidade?

Santaella (2014) categoriza os leitores considerando as novas formas de comunicação que surgem nos espaços modernos e contemporâneos. Ela caracteriza como leitor contemplativo, o leitor meditativo da idade pré-industrial, aquele que tem uma relação íntima com seu livro. A modernidade traz o leitor movente, graças ao excesso de estímulos, imagens e linguagens que oferece ao sujeito moderno; é o leitor ágil, mas de memória curta. Para Santaella (2014, p. 31), “esse leitor aprendeu a transitar linguagens”. A *internet*, a rede mundial de computadores, possibilita o surgimento do leitor imersivo, que está envolvido com roteiros multilineares e conecta diversos fragmentos.

Por fim, Santaella (2014) define o leitor ubíquo, aquele que está em todo lugar a qualquer momento. Para ela, “o que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle de sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado”, é o leitor de constante atenção parcial, extremamente imagético e que leva ao extremo a capacidade do leitor movente de transitar entre linguagens.

Os leitores e suas práticas permeiam os eventos literários e expomos no decorrer deste capítulo como eles são contemplados na Festa Literária de Boqueirão.

2.2. Intermidialidade

Uma vez que os leitores perpassam diferentes linguagens e mídias, estas, por sua vez, muitas vezes dialogam umas com as outras, não sendo mais lineares ou herméticas. Cada linguagem, artística ou não, é veiculada por uma mídia, ou seja, por um suporte, e cada

mídia tem uma materialidade específica (livro, internet, voz, corpo etc.). A literatura, em geral, é veiculada pela mídia livro, mas há várias outras possibilidades, como a oralidade ou o ambiente virtual. Essas mídias (e linguagens) podem interagir umas com as outras de diversas maneiras. Sendo assim, “a intermedialidade refere-se às relações entre mídias, às interações e interferências de cunho midiático” (RAJEWSKY, 2012a, p. 52).

Rajewsky (2012, 2012a) define a intermedialidade em três categorias. Conforme o foco da pesquisa, exemplificaremos cada uma das categorias utilizando a literatura e o livro.

a) Transposição midiática: acontece quando a mensagem passa de uma mídia para a outra. Exemplo: filmes, séries ou programas que são adaptações de livros. Neste caso, há a materialidade das duas mídias, mas elas não coexistem. O Sítio do Picapau Amarelo, livro escrito por Monteiro Lobato, por exemplo, foi adaptado para um seriado na TV Globo.

b) Combinação de mídias: refere-se a um produto que envolve mais de uma mídia, em que ambas têm materialidade. Exemplo: uma leitura dramatizada de um livro ou uma contação de história em que o livro esteja presente;

c) Referência intermediária: quando utiliza-se uma mídia, mas faz-se referência a outras. Neste caso, apenas a mídia que faz referência aparece em sua materialidade, a mídia referenciada, não. Exemplo: uma palestra sobre um livro, um filme ou série que cita livros, como a série *Anne with an E* na Netflix, em que a protagonista é leitora assídua e referencia várias obras e escritores durante os episódios.

Em nenhum dos exemplos citados houve o contato direto do leitor com o objeto livro. O sujeito que assiste ao seriado de TV do Sítio Picapau Amarelo ou uma leitura dramatizada ou à série *Anne with an E* não tem o livro em mãos, mas absorve conteúdos sobre literatura e livros que, retomando Bourdieu, aumentam seu capital cultural e podem direcioná-las à leitura, no sentido mais convencional da palavra. Não se trata aqui de submeter a literatura a outras linguagens, mas perceber que este processo pode ter potencial formativo para leitores literários ao apresentar personagens, situações ou temáticas relacionados à literatura. O que demonstra que essas mídias são aliadas e não vilãs, como se apregou por um tempo, em relação à leitura.

O que isso nos diz em relação à intermedialidade, os eventos literários e a formação de leitores? Podemos dizer que a formação de leitores em eventos literários não é um resultado imediato. Porém, quando o sujeito tem acesso a uma palestra, contação de história, peça de teatro, ou, ao menos, quando ele está em um ambiente todo contextualizado em relação à literatura, ele se atenta ao universo da literatura e pode, com maior probabilidade, recorrer a ele. Por exemplo, quando uma criança assiste ao programa de TV baseado na obra de Lobato, retomando o exemplo de transposição midiática dado acima, aquele tema entra no horizonte de expectativa da criança. Desta forma, quando ela tem contato com um livro do Sítio do Picapau Amarelo, pode haver uma maior identificação, curiosidade e entusiasmo, do

que haveria caso não houvesse existido a experiência intermediária anterior. Quantas crianças não tiveram interesse pelos livros do Sítio em decorrência da visibilidade possibilitada pela rede Globo?

É isso que acontece na maior parte do tempo nos eventos literários. Mesmo quando o livro é adquirido ali, aquele espaço não é de leitura individual, mas de compartilhamento de leituras, referências a livros e discussões sobre literatura. Leituras plurais que enriquecem o leitor e podem levar ao hábito de leitura, inclusive à prática de leitura individual.

2.3. 10 anos da Festa Literária de Boqueirão

A Festa Literária de Boqueirão surge no sentido de promover um evento que dialogue com a literatura e com a leitura. Neste tópico, faremos uma retrospectiva dos dez primeiros anos de atuação da FLIBO. Na tabela abaixo, elencamos a edição, o ano em que aconteceu, a/o(s) homenageada/o(s), o tema, a data, o link para a programação e o site ou rede social principal onde foi feita a divulgação.

QUADRO 5 - FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO (2010-2019)

Edição	Ano	Homenageado/a	Tema	Data	Programação	Site/rede social
1ª Feira Literária de Boqueirão	2010	Ronaldo Cunha Lima	A importância da leitura para a sociedade	18 a 21 de março	http://flibo2010.blogspot.com/search/label/PROGRAMA%C3%87%C3%83O	http://flibo2010.blogspot.com/
2ª Feira Literária de Boqueirão	2011	Ariano Suassuna	Diversidade e Identidade Cultural: Preservando os saberes e fazeres de um povo	24 a 27 de março	http://flibopb2011.blogspot.com/p/programacao.html	http://flibopb2011.blogspot.com/
3ª Feira Literária de Boqueirão	2012	Bráulio Tavares e Lourdes Ramalho	Nordeste: Literatura e Teatro, do texto ao palco	21 a 25 de março	https://pt.calameo.com/read/0007994763afcf9e40d3	http://flibo2012.blogspot.com/ (blog removido)
4ª Feira Literária de Boqueirão	2013	Vinicius de Moraes	A importância da Literatura na Infância	23 a 26 de outubro	http://flibo2013.blogspot.com/p/2310-quarta-feira.html https://pt.calameo.com/read/0007	http://flibo2013.blogspot.com/

					994763a0458843412	
5ª Feira Literária de Boqueirão	2014	Maria Valéria Rezende	Traçando caminhos para uma sociedade leitora	20 a 22 de novembro	http://flibo2014.blogspot.com/	http://flibo2014.blogspot.com/
6ª Feira Literária de Boqueirão	2015	Leandro Gomes de Barros	O mundo encantado da literatura de cordel	28 a 31 de outubro	https://issuu.com/mirteswaleska/docs/programa_o_6_flibo-2015	http://flibopb.blogspot.com/ Instagram @fliboparaiba
7ª Feira Literária de Boqueirão	2016	Anayde Beiriz	Resistência e sensibilidade: vozes da literatura feminina	18 a 20 de agosto	https://issuu.com/mirteswaleska/docs/flibo_2016_programa_o	http://flibopb.blogspot.com/ Instagram @fliboparaiba
8ª Feira Literária de Boqueirão	2017	Chico Buarque	Música, literatura e utopia	20 a 23 de setembro	https://issuu.com/mirteswaleska/docs/programa_o_flibo_2017	http://flibopb.blogspot.com/ Instagram @fliboparaiba
9ª Festa Literária de Boqueirão	2018	Clarice Lispector	A hora da estrela	19 a 22 de setembro	https://www.instagram.com/p/BnZPYuqnKw3/	http://flibopb.blogspot.com/ Instagram @fliboparaiba
10ª Festa Literária de Boqueirão	2019	Braulio Tavares	Todas as emoções se dão através das palavras	11 a 14 de setembro	http://paraibadebate.com.br/veja-boqueirao-inicia-10a-festa-literaria-nesta-quarta-11/ https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/2019/correio-das-artes-agosto-final.pdf	Instagram @fliboparaiba

Alguns dados observados na tabela nos chamam atenção: os temas vão desde aqueles mais amplos, como “A importância da leitura para a sociedade” (FLIBO 2010) ou “Traçando caminhos para uma sociedade leitora” (FLIBO 2014), até temas mais específicos, como “A importância da Literatura na Infância” (FLIBO 2013) ou “O mundo encantado da literatura de cordel” (FLIBO 2015). Nesta segunda categoria, observamos uma tendência, que será discutida no tópico posterior, a de abranger no tema outras artes além da literatura, como em “Nordeste: Literatura e Teatro, do texto ao palco” (FLIBO 2012) e “Música, literatura e

utopia” (FLIBO 2017). Outro ponto que parece perpassar o tema das edições é a diversidade e a representatividade de determinados grupos, tendo ênfase no tema da FLIBO 2011, “Diversidade e identidade cultural: preservando os saberes e fazeres de um povo”, e da FLIBO 2016, “Resistência e sensibilidade: vozes da literatura feminina”.

A diversidade e representatividade também são pontos de observação na escolha dos homenageados. Por um lado, cinco dos dez homenageados são paraibanos (Ronaldo Cunha Lima, Ariano Suassuna, Bráulio Tavares, Leandro Gomes de Barros e Anayde Beiriz) e outros dois têm boa parte de sua trajetória na Paraíba (Lourdes Ramalho e Maria Valéria Rezende), nenhum deles, porém, é da cidade de Boqueirão. A homenagem a escritores e escritoras da região mostra a valorização da Feira aos artistas da terra e o esforço em dar visibilidade a estes diante da população. Esta característica retoma a concepção inserida no conceito de Cidade Educadora de “Aprender A cidade” (BERNET, 1997; BRADA; RIOS, 2004), que aqui ampliamos para “Aprender O estado”. Tal concepção, como foi apresentada no primeiro capítulo, defende que, para que uma cidade seja educadora, é necessário que além da população aprender nos espaços da cidade e a partir das vivências proporcionadas por ela, aprenda também sobre a cidade, sua história, suas raízes e suas personalidades.

Por outro lado, os homenageados seguem o padrão de serem homens e mulheres brancos, não havendo representatividade negra ou de indígenas. Diversificar as personalidades homenageadas pelo evento, reforçará o discurso trazido nos temas e nas atrações e programações, como veremos mais à frente, de diversidade e pluralidade.

Ainda sobre os homenageados, Linaldo Guedes (2019, p. 11) nos mostra que dos dez homenageados, quatro estiveram presentes, foram eles, Ronaldo Cunha Lima, Ariano Suassuna, Lourdes Ramalho e Maria Valéria Rezende. Chamamos atenção para o fato de que apesar de Bráulio Tavares não ter estado presente na edição de 2019, esteve em edições anteriores.

IMAGEM 14: RONALDO CUNHA LIMA NA I FLIBO



Ronaldo Cunha Lima, falecido em 2012, na 1ª edição da FLIBO, em 2010. Fonte: Acervo pessoal de Mirtes Waleska, organizadora da FLIBO e redes sociais.

IMAGEM 15: ARIANO SUASSUNA NA II FLIBO



Ariano Suassuna, falecido em 2014, na 2ª edição da FLIBO, em 2011. Fonte: Acervo pessoal de Mirtes Waleska, organizadora da FLIBO e redes sociais.

IMAGEM 16: LOURDES RAMALHO NA III FLIBO



Lourdes Ramalho, falecida em 2019, na 3ª edição da FLIBO, em 2012. Fonte: Acervo pessoal de Mirtes Waleska, organizadora da FLIBO e redes sociais.

IMAGEM 17: MARIA VALÉRIA REZENDE NA V FLIBO



Maria Valéria Rezende, na 5ª edição da FLIBO, em 2014. Fonte: Acervo pessoal de Mirtes Waleska, organizadora da FLIBO e redes sociais.

IMAGEM 18: BRÁULIO TAVARES NA VI FLIBO



Bráulio Tavares, junto ao escritor e jornalista Astier Basílio, na 6ª edição da FLIBO, em 2015. Fonte: Acervo pessoal de Mirtes Waleska, organizadora da FLIBO e redes sociais.

Em relação à divulgação da Festa, nas primeiras edições usava-se um blog a cada ano. Em 2015, foi criado o blog www.flibopb.blogspot.com, que foi atualizado até 2018. Em 2015, o *Instagram* @flibopb foi criado e ele segue sendo utilizado para a comunicação da Festa, agora como @fliboparaiba. Estas adaptações acompanham a evolução dos meios de comunicação e popularização das redes sociais.

Outras questões, que serão esclarecidas neste e no próximo capítulo, também surgem da análise desta tabela retrospectiva. Algumas das indagações são: por que o evento passa a se chamar Festa - e não mais Feira - a partir da nona edição? O que implicou na mudança de datas do primeiro para o segundo semestre?

Antes de chegarmos às respostas dessas perguntas, voltaremos no tempo para acompanhar a trajetória da FLIBO, ano a ano.

2.3.1. I Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2010)

A 1ª edição da FLIBO aconteceu entre os dias 18 e 21 de março de 2010, teve como homenageado o poeta Ronaldo Cunha Lima e como tema “A Importância da Leitura para a Sociedade”.

IMAGENS 19 E 20: DIVULGAÇÃO I FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2010)



Fonte: Arquivos do blog <http://flibo2010.blogspot.com/>

No material de divulgação da primeira edição da FLIBO, uma frase em destaque: “A ‘cidade das águas’ se transforma na ‘cidade das letras e rimas’.” Percebemos, a partir daí, o esforço em transformar a identidade da cidade que tem como grande ícone o açude. A programação (imagens 21 e 22) apresenta os formatos das atrações e ações: oficinas, palestras, concursos literários, lançamentos de livros, programação cultural, exposição de fotografia e textos (Parede Poética) e estandes. Essa diversidade de atividades mostra o viés cultural da Festa, que desde o início não se resumiu à venda de livros, sendo esta apenas uma de suas atividades (“estandes”). No site, aparece que a FLIBO é uma realização da Prefeitura Municipal de Boqueirão, ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores) e CEFAR (Centro de Formação Artística de Boqueirão).

O texto de apresentação indica que “a FLIBO está comprometida com a integração das diversas culturas envolvidas, reconhecendo seus hábitos, costumes e literatura, com a democratização e mobilização do acesso universal ao livro, à leitura e à produção literária”, não falando ainda em formação de leitores. Mesmo assim, Bráulio Tavares, escritor e atração da I FLIBO, em entrevista à TV Paraíba⁸ já afirmava que o evento era uma oportunidade para “criar novos leitores”.

As atrações foram voltadas ao público adulto, tendo como tema discussões sobre determinados gêneros literários, como conto, literatura de não-ficção e literatura infanto-juvenil, e sobre leitura e políticas públicas. Além disso, houve saraus e apresentações culturais e poéticas, que são momentos de leitura coletiva e compartilhada e tem grande potencial para o envolvimento do público em laços afetivos, através da oralidade.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Am1h-6S594Y&t=130s> Acesso em: 22 jul. 2021.

IMAGENS 21 E 22: PROGRAMAÇÃO I FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2010)

EXPOSIÇÕES

Terraço Cultural (Escola Criativa da Mônica)

"Boqueirão sob a lente do seu povo" (Atividades e oficinas de fotografia promovida pela SECULT, CTRC e ABES)

"Novos Poetas do Cariri Paraíbaano" (Parede Poética da ABES)

"Parede Poética: Poetas Paraibanos" (Banc)

INSCRIÇÕES

de 01 a 10/03
Palestras e Minicursos
Local: ABES
manhã e tarde

REALIZAÇÃO

ABES Associação Brasileira de Escritores e Leitores de Boqueirão

CE FAR

PARCEIROS:

SESALE

GOVERNO DO CARIRI

GOVERNO DO ESTADO

INFORMAÇÕES

<http://flibo2010.blogspot.com>
(83) 9 132.7970 | (83) 9129.2841 | (83) 948.0302

PROGRAMAÇÃO

"A importância da leitura para a sociedade", este o tema da 1ª Feira Literária de Boqueirão - FLIBO, que até o dia 21, vai receber dezenas de convidados e participantes do campo literário e editorial do Brasil, que estão na programação em debates, palestras, encontros, lançamentos, entre outras atividades.

Mobilizada pelo seu tema, a FLIBO está comprometida com a integração das diversas culturas envolvidas, reconhecendo seus hábitos, costumes e literatura, com a democratização e a mobilização do acesso universal ao livro, a leitura e a produção literária.

Diversas atividades serão realizadas, baseadas na promoção e geração de conhecimentos, sem fronteiras culturais e sociais, reunindo um público diversificado e evitando isolamentos de quaisquer naturezas.

1ª FLIBO Boqueirão | PB
Cariri Paratybano

FLIBO
Boqueirão | PB
Cariri Paratybano

FLIBO
Boqueirão | PB
Cariri Paratybano

FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO

de 18 a 21 de março de 2010

a "Cidade das Águas" se transforma na "Cidade das Rimas e Letras"

<http://flibo2010.blogspot.com>

Programação Cultural

Literatura

Lançamento de Livros

Concurso Literário

Oficinas ~ Palestras

Poesia ~ Cordel

Estandes

Diversidade

1ª FLIBO
Boqueirão | PB
Cariri Paratybano

FLIBO
Boqueirão | PB
Cariri Paratybano

FLIBO
Boqueirão | PB
Cariri Paratybano

Um país se faz com homens e livros" (Monteiro Lobato)

REALIZAÇÃO

ABES Associação Brasileira de Escritores e Leitores de Boqueirão

CE FAR

PARCEIROS:

SESALE

GOVERNO DO CARIRI

GOVERNO DO ESTADO

INFORMAÇÕES

<http://flibo2010.blogspot.com>
(83) 9 132.7970 | (83) 9129.2841 | (83) 948.0302

PROGRAMAÇÃO

Dia 18/03/2010 (quinta-feira)

MANHÃ (ABES) CREDENCIAMENTO

TARDE

15h00: Palestra com Alice Monteiro, Técnica do Ministério da Cultura sobre Captação de Recursos para Projetos Culturais Locais.
Local: CEFAR

16h00: Lançamentos Literários
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

NOITE

19h00: Abertura oficial da feira com palestra de Antonio Mariano, Escritor e Editor, do Carriço das Artes com o tema: "A importância da leitura e da escrita na cultura de um povo";
Preseça do Poeta Rogabão Cunha Lima, Homageado da FLIBO 2010
Local: CEFAR

22h00: Apresentações culturais na Praça da ABES - Momento MPB com Patrícia e Jr. Mineiros

PROGRAMAÇÃO

Dia 19/03/2010 (sexta-feira)

MANHÃ

09h30 - 11h30: Mini-curso de Conto (história: Princesa de Ibiara Lavares - CEPB)
Local: CEMAS (40 vagas)
Inscrições: de 01 a 10/03 na ABES (manhã e tarde)

TARDE

14h00 - 15h00: Palestra com o Poeta Demônio Renato Cavalcanti, sobre: "A liberdade do Poeta numa visão filosófica"
15h30 - 16h10: Palestra com o Escritor e Poeta André de Faria sobre "Uma nova leitura do Ultramarismo"
16h30: Lançamentos Literários
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

NOITE

19h00: Palestra com o Escritor Bráulio Traves sobre "Literatura de não-escritor"
20h00: Lançamento da Antologia Poética "Novos Poetas do Cariri Paratybano" da ABES
Local: CEFAR

21h00: Apresentação cultural na Praça da ABES - Momento MPB com Ialine Brito

PROGRAMAÇÃO

Dia 20/03/2010 (sábado)

MANHÃ

08h30 - "A Poesia está em todo lugar", com apresentações: Cultura de Cordeiros e Tiro de Fogo (Local: Feira)

TARDE

14h30 - 15h30: Palestra com a Profa. Gra. Súdha Suarnakar sobre "As obras de Jorge Amado e sua trajetória sócio-cultural".
Local: CEFAR

16h00: Lançamentos Literários
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

NOITE

19h30 - Palestra com o jornalista e Escritor Altair Buitoni, sobre "A Literatura Paralybana da geração 50 aos dias atuais".
Local: CEFAR

20h30: Divulgação do Resultado e Entrega da Premiação do 2º Concurso Literário
Local: CEFAR

22h00: Apresentações culturais na Praça da ABES - Momento MPB com Célia Regina e Barbosy Filho

PROGRAMAÇÃO

Dia 21/03/2010 (domingo)

MANHÃ

09h00 - 12h00: Mini-curso de Literatura Infância-Juvenil (Instituidor: Prof. Dr. Hélder Pinheiro - UFCCG) (30 vagas)
Local: CEMAS
Inscrições: de 01 a 10 de março na ABES (manhã e tarde)

TARDE

14h30: Bate-papo com Escritores e Ana Maria Brasil do Instituto Unioesp do Brasil
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

15h00: Lançamentos Literários
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

16h00: Pôr-do-sol no Espalido Pessoa com MPB (Sandra Monteiro)

NOITE

20h30: Saraus Rimas e Letras, com poesias, boquinhões e convidadas
Local: Praça da ABES

22h00: Apresentações culturais na Praça da ABES - Momento MPB com Sandra Monteiro

PROGRAMAÇÃO

Dia 21/03/2010 (domingo)

MANHÃ

09h00 - 12h00: Mini-curso de Literatura Infância-Juvenil (Instituidor: Prof. Dr. Hélder Pinheiro - UFCCG) (30 vagas)
Local: CEMAS
Inscrições: de 01 a 10 de março na ABES (manhã e tarde)

TARDE

14h30: Bate-papo com Escritores e Ana Maria Brasil do Instituto Unioesp do Brasil
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

15h00: Lançamentos Literários
Local: Tenda do Conhecimento (Praça da ABES)

16h00: Pôr-do-sol no Espalido Pessoa com MPB (Sandra Monteiro)

NOITE

20h30: Saraus Rimas e Letras, com poesias, boquinhões e convidadas
Local: Praça da ABES

22h00: Apresentações culturais na Praça da ABES - Momento MPB com Sandra Monteiro

Fonte: Arquivos do blog <http://flibo2010.blogspot.com/>

A maioria das atividades aconteceu no Centro de Formação Artística de Boqueirão (CEFAR), que também é conhecido como Clube Municipal. O Centro de Referência de Assistência Social, a praça da ABES, a Feira e o açude foram palco de algumas atrações. Naquele ano, apenas uma escola particular foi citada na programação, como local onde ocorreram exposições fotográficas e textuais. Houve ainda a utilização de uma casa de show para a apresentação de Jessier Quirino, na noite de abertura. Esta atração não consta na programação e foi divulgada em data mais próxima ao evento.

IMAGEM 23: DIVULGAÇÃO JESSIER QUIRINO



Fonte: Arquivos do blog <http://flibo2010.blogspot.com/>

Com a presença dos escritores Jessier Quirino, Bráulio Tavares, o homenageado Ronaldo Cunha Lima e a coordenadora da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), Cristina Maseda, é perceptível que a Festa (Feira, à época) Literária de Boqueirão já nasceu grande, o que lhe incumbia da responsabilidade de realizar feitos ainda maiores nos anos seguintes.

2.3.2. II Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2011)

A 2ª edição da FLIBO aconteceu entre 24 e 27 de março de 2011, teve como homenageado Ariano Suassuna e como tema “Diversidade e Identidade Cultural: Preservando os saberes e fazeres de um povo”.

IMAGENS 23 E 24: II FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2011)



"A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde".
(Andre Maurois, escritor francês)

Como vemos acima, mais uma vez, as artes de divulgação destacam a diversidade de atividades e linguagens presentes no evento. Sobre isso, o termo "Programação Cultural" se mantém para designar atividades como música, teatro, dança etc.

QUADRO 6 - PROGRAMAÇÃO II FLIBO

<p>*Programação Interativa durante todo o evento com: Exposições, Contações de histórias e atividades culturais.</p> <p>DIA 24/03 (quinta-feira)</p> <p>19h30 ABERTURA DO EVENTO Palestra com o escritor Bráulio Tavares Local: CEFAR Show de Bossa Nova "Desde que o Samba é Samba", com Freddy Faveiro Entrega da Biblioteca Rural Arca das Letras ao Assentamento Carnoió, de Boqueirão, com a presença do colaborador do Programa 22h00 MPB NA PRAÇA Atração: Patrícia e Jr. Menezes Local: Centro Turístico (Praça da ABES)</p> <p>DIA 25/03 (sexta-feira)</p> <p>09h00 – 10h00 PALESTRA: REGIONALISMOS NA LITERATURA: O NORDESTE ONTEM E HOJE, COM BRUNO GAUDÊNCIO (ESCRITOR E EDITOR DA REVISTA LITERÁRIA BLECAUTE) COM MEDIAÇÃO DE MALCY NEGREIROS (ESCRITOR MEMBRO DA ABES) LOCAL: CEFAR</p>	<p>10h00 – 12h30</p> <p>Minicurso: "Conhecendo a poesia de Lenilde Freitas"; com Prof. Dr. Helder Pinheiro da UFCG. Público alvo: Professores (ensino fundamental e médio) e Estudantes da área de Letras e Pedagogia 60 vagas Local: Câmara Municipal (por trás da Prefeitura) Oficina 1: Oficina de Escrita Criativa, com a Escritora Janaina Ricco (DF), destinada a alunos do Ensino Médio. 40 vagas Local: Biblioteca Municipal (por trás da Prefeitura)</p> <p>14h00 – 15h00 Palestra: IDENTIDADE CULTURAL E FOLCLORE, com Sudha Swarnakar (Profa. Dra. em Literatura Comparada pela Warwick University – Inglaterra), com mediação de Jane Luiz Gomes (escritora membro da ABES) Local: CEFAR</p> <p>15h00 – 16h30 Palestra: LITERATURA DE CORDEL E CINEMA: do folhetim para as telas, com Astier Basílio (Jornalista e Crítico Literário), com mediação de Maxwell Dantas (escritor e membro da ABES) Local: CEFAR</p>
---	--

16h00 – MARCHA PELA LITERATURA, DESFILE PELAS PRINCIPAIS RUAS DA CIDADE COM ALUNOS DO MUNICÍPIO E AS BANDAS FILARMÔNICAS E MARCIAL.

16h30 – 18h00

LANÇAMENTOS LITERÁRIOS E BATE-PAPO COM ESCRITORES

18h50 – 19h00

Lançamento Literário: Fragmentos da História da Ordem DeMolay na Paraíba, Prof. Ailton Elisiário (Presidente da Academia de Letras de Campina Grande)

19h50 – 21h00

PALESTRA: SOBRE LIVROS E MULHERES, com Vitória Lima (Prof. De Literatura Inglesa da UEPB)

LOCAL: CEFAR

22h00

MPB NA PRAÇA

Atração: Rildo Menezes

Local: Centro Turístico (Praça da ABES)

DIA 26/03 (sábado)

MINICURSOS em parceria com a ABRAEC (Associação Brasileira de Estudos Comparativos)

"COMPARANDO CULTURAS: FOLCLÓRICOS LITERÁRIOS"

Curso 1 Contos Folclóricos Chileno e Palestino
Ministrante: Sara de Miranda Marcos Mestranda em "Literatura e Interculturalidade - MLI"

09h00 – 9h45

Curso 2 Contos Folclóricos da Romênia e da Índia

Ministrante: Mara Carolina de Lima Galvão Mestranda em "Literatura e Interculturalidade - MLI"

09h45 – 10h30

Curso 3 Contos Folclóricos Brasileiro e da Romênia: História De Um Preguiçoso e o Conto Brasileiro O Homem Preguiçoso

Ministrante: Maria Rita Araújo dos Santos Mestranda em "Literatura e Interculturalidade - MLI"

10h30 – 11h15

60 vagas para cada Minicurso

Inscrições Gratuitas

Local: Escola Padre Inácio

10h00 – 12h00

"DE REPENTE, POESIA", COM POETAS E CORDELISTAS, ANIMAÇÃO COM TRIO DE FORRÓ

LOCAL: FEIRA (MERCADO PÚBLICO)

13h50 – 15h00

Palestra: LITERATURA E INTERNET: o papel dos Blogs Literários, com Lau Siqueira (Poeta) e Jairo César (Poeta), com mediação de Magna Vanuza (Escritora e membro da ABES)

Local: CEFAR

15h00 – 16h30

Lançamento do PLL – Plano do Livro e da Leitura da Paraíba

Local: CEFAR

16h30 – 18h00

PALESTRA: COMO TORNAR-SE ESCRITOR: Um Guia Para Escritores Iniciantes, Com Isabelle Valladares e Mediação de Jô Mendonça Alcoforado (Escritora Paraibana)

LOCAL: CEFAR

LANÇAMENTOS LITERÁRIOS E BATE-PAPO COM ESCRITORES

18h50 – 20h00

PALESTRA: Identidades Africanas E Afro-Brasileiras, com Janailson Macedo (Escritor e Historiador. Mestrando em História pela UFCG, integrante do NEAB-Í/UEPB e dos Núcleos Literários Blecaute e Caixa Baixa), com mediação de Maria Aparecida de Farias (Escritora e Membro da ABES)

20h00 – 21h00

PALESTRA: Cultura Popular e Erudita, com Eneida Agra Maracajá (Profa. Ms. em Educação pela UFPB e Produtora Cultural), com Mediação de Erasmo Rafael da Costa (Secretário de Cultura de Boqueirão)

22h00

MPB NA PRAÇA

Atração: Barbosa Filho e Trio de Forró Pé de Serra

Local: Centro Turístico (Praça da ABES)

DIA 27/03 (domingo)

MINICURSOS em parceria com a ABRAEC (Associação Brasileira de Estudos Comparativos)

"COMPARANDO CULTURAS: FOLCLÓRICOS LITERÁRIOS"

<p>Curso 5 Contos Folclóricos Francês e Brasileiro; As Fadas de Charles Perrault e A Madrasta do Conto de Monteiro Lobato. Ministrante: João Batista Teixeira Mestrando em "Literatura e Interculturalidade - MLI"</p> <p>09h00 – 9h45</p>	<p>10h00 - 12h30 Oficina 2: Oficina de Interpretação do Texto Literário, com a Profa. De Literatura e Escritora Samelly Xavier (PB), destinada a alunos do Ensino Médio. 40 Vagas Local: Escola Padre Inácio</p>
<p>Curso 6 Contos Folclóricos Indiano e Brasileiro: The Unfaithful Wife x A Cartomante Ministrante: Luciana Neuma Silva Muniz Meira Dantas Mestranda em "Literatura e Interculturalidade - MLI"</p> <p>09h45 – 10h30</p>	<p>14h00 – 15h00 PALESTRA: O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA: relato de experiências, com Doci Gomes (Escola Viva Olho do Tempo), Lu Maia (Presidente da FUNESC – Fundação Espaço Cultural) e Mirtes Waleska Sulpino, Presidente da ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores) LOCAL: CEFAR</p>
<p>Curso 7 Contos Folclóricos Brasileiro e Espanhol: Quirino, vaqueiro do Rei e El Toro Barroso Ministrante: Aline Ferreira Durães Mestranda em "Literatura e Interculturalidade - MLI"</p> <p>10h30 – 11h15</p> <p>60 vagas para cada Minicurso Inscrições Gratuitas Local: Escola Padre Inácio</p>	<p>15h00 – 16h30 LANÇAMENTOS LITERÁRIOS E BATE-PAPO COM ESCRITORES</p> <p>17h00 ENCERRAMENTO</p> <p>AULA ESPETÁCULO COM O ESCRITOR ARIANO SUASSUNA LOCAL: HITZ CASA DE SHOWS MPB NA PRAÇA DO CENTRO TURÍSTICO (PRAÇA DA ABES) COM RENATO CÉSAR</p>

Fonte: Disponível em: <http://flibopb2011.blogspot.com/p/programacao.html> Acesso em: 22 jul. 2021

Na segunda edição da FLIBO, algumas tendências permanecem. A variedade de atividades é uma delas, encontramos, na programação, exposições, contações de histórias, shows musicais, minicursos, saraus, palestras etc. Mais uma vez, constam na realização a Prefeitura Municipal de Boqueirão, ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores) e CEFAR (Centro de Formação Artística de Boqueirão).

O diálogo com outras linguagens artísticas aparece novamente, com foco especial na música, através da iniciativa "MPB na praça", além do show de Bossa Nova na abertura e o trio de forró na Feira, mas também com o diálogo entre literatura de cordel e cinema e literatura e internet (*blogs* literários). A Festa se mostra atenta às novas tendências e aberta às possibilidades que circundam a leitura.

Considerando o tema Diversidade e Identidade Cultural e o homenageado, muitas atrações perpassam assuntos como regionalismo, identidade e, especialmente, o folclore. Naquele ano, minicursos trouxeram diversas possibilidades de literatura folclórica, de diferentes países, dentre eles: Chile, Romênia, Brasil, Espanha, França e Índia. Percebemos que a ideia de diversidade estava, nesta edição, muito ligada à nacionalidade e origem, sem perpassar discussões como racismo, comunidade LGBT ou feminismo.

Outras atrações mostram o viés político da Feira, não no sentido partidário, mas de políticas públicas, como a entrega da Biblioteca Rural Arca das Letras ao Assentamento Carnoió e o Lançamento do Plano de Livro e da Leitura da Paraíba (PLL).

Sobre os espaços utilizados, alguns permaneceram, como o Clube Municipal, à época CEFAR, a Feira, a praça da ABES, a HITZ Casa de Shows. E outros passaram a compor a programação, como a Câmara Municipal e a Escola Padre Inácio.

Em relação à escola, além dela ser incluída como local para algumas atividades, percebemos que alguns minicursos e oficinas passam a ter como público-alvo os estudantes, o que nos dá pistas do caminho que a FLIBO já começava a trilhar em direção ao viés educativo que se fortalece ao longo dos anos.

A Aula Espetáculo de Ariano Suassuna foi, sem dúvidas, o maior marco da segunda edição da FLIBO e parte dela está disponível na plataforma YouTube⁹. Uma novidade que também merece destaque foi a Marcha pela Literatura, um desfile pelas principais ruas da cidade com alunos do município e bandas filarmônicas e marciais, que se tornou tradição da Festa. A ocupação das ruas da cidade reforça o desejo de incluir a comunidade e fortalecer a identidade do povo de Boqueirão com a Festa.

2.3.3. III Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2012)

A 3ª edição da FLIBO aconteceu entre 21 e 25 de março 2012, teve como tema “Nordeste: Literatura e Teatro, do texto ao palco”, como homenageados o escritor Bráulio Tavares e a dramaturga Lourdes Ramalho e, como patrono, o poeta Lau Siqueira.

IMAGENS 25 E 26: DIVULGAÇÃO III FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2012)



Fonte: Pesquisa em site de busca.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WKkyJ5Tt24> Acesso em: 22 jul. 2021.

Nesta edição, a intermedialidade se apresenta no próprio tema da Festa. Literatura e dramaturgia são as duas linguagens que permeiam o evento naquele ano. Além da música, linguagem que, como vimos, está presente na Festa desde sua primeira edição, o teatro teve destaque em 2012, como atração e como tema de algumas atividades. Outro ponto-chave do tema é o Nordeste, a identidade visual com o cangaceiro e a estética de xilogravura reforçam a opção por focar em aspectos regionais. A apresentação da peça A Feira da homenageada Lourdes Ramalho representa e justifica o tema daquele ano. Além disso, na programação, percebemos que muitas oficinas trazem como temática a cultura nordestina, focalizando o cordel, na palestra sobre Manoel Monteiro e no Sarau “De Repente Poesia”, por exemplo. O teatro também aparece como destaque nas oficinas. Tais oficinas aconteceram na Escola Padre Inácio e as palestras seguiram acontecendo na CEFAR, o Clube Municipal.

IMAGENS 27 E 28: PROGRAMAÇÃO III FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2012)



apresentação

"Nordeste: Literatura e Teatro, do texto ao palco", é este o tema da III Feira Literária de Boqueirão – FLIBO, que durante o mês de março irá receber dezenas de convidadas e participantes do campo literário e editorial do Brasil, que estão na programação em debates, palestras, encontros, lançamentos, entre outras atividades.

Nesta terceira edição, a FLIBO homenageia dois grandes ícones da literatura e teatro nordestinos: Bráulio Tavares e Lourdes Ramalho; e ainda tem como Patrono o Poeta Lou Siqueira.

A FLIBO é uma ação conjunta da Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES) e Prefeitura Municipal de Boqueirão, e conta, ainda, com o apoio de outras órgãos importantes para o desenvolvimento da nossa Cultura.

"Um país se faz com homens e livros"
(Monteiro Lobato)



21/03 quinta-feira

15h - 16h

Marcha pela Literatura com Alunos das Escolas Municipais e o Bando Marçal, saída do CEFAR até a ABES

16h - 16h30

"Paixão por Bonecas" - apresentação do Grupo Fênix na Praça da ABES

17h - 20h

Abertura oficial da 3ª FLIBO com artistas, escritores e autoridades no CEFAR (Centro de Formação Artística) com Apresentação da Filarmônica Nossa Sra. Do Destino

20h - 21h

Espectáculo "A FERBA" do Grupo de Teatro Laboratorial Peça de Lourdes Ramalho

21h30 - 23h30

Show de MPB na Praça da ABES

22/03 quinta-feira

09h - 12h: OFICINAS

(ESCOLA PADRE INÁCIO)

Oficina: Da arte de narrar para a arte de ler
Facilitadora: Paula Izabela (CE)

Oficina: Dos contos infantis: tecendo o imaginário
Facilitadora: Aparecida Tavares (PB)

Oficina Como Iniciar Textos
Facilitador: Kleber Bello (PB)

PALESTRAS (CEFAR)

14h - 15h

Xô: Cultura Nordestina em Ação, com Rodrigo Malta (PB)

15h - 16h

Literatura Nordestina e Urbanidade, com Bruno Gaudêncio (PB)

16h - 17h

A nova Poesia da Bahia e do Nordeste, com José Inácio Vieira de Melo (BA)

17h - 18h

Ler está na Moda, com Janaina Rêgo (DF)

19h15 - 20h00

Sarcou com Poesia: da ABES e POEIAS, convidadas

20h00 - 21h00

Os avanços do Cardel e sua utilização em sala de aula, com Manoel Monteiro (PB)

21h30 - 23h00

Show de MPB na Praça da ABES

23/03 sexta-feira

09h - 12h: OFICINAS

(ESCOLA PADRE INÁCIO)

Oficina: Da arte de narrar para a arte de ler (cont.)
Facilitadora: Paula Izabela (CE)

Oficina Redação Nela 1000: Como se superar no ENEM
Facilitador: Anderson Sousa (PB)

Oficina de Literatura Infantil
Facilitador: André Ricardo Aguiar (PB)

Oficina de Trabalhos Manuais em Tapeçaria
Facilitadora: Josefa da Fátima Barbosa (PB)

PALESTRAS (CEFAR)

14h - 15h

O Medo, o livro e o leitor, com João César (PB)

15h - 16h

Literatura de Entretenimento: A conquista do Leitor, com Mabel Amatoim (PB)

16h - 17h

Tempo de resfriar: Um escritor descoberto aos 62 anos, com Carillo Lima (AL)

17h - 18h

Teatro e Cultura Populares: Diálogos para a formação do leitor, com Tarciso Pereira (PB)

19h - 20h

O Teatro de Lourdes Ramalho e as dramaturgias populares, com Vanessa Silva (PB)

20h - 21h

Mentiras e Verdades: é tudo Proust com José Neumann Pinto (SP)

21h30 - 23h30

Show de MPB na Praça da ABES

24/03 Sábado

09h - 12h

Sarcou "De repente Poesia" na Feira Central

PALESTRAS (CEFAR)

14h - 15h

Como se forma um Crítico Literário, com Hildeberto Barbosa Filho (PB)

15h - 16h

Literatura Contemporânea e as novas mídias de comunicação, com Wander Shinkaya (PB)

16h - 17h

Jornalismo Cultural na contemporaneidade, com Aluísio Guimarães (PB)

17h - 18h

Os Planos Esboçados e Municipais do livro e da leitura, com Roberto Azevêde (PE) e Rosália Guedes (DF)

Fontes: Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0007994763afcf9e40d3> Acesso em: 22 jul. 2021

No texto de apresentação consta que a FLIBO é uma ação conjunta da Associação Boqueirãoense de Escritores e da Prefeitura Municipal de Boqueirão, havendo menção aos membros da CEFAR, que era citado como realizador até o ano anterior, como atrações da

Abertura Oficial. Nesta edição, além da Marcha Literária, que virou tradição, houve um passeio ciclístico (Caminhos da Leitura). O intuito das duas atividades nos parece o mesmo, mobilizar a comunidade e levá-la às ruas para celebrar o evento cultural. Esta apropriação dos espaços da cidade nos parece fundamental na trajetória da FLIBO, por isso, discutiremos este ponto com mais afinco no próximo capítulo.

É também no ano de 2012 que foi instituído, em 28 de fevereiro, data de fundação da Abes, o Dia Municipal do Livro e da Leitura em Boqueirão, em Lei de autoria do Professor Paulo da Mata, vereador à época. Esta formalidade mostra a força do que estava sendo construído na cidade de Boqueirão. Os Planos Estaduais e Municipais do Livro e da Leitura aparecem novamente como tema de discussão, caracterizando a FLIBO como um espaço para discutir e promover políticas públicas.

2.3.4. IV Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2013)

A 4ª edição da FLIBO aconteceu entre 23 e 26 de outubro de 2013, teve como tema “A importância da Literatura na Infância” e, como homenageado, o poeta Vinicius de Moraes. Desde a identidade visual é possível ver o foco da Festa, que se volta para as crianças e para a infância. É possível perceber uma quantidade maior de oficinas para o público infantil e aponta-se também a presença de discussões **sobre** crianças e não apenas **para** elas, como palestras sobre literatura infantil em sala de aula.

Apesar de não estar explícito no tema, no texto de apresentação, nota-se um outro elemento que ganha destaque nesta edição: a poesia. Outros poetas, além do homenageado, aparecem nas oficinas e palestras, como Manoel de Barros e Paulo Leminski. A idealizadora da FLIBO, que assina a apresentação (Cf. Imagens 30 e 31), afirma que focalizar a poesia no evento é ainda mais desafiador que focalizar a prosa, devido a suas características subjetivas e singulares.

IMAGEM 29: DIVULGAÇÃO IV FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2013)



Em 2013, a praça da ABES passa a ser o palco central da maior parte do evento e nem o Clube, nem a Casa de Show aparecem como locais do evento. A Câmara Municipal e a Feira foram mantidas para algumas atrações.

Nesta edição, aparece na programação o paradigma de formação de leitores, o objetivo de “tornar a nossa sociedade uma sociedade leitora” se evidencia justamente no ano em que as oficinas e minicursos se centralizam nas escolas estaduais (estadual e municipal) e também no ano em que se sistematiza o projeto Minha Escola na FLIBO, inicialmente, Minha Escola na Feira.

Como foi apresentado nos tópicos anteriores, até então não havia programação infantil, mas na apresentação da IV edição, disponível no site¹⁰ daquele ano, afirma-se:

Na sua quarta edição, o evento prima pela sua periodicidade e pelo compromisso de envolver a comunidade do município de Boqueirão, através de projetos realizados com as escolas durante todo o ano letivo, começando em março e culminando em outubro, quando da realização da 4ª FLIBO, no projeto "Minha Escola na Feira".

Este perfil de envolvimento com a instituição Escola passa a identificar a Festa Literária de Boqueirão, aproximando-a do viés educativo sobre o qual falamos no primeiro capítulo deste trabalho. Uma reportagem da TV Itararé¹¹ registra esta característica; em entrevista à emissora, Jane Gomes, membro da Associação Boqueirãoense de Escritores, afirmou:

Esse ano, graças a Deus, nós conseguimos envolver todas as escolas do município, tanto as particulares quanto as municipais. Então está sendo de grande valia conseguir esse feito, porque nós estamos na quarta edição e esse foi o único ano em que toda comunidade educativa se envolveu.

Na mesma reportagem quando o escritor Jairo César é questionado se Boqueirão é a Paraty paraibana, ele diz que associa a Festa de Boqueirão ao Festival Literário (Jornada Literária) de Passo Fundo e não à Festa Literária Internacional de Paraty, justamente pelo envolvimento da FLIBO com as escolas, com a educação.

Fica claro que o objetivo da FLIBO fica mais definido nesta edição, à medida que as ações educativas se consolidam. Neste ano, 13 escolas, de Boqueirão e de outras cidades paraibanas tiveram a oportunidade de visitar e participar ativamente da Festa.

O envolvimento das escolas responde uma das perguntas que surgiram na análise do Quadro 5. Segundo Mirtes Waleska, membro da ABES e idealizadora da FLIBO, em texto postado no blog da quarta edição da Feira, o motivo pelo qual a Festa deixa de ser em março, no primeiro semestre, e passa a ser no segundo semestre, variando entre os meses de outubro a novembro e se firmando em setembro, foi para que as escolas pudessem ter tempo para trabalhar as obras e autores e se preparar para a FLIBO ao longo do ano letivo.

¹⁰ Disponível em: <http://flibo2013.blogspot.com/p/apresentacao.html> Acesso em: 22 jul. 2021

¹¹ Disponível em: <http://www.arrekade.com.br/feiraliterariadeboqueirao> Acesso em: 22 jul. 2021.

IMAGEM 32: MINHA ESCOLA NA FLIBO 2013



Fonte: <http://flibo2013.blogspot.com/>. Foto: Valdívia Costa

Cabe destacar ainda um tema que parece ser recorrente nos primeiros anos da FLIBO: a discussão sobre políticas públicas relacionadas ao livro e à leitura. Voltando à primeira edição, há a palestra “Captando recursos para projetos culturais e sociais”, na segunda edição, encontramos uma mesa sobre o “Lançamento do PLL – Plano do Livro e da Leitura da Paraíba”, na terceira edição discute-se “Os planos Estaduais e Municipais do Livro e da Leitura” e na quarta, há referência ao “compromisso da ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores) e seus parceiros em promover as políticas públicas de incentivo à leitura e de tornar a nossa sociedade, numa sociedade leitora”. Esta tendência se alinha ao discurso da idealizadora Mirtes Waleska, membro da Associação Boqueirãoense de Escritores e ex-gestora pública, de que a FLIBO começa a se firmar como uma política pública na cidade de Boqueirão¹². Em entrevista ao blog, Mirtes afirma: “Gostaríamos de ter uma participação maior e efetiva da comunidade de Boqueirão nos debates em torno das políticas públicas do livro e da leitura”.

A programação traz ainda a informação de que “A FLIBO já faz parte do Calendário Nacional de Feiras Literárias da Fundação Biblioteca Nacional” e a palestra “A FLIPORTO e as Feiras Literárias do Brasil” que mostram a consolidação da Festa e seu interesse em compor um cenário também sólido. Tais atitudes institucionais do evento podem ter

¹² Em entrevista a Bruno Lira. Disponível em: <https://www.blogdobrunolira.com.br/2019/07/no-cariri-feira-literaria-existe-ha-dez-anos-e-tem-inspirado-novos-escritores-e-poetas-veja-video/> Acesso em: 22 jul. 2021.

contribuído para a constituição de feiras literárias em outras cidades da Paraíba, alguns anos depois, como nos mostra o Anexo 1.

2.3.5. V Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2014)

A 5ª edição da FLIBO aconteceu entre 20 e 22 de novembro de 2014, teve como tema “Traçando caminhos para uma sociedade leitora” e como homenageada a escritora Maria Valéria Rezende.

IMAGENS 33, 34 E 35: DIVULGAÇÃO V FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2014)





QUADRO 7 - PROGRAMAÇÃO V FLIBO

<p>DIA 20/11, QUINTA-FEIRA</p> <p>08h30 - MARCHA PELA LITERATURA, concentração em frente ao Clube Municipal (antigo Cefar); marcha dos alunos acompanhados das bandas marciais em direção a Praça da ABES, dando as boas-vindas à Flibo.</p> <p>MINICURSOS:</p> <p>9h - 12h LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO 30 vagas por curso duração: 3h Só será permitida a inscrição em apenas um minicurso por dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A abordagem da literatura como performance para o Ensino Médio, com as Profas. Aline Barbosa de Almeida, Gabriela Santana de Oliveira e Elisângela Araújo Silva (POSLE-UFCG), para alunos do ensino médio e alunos de graduação 2. A representação da mulher negra na poesia e prosa de Conceição Evaristo, com as Profas. Laysa Cavalcante Costa e Franciele Suênia Silva (POSLE-UFCG), para alunos do ensino médio e graduação 3. O conto de Maria Valéria Rezende, com as Profas. Mariana Nunes e Ananilia Meire (POSLE-UFCG), para alunos do ensino médio e graduação 4. Combatendo O Racismo Através Da Educação: Uma Proposta De Intervenção Para O Ensino De Língua Materna, com as Profas. Bruna Maria de Sousa Santos (PIBID/DLA/UEPB), Haiany Larisa Leôncio Bezerra (PIBID/DLA/UEPB), Maria Gorette Andrade Silva (PIBID/DLA/UEPB), Milena Dafanni Xavier Silva (PIBID/DLA/UEPB) e Stefanie de Souza Nascimento (PIBID/DLA/UEPB), para professores de língua materna da educação básica e graduandos 	<p>OFICINAS:</p> <p>9h - 12h LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO 30 vagas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Uma vivência com “os meninos pelados” Conto de Graciliano Ramos no município de Boqueirão, com as Profas. Jacklaine de Almeida Silva, para alunos do ensino fundamental II (conhecimento prévio do conto) <p>14h - 17h LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO 20 vagas</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Iniciação à Xilogravura, com Marcelo Soares, para alunos do ensino fundamental II e médio <p>14h - 17h LOCAL: EEEFMC JOSÉ BRAZ DO RÉGO 30 vagas por oficina</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Poesia em movimento: vivências poéticas com poemas visuais no ciberespaço, com, a Profa. Isabelle Pires, para alunos do ensino médio <p>14h - 17h LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO 30 vagas por oficina</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Marginalização da tatuagem: aspectos históricos, literários e discursivos sobre os tatuados, com a Profa. Vanessa Isabely Costa e Silva, para professores e graduandos <p>PALESTRAS:</p> <p>EMEF PADRE INÁCIO</p> <p>15h Pontos de Vistas sobre a História do Cariri, com Egberto Araújo, Professor e Fotógrafo, convidados: Aderaldo Luciano, escritor e Ezequiel Oliveira, fotógrafo</p> <p>Paisagens, avenidas, ruas, praças, casarios, igrejas e monumentos constituem-se pontos de visualização nas cidades. Esses, portanto, são os “pontos de vista” a que se refere essa palestra, onde o apresentador expõe registros fotográficos que realizou em cidades do Cariri Paraibano, entende que a Fotografia desses Pontos de Vistas constitui-se um agente motivacional para o estudo da História Regional.</p>
--	---

16h | Lançamento do Livro Poheresia, de Expedito Ferraz Jr.
Do minimalismo dos haicais a formas mais expansivas do verso livre; dos poemas visualmente expressivos à construção musical dos ritmos regulares; das utopias estéticas dos primeiros escritos ao niilismo irônico dos últimos tempos, POHERESIA quer registrar a diversidade dos temas e experiências formais confrontados pelo autor em suas tentativas de conhecer por dentro as virtualidades da linguagem poética.

TENDA DA PRAÇA DA ABES | CONFERÊNCIA DE ABERTURA

19h | ABERTURA OFICIAL COM AUTORIDADES, apresentação da Filarmônica Nossa Senhora do Desterro e Quarteto da Rainha
20h | "Pra que serve a Literatura", com a escritora Maria Valéria Rezende (autora homenageada) e mediação do Escritor Roberto Menezes.

ATRAÇÃO MUSICAL:

21h30 | Apresentação de Gitana Pimentel, Show de Abertura

Dia 21/11, sexta-feira | 5ª FLIBO (FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO)
PROGRAMAÇÃO OFICIAL

DIA 21/11, SEXTA-FEIRA

MINI-CURSOS:

9h - 12h | LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO | 30 vagas por curso | duração: 3h
Só será permitida a inscrição em apenas um mini-curso por dia

1. Leitura vocalizada de poesia infantil: ritmo e corpo, com Profa. Marília de Almeida e Bueno (POSLE-UFCG), para alunos do ensino fundamental II
2. Textos, imagens e suas interpretações: um olhar para o ensino fundamental e médio, com Prof. Marcelo Vieira da Nóbrega (DLA-UEPB), para professores e graduandos
3. Um Estudo Comparativo entre o Gibi "A Turma da Mônica Infantil" e a "Turma da Mônica Jovem", com Profa. Cléa Gurjão Carneiro (DLA-UEPB), para professores e alunos de graduação
4. A narrativa infanto-juvenil de Valéria Rezende na sala de aula, com Profa. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (DLA-UEPB), para professores do ensino fundamental II e alunos de graduação

5. A leitura numa perspectiva discursiva: A polifonia e o dialogismo em foco, com Profa. Teresa Neuma da Farias Campina, para professores e alunos de graduação
6. "Hai-Quintal" Outros Haikais De Maria Valéria Rezende, com Prof. Helder Pinheiro (POSLE-UFCG), para alunos do ensino médio e graduação

OFICINAS:

9h30 - 12h e 13h30 - 16h | LOCAL: DISTRITO DO MARINHO | 30 vagas
Esta oficina acontecerá nos turnos manhã e tarde com os mesmos inscritos, no Lajedo do Marinho com o apoio dos Condutores do Lajedo do Marinho

1. Observação pela Pedra: a prática do haikai, com os escritores Roberto Menezes e André Ricardo Aguiar, para adolescentes a partir de 16 anos (ou cursando o ensino médio)

14h - 17h | LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO | 30 vagas por oficina
Só será permitida a inscrição em apenas uma oficina

1. "A Culpa é da Leitura", com as Profas. Érica Tavares e Dorinha Lima, para adolescentes do ensino fundamental II e médio
2. Educação Para Igualdade De Gêneros Através Da Literatura Infanto-Juvenil Na Sala De Aula, com Profa. Ângela Paula, para professores e graduandos

PALESTRA:

EMEF PADRE INÁCIO

15h | O percurso do Erotismo na Literatura de Escrita Feminina, com a Professora Vanessa Isabely

TENDA DA PRAÇA DA ABES

17h | Bate-papo com o autor Jairo Cézar, "Augusto dos Anjos em quadrinhos: Um outro lado do paraibano do século".

18h | Musical "CANÇÕES DA RESISTÊNCIA: O QUE A DITADURA NÃO CONSEGUIU CALAR", com alunos da Escola Estadual Jornalista José Leal Ramos – São João do Cariri –PB

19h | "Chico Buarque no contexto da ditadura" e Lançamento de 'Romeu na Estrada', com Professor e Escritor Rinaldo de Fernandes

20h | "O nordeste urbano e a literatura contemporânea" e Lançamento do Livro "Enquanto Deus não está olhando", com a Escritora Débora Ferraz e mediação do Jornalista Tiago Germano

<p>ATRAÇÃO MUSICAL:</p> <p>21h30 Show com Patrícia Meneses</p> <p>Dia 22/11, sábado 5ª FLIBO (FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO) PROGRAMAÇÃO OFICIAL</p> <p>DIA 22/11, SÁBADO</p> <p>"DE REPENTE, POESIA" 9h - 12h LOCAL: PÁTIO DO MERCADO DA FEIRA HOMENAGEM AO POETA MANOEL MONTEIRO Apresentação de Cordelistas, Repentistas e Grupos de Dança</p> <p>OFICINAS:</p> <p>14h - 17h LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO 50 vagas 1. Iniciação a Elaboração de Projetos Culturais, com Jorge Garcia (Ministério da Cultural Regional Nordeste), para o público em geral</p> <p>APRESENTAÇÃO CULTURAL:</p> <p>17h – Grupo Teatral Cordel em Canto Local: Praça da ABES</p> <p>PALESTRAS:</p> <p>TENDA DA PRAÇA DA ABES 18h Bate-papo com os Escritores Tião Lucena e Efigênio Moura, "Da Guerra De Princesa A Santana Do Congo" 19h A fundação do povoamento do boqueirão de Carnoió, com o Escritor e Historiador Vanderley de Brito, com mediação do Escritor e Historiador, Bruno Gaudêncio, com lançamento do "Inventário Lírico de Campina Grande" 20h Cultura e Economia Criativa, com a Professora Cláudia Sousa Leitão (CE) e Jorge Garcia (Minc), Lançamento do Livro Cultura em Movimento (Cláudia Sousa Leitão)</p> <p>ATRAÇÃO MUSICAL:</p> <p>21h30 AS SEVERINAS 23h MPB com Kaline Bertino</p> <p>FLIBINHO</p>	<p>DIAS 20/11</p> <p>A partir de 9h TENDA DA PRAÇA DA ABES MINHA ESCOLA NA FLIBO, apresentação cultural das escolas do município e do grupo de Capoeira Angola Oficinas livres para as crianças: grafite, bonecas de pano, marcadores de página</p> <p>A partir das 14h TENDA DA PRAÇA DA ABES MINHA ESCOLA NA FLIBO, apresentação cultural das escolas do município e do grupo de Capoeira Angola Oficinas livres para as crianças: grafite, bonecas de pano, marcadores de página</p> <p>DIAS 21/11</p> <p>A partir de 9h TENDA DA PRAÇA DA ABES MINHA ESCOLA NA FLIBO, apresentação cultural das escolas do município e do grupo de Capoeira Angola Oficinas livres para as crianças: grafite, brinquedos reciclados, marcadores de página, ilustração para crianças Contaçõ de Estória com o grupo Contaçõ de Rua (JP)</p> <p>A partir das 14h TENDA DA PRAÇA DA ABES MINHA ESCOLA NA FLIBO, apresentação cultural das escolas do município e do grupo de Capoeira Angola Oficinas livres para as crianças: grafite, bonecas de pano, marcadores de página Contaçõ de Estória com o grupo Contaçõ de Rua (JP)</p> <p>EXPOSIÇÕES</p> <p>LOCAL: EMEF PADRE INÁCIO TIRINHAS MEDONHAS, com Joheel Rodrigues, ilustrador PONTOS DE VISTA DO CARIRI , com Egberto Araújo, Fotógrafo</p> <p>LOCAL: PRAÇA DA ABES ILUSTRAÇÃO, com Lô-Ruama Gusmão CROCHETEIRAS DO MARINHO ARTESANATO LOCAL</p>
---	---

Fonte: Disponível em: <http://flibo2014.blogspot.com/> Acesso em: 23 jul. 2021

Nesta edição a Praça da ABES centraliza as atividades mais uma vez, inclusive, na faixa de divulgação lê-se “Na praça da Abes - Centro”. As escolas continuam sendo cenário

para as oficinas e minicursos e para algumas exposições. O “De Repente, Poesia”, como era chamada a atividade voltada para literatura e cultura popular desde o ano anterior, aconteceu novamente na praça. Apesar da quantidade de dias abreviada, apenas três dias, sendo a mais curta até então, percebemos uma programação vasta e intensa. A diversidade de linguagens segue em evidência, com dança, grafite, artesanato, ilustração, fotografia e teatro.

Surge, na programação, a nomenclatura FLIBINHO, designando a programação infantil da Festa. A Minha Escola na FLIBO passa a ser uma das atividades da FLIBINHO, junto a oficinas e contações de histórias.

Outra novidade é a logomarca da Festa, tal qual conhecemos hoje.

IMAGEM 36: LOGOMARCA DA FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO



Fonte: pesquisa em site de busca.

A logo representa “a imagem estilizada de um livro aberto sobre o qual há uma silhueta de um sujeito correndo (o leitor)” (SOUSA, 2019) e passa a ser utilizada como identidade da Festa desde o ano de 2014 até o presente momento.

2.3.6. VI Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2015)

A 6ª edição da FLIBO aconteceu entre 28 e 31 de outubro de 2015, teve como tema “O mundo encantado da Literatura de Cordel” e como homenageado o cordelista Leandro Gomes de Barros.

Em 2015, diferente dos outros anos em que a divulgação acontecia em blog específico para aquela edição, cria-se um blog unificado que seria utilizado até 2018. A primeira postagem do blog é um cordel de Jane Luiz, membro da FLIBO, anunciando a sexta edição da Festa, que ainda era Feira.

Abram alas, meus amigos

Vamos contar uma história

A FLIBO 2015

*É café feito na hora
 Pois o tema é cordel
 Pegue lápis e papel
 Vamos botar verso pra fora.*

O cordel é a grande estrela do evento, sendo tema de várias atividades. Além do “De Repente, Poesia”, que ainda acontecia na Feira da cidade, várias oficinas e minicursos trataram do tema. Em associação, muito se discutiu sobre xilogravura, arte visual feita a partir da madeira que ilustra os folhetos de cordel. Quando se pensa em cordel, pensa-se na literatura e na xilogravura, a combinação de tais mídias, conceito da intermedialidade, apareceu com destaque nesta edição.

IMAGENS 37, 38, 39 E 40: VI FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2015)

PROGRAMAÇÃO 28 a 31 de Outubro de 2015
<http://flibopb.blogspot.com.br>

FLIBO
 FEIRA LITERÁRIA
 DE BOQUEIRÃO
 ANO 6 - 2015

O MUNDO ENCANTADO DA LITERATURA DE CORDEL
 Tema
 LEANDRO GOMES DE BARROS
 homenageado

MINHA ESCOLA NA FLIBO | FLIBINHO

DIA 29/10, QUINTA-FEIRA

MANHÃ
 9h30 | MINHA ESCOLA NA FLIBO
 Apresentação das Escolas Municipais
 11h | CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
 Quantalzinho, com Penélope Martins (SP)

TARDE
 13h30 | MINHA ESCOLA NA FLIBO
 Apresentação das Escolas Municipais
 16h | APRESENTAÇÃO CULTURAL

DIA 30/10, SEXTA-FEIRA

MANHÃ
 9h30 | MINHA ESCOLA NA FLIBO
 Apresentação das Escolas Municipais
 11h | EMANUELE E ROSINHA - UM ROMANCE NO SERTÃO. Uma história que envolve teatro infantil, cordel e música regional, Grupo Garagem da Lettura.

TARDE
 13h30 | MINHA ESCOLA NA FLIBO
 16h | CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
 Espetáculo Fábulas e Canções, Cia Pé de Baobá, Com: Círis Leandro (PB)

DE REPENTE, POESIA | Mercado da Feira

9h00 | DE REPENTE, POESIA
 Encontro de Poetas Cordelistas, Repentistas, Violonistas e Declamadores
 Encenação da PEÇA «DISCUSSÃO DUM FISCAL COM UMA FATEIRA», da Cia. Cordel em Canto (Texto de Manoel de Assis Campina, aumentado por José Costa Leite e com adaptação de Arly Arouald)

«POESIA É COMPANHEIRA DO SOL, DA LUZ E DO VENTO NA CABEÇA DO POETA. ELA PROCURA APOSTOFO O REPENTE É INVISÍVEL E A RIMA É O NÍVEL QUE NIVELA O PENSAMENTO» (TRENCHO DO PREGO: TEMPE E BOLA E POESIA DE ANTONIO BRASSARDI SARDINHO)

Logotipos patrocinadores: FIC, FUNERTE, BRASILEIRO, GRASIN.

FLIBO 2015

mais uma edição!

*Abram alas meus amigos
Vamos contar uma história
A Flibo 2015
É café feito na hora
Pois o tema é cordel
Pegue lápis e papel
Vamos botar verso pra fora.*

*Deixe a rima criar asas
Solte a imaginação
Escreva em verso, de repente
Sem esquecer a oração
Na base do improviso
O preciso mais preciso
Com alma e coração.*

Jane Luiz Gomes
(poeta boqueirãoense)

Leandro Gomes de Barros era filho de José Gomes de Barros Lima e Adelaide Gomes de Barros. Nasceu na fazenda Melancia, em Pombal (PB) (hoje pertencente ao município paraibano de Paulista), no dia 19 de novembro de 1965, e faleceu no Recife (PE), em 4 de março de 1918. Ele foi o fundador da poesia popular no Brasil e o mais importante poeta de seu tempo, conforme o



testemunho do poeta Francisco das Chagas Batista. É também autor de dois folhetos, dos três que serviram de inspiração para Ariano Suassuna compor O Auto da Compadecida. São eles: O Dinheiro - O testamento do cachorro -, de 1909, e O Cavalito que Defecava Dinheiro. O estilo de Leandro é inconfundível. Ele teve fôlego para transitar em todos os gêneros e modalidades correntes: peleja, romance, graça, crítica social, e o fez com maestria. Poucos conseguiram igualar-se. No geral, ninguém o superou até hoje. Recentemente, o jornalista Lorenzo Aldé, da Revista de História da Biblioteca Nacional, comparou-o a Machado de Assis, pelo fato de ser um dos patriarcas da literatura nacional e por ter sido um "crítico mordaz dos valores de seu tempo, observador sensível da vida pública e da política tupiniquim, dono de um estilo irônico e imaginação inesgotável". Também por haver influenciado as gerações de poetas populares que o sucederam. É esse o Leandro que o Brasil precisa conhecer.

Por Arnevaldo Viana Poeta popular, criador do projeto Acorde Cordel na Sala de Aula

LEANDRO GOMES DE BARROS
AUTOR INOCENTE

PROGRAMAÇÃO DA PRAÇA DA ABES

Dia 28/10, QUARTA-FEIRA

- 8h30 | MARCHA LITERÁRIA
Percurso das principais ruas da cidade, saída de frente ao Clube Municipal em direção à Praça da ABES. Participação das Escolas e das Bancas Marciais.
- 18h30 | ABERTURA OFICIAL
Apresentação da Filarmônica Nossa Senhora do Destino e «Coral Vozes do Cariri» da ABES.
- 19h15 | CONFERÊNCIA DE ABERTURA:
Poesia e Poética de Leandro Gomes de Barros, o "Pai do Cordel Brasileiro"
- Palestrante: Adenaldo Luciano (RJ), participação Oliveira de Farietas e Beto Brito
- 20h15 | APRESENTAÇÃO CULTURAL
Brasil Caboclo, Grupo Cordel em Carilo (Campina Grande)
- 21h15 | MÚSICA NA PRAÇA
SANDRA BELÉ, Show "A Festa"

Dia 29/10, QUINTA-FEIRA

- 19h00 | PALESTRA: POESIA PARA QUE E PARA QUEM?
Palestrantes: José Inácio Vieira de Melo (BA) e Bruno Gaudêncio (PB)
- 20h00 | LANÇAMENTOS LITERÁRIOS
Caderneta de Fiado, de Elgênio Moura
- 21h00 | MÚSICA NA PRAÇA
Roberto Gonçalves | Banda Turmalina (MPB)

Dia 30/10, SEXTA-FEIRA

- 19h00 | PALESTRA: LEANDRO GOMES DE BARROS E A IMPRENSA
Palestrantes: Bráulio Tavares (RJ) e Astier Bastião (PB)
- 20h00 | LANÇAMENTO LITERÁRIO
Receitas de como se tornar um bom escritor (Chiado Editora), livro de Linaldo Guedes e bate-papo sobre "Por que é tão fácil e tão difícil ser escritor?"
- 21h00 | APRESENTAÇÃO CULTURAL
Sarau Poético Musical "andanças pelo mundo da poesia", Grupo Frente Trovadora
- 21h40 | MÚSICA NA PRAÇA
Toninho Bortolotto | Raiff Souza (MPB)

Dia 31/10, SÁBADO

- 19h00 | SARAU POÉTICO
ABES - ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE ESCRITORES e CONVIDADOS
- 20h00 | APRESENTAÇÃO CULTURAL
Sarau "Eu Sou Neguinha", com Ariele Coletivo
- 21h00 | MÚSICA NA PRAÇA
Patrícia e Júnior Menezes | As Severinas

BATE-PAPO LITERÁRIO | Dia 30/10, SEXTA-FEIRA

- 09h00 | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
A LITERATURA FANTÁSTICA PARAIBANA, DO CORDEL AO E-BOOK
Com o escritor RAFAEL BUARQUE
- 10h00 | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
O USO DA NARRATIVA DE CARÁTER REGIONALISTA EM JOGOS DIGITAIS
Com ARI RODRIGUES e EDVÂNIA AGUIAR
- 11h00 | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
70 ANOS SEM MÁRIO DE ANDRADE: A CULTURA NORDESTINA E O TURISTA APRENDIZ
com o escritor JOÃO MATIAS

BATE-PAPO LITERÁRIO | Dia 31/10, SÁBADO

- 14h00 | EMEF PADRE INÁCIO
REALIDADE E FICÇÃO: A LITERATURA COMO FONTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA
Com os escritores Bruno Gaudêncio, Jairo César e os historiadores, Flávio Carrara, Jordani Queiroz e Iranilson Burity

OFICINAS | Dia 29/10 QUINTA-FEIRA

MANHÃ | 9h às 12h

- Oficina 1 | LEITURA ORAL DO POEMA | EMEF PADRE INÁCIO
(alunos do ensino médio, professores e interessados), Com Helder Coimbra
- Oficina 2 | CONTOS DE MIA COUTO | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(alunos do ensino médio e interessados), Com Elaine Mendes
- Oficina 3 | LITERATURA DE CORDEL: Valorizando a cultura popular e inserindo na prática de leitura e escrita nos alunos do Ensino Fundamental e Médio de Boqueirão | EMEF PADRE INÁCIO
(Professores do Ensino Fundamental e Médio e interessados), Com Clea Cunha
- Oficina 4 | ENTRE PALAVRAS, IMAGENS E SONS: UMA VIAGEM PELO UNIVERSO POÉTICO DE ROSEANA MURRAY, CECÍLIA MEIRELES E HENRIQUETA LISBOA | EMEF PADRE INÁCIO
(alunos do 9º ano, ensino médio e interessados), Com Arla Lígia M. de Souza Neves
- Oficina 5 | LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA (INGLÊS) | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(Pessoas que tenham contato com língua inglesa; professores de língua inglesa, também indicado para quem está se preparando para proficiência), Com Thiago Rodrigo

TARDE | 14h às 17h

- Oficina 1 | DESPERTANDO O CORDEL NA SALA DE AULA | EMEF PADRE INÁCIO
(Professores do Ensino Fundamental e Médio e interessados), Com Gilberto Costa
- Oficina 2 | O DIÁLOGO DA LITERATURA COM DIVERSAS FORMAS DE LINGUAGENS E TEMAS | EMEF PADRE INÁCIO
(Professores e Interessados), Com Severina Drositene Maciel
- Oficina 3 | HOJE É DIA DE MARIA: CORDEL, CONTOS DE FADA E TEATRO EM SALA DE AULA | EMEF PADRE INÁCIO
(Professores e Interessados), Com Eliângela Araújo
- Oficina 4 | HAICAI: A POÉTICA DO INSTANTE | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(Ensino Médio), Com Janeira Lara
- Oficina 5 | "NA CORDA BAMBÁ DO CORDEL, VAMOS COM TODA CORDA" | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(alunos do 9º ano, médio e interessados), Com Raquel Brito
- Oficina 6 | POESIA E DANÇA | EMEF PADRE INÁCIO
(alunos do fundamental I - 5º ano), Com Marília Bueno

OFICINAS | Dia 30/10 SEXTA-FEIRA

MANHÃ | 9h às 12h

- Oficina 1 | NARRAÇÃO DE HISTÓRIA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA | EMEF PADRE INÁCIO
(Contadores de História, Professores e Interessados), Com Penelope Martins (SP)
- Oficina 2 | MINICONTOS | EMEF JOSÉ FERNANDES DA SILVA, Distrito Marinho
(Alunos do Médio e Interessados), Com Roberto Menezes e André Ricardo Aguiar
- Oficina 3 | PASSEIO PELO REINO DA BICHARADA: OS BICHOS PELA LITERATURA DE CORDEL | EMEF PADRE INÁCIO
(Fundamental II - 5º e 6º ano), Com Hadcock Ezequiel
- Oficina 4 | A FORMAÇÃO DE UM POVO VISTA ATRAVÉS DA LITERATURA | EMEF PADRE INÁCIO
(Professores e Público em Geral), Com Vitoria Lima

TARDE | 14h às 17h

- Oficina 1 | "TROCA-TROCA" DE POESIAS: RETEXUALIZAÇÃO DO MUNDO LITERÁRIO | EMEF PADRE INÁCIO
(Fundamental II - 6º e 7º ano), Com Alexandra Guedes e Aline Muniz (Clesix)
- Oficina 2 | #PoesiaCompatilheEssaIdeia | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(Ensino Médio), Com Danielly Macado e Silvana Gomes (Clesix)
- Oficina 3 | ENTRE OS SONS E O SILÊNCIO: DESCOBRINDO A POESIA | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(9º ano e Ensino Médio), os alunos que participarem desta oficina farão uma intervenção poética na Feira Municipal, no sábado, dia 31/10 a partir das 9h., Com Samely Xavier e Celso Araújo (Clesix)
- Oficina 4 | ACONTECIMENTOS AMATUTADAS: CO(CA)NTANDO O CORDEL | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(Médio e Professores Educação Infantil e Interessados), Com Isabelle Pires
- Oficina 5 | LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO RÉGO
(Médio e interessados), Com Adelson Sousa

OFICINAS | Dia 31/10 SÁBADO

MANHÃ | 9h às 12h

- Oficina 1 | PRAÇA DA ABES
Iniciação à Xilogravura (20 vagas) (Professores e Arte educadores), Com Marcelo Soares

TARDE | 14h às 17h

- Oficina 1 | LITERATURA DE CORDEL: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA | EMEF PADRE INÁCIO
(Professores e Interessados), Com Fernanda Félix e Roberta Tibúrcio
- Oficina 2 | A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SUAS TÉCNICAS USADAS NA SALA DE AULA | EMEF PADRE INÁCIO
(Educadores, Contadores de Histórias e Interessados), Com Cris Leandro (Cia. Pê de Baobá)
- Oficina 3 | EMEF PADRE INÁCIO
Ensino de Língua Portuguesa e Multimodalidade (Educadores, Professores, alunos do Curso de Letras e Pedagogia), Com Bruna Maria de Sousa Hiany, Laila Bezerra, Maria Goretti Andrade

* TODOS OS INSCRITOS RECEBEM CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Fonte: Disponível em: https://issuu.com/mirteswaleska/docs/programa_o_6_flibo-2015 Acesso em: 22 jul. 2021.

O diálogo com outras linguagens artísticas, como música, teatro, dança, também permanece e as apresentações musicais que acontecem à noite, na praça, ganham cada vez mais corpo, contando nesta edição com, dentre outros artistas, a cantora Sandra Belê. O aspecto cultural da Festa se evidencia, à medida que as atrações de música e teatro se tornam atrativas para angariar público e formam uma programação que não está estritamente ligada à literatura, este ponto será discutido no capítulo seguinte.

Outra atividade que aparece mais uma vez como tendência na FLIBO é o sarau poético. O sarau recupera a literatura oral, que foi essencial no início da História da Leitura. A poesia e o cordel declamados atingem do público letrado ao analfabeto e dão palco a artistas, poetas e cordelistas que não necessariamente estão incluídos na cultura escrita. Pode também trazer a leitura coletiva de textos, recuperando a socialização que aos poucos se perdeu na tendência em se realizar leituras individuais.

Além do aspecto cultural, o aspecto educativo seguiu se solidificando. Em 2015, a FLIBO recebeu novamente escolas de outras cidades, como Campina Grande, Currais Novos, Caturité, Cabaceiras para a participação em oficinas e na programação infantil (FLIBINHO e Minha Escola na FLIBO).

IMAGEM 41: ALUNOS NA VI FLIBO



Fonte: Disponível em: <http://flibopb.blogspot.com/2015/11/flibo-2015-recebeu-dezenas-de-escolas-e.html> Acesso em: 24 jul. 2021

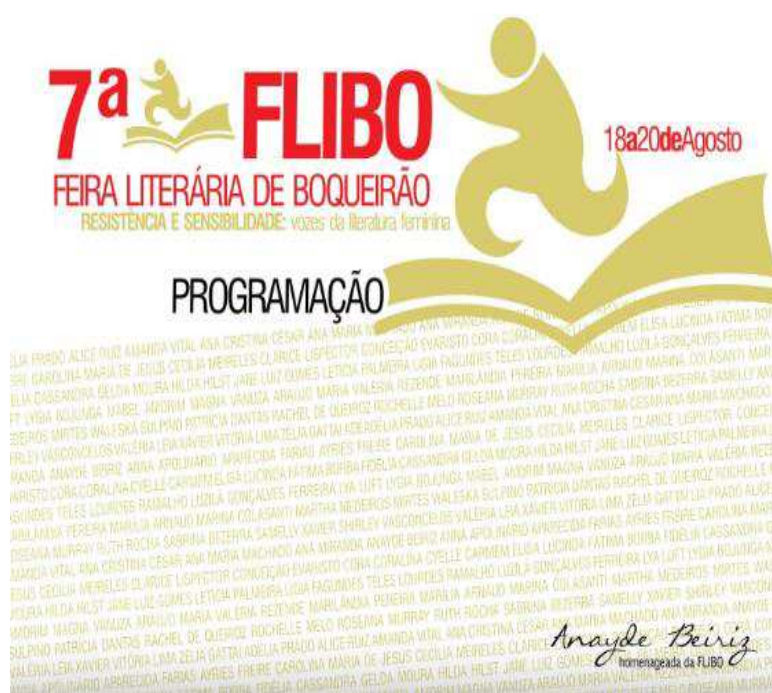
Em depoimento ao blog, a idealizadora da FLIBO, Mirtes Waleska, aponta para a importância do envolvimento das escolas com a participação dos alunos, mas afirma que “Resta aos poderes municipais, nas próximas edições, intensificarem essa parceria para os alunos virem participar de uma tarde ou um dia de interação com atividades literárias.”. Este

apelo ao poder público aparece em outros momentos da FLIBO, vindo da organização da Festa e da população em geral.

2.3.7. VII Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2016)

A 7ª edição da FLIBO aconteceu entre 18 e 20 de agosto de 2016, teve como tema “Resistência e sensibilidade: vozes da literatura feminina” e, como homenageada, a escritora Anayde Beiriz.

IMAGENS 42, 43, 44, 45, 46 E 47: VII FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2016)



É com grande entusiasmo que a Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES) e, demais parceiros, anunciam a 7ª edição da Feira Literária de Boqueirão.

A FLIBO deste ano, acontece de 18 a 20 de agosto e traz como tema: RESISTÊNCIA E SENSIBILIDADE: Vozes da Literatura Feminina, homenageando a poetisa paraibana, Anayde Beiriz. A temática desse ano procura responder por quê durante muitos anos tentaram silenciar essas vozes, seja na prosa, na poesia, nos romances, nos contos, enfim. A História aponta que até o século XIX a produção feminina estava restrita ao campo do privado, às mulheres era permitido, inicialmente a escrita de cartas e diários. A poesia e o romance vieram posteriormente. Portanto, trazer essas mulheres à discussão e, o mais importante, fazer com que suas obras sejam lidas é o desafio desta edição.

Durante os três dias do evento, traremos oficinas e mini-cursos ofertados pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) e UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), palestras, bate-papo com autores convidados, feira de livros e artesanato e, ainda, saraus; uma série de atividades que transformará a cidade de Boqueirão, no Cariri Paraibano, na cidade "das Rimas e Letras".

A Flibinho homenageará a escritora Ruth Rocha, numa programação diversificada, em parceria com as escolas do município através da Secretaria de Educação, no que chamamos de "Minha Escola na Flibo", além dos projetos apresentados pelas escolas, teremos contação de história e oficinas livres na praça.

A novidade dessa edição é a apresentação de painéis que serão coordenados pelo PET LETRAS da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e mesas-redondas destinadas ao público acadêmico e público em geral, os trabalhos aprovados e apresentados serão publicados como Anais de Evento na Revista Letras Raras-EDUFCG (ISSN: 2317-2347).

Enfim, mais uma Flibo, mais literatura, mais conhecimento, mais resistência e mais cultura!

Tudo isso de forma gratuita e acessível à todos os públicos.



Participe!

Você é o nosso convidado.



Anayde Beiriz nasceu em 1905 em João Pessoa. Diplomou-se pela Escola Normal em 1922, com apenas 17 anos, destacando-se como primeira aluna da turma. Além de normalista, era poeta e amante das artes. Logo que se formou, passou a lecionar na colônia de pescadores perto de sua cidade natal. Circulava livremente nos meios intelectuais, onde declarava-se publicamente a favor da liberdade e da autonomia feminina. Sendo uma mulher emancipada para os costumes do seu tempo, Anayde perturbou a sociedade conservadora da Paraíba, nos anos 30. Ousou exprimir uma sensibilidade que chocou o modelo de moralidade prevalente: sua maneira de se vestir (o uso dos decotes), o corte dos cabelos, "à la garçonne", que eram pintados, as suas ideias políticas (quando as mulheres não tinham sequer o direito ao voto) e a maneira de vivenciar o amor livre, causaram escândalo.

Em 1928, iniciou seu romance com o deputado João Dantas, que era adversário de João Pessoa, candidato à presidência da Paraíba. Em 1930, o Brasil sofreu reviravoltas importantes. A ligação amorosa entre João Dantas e Anayde Beiriz não era bem vista pela sociedade da época, uma vez que não eram casados. Prato feito para os inimigos políticos de João Dantas, que sob as ordens de João Pessoa, arrombaram a casa, apropriaram-se da correspondência do casal e publicaram-na nos jornais da cidade. Sensual e libertária, Anayde foi duramente exposta à sociedade paraibana. O que era uma invasão de cunho político, mobilizou todo o Brasil ao ganhar o contorno de uma grande paixão, vivida às escondidas.

No dia 26 de julho, João Dantas, furioso com a publicação de suas cartas de amor, matou com três tiros João Pessoa. Este ocorrido serviu de pivô para uma convulsão nacional que sucumbiu na Revolução de 30. A morte de João Pessoa comoveu todo o Brasil, pois ele nesta época já era muito famoso, ao ter concorrido à presidência como vice de Getúlio Vargas. Meses depois, João Dantas morreu em circunstâncias misteriosas. Anayde se matou ingerindo veneno. Foi enterrada como indigente e sua memória foi renegada durante anos pelos paraibanos. Sua imagem só se tornou emblemática quando foi eleita como uma das personagens míticas da história do Brasil, pelo movimento feminista. Hoje, a sua história, tematizada no teatro, no cinema e na literatura, instiga a pensar sobre a intersecção entre os fatos da vida privada e da vida pública, no contexto da história nacional.

Texto adaptado do site Bolsa de Mulher, junho de 2016.

Reprodução da Internet. Contracapa do livro "Anayde Beiriz: panthers dos olhos dormentes", de Marcus Aurélio Anayde Beiriz, João Pessoa, 18 de fevereiro de 1906. Recife, 22 de outubro de 1930.

17ago, quarta-feira

9h30 > MARCHA LITERÁRIA

Concentração Praça do Bairro Novo em direção a Praça da ABES

18ago, quinta-feira PRAÇA DA ABES

18h00 > Abertura da Exposição de minicontos de alunos da EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

18h30 > Concerto da Filarmônica Nossa Senhora do Desterro

19h20 > Abertura Oficial da 7ª FLIBO com autoridades e poetas convidados

19h45 > Concerto da Orquestra Mirim da Escola Padre Inácio

20h00 > Palestra de Abertura – a poesia feminina paraibana nas letras de Anayde Beiriz, com Vitória Lima e Sabrina Bezerra com Lançamento do livro Anayde Beiriz em Quadrinhos, com a autora e o editor Carlos Roberto de Oliveira (Patmos Editora) e, da Revista de arte e cultura Piriah

21h30 > Erika Marques e Banda | Moizês e Banda

19ago, sexta-feira PRAÇA DA ABES

18h30 > Apresentação Cultural Caminho de Fulô com a Cia Café com Pão

19h30 > Profissão Escritor, é possível? com Rodrigo Apolinário

20h30 > Romances femininos no Nordeste do século XX: Luzilá e suas personagens com a escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira e o curador da Fliporto Eduardo Côrtes

21h30 > Fupop Jovem - FURNE | Larissa Benevides & Ari Rodrigues

20ago, sábado PRAÇA DA ABES

17h00 > A força feminina na literatura infanto-juvenil, Bate-papo com os escritores Livia Messias, Jéssica Figueiredo e Rafael Buarque

18h00 > Apresentação Musical Cantigas da Natureza (Grupo Garagem da Leitura)

18h30 > Poesia para curtir e compartilhar, Bate-papo com Jey Leonardo

19h30 > Resistência e sensibilidade: vozes da Literatura Feminina, com as escritoras Cyelle Carmem, Amanda Vital, Anna Apolinário, Letícia Palmeira

20h30 > Bate-papo com Josué Limeira, autor do livro O Pequeno Príncipe em Cordel e lançamento literário

21h00 > Coletivo Ariel Literário, Sarau Dama da Noite

21h40 > Carlos Perê | Banda Turmalina

*Ouse, ouse... tudo!
Não tenha necessidade de nada!
Não tente adequar sua vida a modelos.
Nem queira você mesmo ser
um modelo para ninguém e
Acredite: a vida lhe dará poucos presentes.
Se você quer uma vida, aprenda: a roubá-la!
Ouse, ouse tudo!
Seja na vida o que você é.
aconteça o que acontecer.*

Anayde Beiriz

18ago, quinta-feira

MINICURSOS e OFICINAS | 9h - 12h | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

1. A representação da mulher na sociedade: Uma análise em letras de músicas. Ministrante: Maria Ismênia Lima (UEPB). Público: Alunos do ensino médio.

2. A representação da velhice na literatura de autoria feminina: um recorte autobiográfico em poemas de Adélia Prado e Gora Coralina. Ministrante: Jailma da Costa Ferreira (UEPB). Público: Alunos do ensino médio.

3. O Espaço da Mulher na Literatura: Princípio do Século XIX. Ministrantes: Maria do Carmo Gomes Silva; Carolinne Taveira de Melo (UEPB). Público: Alunos do ensino médio.

4. Oficina de Escrita Criativa. Ministrante: Escritor Bruno Ribeiro. Público: interessados a partir de 16 anos. (1º Dia)

MINICURSOS e OFICINAS | 9h - 12h | EMEF PADRE INÁCIO

5. O poder da linguagem nas mídias atuais. Ministrantes: Cleyton Oliveira; Rayanne Emanuela e Rayanna Lima (UEPB). Público: Alunos do ensino médio e graduandos.

6. Poesia no ensino médio: trabalhando com módulos temáticos. Ministrante: Helder Pinheiro (UFCG). Público: Alunos do ensino médio e graduandos.

7. Poetisas Brasileiras: a sensibilidade e o lirismo da mulher. Ministrante: Paloma Oliveira. Público: Alunos do 9º ano e médio.

8. O feminino na contística de Maria Valéria Rezende: adentrando os espaços da sala de aula. Ministrantes: Bruno Santos Melo e Fernanda Karyne Oliveira (UEPB). Público: Professores e alunos de graduação.

MINICURSOS e OFICINAS | 14h - 17h | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

1. Cinema e educação: Trabalhando os temas transversais através do cinema de animação. Ministrantes: Maria Elyayne de Sousa Queiroz e Wanderson Gonçalves da S. Nobrega - UEPB. Público: Professores da educação básica em formação ou atuação

2. Mulher, corpo e representação na poesia de Paula Tavares. Ministrantes: Franci Izabelly Oliveira Macedo (mestranda em Literatura e Ensino - POSLE/UFCG) e Magnólia de Negreiros Cruz (Mestre em Literatura e Ensino pela UFCG). Público: alunos do ensino médio e graduandos

MINICURSOS e OFICINAS | 14h - 17h | EMEF PADRE INÁCIO

3. Paraíba feminina, cordelista sim senhor. Ministrantes: Isabelle Pires, Janaina Lira e Elisângela Gonçalves - UFCG. Público: Alunos do Fundamental II (8º e 9º ano), Ensino Médio.

4. Literatura sem papel: o universo no bolso! Público-alvo: alunos do ensino médio e graduandos (levar smartphone ou tablete). Ministrante: Adeilson Sousa. Público: Público: Alunos do Fundamental II (9º ano), Ensino Médio.

5. Oficina de Mini-Livros, com a poeta Cláudia Gonçalves (RS). Público: Adolescentes a partir de 12 anos.

O QUE A LITERATURA FAZ
É O MESMO QUE ACENDER
UM FÓSFORO NO CAMPO
NO MEIO DA NOITE.
UM FÓSFORO NÃO ILUMINA
QUASE NADA, MAS NOS PERMITE
VER QUANTA ESCURIDÃO
EXISTE AO REDOR.

William Faulkner, citado
por Javier Marias
(em a Biblioteca de Auschwitz)



PROGRAMAÇÃO

19ago, sexta-feira
MINICURSOS e OFICINAS | 9h - 12h | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO
 1. Tecendo a dissertação argumentativa do **ENEM** analisando o papel da mulher na sociedade brasileira atual: lutas e conquistas com Ana Paula Cavaicanti Muniz. Público: Alunos do Ensino Médio
 2. Oficina de Escrita Criativa. Ministrante: Escritor Bruno Ribeiro. Público: interessados a partir de 16 anos. (2º Dia)
 3. Erótica é a Alma: A Ressignificação da Identidade Feminina na Simbologia Da Poesia De Adélia Prado, com Amélia Jessiely Soares de Albuquerque Espinola. Público: Alunos de Ensino Médio e Graduação.

BATE-PAPO | 10h | EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO
 #LEIA_MULHERES - Campina Grande

MINICURSOS e OFICINAS | 14h - 17h | EMEF PADRE INÁCIO
 1. "Cordel de Lá Pra Cá e vice-verso. Ministrante: Isabelly Moreira. Público: Alunos do Ensino Fundamental II (7º e 8º ano)
 2. A literatura de cordel versando a figura feminina pela ótica de Raquel – Protagonista do Livro A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga Nunes. Ministrante: Andreza Paula Matias e Joab Jorge Leite de Matos Júnior. Público: Alunos do Ensino Fundamental II (7º e 8º ano)
 3. Oficina de Mini-Livros, com a poeta Cláudia Gonçalves (RS). Público: Adolescentes a partir de 12 anos.
 4. Água: um direito universal à vida. Ministrante: Andrea Azevedo e Sergio Simplicio. Público: Alunos do Fundamental II (6º e 7º ano)

20ago, sábado
FEIRA LIVRE, MERCADO PÚBLICO
 09h > SARAU DE REPENTE, POESIA, com poetas da POEBRAS/CG, poeta Antonio Travassos Sarinho e convidados.
EMEF PADRE INÁCIO
 14h > CINE ENEM, exibição do Filme: As Sufragistas. Habilis Colegio e Curso.

EXPOSIÇÕES PRAÇA DA ABES
 > PAREDE POÉTICA, SESC JOÃO PESSOA
 > MINICONTOS, ALUNOS DA EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO
 > PAREDE POÉTICA, ABES (ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE ESCRITORES)
 > EXPOSIÇÃO DE MINI-LIVROS, com a Poeta Cláudia Gonçalves do Rio Grande do Sul

MINHA ESCOLA NA FLIBO
18ago, quinta-feira, PRAÇA DA ABES
 9h > Apresentação das Escolas do Município
 14h > Apresentação das Escolas do Município
19ago, sexta-feira, PRAÇA DA ABES
 9h > Apresentação das Escolas do Município
 14h > Apresentação das Escolas do Município
 15h30 > **OLHOS DE CORUJA, ORELHAS DE ELEFANTE**, Contação de Rua

Fonte: Disponível em: https://issuu.com/mirteswaleska/docs/flibo_2016_programa o Acesso em: 23 jul. 2021.

A 7ª FLIBO chega trazendo a mulher na literatura para o centro da discussão. Mais de vinte oficinas são ofertadas em escolas públicas, sendo a maioria delas sobre a temática em questão. Este tema retoma o compromisso que a FLIBO já tinha sinalizado nas primeiras edições com assuntos como diversidade e identidade. Veremos mais à frente que o protagonismo das mulheres na FLIBO não surge nesta edição, já que a maior parte das pessoas que compõem a ABES são mulheres e a idealização do evento se deu a partir de escritoras de Boqueirão.

Uma novidade desta edição é a parceria entre a FLIBO e a Revista Letras Raras/EDUFCG. Na ocasião, trabalhos oriundos de mesas redondas e de painéis coordenados pelo PET Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, apresentados na FLIBO foram publicados como Anais de Evento na revista¹³. Esta relação com instituições de ensino de educação superior solidificam o viés educativo da Festa, indo além do Ensino Básico e trazendo benefícios para este, como é o caso das oficinas que são ministradas por universitários e têm como público-alvo alunos de escolas de Boqueirão.

¹³ Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/issue/view/39> Acesso em: 24 jul. 2021.

2.3.8. VIII Feira Literária de Boqueirão - FLIBO (2017)

A 8ª edição da FLIBO aconteceu entre 20 e 23 de setembro de 2017, teve como tema “Música, Literatura e Utopia” e, como homenageado, o compositor e escritor Chico Buarque.

IMAGENS 48, 49, 50 E 51: DIVULGAÇÃO VIII FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2017)





Fonte: Pesquisa em site de busca e em redes sociais.

A oitava edição torna ainda mais evidente o diálogo da Literatura com outras linguagens, visto o tema e o homenageado do ano. Podemos apontar ainda o uso das redes sociais, especialmente o instagram @fliboparaiba (à época, @flibopb), criado em 2015, e a linguagem da internet mais presentes na divulgação do evento; como exemplo, trouxemos a imagem 51, na qual aparece um meme¹⁴ do escritor e compositor Chico Buarque, homenageado da edição, para a divulgação do evento.

Abaixo apresentamos a programação desta edição, na íntegra.

IMAGENS 52, 53, 54, 55 e 56: PROGRAMAÇÃO VIII FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2017)

~Sejam bem-vindos
à 8ª FLIBO



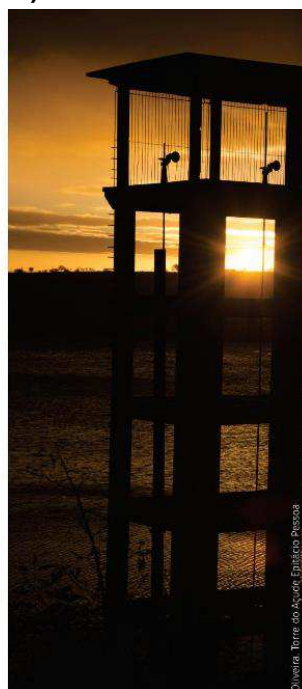
É com grande entusiasmo que a Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES) e, demais parceiros, anunciam a 8ª edição da Feira Literária de Boqueirão.

A FLIBO deste ano acontece de 20 a 23 de Setembro e traz como tema: MÚSICA, LITERATURA E UTOPIA, homenageando CHICO BUARQUE DE HOLLANDA. A cidade de Boqueirão tem em suas raízes a música e a literatura como veículos propulsores de arte e cultura da sua gente. Possui uma associação de escritores que, através de parcerias, realiza a FLIBO e diversas ações na promoção do livro e da leitura, a ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores) e, ainda, a Filarmônica Municipal Nossa Senhora do Desterro com mais de 60 anos de história, a qual ajudou a formar grandes músicos nesta região. Portanto, celebremos não apenas o homenageado desta edição, Chico Buarque de Holanda mas, também e principalmente os poetas e músicos espalhados pela cidade.

Enfim, mais uma Flibo, mais literatura, mais conhecimento e mais cultura!
Tudo isso de forma gratuita e acessível a todos os públicos.

Participe! Você é o nosso convidado.

Ao povo de Boqueirão que junto a ABES realiza essa festa literária, aos nossos patrocinadores, aos nossos colaboradores e aos nossos convidados, nosso mais sincero agradecimento por tornar esse evento possível a cada ano e também por nos ajudar a escrever um pouco da história literária da Paraíba.



¹⁴ Uma imagem, em foto ou vídeo, acompanhada ou não de texto escrito, que contenha humor e viralize (atinga muitas pessoas através da internet).

~Chico Buarque

homenageado

É um artista ímpar, o mais importante da cultura brasileira na contemporaneidade. E não é só isso: trata-se de um dos maiores artistas brasileiros de todos os tempos. É plural - e de uma qualidade extraordinária em tudo o que faz. Como compositor, dramaturgo e, mais recentemente, romancista, está entre os grandes artistas, não só do Brasil, mas do Ocidente.

~Rinaldo de Fernandes, escritor, Patrono da 8ª Filbo



~PROGRAMAÇÃO CULTURAL

~QUARTA-FEIRA, 20/09, PRAÇA DA ABES

9h MARCHA LITERÁRIA

Concentração na Praça do Bairro Novo. Percorrendo as principais ruas da cidade, com as Bandas Marciais: Francisco Almeida da Silva (Municipal); Fernando Albuquerque Silva (EEEFM CJB); Desbravadores Pastor Raimundo Nonato (Igreja Adventista); Alice Maria de Freitas (ECM) e Maria de Jesus de Brito Guimarães (EEEFM SBC), num desfile com alunos anunciando a chegada de mais uma edição da FLIBO. Dispersão na Praça da ABES.

19h ABERTURA OFICIAL

ABES, PARCEIROS, AUTORIDADES POLÍTICAS, ESCRITORES, com apresentação da Filarmônica Nossa Senhora do Desterro e Orquestra Mirim da Escola Padre Inácio

20h PALESTRA DE ABERTURA

Chico Buarque: o cancionista, o dramaturgo e o romancista, com Rinaldo de Fernandes, Patrono da 8ª Edição da FLIBO. Mediação da escritora Letícia Palmeira

21h30 GRUPO MUSICAL CARAMBOLO

~QUINTA-FEIRA, 21/09, PRAÇA DA ABES

18h ESPETÁCULO PALAVRA DE REI com a Cia Café com Pão de Teatro

19h PALESTRA: O PRESENTE COMO HISTÓRIA: NARRATIVAS DE UM TEMPO VIVIDO, com os Historiadores Flávio Carreiro de Santana, Luíza Freire e Neide Cordeiro e o lançamento do livro História: tramas do tempo, impressões do vivido.

20h BATE-PAPO SOBRE A REALIDADE DO ESCRITOR NO BRASIL com os escritores Bruno Ribeiro, Débora Gil, Pantaleão, Roberto Menezes, Johniere Alves Ribeiro e Jey Leonardo

21h Grupo Musical SONS EM DÓ - Jazz Band

22h Moisés Cosme e Banda 4life - MPB

~SEXTA-FEIRA, 22/09, PRAÇA DA ABES

19h PALESTRA: TENSÕES ENTRE BIOGRAFIAS E MÚSICA POPULAR BRASILEIRA - Chico Buarque e outros personagens do cenário musical nacional, com os escritores Bruno Gaudêncio e Cássio Cavalcante

20h PALESTRA: UTOPIA EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO: O BICENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817, com os escritores Thomas Bruno, Eduardo Côrtes e Josemir Camilo de Melo

21h TRIBUTO A CHICO BUARQUE - LARA SALES

22h30 ARI RODRIGUES E LARISSA BENEVIDES - MPB

~SÁBADO, 23/09, PRAÇA DA ABES

9h DE REPENTE, POESIA na Feira com Tiago Monteiro, poeta e declamador, Allane Cordeiro, poeta e declamadora e Poetas da ABES e POEBRAS.

19h BATE-PAPO SOBRE MÚSICA, LITERATURA E UTOPIA - AS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE E A DITADURA MILITAR NO BRASIL, com Stelio Mendes, Adelson Sousa e Toninho Borbo

20h SARAU POÉTICO-MUSICAL ÀS FLORES DE CHICO, com o Coletivo Sarau das Almas, Ponto de Cultura Cantiga de Ninar de Itabaina, PB

21h Sandra Belê - Show Voz e Sanfona

22h30 BANDA TURMALINA

'Quero brincar
no teu corpo
Feito bailarina
Que logo se alucina
Salta e te ilumina
Quando a noite vem' (Chico Buarque)

~QUINTA-FEIRA, 21/09, MANHÃ (9h-12h)

Minicurso Letras que cantam, versos que contestam: A resistência na poética de Chico Buarque e Ferreira Gullar. Público-alvo: alunos do ensino médio e público interessado. Limite: 30 pessoas. Com Fernanda Kanyne de Oliveira e Jailma da Costa Ferreira. Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

Minicurso Nestes versos eu me verso: a representação do feminino nas canções de Chico Buarque. Público-alvo: alunos do ensino médio e público interessado. Limite: 30 pessoas. Com Bruno Santos Melo, Maria Ismênia Lima e Otávia dos Santos Silva. Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

Oficina de Literatura Infantil. Público-alvo: alunos 52 ao 7º ano. Limite: 30 pessoas. Com Sandrely Costa. Local: EMEF PADRE INÁCIO

Oficina Cordel em sala de aula. Público-alvo: alunos 5º ao 7º ano. Limite: 30 pessoas. Com Daniel Francisco. Local: EMEF PADRE INÁCIO

Minicurso Palavras e imagens em livros infantis. Público-alvo: professores de educação básica. Limite: 30 pessoas. Com Marcela Lira. Local: EMEF PADRE INÁCIO

Oficina de Mangá. Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental e público interessado. Limite: 20 pessoas. Com Kaike Quadrinista. Local: EMEF PADRE INÁCIO

~QUINTA-FEIRA, 21/09, TARDE (14h-17h)

Oficina de Roteiro para cinema, com Pablo Hansmuller. Público-alvo: alunos do ensino médio e público interessado. Limite: 30 pessoas. Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

Oficina Ode aos ratos: ativismo nas músicas de Chico Buarque. Público-alvo: alunos do 9º ano, ensino médio e graduandos. Limite: 30 pessoas. Com Helton de Farias, Dayane Kelly e Layze Mariana. Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO.

Oficina de Mangá. Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental e público interessado. Limite: 20 pessoas. Com Kaike Quadrinista. Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO.

Oficina de Técnica Vocal. Público-alvo: pessoas interessadas. Limite: 20 pessoas. Com Dayane Maciel (Coral em Canto, UFCG). Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO.

-Nos intervalos das atividades nas escolas, teremos apresentações culturais

~SEXTA-FEIRA, 22/09, MANHÃ (9h-12h)

Oficina de Teatro: O ATOR DE RUA E SUAS EXTENSÕES, Cia. Café com Pão de Teatro. Público-alvo: atores, não-atores, iniciantes ou iniciados na prática de pernas de pau. Limite: 20 pessoas. Local: EMEF PADRE INÁCIO.

Oficina Uma ponte entre a proposta pedagógica inclusiva e a literatura infantil. Público-alvo: pais e professores de crianças autistas/especiais. Limite: 30 pessoas. Com Ana Paula Vieira. Local: APAE Boqueirão (Rua Nossa Sra do Desterro, em frente ao Colégio do Estado).

Minicurso Políticas públicas de água para o semiárido brasileiro: risco x sustentabilidade. Público-alvo: qualquer pessoa que tenha interesse. Com Andrea Carla Azevedo e Sérgio Símplicio. Limite: 30 pessoas. Auditório do Projeto 8 Verde (Antigo Túnel – DNOCS).

Oficina de Fotografia: fotografia, imagem e sociedade. Público-alvo: qualquer pessoa que tenha interesse. Limite: 20 pessoas. Com Franklin Alves. Local: EMEF PADRE INÁCIO.

Minicurso Leitura Oral de Poemas. Público-alvo: graduandos e pessoas interessadas. Limite: 30 pessoas. Com Helder Pinheiro. Local: EMEF PADRE INÁCIO.

Oficina Cordelendo. Com Marinalva Bezerra De Menezes Santos (Querindina) e Antonio Fernando Rocha Dos Santos (Macambira). Público-alvo: crianças que saibam ler. Limite: 15 vagas. Local: EMEF PADRE INÁCIO.

~SEXTA-FEIRA, 22/09, TARDE (14h-17h)

Minicurso Você não passa de uma mulher: representações do feminino na música contemporânea, com Amélia Jessiely Espinola. Público-alvo: alunos do ensino médio e graduandos. Limite: 30 pessoas. Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO.

Oficina A exploração animal e o despertar para o bem-estar e o direito dos animais: uma releitura do musical infantil "Os Saltimbancos" Público-alvo: alunos do 5º e 6º ano. Limite: 30 pessoas. Com Ana Paula Lacchia. Local: EMEF PADRE INÁCIO.

Oficina Cordelendo. Com Marinalva Bezerra De Menezes Santos (Querindina) e Antonio Fernando Rocha Dos Santos (Macambira). Público-alvo: crianças que saibam ler. Limite: 15 vagas. Local: EMEF PADRE INÁCIO.

~QUINTA-FEIRA, 21/09

15h Bate-papo com Efigênio Moura, escritor Paraibano, autor das obras *Çiço de Luzia*, *Êta Gota*, *Cademeta de Fiado* – EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

~SEXTA-FEIRA, 22/09

10h Palestra: A Arte de contar histórias, com Cris Leandro (Cia Pé de Baobá)

A palestra mostra a contação de histórias através da prática teatral, e tudo começa com o ato de ouvir e perceber a narração como mediação entre a leitura e a transmissão de conhecimento. Público Alvo: Educadores (pai, mãe, avós), contadores de histórias, animadores culturais, bibliotecários e interessados no tema. Local: EMEF Padre Inácio

10h Bate-papo: Escrita Criativa em sala de aula, com a professora Yolanda Silva e alunos da Escola Estadual de José Pinheiro, Camilly Miranda, Marcela Lima e Lucas Ribeiro (Projeto Jovens Blogueiros da Escola Estadual de José Pinheiro, CG). Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

15h Bate-papo: Conexão Literatura, com a escritora Ester Barroso (da Fanpage Moça, você é mais poesia que mulher) e a escritora Janaina Rico (Rico Editora e Eu Leio Brasil). Local: EEEFM CONSELHEIRO JOSÉ BRAZ DO REGO

~QUINTA-FEIRA, 21/09

8h30, Apresentação das Escolas na Praça da ABES
10h30, Apresentação do Musical da Garagem da Leitura
14h, Apresentação das Escolas na Praça da ABES
16h Contação de histórias com contos populares e o conto da escritora Mirtes Sulpino, "A Preá que engoliu um gato". Com a Cia. Pé de Baobá (Cris Leandro)

~QUINTA-FEIRA, 22/09

8h30, Apresentação das Escolas na Praça da ABES
14h, Apresentação das Escolas na Praça da ABES
16h PEÇA INFANTIL FLUCTS, inspirada na obra de Ziraldo. Com a Cia. Teatral Cordel em Canto



Fonte: Disponível em: https://issuu.com/mirteswaleska/docs/programa_o_flibo_2017 Acesso: 23 jul. 2021.

2.3.9. IX Festa Literária de Boqueirão - FLIBO (2018)

A 9ª edição da FLIBO aconteceu em 2018, teve como tema “A hora da estrela” e, como homenageada, a escritora Clarice Lispector.

IMAGENS 57 e 58: DIVULGAÇÃO IX FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2018)



Fonte: Redes sociais da Festa.

IMAGENS 59, 60 E 61: PROGRAMAÇÃO IX FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2018)

9^a FLIBO
FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO
PARAÍBA
19 a 22 DE SETEMBRO DE 2018

PROGRAMAÇÃO ABERTURA, 19 | 09, QUARTA

8h MARCHA LITERÁRIA, saída da Praça do Bairro Novo percorrendo as principais ruas da cidade até a Praça da ABES. Com Alunos e as Bandas Marciais.

ABERTURA OFICIAL, Praça da ABES

19h Apresentação da Filarmônica Nossa Senhora do Desterro. Formação da Mesa com autoridades e realizadores do evento.

20h Conferência de Abertura, MACABÉA: A MULHER QUE "SE ARRANJA" EM A HORA DA ESTRELA, com a Professora Dra. Lígia Calado – UFCC Cajazeiras.

21h Show Poético Musical "Entre Elas", com o Coletivo Sonoras, com Adília Uchôa, Lua Alves, Jéssica Melo, Vivi Stayner e a poesia da sonora Morganna Tavares.

PROGRAMAÇÃO, 20 | 09, QUINTA

MANHÃ E TARDE:
FLIBINHO (PRAÇA DA ABES) | MINICURSOS E OFICINAS NAS ESCOLAS

PRAÇA DA ABES

15h30 Bate-Papo e Lançamento de "O MENINO QUE ROUBAVA GAIOLAS", escritor e poeta Jairo César

19h POESIA NA SALA DE AULA, Bate-papo com o Professor Dr. José Hélder Pinheiro (UFCC) e o Escritor Jairo César, com mediação de Stelio Mendes, Coordenador da FLIC, Feira Literária de Campina Grande

20h PALAVRA DE REI, Com a Cia Café com Pão de Teatro

21h DAYANE MENDES E MOIZÉS BRITO

22h BANDA TURMALINA

9^a FLIBO
FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO
PARAÍBA
19 a 22 DE SETEMBRO DE 2018

PROGRAMAÇÃO, 21 | 09, SEXTA

MANHÃ E TARDE:
FLIBINHO (PRAÇA DA ABES) | MINICURSOS E OFICINAS NAS ESCOLAS

15h Cantos e Acalantos, Espetáculo Infantil, Cia. Pé de Baobá.

19h CONVERSA DE JARDIM, com os escritores Roberto Menezes e Maria Valéria Rezende, bate-papo e lançamento literário.

20h DIÁLOGOS PROSAICOS, literatura contemporânea e os rumos da produção literária na Paraíba, Cyelle Carmem, Letícia Palmeira, Bruno Ribeiro e Tiago Germano.

21h MULHERES DE CLARICE LISPECTOR, Peça Teatral com direção de Sérgio Simplicio.

21h30 Show de MPB SOCRÁTES GONÇALVES E ARI RODRIGUES

22h30 Show com a Banda CHAPÉU DE PALHA

Fonte: Redes sociais da Festa. A programação do sábado, dia 22, não teve arte unificada.

Foi neste ano que houve a mudança de nomenclatura de Feira para Festa Literária. Na primeira arte de divulgação ainda aparece a palavra Feira, o que é modificado nas artes onde aparece a programação.

Esta edição pareceu ser mais enxuta, apesar de manter a maioria das ações que tradicionalmente vinham sendo desenvolvidas, tais quais: marcha literária, FLIBO e FLIBINHO, oficinas e minicursos nas escolas e shows musicais na praça da ABES.

O "De Repente, Poesia", que era desenvolvido na Feira Municipal até 2017, não aconteceu em 2018. Mirtes Waleska, idealizadora da FLIBO, explicou que

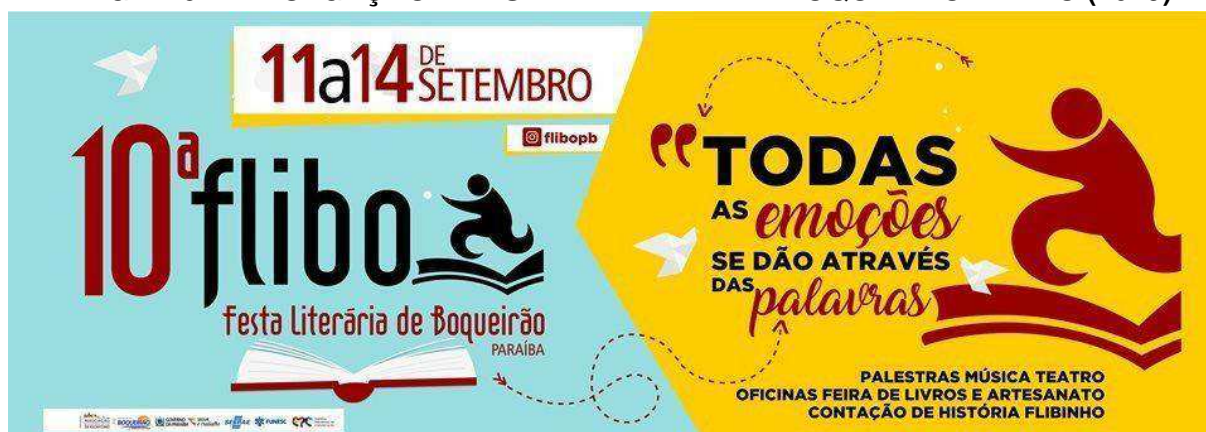
A partir da sexta edição o espaço se tornou pequeno e foi tomado por uma praça de mototaxi, mas a gente conseguiu conversar com os meninos e eles cederam o espaço pra gente trabalhar o De Repente, Poesia. [...] Quando a gente termina na praça, a gente limpa tudo. A gente chega em casa às duas da manhã. Pra no outro dia, ir pra feira arrumar tudo, isso foi ficando cansativo e nossa equipe tem ano que tá todo mundo e tem ano que saem alguns. Fica difícil dar conta de tudo. (MENDES, 2019)

Infere-se que a não ocorrência da atração foi a falta de logística e estrutura, mas a idealizadora e membro da ABES afirmou que a população não reagiu bem, sentiram falta do evento que enaltece a cultura popular (MENDES, 2019). Por isso, no ano seguinte, criou-se o Espaço Nordeste, na Praça da ABES, como veremos a seguir.

2.3.10. X Festa Literária de Boqueirão - FLIBO (2019)

A 10ª edição da FLIBO aconteceu em 2019, teve como tema “Todas as emoções se dão através das palavras” e, como homenagem, o escritor Braulio Tavares.

IMAGEM 62: DIVULGAÇÃO X FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2019)



Fonte: Pesquisa em site de busca.

QUADRO 8: PROGRAMAÇÃO X FEIRA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO - FLIBO (2019)

<p>Quarta, 11 de setembro</p> <p>8h30 Marcha Literária 19h Abertura Oficial com autoridades 19h20 Apresentação Musical: Filarmônica Nossa Senhora do Desterro 20h Palestra: Bráulio Tavares, da tradição popular à ficção científica, com Bruno Gaudêncio (Escritor) e João Matias (Escritor) 21h Música na Praça, com a Banda Sona</p> <p>Quinta, 12 de setembro</p> <p>8h30 Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escola, encerrando com a Apresentação do Grupo Contação de Rua 9h Abertura da Exposição: os 70 anos do Jornal a União (EMEF Padre Inácio) 13h30 Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas,</p>	<p>10h30 Mesa-Redonda: Da folha de caderno às páginas do livro: quais os caminhos da publicação na educação pública? com Dra. Patrícia Rosas (Professora, REVISTA TERTÚLIA/PROJETO DESENGAVETA MEU TEXTO) Dr. Luciano Nascimento (Professor, EDITOR EDUEPB) e Publisher. Linaldo Bezerra (EDITORA LEVE) (Emef Padre Inácio) 13h30 Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas 19h Bate-papo: Literatura de Viagem, Dr. Antônio Clarindo (Historiador e Escritor) e Dr. Thélío Farias (Advogado e Escritor) 20h Cia. Café com Pão de Teatro (espetáculo Griôt) 21h Música na Praça: Kaline Bertino // Buzão da Farra</p> <p>Sábado, 14 de setembro</p> <p>14h30 Espaço Nordeste</p>
--	---

<p>Apresentação das Escola, encerrando com a Apresentação do Grupo Contação de Rua 19h Bate-papo: 10 anos de Flibo, com poetas da ABES e Convidados 20h Bate-papo: Do cordel ao cinema: o Nordeste em Cena, com Hipólito Lucena (Jornalista) e Rosilene Melo (Dra. em Atropologia e pesquisadora da Literatura de Cordel), mediação Stelio Mendes (Editor e Idealizador da FLIC) 21h Música na Praça, com a Banda Baile Degraus</p> <p>Sexta, 13 de setembro</p> <p>8h30 Minha Escola na FLIBO (Praça da ABES), Apresentação das Escolas 9h30 Bate-papo: Jornalismo Cultura e Produção Literária na Paraíba, com o Jornalista André Cananéa e o Escritor Bruno Ribeiro (Emef Padre Inácio)</p>	<p>Cariri em Verso e Prosa, com os poetas Tiago Monteiro, Mirtes Sulpino e Jane Luiz Gomes Convidados: poetas Juliana Soares, Sidney Nunes, Gilberto José 16h Bate-papo literário: As palavras e emoções que conectam os Cariris e os Sertões, com os Escritores Efigênio Moura e Jurani Clementino 17h Palco Aberto para poetas declamadores com Apresentação cultural: Poeta Sidney Nunes 19h Apresentação Cultural: Companhia Raízes 19h30 Palestra de Encerramento: Todas as emoções se dão através das palavras, Mabel Amorim (Escritora) e Danielle Inô (Professora, Pesquisadora da UEPB e Escritora) 20h30 Coletivo Cordel Paraíba 21h Música na Praça: Samba Tap // Lara Amélia</p>
---	--

Em 2019, a FLIBO completou 10 anos de atividade, sem esperar que no ano seguinte uma pandemia se alastrasse pelo mundo e a impedisse de acontecer presencialmente. Ao longo do ano, celebrou-se este marco através de publicações em redes sociais e divulgações da X FLIBO e na programação houve a mesa comemorativa “10 anos de Flibo, com poetas da ABES e Convidados”. No palco principal, destacaram-se os banners de todos os homenageados ao longo da década.

Em relação à intermedialidade, como citado anteriormente, nesta edição, para celebrar a literatura de cordel e a cultura popular houve o Espaço Nordeste, que contou com a apresentação do programa de Rádio Cariri em Verso e Prosa, além de um bate-papo literário e um sarau, chamado na programação de apresentação cultural. Além de haver a mistura de linguagens artísticas, como poesia e música, é interessante apontar para a presença da mídia rádio, que apesar de não ser necessariamente artística, é uma linguagem, que foi, na oportunidade, combinada a outras linguagens, tais quais a oral e a escrita. Para o leitor ubíquo (SANTAELLA, 2014), a presença dessas diversas linguagens é natural e já faz parte de seu dia-a-dia; por outro lado, na Festa, tal inovação é um diferencial que agrega valor ao evento.

Ainda sobre a programação relacionada à literatura popular e ao cordel encontramos o bate-papo “A literatura fantástica no Nordeste brasileiro através do livro Riacho do Jerimum” sobre o livro da escritora Jadna Alana (O livro em questão não se trata de um folheto, porém, remete fortemente à literatura popular. Trata-se de uma obra voltada para o mundo do fantástico e do maravilhoso e que se passa no Nordeste Brasileiro); encontramos também o bate-papo intitulado “Do cordel ao cinema: o Nordeste em Cena”, sobre estas duas artes e a oficina “Confecção de Xilogravuras Adaptadas”, que trouxe esta arte plástica que anda lado a

lado à Literatura de Cordel. A literatura fantástica, o cinema e a xilogravura dialogam com o cordel, em uma relação de combinação de mídias, transposição midiática e referência midiática respectivamente.

Chamamos atenção também, ao fato de que ao longo da história da FLIBO, há a constância de alguns escritores na programação, tais quais, Bruno Gaudêncio, Bruno Ribeiro, Jairo César, Efigênio Moura, Braulio Tavares, Lau Siqueira, Maria Valéria Rezende, os professores Hélder Pinheiro, Danielly Inô, além das escritoras idealizadoras da Festa, Mirtes Waleska, Magda Vanuza, Jane Gomes, dentre outras, estes nomes têm ajudado a construir e consolidar a Festa Literária de Boqueirão.

CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÕES SOBRE A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO: OS SUJEITOS DESTA HISTÓRIA

“A FLIBO é o respiro cultural que a gente tem” trecho da entrevista 3.

Neste último capítulo, apresentaremos a análise dos dados obtidos através das representações obtidas em entrevistas com seis sujeitos sociais envolvidos de diversas maneiras com a FLIBO. A noção de **representação** surge com a História da Leitura, quando passa-se a focalizar o sujeito e não mais na obra ou no autor. Para Chartier (2002 *apud* Espíndula, 2017), “a representação é um conjunto de ideias, crenças e valores construídos pelos grupos sociais, que revela e propaga uma imagem sobre si mesmo e sobre o outro”.

Sabemos que essas representações não são neutras, mas as consideramos importantes justamente por serem subjetivas e possibilitarem, assim, analisar nosso objeto através do olhar de sujeitos que o vivenciaram.

A partir das entrevistas, dividimos o capítulo em seis tópicos, considerando os aspectos mais relevantes revelados pelos entrevistados: a) o surgimento da Festa Literária de Boqueirão; b) A FLIBO ocupa a cidade; c) A FLIBO e as escolas: uma relação duradoura; d) Boqueirão e suas bibliotecas: uma relação que poderia ser; e) A FLIBO e a comunidade de Boqueirão e f) A FLIBO enquanto política pública.

3.1. O surgimento da Festa Literária de Boqueirão

No capítulo anterior, traçamos a trajetória da FLIBO, por meio de suas edições. Através das entrevistas, porém, foi possível regressarmos um pouco mais na história e compreender como se deu o surgimento da Festa e detalhes sobre sua constituição.

A Festa Literária de Boqueirão surgiu em 2010, mas para que isso fosse possível, houve primeiro a criação da Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES), no ano anterior. A instituição surgiu do encontro entre Mirtes Waleska, atual coordenadora da FLIBO, com a escritora Jane Luiz Gomes. Mirtes tinha voltado a morar em Boqueirão em 2006 e já escrevia, além disso, havia sido convidada, pelo então Secretário de Cultura do município, Erasmo Rafael, a desenvolver o projeto Parede Poética, que já existia em João Pessoa, em um evento chamado Balaio Cultural, que agregava várias linguagens artísticas em Boqueirão.

A Parede Poética tinha como objetivo dar visibilidade aos escritores da cidade. A partir desta iniciativa, Erasmo convidou Mirtes a atuar na Diretoria do Livro e da Leitura, para que outras ações com foco na literatura fossem desenvolvidas na cidade. Passou a haver, a partir de então, uma mobilização entre escritores e escritoras de Boqueirão.

Em 2019, Jane Gomes propôs que os escritores passassem a se reunir para compartilhar seus escritos.

A FLIBO começou, foi um esboço, vamos dizer assim, saído dos encontros de Jane, Mirtes e alguns outros e encontros esporádicos, às vezes na rua conversando “me mostra teu texto”, “vamos botar isto”, como elas bem contam. (Entrevistado 3 à autora).

Pelo depoimento do entrevistado, percebemos que inicialmente o que havia era uma relação informal entre as escritoras. Foi então criada formalmente a Associação Boqueirãoense de Escritores. Quando isso ocorreu, os escritores associados passaram a ir a eventos representando a ABES, inclusive o Balaio Cultural, já citado.

O entrevistado 3, professor, lembra deste tempo:

Eu acompanho desde quando era balaio cultural, foi antes de começar oficialmente a FLIBO. As meninas se encontravam com outros artistas locais. Eu ia com violão, acompanhar Cledilson e Júnior em declamações. Estavam ali, Mirtes, Jane, Magna Vanuza, Marlene, que fazia encenações teatrais. Eu acompanho desde que nem era FLIBO. (Entrevistado 3 à autora).

A participação em eventos, principalmente no Balaio Cultural parecem ter sido vitrine para o movimento de escritores que surgia. No primeiro ano da ABES foi desenvolvido um Concurso Literário, que teve outras edições posteriormente. De acordo com a Entrevistada 1, através deste Concurso alguns escritores se associaram à instituição. “Eles entraram em 2009, quando nós fizemos, já como ação da ABES, um Concurso Literário e eles participaram e através dessa participação eles se associaram” (Entrevistada 1 à autora). A Entrevistada cita que faziam parte da organização, àquela época: Mirtes Waleska, Jane Luís Gomes, Magda Vanuza, Paulo da Mata, Kleber Brito, Lucia Batista, Aparecida Farias, Cleide Lima, Shirley, Gelda e Maxsuell. Sobre a aceitação da comunidade, ela cita:

Quando a gente criou a ABES, a gente teve uma grande aceitação na região, inclusive em Campina Grande, a gente começou a participar de encontros, apresentações, sempre o pessoal convidava a ABES, porque era uma novidade na cena literária um grupo de escritores no interior com esse trabalho voltado para a literatura, para a formação de leitor. Quando a gente começou a participar desses movimentos, a gente começou a ter contato com outros escritores. (Entrevistada 1 à autora)

Esta mobilização parece dar força ao movimento, à Associação. É tanto que, em 2010, surge, internamente na ABES, a ideia de organizar um Encontro de Escritores, para ampliar a troca de experiências que estava acontecendo na Associação.

À princípio, quando eu fiz o projeto para apresentar à Secretaria de Cultura, eu fiz como o I Encontro de Escritores Paraibanos, só que depois eu pensei que já teve outros encontros e tal, então para ser algo diferente, eu sempre

fui fã da FLIP, então eu pensei por que não Feira Literária e veio a ideia de fazer a FLIBO, Feira Literária de Boqueirão. (Entrevistada 1 à autora)

Desta mudança de perspectiva surge a FLIBO. A entrevistada estava à época na Diretoria do Livro e da Leitura da Prefeitura Municipal, o que pode ter facilitado este diálogo com a Secretaria de Cultura. Mas o evento já surge como iniciativa da sociedade civil, pois, segundo ela, caso o evento fosse ligado à Prefeitura, possivelmente se tornasse uma política daquele grupo, podendo acabar tão logo o grupo saísse do poder.

Uma vez que se torna uma Feira (e, posteriormente, Festa Literária), a programação passa a ser mais voltada para os leitores que para os escritores. Colocar o leitor no centro se alinha à perspectiva da História da Leitura de que é ele a peça fundamental da Leitura. Weber (2018, p. 8) concorda ao afirmar que “embora reconheça que os escritores são um aspecto constitutivo necessário da cultura literária, opto por privilegiar a perspectiva do leitor, colocando o membro da audiência antes do intérprete”.

Ao longo dos anos, como vimos no capítulo anterior, acontece ainda outra mudança no que diz respeito ao público: cada vez mais, passa-se a focalizar o público das escolas, à medida que se consolida a ideia - e o discurso - que a FLIBO tem como objetivo formar leitores.

Então a FLIBO passa desse momento de encontro de escritores para a formação de um público leitor. Então nós começamos a ter as oficinas, os minicursos, tudo isso voltado para incentivar a leitura literária. (Entrevistada 1 à autora)

Ao encontrar no público da escola o seu foco maior, a FLIBO parece encontrar sua identidade. Não é que ela seja restrita a este público, mas ele constitui muito do que a Festa hoje é e representa. Além disso, é com este foco que a FLIBO inaugura um modelo de evento literário que acaba sendo replicado em outras cidades da Paraíba, voltado ao viés educativo.

Já ouvi de tudo por incentivar feiras literárias em pequenas cidades. Muita bobagem e falta de coragem. No geral, muita viagem de quem se preocupa com coisas tipo: onde os escritores irão se hospedar numa cidade sem hotéis? Que se danem os escritores. A grande estrela das feiras é o leitor e a leitora. Quanto mais jovem, mais estrela. O escritor é apenas um parceiro, se quiser. (Postagem do Entrevistado 2 em sua rede social)

Esta percepção do Entrevistado 2 corrobora com o discurso de formação de leitores e enaltece tal característica. A presença dos escritores sem dúvidas engrandece o evento, inclusive no sentido turístico, como aconteceu com a participação de Ariano Suassuna, por exemplo, mas, podemos afirmar que o volume de ações voltadas aos leitores é muito maior que àquelas cujo foco é o escritor, como palestras e lançamentos de livros, o que pode ser justificado também pelo custo no oferecimento de tais atrações.

Ao falar do surgimento da FLIBO, um outro ponto que acreditamos merecer destaque é a representatividade feminina na organização da Festa. Ao ser indagada sobre o que lembra em relação a como a FLIBO começou, estas foram as respostas dos Entrevistados 2 e 5:

A FLIBO é uma afirmação dos movimentos de mulheres, também, pois é fundamentalmente dirigida por mulheres. São extremamente capazes. (Entrevistado 2)

As meninas se encontravam com outros artistas locais [...] (Entrevistado 3 à autora)

Eu lembro que era um grupo menor, mas as meninas eram muito empenhadas, com foco no objetivo que a longo prazo iria ser alcançado. (Entrevistada 5)

A expressão “as meninas” para designar as organizadoras da Festa foi utilizada por mais de um entrevistado, de forma afetiva, e marca a identidade feminina do evento. A ABES foi criada por mulheres e é composta, em maior parte, por mulheres, até hoje. Outros eventos literários na Paraíba também têm forte presença de mulheres em sua organização, como a Festa Literária de Piancó (FELIPI), com Branca Mesquita, e a Festa Literária de Mãe d’Água (FLIMA), com Rosana Leão (Cf. Anexo 1).

Por fim, o que também nos chama atenção na trajetória da FLIBO é a mudança de nome: de Festa para Feira, na oitava edição. A entrevistada 1, idealizadora da Feira, explica:

No começo veio Feira, porque a gente pensava em realmente ter o livro para vender, é tanto que na primeira edição a Prefeitura locou um galpão enorme com espaço para o livreiro, porque a gente achava que as pessoas iam vir para vender os livros, mas esse galpão ficou meio perdido [...] Só que aos poucos a gente foi ampliando, a música, o teatro, as apresentações culturais e decidimos mudar para a Festa, porque tem esse aspecto mesmo de Festa, a gente não comercializa nada diretamente, não é a associação que comercializa.

Percebemos, portanto, que a justificativa perpassa dois aspectos que foram discutidos neste estudo: o primeiro é o viés da Festa, que é mais cultural e educativo do que mercadológico (LINDOSO, 2013), o “galpão vazio” mostra que a população não atendia a possíveis expectativas de aquisição de livros em massa, como acontece em feiras do livro ou bienais.

A segunda é a intermedialidade, ou seja, pluralidade de mídias e linguagens, presente no evento (“música, teatro, apresentações culturais”).

3.2. A FLIBO ocupa a cidade

Além da pluralidade de linguagens, a FLIBO tem como marca os espaços nos quais acontece. Como vimos no capítulo anterior, a Festa aconteceu nos primeiros anos em

ambientes fechados, como o CEFAR - Centro de Formação Artística de Boqueirão (Clube Municipal), no Mercado Central (Feira), CRAS - Centro de Referência de Assistência Social de Boqueirão, Hitz Casa de Show, Câmara Municipal, Clube Municipal, Biblioteca Municipal. Houve ainda eventos no Açude Epitácio Pessoa (popularmente açude de Boqueirão), no município do Marinho, conhecido pelas suas atividades junto à natureza, como trilhas e acampamentos.

Nas últimas edições, houve uma centralização das atividades na Praça da ABES e nas escolas. A Entrevistada 1 nos explicou o motivo: nestes espaços, a comunidade em geral se sente mais confortável em participar.

Já aconteceu muitas vezes da gente estar entrando no clube e ter pessoas na frente perguntando “a gente pode entrar?”, então eu me deparei com isso. Por isso veio a ideia da gente ir pra praça, pois eu comecei a perceber isso, que muitas pessoas não se identificavam com aquele espaço, por ser um clube, achavam que tinham que ir muito arrumadas. Quando nós levamos pra praça, a gente sentiu essa diferença, começamos a perceber a participação de outros públicos que nós não tínhamos antes.

A centralização significou, portanto, a inclusão da sociedade de forma mais democrática e a apropriação do espaço público pela comunidade com fim literário e cultural. Esta apropriação também é percebida através da Marcha Literária, que abre a FLIBO e que é tradição desde sua segunda edição. Nela, vários estudantes junto às bandas Filarmônica e Marcial desfilam pelas ruas de Boqueirão convidando as pessoas a participarem da Festa.

IMAGEM 63: MARCHA LITERÁRIA VII FLIBO



Fonte: Acervo da FLIBO.

Outro espaço que foge dos espaços supostamente legitimados para a formação de leitores é a Feira Municipal, onde também houve atividades da FLIBO, das primeiras edições até a nona. Como vimos no capítulo anterior, o espaço acabou não comportando o evento e,

em 2019 ,não houve o “De Repente, Poesia”, atividade que era desenvolvida neste espaço. Segundo a Entrevistada 1, o público sentiu falta.

As pessoas pedem muito que a gente volte pra Feira, pois se na Praça a gente democratizou o acesso, na Feira, eu acho, que isso alargou, porque aquelas pessoas da zona rural que não podem vir na semana participar, na Feira é o local onde todo mundo se encontra. Aquilo era muito vivo, muito forte.

Percebemos que o uso que é feito da cidade é um diferencial do evento e se alinha ao conceito de Cidade Educadora visto no primeiro capítulo. Levando em consideração os dados coletados, os cidadãos aprendem NA cidade, A cidade e DA cidade.

NA cidade porque este é o contexto em que o evento acontece, tendo atividades educativas em diversos espaços da cidade. Os cidadãos também aprendem A cidade, pois muito do que é apresentado é oriundo de Boqueirão. Isto significa que a população tem acesso a escritores, cantores, artistas, professores, grupos artísticos e sociais locais.

Por fim, os boqueirãoenses aprendem DA cidade, pois a FLIBO é uma oportunidade de fazer com que a comunidade se congregate, conviva, se conheça, uma vez que, apesar de no público haver - por sua consolidação ao longo desses 10 anos - pessoas de outras cidades, a Festa ainda é feita majoritariamente para a população local. Desta forma, as pessoas de Boqueirão, de várias gerações, têm contato umas com as outras e têm a oportunidade de compartilhar experiências.

Destacamos ainda os aspectos de uma cidade educadora relativos à leitura e à literatura. A leitura e a educação são irmãs próximas. Uma cidade educadora, portanto, deve ter uma forte base na leitura. Zatt *et al* (2004) apresenta o Grupo de Trabalho (GT) de Leitura de Porto Alegre como uma das propostas do município para a implementação do projeto de cidade educadora. Dentre as ações do GT, listadas abaixo, destacamos em negrito as que, de acordo com os dados coletados, a Festa Literária de Boqueirão tem feito ou tem perspectiva de fazer.

QUADRO 7 - AÇÕES DO GT DE LEITURA DE PORTO ALEGRE PARA UMA CIDADE EDUCADORA

Criação de políticas públicas
Ações de inclusão sócio-cultural
Construção de imagem positiva da leitura
Formação de mediadores de leitura
Criação de salas de leitura, bibliotecas comunitárias e itinerantes
Promoção de saraus

Realização de atividades de animação cultural
Incentivo a leituras ao ar livre em praças públicas
Abertura de bibliotecas escolares para a comunidade

Fonte: Quadro produzido pela autora a partir do texto de Zatt et al (2004, p. 186)

Diante da constatação de que a FLIBO já tem ações voltadas para a formação de uma cidade educadora, propomos que as próximas ações da Festa levem em consideração esta realidade que, ao nosso ver, já é latente no município de Boqueirão; e que a gestão pública da cidade perceba esta potencialidade.

só se pode pensar em políticas de leitura a partir de um trabalho conjunto entre instituições da cidade - no caso, as secretarias e departamentos municipais e outras instituições não-governamentais que tenham esse compromisso, ao invés de construir projetos isolados e desvinculados de seus reais protagonistas, meros executores de propostas em que eles não se incluem verdadeiramente. para que tal aconteça, é indisponível que a leitura esteja na intencionalidade das propostas de todos esses segmentos (ZATT et al, 2004, p. 185-186)

Remetemos a citação acima diretamente à formação da ABES, Associação Boqueirãoense de Escritores, que tomou para si a responsabilidade de promover a Festa Literária de Boqueirão, evento com alto potencial educativo. Mesmo a idealizadora estando vinculada à gestão pública à época do surgimento da FLIBO, ela e os demais organizadores fizeram questão de que o evento partisse da organização popular e não do Estado, porque, como disse a Entrevistada 1, “a gestão muda...”, ou seja, poderia não dar continuidade ao projeto.

A FLIBO realmente ocupou a cidade, pendurando poemas nas árvores, como lembra o Entrevistado 2, promovendo as Marchas Literárias e até um passeio ciclístico ao redor do município e se utilizando de espaços públicos como a praça, a Feira, as escolas e até o Lajedo do Marinho, ponto turístico nas redondezas da cidade, o que tem aproximado a comunidade da Festa.

3.3. A FLIBO e as escolas: uma relação duradoura

Apesar da presença na praça, na feira, na rua, talvez o espaço mais emblemático da FLIBO seja a Escola. Como vimos no capítulo anterior, este não foi o objetivo inicial do evento, mas é uma das características que hoje mais o representa e identifica.

A Entrevistada 1 nos traz um dado interessante sobre isso. Não foi iniciativa exclusiva da FLIBO englobar as escolas; na verdade, desde a criação da ABES “houve um movimento muito interessante dos professores que começaram a trabalhar nossos (dos/as escritores/as da ABES) textos em sala de aula” (Entrevistada 1).

O engajamento dos professores, em especial o de um deles, Kleber Brito, foi citado pela Entrevistada 3:

Tem professores muito influentes, eu acredito que o mais influente em termos de literatura e enquanto professor também, um professor que marca todo mundo que passa por ele é Kleber, então Kleber sempre incentiva bastante a FLIBO, a literatura, engaja os alunos, incentiva os alunos a irem, é muito importante essa ligação. (Entrevistada 3)

Inferimos que o engajamento dos professores facilitou a entrada da FLIBO nas escolas. Um engajamento que, no caso citado, parece ser espontâneo. Não se trata apenas do desenvolvimento de projetos e iniciativas da FLIBO nas escolas, mas de um interesse por parte dos professores de envolver seus alunos com as possibilidades culturais e educativas da cidade.

O Entrevistado 4, professor, mostra seu ponto de vista: “Gosto de fazer a ponte entre sala de aula, entre o estudante, o leitor e as escritoras e o evento”. Segundo ele, a formação de público aconteceu também graças aos professores: “as escolas marcavam presença, os professores levavam os alunos, incentivavam, aos poucos, foi um trabalho de muita paciência, de grão em grão e passo a passo, os professores insistindo”.

A Entrevistada 1 conta o processo que levou a FLIBO a chegar às salas de aula ao longo dos anos:

No primeiro ano a gente teve os minicursos só para professores, porque a ideia era formar professores, então a gente tinha essa parceria com a Secretaria de Educação. Quando nós fomos para o segundo ano, a gente pensou no ensino médio e na Escola Normal, que hoje não tem mais, então nós trabalhávamos com ensino médio, professores e Escola Normal. A partir do terceiro ano, a gente percebeu a necessidade de envolver os alunos, porque a gente precisava formar esse público para ir para a FLIBO, então a escola era o espaço ideal para formar a galera para ir para a praça. [...] Então a FLIBO passa desse momento de encontro de escritores para a formação de um público leitor. Então nós começamos a ter as oficinas, os minicursos, tudo isso voltado para incentivar a leitura literária. (Entrevistada 1)

Mais uma vez percebemos a mudança de perspectiva da Festa para focalizar os alunos. Além das oficinas e minicursos citados há o projeto Minha Escola na FLIBO e outras ações como a visita de escritores da cidade às escolas. O Entrevistado 4 mostra como essas ações são importantes não apenas para os alunos, mas para a atuação profissional dos professores envolvidos.

Alguns eventos, como a contação de histórias, nos fazem aproximar o escritor do nosso estudante. É tanto que eu não levo apenas textos dos escritores locais para sala de aula, mas, à medida que leva o escritor pra falar com o estudante e falar sobre o processo de escrita vai ajudar tanto a despertar o interesse pela escrita literária, quanto também melhorar a leitura e a capacidade inclusive de escrever textos e se preparar para redações como a do ENEM. [...] Personalidades como Mirtes e Jane, a gente pega textos delas que dialogam com textos de Drummond, de Ferreira Gullar, que dialogam com cordéis, no caso de Jane. Então a gente faz esta ponte e tenta despertar o interesse a partir do escritor local. (Entrevistado 4).

A relação da FLIBO com a escola e, principalmente com o mediador de leitura tão importante, que é o professor, parece ser uma via de mão dupla. Quem visita, percebe os bons resultados que este casamento gera, como foi o caso do Entrevistado 2, poeta, que relatou: “Ano passado fui dar uma oficina em sala de aula e vi o quanto a FLIBO gera expectativas, especialmente na criançada. A FLIBO representa uma quebra na rotina extremamente benéfica para as escolas. Estimula as crianças e adolescentes”. (Entrevistado 2).

Percebendo este benefício para as escolas, os alunos, a cidade e o próprio evento, institui-se o projeto Minha Escola na FLIBO, inserido na programação infantil, a FLIBINHO. A Entrevistada 5, professora, explica como acontece o projeto: os professores fazem o planejamento das atividades que irão desenvolver até a FLIBO, estas atividades podem ou não ser relativas aos escritores propostos pela Festa (homenageados e participantes da programação). A partir do planejamento, os professores desenvolvem junto à turma uma apresentação cultural, como um recital, música, dança, peça teatral, para ser apresentada no palco cultural, na praça da ABES. Cada escola que participa recebe um troféu depois da apresentação.

Além disso, no período da FLIBO ou um mês antes, as meninas fazem visitas às escolas, levam material, livros, fazem oficinas de contação de história, traz também dicas para escritores mirins. (Entrevistada 5)

As meninas, como vimos, são as organizadoras da Festa. Elas se envolvem pessoalmente com o projeto, fazendo visitas às crianças, como mostra a foto abaixo:

IMAGEM 64: VISITA DA ESCRITORA MIRTES WALESKA (ABES) À CRECHE MUNICIPAL



Fonte: Acervo FLIBO.

Como culminância do projeto, como vimos, os alunos fazem uma apresentação na praça onde ocorre a FLIBO.

IMAGENS 65 E 66: MINHA ESCOLA NA FLIBO (2015 E 2019)



Fonte: Acervo da FLIBO.

Segundo a Entrevistada 5, os resultados oriundos do projeto são positivos.

A gente encaminha livros para as crianças lerem em casa, elas se envolvem; enviamos também atividades referentes à interpretação dos livros. Então eles se envolvem. Não só as crianças, mas também os familiares. Percebemos que é um estímulo para que as crianças enxerguem a leitura não como algo restrito, não, algo benéfico. Eles vão fazendo associações entre mundo real e literatura. (Entrevistada 4)

A presença das crianças das escolas na FLIBO também favorece o envolvimento das famílias e da sociedade em geral com o evento.

Acho que a maioria das pessoas começam a frequentar, a participar, conhecer, através das escolas. Porque como a FLIBO tem programação de dia e de noite, então de dia, as escolas levam, incentivam para que os alunos façam os minicursos e através dessa experiência as pessoas conhecem, “Ah, existe a FLIBO, a feira literária” e acaba indo a noite com os pais. Enfim, então essa união com a escola é muito importante e eu acho que é daí que se inicia esse engajamento, essa contribuição da comunidade. Os alunos, por conta das escolas. (Entrevistada 3)

Além dos resultados na formação leitora das crianças, portanto, o envolvimento das escolas passa a ser também estratégico para que a comunidade conheça e se aproprie do evento, pois a escola é uma instituição consolidada que perpassa toda a sociedade Boqueirãoense. A maior parte das famílias da cidade estão ligadas às escolas de alguma forma, sendo assim, envolver esta instância mediadora é alcançar a comunidade toda.

Como vimos no **Mapa Educativo de Boqueirão (Quadro 4)**, percebemos que Boqueirão conta com escolas públicas e privadas e que a Festa envolve ambas. Escolher uma professora de uma escola particular e um professor de escola pública foi estratégico para compreender de que forma os alunos de cada escola se envolvem com o evento. Chamou nossa atenção duas falas dos entrevistados.

A primeira, da Entrevistada 4 sobre o envolvimento das famílias de uma escola particular no Projeto Minha Escola na FLIBO:

Os pais investem em roupas, em maquiagem, investem em livros, porque querem que seus filhos sejam destaque. (Entrevistada 5)

A segunda, sobre a participação das crianças e adolescentes de uma escola pública nas ações da Festa:

Nesses anos de sala de aula, são tantos desafios que a gente enfrenta, mas eu acredito que o maior deles seja o poder aquisitivo das famílias [...] A FLIBO ajuda a superar essas dificuldades permitindo o contato das crianças e adolescentes com os livros físicos, com as contações de histórias, com as encenações, eu acho que dessa forma, nesse contato, a FLIBO tem sido diferencial na vida dos jovens leitores. (Entrevistado 4)

Os trechos mostram que a classe econômica das famílias faz com que os alunos tenham práticas diferentes na FLIBO, mas é interessante perceber que a condição econômica não inviabiliza a participação das crianças no evento, pois quando os pais não podem investir em livros, a própria FLIBO assegura o acesso a estes materiais.

Por fim, um dos relatos da Entrevistada 5, professora, nos chamou atenção, sobre a participação de uma criança com autismo.

Eu lembro bem de um caso de uma criança que tinha autismo associado a uma deficiência intelectual. Esta criança não saía da escola. Ela saía de casa e vinha pra escola, mas não gostava de participar em atividades culturalmente na sociedade. A gente começou a trabalhar com ela em uma perspectiva de quase 9 meses. Resultado: Pedro¹⁵, no dia, fez uma apresentação que surpreendeu familiares, que nos surpreendeu, que foi um marco, porque nos trouxe uma emoção muito grande, tanto da escola, como da família. (Entrevistada 5)

São muitos Pedros que podem se beneficiar do esforço conjunto entre a FLIBO e os professores. a partir das entrevistas e fotos é possível perceber que, apesar dos desafios que as escolas enfrentam no que diz respeito ao ensino de Literatura e à formação de leitores, os professores, através da FLIBO, proporcionam importantes momentos na formação, não apenas leitora, mas integral das crianças.

3.4. Boqueirão e suas bibliotecas: uma relação que poderia ser

No tópico 3.2 falamos sobre os espaços utilizados pela Festa. Um espaço importante na mediação de leitura não foi citado: a biblioteca. Segundo Petit (2008, s/p), “as bibliotecas também estão qualificadas para contribuir para uma mudança de atitude em relação à leitura”. De fato, são, por isso, nas entrevistas investigamos a relação dos sujeitos com as bibliotecas.

A primeira sobre a qual iremos falar é a Biblioteca Municipal Dr. José de Oliveira Pinto, que tem mais de 40 anos de fundação.

Alguns entrevistados relataram que utilizaram o espaço na infância, mas a maioria afirma que o acervo e a estrutura não eram ideais.

¹⁵ Nome modificado para assegurar a não identificação da criança.

A biblioteca ficava entre a casa da minha avó e a escola, então eu lembro que a gente saía da escola e já passava pela biblioteca na sexta-feira, que era para já pegar um livro para ler no final de semana. (Entrevistada 1)

Na minha infância e adolescência tinha uma biblioteca muito sucateada aqui na cidade, era a Biblioteca Municipal, tinham muitas enciclopédias, livros didáticos e algumas coleções que tinham sido doadas por um prefeito da época, com o carimbo de João Paulo Barbosa Leal. Um desses livros da biblioteca, que era O Mágico de Oz eu peguei e levei pra casa e passei uma eternidade com esse livro e depois devolvi. Peguei um livro de xadrez também. Foi pouca coisa, pois não tinha muitos livros que despertassem a curiosidade, as capas não eram bonitas, apesar de serem livros de literatura nacional, tinham umas capas feias que não atraíam. (Entrevistado 4)

Nós tínhamos uma biblioteca pública municipal, por várias vezes, eu lembro como hoje, para a gente ter acesso, a gente ia lá, fazia o agendamento, e, posteriormente, a gente poderia tanto pegar um livro emprestado, como depois fazer a devolutiva ou estudar lá. Lembro que o acervo era bem precário, não existiam livros atualizados, de literatura. Não tinha o colorido que as crianças gostam, porque as crianças começam a fazer a leitura pelas imagens. (Entrevistada 5).

Duas outras entrevistadas afirmaram que não utilizaram a Biblioteca Municipal:

Eu não ia a bibliotecas, porque Boqueirão não tem uma biblioteca. Ela tem um espaço que é chamado de biblioteca municipal, mas esse espaço não é alimentado, não tem muitos livros, então eu não ia. (Entrevistada 3)

Não existia biblioteca municipal. Assim, existia biblioteca municipal, mas só com livros de pesquisa, livros didáticos e era inviável porque era muito suja. Não dava para usar. (Entrevistada 6)

Percebemos que a visão dos entrevistados sobre a biblioteca é bastante negativa, de forma unânime. Mesmo a Entrevistada 1, que afirma ter aproveitado a biblioteca na infância, relata que atualmente que “a biblioteca fica no prédio onde funcionava o fórum eleitoral e a câmara municipal, dividindo espaços com o local para tirar documentos”, e acrescenta:

O espaço da biblioteca, que, na verdade, é um depósito de livros, não pode ser chamado de biblioteca [...] Pode-se dizer que não funciona mais [...] Não tem visitação, se você perguntar aos alunos onde é a biblioteca pública, ninguém vai saber dizer onde é, porque realmente ela não funciona como um atrativo, como um local onde as pessoas possam ir para ter acesso ao livro. (Entrevistada 1)

Chamamos atenção também ao fato de que muitos entrevistados utilizam verbos no passado ao se referirem à biblioteca, como se o espaço não existisse mais, apesar de que ele existe. A última ação de aquisição de livros de que se tem informação foi em 2012.

A Biblioteca Pública Municipal de Boqueirão recebeu do Programa Livro Popular um novo acervo de livros com cerca de 300 exemplares, de vários tipos de gêneros. O PLP – Programa do Livro Popular – foi criado pela FBN – Fundação Biblioteca Nacional – para fomentar a produção e

comercialização de livros com baixo preço. (Disponível no blog da SECULT Boqueirão)¹⁶

Além dos entrevistados citarem como problemas a estrutura e o acervo, dois deles citaram a falta de um profissional que atendesse às necessidades do público. Como vimos no primeiro capítulo, o bibliotecário é um importante mediador de leitura e pode ser decisivo na experiência de leitura de uma pessoa.

O pessoal que trabalhava lá era concursado como auxiliar de serviços gerais, não eram bibliotecárias (Entrevistada 1)

Além disso, a bibliotecária pouco sabia das histórias que tinham na biblioteca, das narrativas, dos poemas que tinham ali. Pelo menos é o que eu recordo. (Entrevistado 4).

Os relatos relacionados à Biblioteca Municipal de Boqueirão se alinham à pesquisa de Espíndula (2017, p. 38). A autora apresenta alguns dos motivos que embasam uma visão depreciativa em relação às bibliotecas públicas, como “a existência de bibliotecas que funcionam precariamente, sem livros ou instalações adequadas; bibliotecas que passam por mudanças sucessivas de um prédio a outro por não terem um local fixo que tenha sido projetado para acomodá-las”.

Para a FLIBO, a Biblioteca Municipal poderia ser uma grande aliada. Algumas atividades, como a Parede Poética, ações da ABES e do início da FLIBO foram desenvolvidas no espaço, com o propósito de reativá-la, mas, com o passar do tempo, houve apenas distanciamento entre estas duas instâncias.

A contratação de um profissional bibliotecário para o espaço, a reestruturação do ambiente e a aquisição de novos livros parecem ser ações urgentes da Prefeitura Municipal para que a Biblioteca tenha um funcionamento digno.

Outro espaço parece estar sendo desenhado para funcionar como Biblioteca, não Municipal, mas ligada à ABES, trata-se de um quiosque que fica na praça onde acontece a FLIBO. Atualmente ele guarda vários livros, mas funciona apenas como depósito. A Entrevistada 1 explica o motivo.

A nossa proposta é que ali tenha um espaço maior para a ABES, já que a prefeitura pretende ampliar, com espaço para a biblioteca, se vai ter, não sei. São planos futuros.

Segundo a entrevistada já foram feitas várias tentativas da parte da ABES, tanto para que a Biblioteca Municipal seja reativada, quanto para que a Biblioteca da ABES tenha estrutura para funcionar. Já foi feita uma petição pública com mais de 2000 assinaturas e a Associação afirma que conseguiria doar um acervo para biblioteca, sendo necessária a

¹⁶ Disponível em: <http://secultboqueiraopb.blogspot.com/2012/11/biblioteca-publica-municipal-de.html?m=1> Acesso em: 24 ago. 2020

organização do espaço, contratação ou cessão de pessoal e pagamento das despesas básicas, como energia. Porém, até hoje, não houve vontade política para tirar o projeto do papel.

Atualmente, portanto, a cidade não tem nenhuma biblioteca aberta ao público em geral, mas apresentamos a seguir duas experiências que têm suprido de alguma forma esta carência: a Biblioteca da Escola Estadual Conselheiro José Braz do Rêgo e o projeto @minibibliotecaparticular.

A Biblioteca da Escola Estadual Conselheiro José Braz do Rêgo foi citada por quatro dos seis entrevistados.

Não temos uma Biblioteca Municipal, mas na escola do estado nós temos uma biblioteca muito boa e lá os professores sempre fazem projetos de leitura e a gente percebe o quanto isso é ativo no pós FLIBO porque já é relato de Marina¹⁷, que fica lá na biblioteca, e ela faz esse registro pra gente, como no período pós FLIBO isso se intensifica, porque as pessoas buscam mais a leitura. (Entrevistada 1)

Agora, quando eu mudei de escola, que eu fui para a escola pública estadual, a José Braz do Rêgo, aí sim eu li muito, aproveitei muito aquela biblioteca, desde o primeiro ano que eu fui pra lá, no nono ano. Eu lembro do primeiro livro que eu li lá, eu acho que é a bailarina fantasma, algo deste tipo. Foi o primeiro livro que eu li no Estadual. A biblioteca de lá é muito boa, bastante rica e eu aproveitei bastante. (Entrevistada 3)

Na escola tem uma biblioteca, era chamada de sala de leitura, mas foi ampliando, chegando livros pelo PNL D e desde 2018, a bibliotecária da escola, que é professora de matemática, criou um projeto e, com a ajuda de muitos professores, recebemos doações de pessoas da comunidade e a biblioteca foi ampliando com livros mais atuais, de fantasia, do universo Harry Potter, que os meninos gostam bastante e muitos romances mais atuais foram sendo doados e a biblioteca cresceu bastante. (Entrevistado 4)

Só na escola que eu estudei no Ensino Médio é que tinha uma biblioteca e ela ainda estava sendo abastecida com livros legais. Hoje, esta escola tem livros atrativos, na minha época eram mais clássicos. Foi quando eu li os clássicos, com incentivo do meu professor. (Entrevistada 6)

Segundo os entrevistados, a Biblioteca Escolar parece ter oportunizado um contato mais significativo das crianças com os livros que a Biblioteca Municipal, o que é muito positivo, porém, apenas um grupo específico tem acesso ao espaço, os alunos e professores daquela escola.

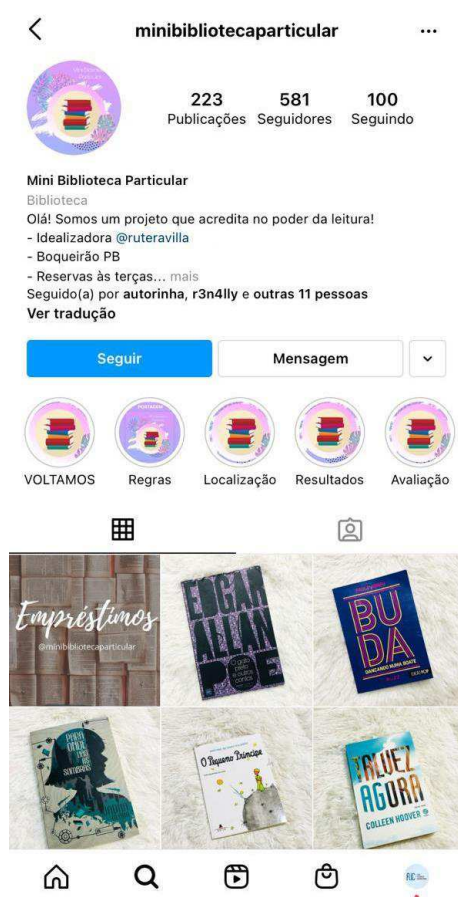
Foi justamente para atender o público em geral que foi criado o projeto @minibibliotecaparticular. Trata-se de um projeto de empréstimo de livros para a população de Boqueirão, cujo acervo é o acervo pessoal da idealizadora, a Entrevistada 6, que, segundo relatos da Entrevistada 4, já emprestava livros antes de começar o projeto.

¹⁷ Nome modificado para assegurar a não identificação da pessoa.

As pessoas que me rodeiam sempre foram muito importantes para que eu lesse. Carol¹⁸, uma outra amiga minha, que tem um projeto incrível aqui em Boqueirão, que é a @minibibliotecaparticular. Muitos dos livros que eu já li foram emprestados dela. Então, assim, ela sempre me cedeu a biblioteca dela, inclusive eu chamo ela de minha biblioteca.

Porém, o projeto, em si, só surgiu no final de 2019. Os empréstimos são feitos através da rede social Instagram. O processo é bastante simplificado: a idealizadora posta fotos dos livros disponíveis nos stories, os interessados entram em contato e pegam o livro emprestado, tendo 30 dias para devolver, com prorrogação de mais 15, caso seja necessário. No primeiro empréstimo, a idealizadora do projeto faz uma ficha com os dados da pessoa, para manter em arquivo.

IMAGEM 67: @MINIBIBLIOTECAPARTICULAR



Fonte: Captura de tela.

A ideia surgiu na X Festa Literária de Boqueirão e a idealizadora relata o momento em que pensou no projeto:

¹⁸ Nome modificado para assegurar a não identificação da pessoa.

A ideia veio na FLIBO. Uma menina estava me vendendo brigadeiro. Porque, assim, eu tenho muitos livros e muitos desses livros eu li uma vez e não vou ler mais. Fez parte de mim, da minha formação leitora, mas não me interessa mais. Uma menina estava me vendendo brigadeiro e quando ela saiu um amigo dela disse “ela estava vendendo brigadeiro, porque ela quer comprar o livro X, porque ela não tem dinheiro para comprar”. E era um livro que eu tenho, não li ainda, mas que eu tenho e que, para mim, foi fácil comprar. Quando eu percebi isso, eu fiquei pensando, eu voltei pra casa, olhei meus livros e pensei “meu Deus, tão difícil para tanta gente e para mim é fácil. Eu não precisei vender brigadeiro para comprar”. Daí eu fiquei pensando “eu vou criar uma biblioteca para a cidade”, vou fazer um teste, porque olhe o tanto de gente que quer ler e não tem dinheiro pra comprar. E aqui não tem biblioteca.

O teste foi feito com 20 pessoas, entre amigos e desconhecidos, e desde então tem crescido bastante, mesmo na maior parte do ano de 2020 não tendo acontecido por causa da pandemia. A Entrevistada 6 afirma que mais de 300 livros já foram emprestados a uma média de 50 pessoas e que a população tem se envolvido cada vez mais. Quando questionada sobre o perfil dos leitores, ela afirma que empresta livros desde crianças de 8, 9 anos a adultos, mas a maior parte do público é composta por adolescentes, principalmente mulheres e algumas são bastante assíduas.

Eu tenho leitores que pegam livro toda semana, uns 10 leitores. Eu tenho uma leitora que eu nem guardo mais a ficha dela. (Entrevistada 6)

É importante frisar que a entrevistada percebe que esta adesão ao projeto também está ligado ao movimento literário proporcionando, dentre outros processos, pela FLIBO. Segundo ela,

Antes, boa parte da nossa população não tinha interesse algum pelo meio literário. Hoje, por causa da FLIBO, algumas pessoas começaram o hábito de leitura. Eu enxergava essa mudança nos meus ex-alunos, por exemplo. Adolescentes às vezes podem ser resistentes à leitura, mas quando a semana da feira se aproximava todos ficavam animados para participar do evento e acabavam se rendendo ao mundo da literatura. Alguns até liam alguma coisa do homenageado ou da homenageada pra poder ter o que falar durante a programação. (Entrevistada 6)

O projeto @minibibliotecaparticular, bem como a Biblioteca Escolar, se mostra um grande aliado na formação leitora de Boqueirão, porém também é restrito, não em relação ao público que atende, mas ao acervo, já que se trata de um acervo pessoal. Ambos projetos são essenciais para o movimento de tornar Boqueirão a cidade “das rimas e das letras”, como propõe a FLIBO, mas um espaço público e uma política pública sistematizaria as ações de formação de leitores de forma a atingir a população em geral.

3.5. A FLIBO e a comunidade de Boqueirão

Como já foi esclarecido, esta pesquisa tem como objetivo analisar as ações oferecidas pela FLIBO e seu potencial na formação de leitores, porém, para além disso, já é possível, através das entrevistas, obter pistas de forma a observar de que forma a comunidade é atingida por essas ações. Em uma cidade de pequeno porte no interior da Paraíba não parece ter sido fácil engajar a comunidade, mas, segundo os relatos, a formação de público tem sido crescente ao longo dos anos. O entrevistado 2 afirmou “Sinto que a comunidade foi se apropriando aos poucos da FLIBO” e a entrevistada 1 relatou: “O primeiro ano da praça também foi uma negação, vale ressaltar isso, [...] Então até as pessoas se acostumarem com o movimento a gente levou uns dois anos, para ter um público satisfatório na praça”.

Formação de plateia é um processo demorado, principalmente, quando trata de atrações não massivas como palestras e mesas redondas sobre literatura. Faz sentido, portanto, que o público tenha sido formado ao longo do tempo, mesmo assim, percebemos certa frustração quando uma das organizadoras afirma que o primeiro ano foi “uma negação”.

Algumas estratégias vêm sendo utilizadas, conscientemente ou não, para atrair este público. Citaremos duas delas. A primeira é o enraizamento da Festa na cidade através das escolas, como percebemos nas falas abaixo:

[A comunidade foi se apropriando da FLIBO] Primeiro pelo seu caráter incontestavelmente cultural, pela tranquilidade com a qual o evento se realiza. Acho que a presença da FLIBO nas escolas e as movimentações realizadas no decorrer do ano aproximou definitivamente a comunidade da organização e do evento. (Entrevistado 2)

Acho que a maioria das pessoas começam a frequentar, a participar, conhecer, através das escolas. Porque como a FLIBO tem programação de dia e de noite, então de dia, as escolas levam, incentivam para que os alunos façam os minicursos e através dessa experiência as pessoas conhecem, “Ah, existe a FLIBO, a feira literária” e acaba indo a noite com os pais. Enfim, então essa união com a escola é muito importante e eu acho que é daí que se inicia esse engajamento, essa contribuição da comunidade. Os alunos, por conta das escolas. (Entrevistada 3)

Os entrevistados mostram que, em seu ponto de vista, através das escolas, as crianças passam a conhecer o evento e fazem com que as famílias se envolvam. Isto se dá porque a Escola é uma instituição fortemente consolidada que permeia toda a comunidade. Para comprovar, basta olhar para o Mapa Educativo de Boqueirão (Cf. Quadro 4) e constatar a quantidade de escolas para uma cidade de 17 mil habitantes. Trabalhar com as escolas é, portanto, uma forma de atingir a comunidade no presente, através dos alunos e suas famílias

e a longo prazo, formando um público leitor que se interesse cada vez mais em participar do evento, como afirma a Entrevistada 1.

Outra estratégia é a inclusão de atrações mais sinestésicas, como música e teatro, atrações que sejam popularmente mais aceitas pela comunidade em geral.

Tem pessoas que participam como público e tem pessoas que vão mais por conta dos shows, vão mais tarde, mas ainda assim, mesmo indo pelo show, fazem parte da programação. [...] Depois disso, eu já era apaixonada pela FLIBO, desde sempre, eu amava, principalmente por conta dos shows que tinha no final [...] A gente consome muito as coisas pelos olhos, então mesmo que uma pessoa vá pra praça onde está acontecendo a FLIBO, não esteja nem prestando atenção no que está sendo falado, nas mesas, mas a pessoa está vendo uma livraria, está vendo livros espalhados pela praça, está vendo toda aquela questão lúdica, os olhos da gente se encantam com tanta beleza. Isso faz com que você de algum modo seja cativado pela literatura, em algum lugar dentro de você, por algum autor, por alguma frase. (Entrevistada 3)

A princípio, a comunidade não se interessou bastante [...] O povo daqui gosta de festa e assim foi atraindo e a comunidade foi se envolvendo, mais pessoas foram se integrando, foram vendo, entendendo que faz parte do calendário de eventos da cidade. (Entrevistado 4)

Quem não gosta de literatura, gosta pelo menos dos shows que tem, das apresentações culturais, teatro, essas coisas. Então a cidade se envolve muito. A comunidade, mesmo sem ser a comunidade leitora, porque a FLIBO alcança muito mais que a comunidade leitora. E as pessoas que antes não liam, por toda a atração da FLIBO, por toda a montagem, porque a gente deixa a praça da ABES enfeitada, para chamar atenção. Então quem não era leitor, muita gente se converteu à literatura, nem que seja contos e poemas, que é uma leitura mais rápida. Hoje a gente vê a diferença. Eu, como professora, via que meus alunos não liam muito, mas quando ia chegando o dia da FLIBO, eles procuravam sobre os homenageados para entender. Eu ensinava artes também, então já aproveitava. (Entrevistada 6)

Percebemos que os shows acabam por agregar um público mais massivo, o que justifica inclusive a mudança já discutida do nome de Feira para Festa Literária. A intermedialidade (diálogo entre as mídias) e a variedade de linguagens artísticas mais uma vez aparecem como um ponto positivo da Festa, porém, é importante levantar uma questão: caso as atrações que se afastam da Literatura tenham destaque demasiado, o evento se descaracteriza. É importante que nos preocupemos com o relato que nos mostra que algumas pessoas “não estejam nem prestando atenção no que está sendo falado” ou que as pessoas “não gostem de literatura, mas gostem pelo menos do show”. Não que a FLIBO seja feita exclusivamente para leitores, mas não se pode esquecer que ela é feita para que se formem leitores e isto deve continuar bem definido em sua programação.

Neste sentido, destacamos também as falas que mostram que houve envolvimento e encantamento de pessoas para a leitura. Segundo as entrevistadas, isso se deu através da participação nos eventos, do conhecimento dos nomes dos homenageados e da curiosidade

em relação aos espaços utilizados pela Festa. Este acesso não garante a formação leitora do público, mas garante que este tenha a possibilidade de conhecer tais horizontes. Resgatemos aqui o conceito de democratização dos bens simbólicos relacionados à leitura, sobre o que Candido afirma:

A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos' e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (Candido 2004, p.191)

Candido mostra que o importante não é que a totalidade dos habitantes de Boqueirão se tornem leitores, mas que todos os sujeitos que se identifiquem com a literatura tenham meios de fruí-la.

Sobre isto, destacamos também as falas dos entrevistados sobre a pluralidade do público. Segundo eles, há atrações para diversos públicos-alvo o que torna o evento democrático também internamente na cidade de Boqueirão.

A FLIBO é muito importante porque dá espaço a todas as faixas etárias, [...] Ano passado (2019), por exemplo, teve uma parte dedicada ao cordel, no sábado a tarde, e as pessoas mais velhas gostam bastante, lembram de sua vida, do que já ouviram quando eram mais jovens e também teve um espaço dedicado a essas pessoas. Então a FLIBO é heterogênea, ela abraça todo mundo. (Entrevistada 3)

Apesar dos relatos de falta de público em determinados momentos da história da Festa, duas foram as atrações que, mesmo nas primeiras edições, parecem ter tido bastante sucesso nesse quesito: a participação de Ronaldo Cunha Lima, na I FLIBO, e de Ariano Suassuna, na II FLIBO.

A entrevistada 1 relatou que na I FLIBO, Ronaldo Cunha Lima foi escolhido como homenageado pelo fato de que seu aniversário era em Março. O detalhe é que, além de poeta, Ronaldo era um político bastante popular. Segundo ela, a atração “saiu um pouco do que havia sido programado”. O contexto político falou mais forte e a mesa de abertura que seria de escritores acabou sendo substituída pelo cerimonial da prefeitura por uma mesa de políticos. Se de um lado houve alvoroço da plateia, do outro houve revolta de alguns escritores que queriam fazer um manifesto contra o evento. A história é cômica e hoje é uma desarmonia distante, mas mostra os desafios que um evento cultural enfrenta, muitas vezes o fazendo fugir do seu objetivo e foco principal.

A presença de Ariano Suassuna é outro destaque e parece ser um orgulho para os moradores de Boqueirão e admiradores da FLIBO como se vê nos depoimentos abaixo.

Uma das mais importantes foi a presença de Ariano Suassuna. Mesmo que eu não tenha assistido, acho que a presença dele foi um gol de placa na história da FLIBO. (Entrevistado 2)

Mas eu lembro da terceira FLIBO, que foi quando veio Ariano Suassuna. A partir dali ela foi muito mais forte para todo mundo, inclusive para mim, eu fiquei “meu Deus, Ariano Suassuna na minha cidade, como assim?”. A partir dali eu entendi o que estava acontecendo, que tinha uma Festa Literária na minha cidade e eu tinha que participar daquilo de algum jeito. (Entrevistada 3)

(Na aula-espetáculo de Ariano Suassuna) Tinha muita gente. Foi numa casa de show, tava lotado. (Entrevistada 6)

A presença de uma figura conhecida e respeitada como Ariano enalteceu a FLIBO. O fato é que os nomes mais conhecidos e mais presentes na mídia acabam por causar essa comoção e estimular a presença do público, mas não podemos esquecer que eles são pontuais. A formação de público e o envolvimento da população precisa ir além dessas participações célebres, que, obviamente, projetam bastante o nome do evento. É necessário criar entre a população e o evento redes afetivas, que os aproximem da Festa através do interesse pela leitura. Alguns entrevistados relataram a forma como isto acontece em Boqueirão.

Então a Festa Literária tem trazido aos poucos e hoje a gente já vê isso bastante consolidado, muitos pais comprando livros para os filhos, muitos estudantes. (Entrevistada 4)

A cidade inteira hoje participa bem da FLIBO, acho que todo mundo aguarda muito a FLIBO todo ano, inclusive ano passado, quando não houve, muita gente ficou triste, porque é muito importante para a cidade. (Entrevistada 6)

As entrevistas nos mostram que a população tem se apropriado do evento, mas a apropriação do evento pela comunidade foi vista especialmente através dos relatos relacionados à disponibilidade dos entrevistados e, segundo eles, da sociedade em geral, em contribuir para o evento.

Também pessoalmente, participei de forma voluntária em diversas mesas de debates, dei oficinas em escolas, cedi direitos autorais sobre poemas para produtos vendidos na feira para arrecadação. Não foram poucas as vezes em que participei como motorista, levando atrações para a feira. Tudo isso com muita alegria, pois estar vivenciando um momento desses é um privilégio para quem tem nos livros um dos pilares da vida. Enfim, hoje posso dizer que a FLIBO faz parte da minha história e dos meus afetos mais densos. (Entrevistado 2)

Eu acho que uma forma que pessoas se engajam muito é na divulgação, as pessoas sempre compartilham bastante, também ajudam comprando bingo que às vezes a gente realiza, para poder ajudar nas questões financeiras e, hoje em dia, a gente vê bastante as pessoas querendo voluntariado, é tanto que ano passado foi estipulado um limite e quase não houve novas pessoas porque a gente, os voluntários antigos, a maioria quis continuar, então quase não tiveram novos voluntários e sempre tem pessoas procurando para ser,

então eu percebo que, cada vez mais, as pessoas querem estar ajudando. [...] A partir de 2016 eu venho sendo voluntária, já tenho 4 anos sendo voluntária, e é uma experiência ainda mais incrível você estar por dentro, nos bastidores, ajudar, cooperar para que aquilo exista. Sem palavras para o que a FLIBO significa para nós aqui de Boqueirão, que admira a cultura, que gosta de literatura. (Entrevistada 3)

Quando a organização tem algum problema, por exemplo, ela marcou com um palestrante e o palestrante de última hora disse que não vinha, ela me aciona ou pede para eu mediar uma mesa, então já virou hábito, quase toda Festa tem uma batata quente e ela sabe que eu estou sempre a disposição e ela me aciona. [...] Se é pra pegar no pesado eu estou disponível, se é pra dar uma palestra, estou disponível. (Entrevistado 4)

Eu comecei a trabalhar em uma escola em 2010, que eu era professora de informática, e a primeira vez que eles foram fazer oficinas, eu já pedi à coordenadora para levar meus alunos. Todo ano eu tentava ser voluntária e não conseguia por causa dos horários da escola, mas eu sempre participei com meus alunos. Levava para as oficinas, para os minicursos, ajudava na hora que eu podia ajudar, mesmo sem ser voluntária oficial, de noite, eu ia todas as noites, batia o ponto, chegava lá no começo e só saía quando não tinha mais nada para eu ver. [...] Mas, claro, eu sou pau pra toda obra, o que me colocar pra fazer, eu estou fazendo. (Entrevistada 6)

Nas falas, percebemos a disponibilidade dos entrevistados a contribuírem com a FLIBO através do voluntariado. Se por um lado isto demonstra o envolvimento com o evento, o que é essencial para que ele perdure, podemos apontar dificuldades de logística para a execução do evento, uma vez que é necessário contar com apoios pessoais para que as ações aconteçam.

Percebemos também que há certa informalidade na realização do evento, uma vez que “virou hábito” que uma “batata quente” aconteça. Esta relação é admissível e compreendida o quão menor e recente seja o evento; considerando que a FLIBO já completou seu décimo aniversário e é reconhecida regionalmente, cada vez mais será cobrado da organização um profissionalismo na execução de cada evento.

A vontade de ver a FLIBO acontecendo é o que a fortalece, porém, o fato de ela ser uma iniciativa da sociedade civil, sem recursos, ainda a limita, sendo o apoio do Governo muito importante. As contrapartidas para o recebimento deste apoio já existem e é sobre esta relação que discutiremos no próximo tópico.

3.6 A FLIBO enquanto política pública

Ao longo dos anos, um dos discursos sobre a FLIBO que vem sendo disseminado, tanto em documentos, quanto em entrevistas e relatos, é que a Festa se constituiu enquanto política pública. Segundo o Ministério Público, “(...) Políticas Públicas são um conjunto de ações e decisões do governo, voltadas para a solução (ou não) de problemas da sociedade

(...)”¹⁹. Mesmo que a iniciativa seja da sociedade civil ela deve ser englobada pelo poder público para que seja efetivada enquanto política pública. O Entrevistado 2, por outro lado, afirma: "Política pública, ao contrário do que alguns pensam, não se efetiva sem a participação direta da sociedade civil. Caso contrário, vira política de governo". Ou seja, ambos os lados parecem ser imprescindíveis para que a FLIBO seja instituída como política pública tanto de fato quanto de direito.

As entrevistas nos mostram a relação entre a FLIBO e a gestão pública, desde a criação daquela. Como já foi apresentado, uma das idealizadoras da Festa fazia também parte da Gestão Pública, na Diretoria do Livro e da Leitura. Desta forma, apesar de, por decisão da Associação Boqueirãoense de Escritores, a FLIBO ser uma iniciativa da instituição e não da prefeitura, houve, desde o início, uma relação com esta a ponte de, segundo a entrevistada 1, haver momentos em que “se confundia o que era poder público e o que era iniciativa da associação”. Apesar desta proximidade facilitar o diálogo com a Prefeitura, não estabelecer limites entre as duas instâncias pode causar barreiras para o evento, principalmente quando há troca de poder no âmbito municipal.

A visão dos entrevistados em relação à participação dos órgãos públicos na FLIBO não é positiva. Eles parecem concordar que a gestão pública não oferece ainda o necessário para que a Festa ocorra sem tantas dificuldades.

Um evento como a FLIBO tem muitas necessidades. [...] A gestão pública deveria ter um papel central nesse tipo de evento, mas ainda não tem. [...] O fato é que [...] político adora multidões e as feiras literárias, mesmo as de grande sucesso, no máximo lotam auditórios ou salas. (Entrevistado 2)

O problema maior é não conseguirmos fazer com que a gestão de cultura possa ser executada de forma sistêmica. Tem vários órgãos, instâncias diversas, diversas potencialidades e funções, mas com orientações muito personalistas ainda. As instituições culturais são ilhas de visitação das demandas. Por outro lado, todos sendo cobrados pelas mesmas coisas, enfim. (Entrevistado 2)

Eu acredito também que o poder público precisaria se envolver mais, pois nós sabemos que seja ONG, seja associação, ou qualquer instituição ou projeto social sem fins lucrativos demandam uma necessidade e um conjunto de dificuldades, porque não vêem que eles persistem para isto, então, necessita que o poder público se envolva. [...] o que está faltando hoje é o envolvimento do sistema público do município para poder auxiliar tipos de instrumentos, recursos. (Entrevistada 5)

Esta lacuna dificulta as ações da ABES em relação à Festa, já que como afirma a idealizadora, Entrevistada 1, não há recursos na Instituição para arcar com as despesas. Motivos para que a Gestão Pública apareça de forma mais efetiva na consolidação da FLIBO

¹⁹ Disponível em:

<http://www.mp.ce.gov.br/nespeciais/promulher/manuais/MANUAL%20DE%20POLITICAS%20P%C3%94BLICAS.pdf> Acesso em: 30 jul. 2021

parecem claros, visto os benefícios apontados neste estudo trazidos pelo evento para Boqueirão, através da programação artística e atuação nas escolas. Além dos resultados de cunho educacional e cultural, os entrevistados apontam para o potencial turístico e econômico do evento. Apesar de já termos visto que o viés mercadológico não é o principal neste evento, em todas as edições há espaço para venda de livros com a participação de livreiros de cidades vizinhas. A Entrevistada 1 comenta que um livreiro gera emprego a pelo menos três pessoas durante os dias da Festa. Além disso, os artesãos da cidade também têm a oportunidade de vender seus produtos na praça, fazendo circular a economia da cidade. Bem como, com as ações no Lajedo do Marinho, o turismo na área rural nos arredores de Boqueirão é estimulado, é o que aponta o Entrevistado 2. Ele ainda aponta para os restaurantes que acabam recebendo público nos dias da Festa mesmo sem estarem na rota do evento. Segundo o Entrevistado 4, a “semana da FLIBO movimenta toda a cidade”. Há ainda a propaganda positiva da cidade que veicula anualmente em rádios, canais de televisão e na internet, como aponta o Entrevistado 2.

Uma vez falei para um dos prefeitos de Boqueirão, não lembro qual foi, que na abertura da FLIBO Boqueirão estaria na primeira página de todos os jornais, as TVs estariam lá e a prefeitura não terá gastado nada com essa propaganda positiva. E é verdade, a FLIBO gera uma mídia espontânea impressionante. Sem dúvidas é o evento que mais projeta Boqueirão para o Nordeste e até para o Brasil. Já deixou de ser uma festa da cidade ou do Cariri. Hoje é uma referência forte para a cultura da Paraíba. Um evento consolidado que precisa muito de investimentos, mas já consegue colher o que plantou e regou em terra fértil. A FLIBO colocou Boqueirão no calendário cultural do Nordeste e do Brasil. Nada é mais importante que isso, porque isso é fruto de uma construção e uma conjugação de saberes (Entrevistado 2)

Com investimento, todo esse potencial, que além de artístico, cultural e educativo, é também turístico e econômico, tende a aumentar. Para finalizar, chamamos atenção para o comentário de um dos entrevistados sobre a cadeia produtiva do livro na cidade:

Já se faz sentir necessidade de uma livraria na cidade, um sebo ou algum equipamento semelhante que sirva para alimentar essa cadeia criativa e produtiva que está se criando e se fortalecendo. Esse é um dos legados da FLIBO na sua primeira década. Mas tem muito mais (Entrevistado 2)

Antes da conclusão desta pesquisa, de fato surgiu uma livraria na cidade de Boqueirão, empreendimento da idealizadora da FLIBO e membro da ABES. Percebemos então uma crescente na consolidação de movimentos, equipamentos e projetos relacionados a Leitura: parede poética, ABES, FLIBO, Minha Escola na FLIBO, @minibibliotecaparticular... São iniciativas que têm se solidificado ao longo dos últimos anos e que tem contribuído para o cenário educacional, cultural e, por que não dizer, social da cidade de Boqueirão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta jornada investigativa, podemos atestar o trabalho de dez anos de um grupo de escritoras, professoras e entusiastas na construção deste que é, como infere-se desta pesquisa, o maior evento literário da Paraíba. A FLIBO mostra como uma cidade de 17 mil habitantes no interior do nordeste tem acesso a novas oportunidades através de uma Festa Literária.

Retomando nossos objetivos afirmamos tê-los atingidos, pois investigamos e descrevemos como se caracterizam as ações da Festa Literária de Boqueirão em relação à formação de leitores; descrevemos as circunstâncias de criação da FLIBO, a partir das quais compreendemos como um Encontro de Leitores se transformou em um evento voltado para leitores, principalmente na formação daqueles em idade escolar; delineamos o história da Festa passando por cada uma de suas dez edições e, por fim, resgatamos memórias de sujeitos sociais envolvidos na FLIBO que forneceram informações relativas ao planejamento e execução das ações da Festa.

Entendemos ser essencial elencar nestas considerações finais alguns pontos que haviam sido discutidos na fundamentação teórica deste trabalho e foram posteriormente apontados na análise de nossos dados. O primeiro deles é como a Festa se baseia na democratização do acesso à leitura e à cultura. A gratuidade do evento e a decisão de levá-lo à praça pública são exemplos disto.

Segundo Carrascoza (2018), uma das críticas recorrentes à Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) é

O caráter 'invasivo' da FLIP em Paraty: na 'grande tenda' se desdobrava uma programação voltada unicamente para o público externo, que para lá se deslocava, sem compromisso com o patrimônio histórico da cidade. À população local, incapaz de pagar o preço dos ingressos, nada era oferecido senão o esquecimento.

Diante desta crítica à FLIP e os estudos feitos nesta pesquisa sobre a FLIBO, percebemos que a FLIP é feita para um público externo, em geral, mais privilegiado economicamente, ao contrário da FLIBO que é feita para a comunidade de Boqueirão, pois a encontra na praça, no próprio patrimônio histórico da cidade, sem cobrar ou impedir a entrada de qualquer pessoa.

Para Candido (2004, p. 186) "só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras", porém, enquanto não se atinge esta realidade são necessárias ações igualitárias para que os produtos literários circulem sem barreiras em uma sociedade desigual. A Festa Literária de Boqueirão é um exemplo destas ações. "Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas, de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis

e fazer chegar ao povo os produtos eruditos” (CANDIDO, 2004, p. 188). De fato, a FLIBO promove este acesso, mas não apenas de produtos eruditos. As programações das dez edições trazem diversas faces da Literatura, desde aquelas consideradas mais eruditas às mais populares.

Diversos livros, gêneros e textos também são levados pelos professores para sala de aula. A preocupação com a formação leitora nas escolas, junto aos alunos, mostra que o evento, muito mais que um caráter mercadológico, que não deve ser desmerecido e deve ser ampliado, se caracteriza como um evento cultural e educativo, inspirando os demais eventos literários da Paraíba a seguirem o mesmo caminho. Os professores são peças fundamentais neste processo, pois vimos que eles foram impulsionadores do mesmo e têm ainda hoje autonomia para trabalhar da forma que querem os temas propostos pela FLIBO ou outros temas relacionados à literatura. A FLIBO não transformou os professores em mediadores de leitura, eles já os eram, o que a Festa fez foi associar-se a eles e oportunizar um espaço para que eles, junto a seus alunos, apresentem o que foi trabalhado para a comunidade, bem como aproximar os escritores locais das escolas, levando-os para conhecer as crianças.

Este trabalho significativo da literatura na escola, vai além da perspectiva historiográfica, instrutiva e pedagogizante que vem sendo criticada há anos, conforme apontamos no primeiro capítulo, no tópico sobre instâncias mediadoras de leitura. Horelou-Lafarge e Serge (2010, p. 73) se indaga: “Bastará o aprendizado escolar, que ainda é determinante, para que a criança se torne um leitor?”. De fato, não basta, por isso os professores de Boqueirão alargam as possibilidades do aprendizado escolar fazendo com que as vivências sejam múltiplas e aconteçam também fora das paredes das salas de aulas. É possivelmente por isso que os resultados relacionados à formação de leitores, como nos mostram os depoimentos de professores e ex-alunos entrevistados nesta pesquisa, parecem ser positivos, contrapondo-se a “uma análise de entrevistas feitas com leitores adultos (MAUGER, FOSSÉ-POLIAK, PUDAL, 1999) [que] mostra que o gosto pela leitura raramente lhes veio da escola” (HORELOU-LAFARGE; SERGE, 2010, p.84). Em Boqueirão, a escola parece ter sido a porta de entrada para a leitura e para a Festa Literária de Boqueirão na vida de muitos alunos e este feito é mérito dos professores que têm quebrado o sistema pedagogizante do ensino de literatura e apresentado a leitura para seus alunos como objeto de fruição e interesse.

As outras atrações da Festa também têm mérito quanto a isto, uma vez que sabemos que é “importante que existam lugares diferenciados: de um lado a escola, de outro as bibliotecas, de preferência extra escolas, que deixem lugar para o segredo, para a livre escolha e sejam propícias para descobertas singulares” (PETIT, 2013, p. 23). A FLIBO proporciona estas descobertas singulares, uma vez que as práticas de leitura proporcionadas pelas ações do evento são múltiplas, indo da leitura individual ao compartilhamento de uma

leitura coletiva, performática e ubíqua. Podemos dizer que os eventos literários, em especial a FLIBO, trazem o melhor de dois mundos: permitem o acesso à perspectiva coletiva da leitura, à medida que há declamações, saraus, discussões sobre livros etc, mas, por outro lado, estimula a autonomia do leitor, através de debates, palestras e mesas redondas, que focalizam desenvolver a criticidade do leitor, fazendo valer a estética da recepção, que tem como foco o diálogo entre leitor e texto.

Para Horelou-Lafarge e Serge (2010, p. 123), “o leitor muda e renova suas leituras ao sabor de suas experiências, abandona ou retorna à prática da leitura, modifica suas escolhas”, é isto que a Festa proporciona anualmente, o contato com novos escritores, outros leitores e uma gama de textos e livros. A mediação destas experiências é feita no evento através de vários mediadores, desde os escritores, que são colocados em contato direto com seus leitores, aos professores, que, como vimos, são figuras centrais no desenvolvimento do evento, atuando como verdadeiros parceiros.

A sala de aula, porém, não é o único espaço onde a FLIBO atua na formação de leitores. A praça municipal, como já foi citada, acolhe a programação artística, cultural e literária e a entrega à comunidade. Além disso, na Marcha Literária, a FLIBO vai às ruas, ocupando na cidade o que a configura como tal. Estando na praça e nas ruas, a FLIBO vai ao encontro da população em seus espaços mais democráticos, sem distinções ou preconceitos. São características que podem indicar pilares, mesmo que tímidos, de uma cidade educadora, em que a educação e, neste caso específico, a formação leitora, está ao redor da cidade e não em muros fechados, afinal, “tendo em vista as mudanças do modo de vida, a leitura deixou de ser reservada a lugares específicos e pode ser feita a todo momento” (HORELOU-LAFARGE; SERGE, 2010, p.137), além disso, as experiências de leitura não se restringem hoje à leitura individual do livro, mas a discussão sobre o tema, compartilhamento de vivências e até leitura/declamação coletiva.

Na análise das programações, apontamos como as ações da FLIBO são intermediárias, envolvendo vários formatos, temáticas e linguagens. A intermedialidade dialoga com a diversidade das práticas de leituras que caracterizam o mundo contemporâneo, à medida que oferecem ao público da FLIBO o acesso a atrações variadas e a discussões que relacionam a literatura a outras artes. Afinal, “a mudança dos suportes de leitura significa uma mudança nos modos de praticá-la, nas maneiras de apropriar-se dos conteúdos” (HORELOU-LAFARGE; SERGE, 2010, p.99). Atualmente, os leitores, que vivem em mundo midiático, não são mais lineares, têm acesso a diversas leituras, sejam elas em livros físicos ou suportes variados.

Para além da intermedialidade, por outro lado, algumas atrações, principalmente shows musicais, parecem ser incluídos na programação para agregar um público mais robusto, que não necessariamente participaria de atrações que têm um teor mais formativo. Esta estratégia

nos parece válida para agregar a população que não é leitora a visitar os espaços da feira. Uma vez que a intenção, descrita nas programações e sites do evento, é formar leitores, é necessário que pessoas que não tenham prática de leitura participem das ações e não apenas aquelas pessoas que já têm a leitura como prática frequente.

Sobre isto, as representações dos atores sociais que fazem a FLIBO comprovam o impacto deste evento na vida dos habitantes de Boqueirão e nos mostram uma face mais real de um evento que é exitoso, mas que enfrenta desafios no engajamento da comunidade e no diálogo com órgãos públicos e grupos políticos.

Outro ponto que merece destaque nestas considerações é o protagonismo feminino, à medida que percebe-se que a FLIBO é, sobretudo, um movimento de mulheres, desde sua criação até os dias atuais. As mulheres, às quais foi impedido, dentre vários direitos, o de ler e se apropriar de suas leituras, têm papel fundamental, comprovado por diversos teóricos, na leitura e na formação leitora. Se em outros tempos, “reservava-se aos homens a leitura de jornais dos quais, às vezes, liam trechos à mulher censurando as passagens que esta não precisava conhecer” (HORELOU-LAFARGE; SERGE, 2010, p. 55), atualmente há uma feminização dos iniciadores de livro, segundo Petit (2013, p. 53). Segundo Singly (1993), “Estudos mostram que os grandes leitores frequentemente tiveram uma mãe que lhes contava histórias desde seus primeiros anos” (SINGLY, 1993). Horelou-Lefarge e Serge (2010, p. 114) afirma que “são as mulheres também, graças a seu papel tradicional de educadoras que [...] desempenham papel decisivo na transmissão cultural” e Petit (2013, p. 36) sugere que “tenhamos consciência de que esses iniciadores de livros são em muitos casos mulheres, a tal ponto que alguns se perguntaram se o futuro dos livros dependeria do futuro das mulheres” (PETIT, 2013, p. 36). De fato, em Boqueirão a FLIBO resiste por causa do trabalho de mulheres que contam com o apoio da população em geral.

Sentimo-nos honrados em contar a história deste evento e de apontar aquilo que pode ser utilizado para engrandecer ainda mais o evento. Assim que esta pesquisa se iniciou, a Pandemia de COVID-19 começou e significou uma estagnação para os eventos literários da Paraíba. Apesar de desde o início termos como período de pesquisa os anos de 2010 a 2019, acompanhamos a dificuldade de tais eventos, inclusive da FLIBO, em manter seus trabalhos. Em 2020, a FLIBO aconteceu virtualmente, com pouca participação das escolas, em especial as públicas, que têm enfrentado diversas barreiras para conectar-se, em todos os sentidos do termo, aos seus alunos. Em 2021, com a pandemia ainda vigente, a Festa ainda não divulgou se acontecerá este ano. Esperamos que em breve tudo possa se restabelecer, que a FLIBO dê continuidade a história relatada nesta pesquisa e que as 21 festas, feiras e festivais literários da Paraíba ressurgam com mais força.

Com o olhar para frente, pretendemos dar continuidade a esta pesquisa buscando respostas para perguntas que surgiram a partir daqui. Quando iniciamos este estudo,

tínhamos como pretensão não apenas contar a história da Feira, mas averiguar a formação de leitores a partir dela. Ao longo do estudo, percebemos que teríamos que optar por um objetivo geral, qual foi descrever as ações da Festa ao longo de seus 10 anos, mantendo o foco de compreender de que forma estas ações se relacionam à formação leitora. De fato pudemos fazer isto, mas a partir do que foi feito, nos indagamos: quem são os leitores formados pela FLIBO? Onde estão os alunos que participaram dos projetos da Festa nos últimos dez anos? Quais são suas representações da Festa? Para responder estas perguntas precisamos contatar estes sujeitos e torná-los protagonistas das próximas etapas desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *Máquina Performática: a literatura no campo experimental*. Trad. Gênese de Andrade, Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- AMARILHA, Marly. **Educação para a sensibilidade**: a leitura multimodal do poema e do livro de poesia para a infância. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4005>. (Revista Educação em Questão, Natal, v.41. n. 27, p. 139-163, jul/dez.2011).
- APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BARTHES, Roland. **Lição**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BESNOSIK, Maria Helena. Experiências de leitura: o lugar da literatura. In.: LIMA, E. GONÇALVES, L. CORDEIRO, V. (orgs.). **Leitura e literatura do centro às margens**: entre vozes, livros e redes. Campinas: Pontes, 2016.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera. **A formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BOSI, Alfredo. A Interpretação do Texto Literário. In: _____. **Céu, Inferno**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- BRADA, Analía. RÍOS, Guillermo. Argumentos e estratégias para a construção da cidade educadora. In.: GADOTTI, Moacir. PADILHA, Paulo. CABEZUDO, Alicia. (orgs.). **Cidade Educadora**: princípios e experiências. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire: Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.
- BRASIL. **Indicador do alfabetismo funcional**. Ação Educativa e Instituto Paulo Montenegro, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CABEZUDO, Alicia. Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais. In.: GADOTTI, Moacir. PADILHA, Paulo. CABEZUDO, Alicia. (orgs.). **Cidade Educadora**: princípios e experiências. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire: Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. São Paulo: Autêntica, 2009.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In.: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- CARRASCOZA, Antonio. Operação Flipinha. Encontro do sonhador e do cientista em terra firme. 2018.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. 2 v.
- CHARTIER, Roger. CAVALLLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora Unesp, 1999a.

_____, Roger (org.). **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001

CIDADES EDUCADORAS. Carta das Cidades Educadoras. Declaração de Barcelona, 1990. Disponível em: <https://cidadeseducadoras.org.br/wp-content/uploads/2016/06/carta-cidades-educadoras-barcelona.pdf> Acesso em: 21 abr. 2020

COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler e ensinar a compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros.** São Paulo: Global, 2007.

DEMENECK, Ben-Hur. Festival de feiras. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=791> Acesso em: 07 jun. 2021

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro, 2016.

_____, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro/Itaú Cultural, 2020.

FERNANDES, Frederico. **Festivais Literários Brasileiros: redes afetivas e sistema literário.** 2019.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva; CAVEDON, Neusa Rolita. **"Livros em festa" : a cultura organizacional da Feira do Livro de Porto Alegre.** 2006. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_a36050a094676f9997a2b733f9b9cf98 Acesso em: 14 mar. 2020.

FERREIRA, Jailma. OLIVEIRA, Fernanda. NEVES, Ana Lúcia. **Poesia e sala de aula: estratégias de leitura.** Anais II CONBRALE - Congresso Brasileiro sobre Letramentos e Dificuldades de Aprendizagem. 2018. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbrale/trabalhos/TRABALHO_EV080_MD1_SA3_ID385_27062017150233.pdf Acesso em: 20 mar. 2020

FONTELLES *et al.* Metodologia da Pesquisa Científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf Acesso em: 01 dez. 2020

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf Acesso em: 01 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

GALVANI, Walter. **A feira da gente**: Feira do Livro de Porto Alegre 50 anos. Porto Alegre: Câmara Rio Grandense do Livro, 2004.

GARCIA, Jorge. BRASILEIRO, Dilma. **Contribuições das Atividades Culturais do Cariri Paraibano para o Desenvolvimento Regional**. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/25810456/GT_5_TURISMO_CULTURA_E_DESENVOLVIMENTO_REGIONAL_Contribui%C3%A7%C3%B5es_das_Atividades_Culturais_do_Cariri_Paraiba_no_para_o_Developolvimento_Regional_1 Acesso em: 14 mar. 2020.

GARCIA, Jorge. **Desenvolvimento regional e cultura**: organização e impactos das manifestações culturais do Cariri Paraibano. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós Graduação, 2014.

GAUDENCIO, Bruno. LUIZ, Janailson. NETO, João Matias. Dias ainda melhores virão. In.: _____. **Revista Blecaute**: uma revista de Literatura e Artes, ano. 3, n. 8 (mar. 2010) – Campina Grande, 2011.

GAUDENCIO, Bruno. LUIZ, Janailson. NETO, João Matias. As feiras, os feirantes e os forado-eixo. In.: _____. **Revista Blecaute**: uma revista de Literatura e Artes, ano. 2. n. 5. (abr. 2010) Campina Grande, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Linaldo. **FLIBO**: uma década levando literatura ao cariri. Revista Correio das Artes. n. 6. Agosto. 2019. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/2019/correio-das-artes-agosto-final.pdf> Acesso em: 22 jul. 2021.

HORELOU-LAFARGE, Chantal. SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

HOLLANDA, Heloísa. Práticas de leitura periféricas: experiências literárias e políticas. In.: LIMA, E. GONÇALVES, L. CORDEIRO, V. (orgs.). **Leitura e literatura do centro às margens**: entre vozes, livros e redes. Campinas: Pontes, 2016.

ESPÍNDULA, Danielly Vieira. **Biblioteca Pública Municipal de Campina Grande-PB**: histórias, leitores e leituras. 2015. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36)

LINDOSO, Felipe. **Feiras de livros, indústria editorial, fomento à leitura e profissionalização de autores**. Itaú Cultural. 2013. Disponível em: https://conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Felipe-Lindoso_Feiras-de-Livros.pdf Acesso em: 07 jul. 2020.

MACIEL, Severina. **A literatura de cordel: arte de essência criativa e lúdica, formando leitores e integrando cidadãos**. Anais VI ENLIJE - Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino. 2017. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV063_MD1_SA9_ID_1100_24072016120233.pdf Acesso em: 20 mar. 2020.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MASSOLA, Gisele; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Educação e Mídia na Cultura Sul-Rio-Grandense**: um estudo sobre a Feira do Livro de Porto Alegre. 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_414731d405a78b011864c368b9689866 Acesso em: 14 mar. 2020.

MENDES, Iasmin. **A presença do cordel na 10ª Festa Literária de Boqueirão (FLIBO)**. SELIMEL- Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna, Estrangeira e de Literaturas. A presença do cordel na 10ª Festa Literária de Boqueirão (FLIBO). 2019.

OBSERVATÓRIO PNE. Disponível em: <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/5-alfabetizacao/indicadores> Acesso em 04 out. 2019.

OLIVEIRA, Eliana. O jogo do texto no ensino de literatura: por uma metodologia performática. In.: CARVALHO, Aluska Silva et alli (org). **Literatura e outras artes**: interfaces, reflexões e diálogos com o ensino. Campina Grande: EDUEFG, 2018.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **A arte de ler** ou como resistir. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Ed. 34, 2013.

PREFEITURA DE BOQUEIRÃO. Disponível em: <https://www.boqueirao.pb.gov.br> Acesso em: 04 out. 2019.

ROHRIG, Adriana. BULAMARQUE, Fabiane. Jornadinhas Nacionais de Literatura de Passo Fundo formando leitores: em foco a 4ª Jornadinha. Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2009 Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/871/1/2008AdrianaRohrig.pdf> Acesso em: 08 out. 2019.

RAJEWSKY, Irina. Intermidialidade, intertextualidade e “remediação”. In.: DINIZ, Thaís (org). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RÖSING, Tania. **Mundo da leitura**: 20 anos formando leitores. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2017. Disponível em: http://editora.upf.br/images/MundoDaLeitura/PDF/20_anos_mundo_da_leitura_2017.pdf Acesso em: 15 jun. 2020.

ROUXEL, Annie. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. PINHEIRO, Hélder (org.). **Memórias da Borborema**: Discutindo a Literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação**. 2014. Disponível em: https://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf Acesso em: 15 jul. 2020

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Yolanda. **Da leitura e produção textual à escrita criativa literária em sala de aula**. Anais VII ENLIJE - Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino. 2018.

Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV120_MD1_SA2_ID_20_11052018214555.pdf Acesso em: 20 mar. 2020

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

SOUSA, Maria Ester. As Feiras Literárias, o livro e o leitor: “plumas emaranhadas”. In.: INÔ, Danielly; XAVIER, Samelly. **Revista Leia Escola**. v. 19, Número Especial FLIC. 2019.

SOUZA, Renata; SILVA, Gabriele; MOURA, Beatriz. **Formação do leitor literário**: a importância do professor mediador. XII Jogo do Livro e II Seminário Internacional Latino Americano. 2017.

TARGINO, Gabriela; CRUZ, Fernando Manuel Rocha da. **A relevância dos eventos culturais para a economia criativa**: pesquisa qualitativa na Praia da Pipa, Tibau do Sul/RN. 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_274dec08a0c0d0f63c4bb76f3ebbd46b Acesso em: 14 mar. 2020

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Suzana. **O que se festeja nas festas literárias?** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932> Acesso em: 07 jun. 2021.

WEBER, Millicent. **Literary Festivals and Contemporary Book Culture** (New Directions in Book History). London: Palgrave Macmillan, 2018. 272 pp.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZATT *et al.* A leitura no compasso das Cidades Educadoras. In.: TOLEDO, Leslie; FLORES, Maria Luiza; CONZATTI, Mari. (orgs.) **Cidade Educadora**: A experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Cidades Educadoras América Latina, 2004. Coleção Cidades Educadoras.

ANEXO I - QUADRO DE FEIRAS, FESTAS E FESTIVAIS LITERÁRIOS DA PARAÍBA

Nome	Cidade	Organizadores	1ª ed.
FELIS Festa Literária de Sapé	Sapé	Jairo Cézar	2019
FLIR Festa Literária de Remígio	Remígio	Secretaria de Educação e escolas públicas e particulares	2019
FLIBARRA Festival Literário de Barra de São Miguel	Barra de São Miguel	Secretaria de Educação Coordenação: Sanção Lins	2014
FLIFOGO Feira Literária de Pedras de Fogo	Pedras de Fogo	Curadoria: Wander Shirukaya Organização: Alisson Quirino, Wander Shirukaya, Jairo Alves e equipe da Secretaria de Cultura, Turismo e Desportos	2018
FELIB Festa Literária de Belém	Belém	Instituto Portal das Cores Márcia Regina Gildenete Pereira Teresa Cristina	2019
FLIES Festa Literária de Esperança	Esperança	<i>Não informado</i>	<i>N/I</i>
FLIMON Festa Literária de Monteiro	Monteiro	Ary Prata Irenilda Celestino Suetônio	2018
FLIQ Feira Literária de Queimadas	Queimadas	Prefeitura Municipal de Queimadas e Secretaria de Educação	2019
FLIZIA Festa Literária de Santa Luzia	Santa Luzia	Saturno	2019
FLIBO Festa Literária de Boqueirão	Boqueirão	ABES - Associação Boqueirãoense de Escritores Coordenação: Mirtes Waleska	2010
FELITA Feira Literária de Itabaiana	Itabaiana	ONG SARVAP - Sociedade Amigos da Rainha do Vale da Paraíba	2017
FLIMA Festa Literária de Mãe D'Água	Mãe d'Água	Rosana Leão Alexandre Lucena Shirley Monteiro Milton Davi	2018
FELIV Feira Literária de Várzea	Várzea	Secretaria Municipal de Cultura	2019
MALU Movimento Artístico e Literário de Umbuzeiro	Umbuzeiro	Lucy Duarte - Secretária de Educação	2018
FLIPOCINHOS Feira Literária de Pocinhos	Pocinhos	Tiago Monteiro	2018

FLIC Feira Literária de Campina Grande	Campina Grande	Iasmin Mendes Carla Teíde Stellio Mendes	2018
FLICA Festa Literária de Cajazeiras	Cajazeiras	GAEL - Grupo de estudos e Literatura, da UFCG/Cajazeiras, coordenado por Lúgia Calado.	2019
FELIPI Festa Literária de Piancó	Piancó	Branca Claudino Mesquita Educandário Américo Mesquita - Piancó PB Grupo Expoente - Curitiba PR	2017
FLIBananeiras Festival Literário de Bananeiras	Bananeiras	Prefeitura Municipal de Bananeiras	2019
FL Areia Feira Literária de Areia	Areia	Prefeitura Municipal e IFPB Campus de Areia.	2019
FLIREDE Festa Literária da Rede Estadual de Ensino	-	Rede Estadual do Ensino - Governo do Estado, através da Secretaria de Educação	2019

ANEXO II - PARECER PLATAFORMA BRASIL (1/3)

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO (FLIBO) E A FORMAÇÃO DE LEITORES: TRAÇANDO CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE LEITORA

Pesquisador: IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 30490120.0.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.035.039

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em nível de mestrado que nas palavras da pesquisadora: " busca estudar a Festa Literária pioneira na Paraíba, que completou 10 edições em 2019: a Festa Literária de Boqueirão (FLIBO)".

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

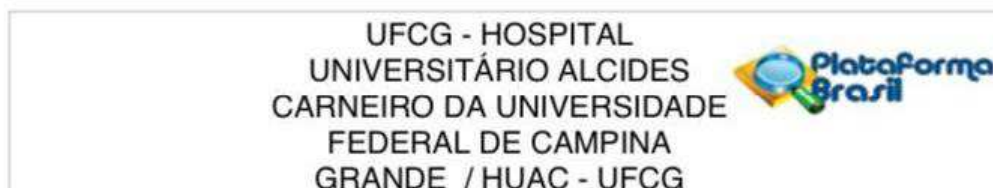
Analisar a contribuição da Festa Literária de Boqueirão (FLIBO) para a formação de leitores literários entre 2010 e 2020.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (a) Delinear o histórico da Festa Literária de Boqueirão, a partir de documentos e arquivos dos últimos 10 anos;
- (b) Identificar a configuração dos espaços e a composição da programação da FLIBO em suas 10 edições;
- (c) Investigar memórias de leitores sobre suas vivências na FLIBO.

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO II - PARECER PLATAFORMA BRASIL (2/3)



Continuação do Parecer: 4.035.039

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, pode haver "Exposição e constrangimento dos entrevistados"

Como forma de minimizar esses riscos, "as entrevistas semi estruturadas serão feitas com foco na formação de leitores e não em questões burocráticas/financeiras da Festa.

A pesquisa contribuirá no registro documental de um evento que acontece há 10 anos no interior na Paraíba, bem como servirá de base para as outras feiras, festas e festivais literários que têm surgido no estado nos últimos anos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma investigação que está situada no campo dos estudos da formação de leitores literários e se justifica pelo seu impacto social em uma cidade do interior da Paraíba e por trazer para a academia, a discussão sobre a importância de feiras literárias na formação de leitores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram apresentados, a saber:

Formulário de Informações básicas do Projeto (FIBP)

Folha de Rosto

Projeto Completo

Termo de compromisso dos pesquisadores

Termo de divulgação dos resultados

Termo de anuência do serviço onde a pesquisa será realizada

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Recomendações:

Que a pesquisadora deixe mais evidentes os benefícios da pesquisa para os participantes;

Recomenda-se uma revisão de língua portuguesa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

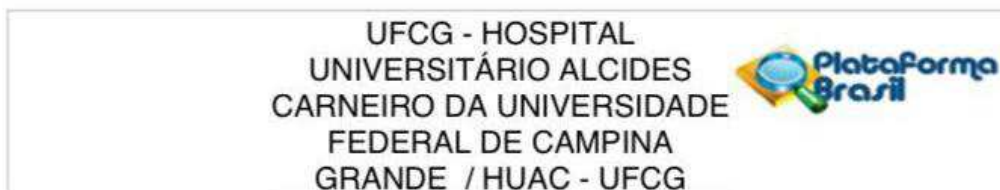
Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO II - PARECER PLATAFORMA BRASIL (3/3)



Continuação do Parecer: 4.035.039

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1507540.pdf	03/04/2020 09:21:25		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	03/04/2020 09:20:23	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_DE_COLETA.pdf	03/04/2020 08:30:30	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	19/03/2020 14:51:57	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	19/03/2020 14:48:23	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_DE_DIVULGACAO.pdf	19/03/2020 14:24:49	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	19/03/2020 14:20:27	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_DOS_PESQUISADORES.pdf	19/03/2020 14:19:40	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	19/03/2020 14:09:31	IASMIN ARAUJO BANDEIRA MENDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 19 de Maio de 2020

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO III - ENTREVISTA 1

1. Gostaríamos de conhecer um pouco de sua história enquanto leitora. Como se deu sua formação? Quem mais incentivou você?

Vou começar pelo incentivo, acho que a maior incentivadora que eu tive foi a minha mãe, também pelo fato dela ser professora e ter sempre esse contato com o livro, mesmo o livro sendo na época um produto que não era tão acessível, porém, os professores compravam aquelas coleções de literatura infantil e era dessa forma que eu tinha acesso ao livro enquanto criança. Posteriormente, através da biblioteca pública municipal, porque eu sempre oscilava, ora eu ia morar em Campina com a minha mãe, ora eu vinha pra Boqueirão morar com minha avó. A princípio, eu tive esse incentivo que recebi da minha mãe e depois quando eu vim estudar, a biblioteca ficava entre a casa da minha avó e a escola, então eu lembro que a gente saía da escola e já passava pela biblioteca na sexta-feira que era para já pegar um livro para ler no final de semana. Então era um grupo de amigas e a gente sempre fazia isso. Hoje a gente não tem mais a biblioteca, inclusive é uma luta nossa da Associação justamente a reativação, porque no prédio da biblioteca começou a se colocar outros órgãos públicos e eles acabaram tomando espaço da biblioteca, então eu digo que ela não existe porque ela ficou restrita a um quatinho e tem lá alguns livros e eu acho que ela só existe pra manter os funcionários. Não tem visitação, se voc e perguntar aos alunos onde é a biblioteca pública, ninguém vai saber dizer onde é, porque realmente ela não funciona como um atrativo, como um local onde as pessoas possam ir para ter acesso ao livro.

Na verdade, o espaço destinado à biblioteca fica no prédio público onde funcionava o fórum eleitoral e a c mara municipal. S  que foi construído um prédio próprio para o fórum e eu fiquei com a esperança que eles ampliassem a biblioteca, até eu fiz essa solicita o ao Secretário de Educa o e eles disseram que estava nos planos de ampliar e reformar a biblioteca. Aí pegaram a sala onde era a biblioteca, eles dividiram e colocaram o local para tirar documentos, Identidade e Carteira de Trabalho e resumiram ao espaço biblioteca, que na verdade é um depósito de livros, não pode ser chamado de biblioteca, então pode-se dizer que nem funciona mais. O pessoal que trabalhava l  era concursado como auxiliar de serviços gerais, não eram bibliotecárias.

Essa biblioteca tem uma história muito importante, ela tem mais de 40 anos de funda o. Tinha um documento l  na parede, do MEC, reconhecendo. Até, na época, era Ministério da Educa o e Cultura. Essa biblioteca - não lembro, mas tem esse documento l , na época eu fiz até uma pesquisa - o nome dela   Dr. José de Oliveira Pinto, mas ninguém sabe quem foi esse homem. Acredita-se que esse Dr. era porque era uma pessoa importante na cidade, mas não chegava de fato a ser um Dr. Possivelmente era um advogado. Não sei dizer com precisão.

Eu lembro que o último trabalho que nós fizemos l  foi em 2012. Havia a Secretaria de Cultura em Boqueirão, havia a Diretoria do Livro e da Leitura, da qual eu fazia parte, eu ficava à frente desta diretoria, e nós participamos de um edital da biblioteca nacional e conseguimos cerca de 700 livros, fizemos a inscri o e recebemos esses livros. Então foi a última vez, pelo menos enquanto iniciativa pública que houve esse processo de aquisi o de livros, embora a gente saiba que as bibliotecas estão sempre recebendo livros por causa do depósito legal e tudo mais, mas como projeto, como programa, eu acho que o último foi esse.

2. De que forma sua forma o leitora - que, entendemos estar sempre em processo - impactou seus caminhos profissionais.

Olha, eu sempre tive vontade de ser professora. Como eu aproximei muito da leitura e sempre gostei de história - eu muitas vezes ia para a biblioteca ficar olhando as enciclopédias, porque aquilo me encantava, saber as coisas, eu tinha o hábito também de folhear o dicionário e escrever os significados das palavras - eu tinha muita vontade de fazer história, mas minha mãe não queria que eu fosse professora, dizia que não tinha futuro. Daí eu fiz vestibular para fisioterapia, não passei, sabia que não ia passar e decidi fazer história, mas minha mãe disse que eu não ia fazer história, ia fazer letras e eu lembro que eu fui fazer a minha inscri o do

vestibular e coloquei letras, passei, ainda cursei, mas entre idas e vindas acabou que eu não concluí o curso. Tentei depois retomar, mas não era atrativo para mim de certa forma. Já depois de um tempo, eu decidi fazer história, fiz o curso, hoje leciono. Apesar de lecionar história, eu trabalho muito literatura na minha aula, no início os alunos estranharam um pouco, mas hoje eles já se acostumaram e até perguntam “professora, qual a leitura que a gente vai fazer esse ano?”, porque eu sempre costumo fazer essa relação história e literatura até para alguns assuntos, por exemplo, II Guerra Mundial tem muito o que trabalhar na literatura, e eles acabam gostando mais do assunto. Então essa paixão pela leitura proporcionou minha vontade de ir para a sala de aula e passar isso para os meus alunos.

3. Além de professora você é escritora e já perpassou a gestão pública, comente um pouco sobre essas suas duas outras faces.

A escrita veio na adolescência com os diários e, depois, com a leitura a gente vai aprimorando e eu tive várias fases de escrita, aquela fase mais gótica, mais carregada de sentimentos e depois a gente vai tendo outras referências e chega um momento que a gente se encontra enquanto escritor. Hoje, eu acho que me sinto mais confortável escrevendo crônicas, contos, deixei a poesia um pouco de lado e aí eu estou mais indo para a prosa. Na universidade, nós éramos do Centro Acadêmico de Letras e a gente promovia alguns movimentos literários na universidade e a gente acabava juntando uma turma que escrevia, mas não tinha espaço para mostrar e a gente acabou juntando essa turma e promovendo eventos. Depois tinha o Café e Poesia e hoje essa turma é referência na literatura, então a gente se fortaleceu na época e depois cada um buscou o seu espaço. Eu lembro que num dos aniversários de Campina, o Jornal da Paraíba sempre faz um fascículo falando da cidade e falando de vários aspectos, música, literatura, e num desses Astier Basílio fez um texto sobre os novos expoentes da literatura em Campina e ele citou meu nome, o de Samelly e o de Rodrigo Apolinário. Esse foi o começo de tudo. Mas aí eu vim para Boqueirão em 2006 e essa coisa toda já estava um pouco adormecida, até por tudo que aconteceu, mas chegando aqui encontrei alguns colegas que já estavam escrevendo. Desse encontro a gente acabou formando a Associação. Em relação à Gestão Pública, quando eu vim morar em Boqueirão, eu fui trabalhar no CAPS, no Centro de Atenção Psicossocial, passei pouco tempo lá, eu trabalhava mais na parte de levantamento de dados e quando Erasmo Rafael veio ser Secretário de Cultura de Boqueirão, ele ficou sabendo que eu estava morando aqui e me convidou para trabalhar com ele na Secretaria de Cultura. Ele já fazia um trabalho aqui, que era o Balaio Cultural, de dança, era um evento que já estava no terceiro ano e estava na formação de plateia, conquistando o público, mas era um evento já grandioso, porque viam grupos de vários lugares do Brasil e Erasmo me convidou para inserir a literatura no Balaio Cultural. E ele me disse que em João Pessoa, eles faziam o Parede Poética e que a gente poderia fazer aqui, então ele disse “você vê quem são os escritores, me manda os textos, a gente imprime e coloca na parede”. Então a gente começou esse trabalho de coletar esses escritores, de tentar transformar a biblioteca num espaço onde as pessoas pudessem visitar, até porque a biblioteca era um espaço que estava um pouco desativo. Nesse processo, a gente começou a buscar quem eram os artistas da cidade, nas várias linguagens artísticas, música, literatura, dança, e a gente começou a fazer um projeto voltado a dar um espaço a esses artistas não apenas no Balaio Cultural, mas durante todo o ano. Daí veio a ideia de criar a Diretoria do Livro e da Leitura que seria onde nós teríamos força para de certa forma começar a escrever o Plano Municipal do Livro e da Leitura, porque já tinha saído o Plano Nacional. Escrevemos o plano, mas não deu tempo de ser aprovado na Câmara Municipal, porque houve troca de gestão, enfim, iniciamos um processo que até então não havia precedentes aqui na região e acho que daí se começou a semente de se institucionalizar os escritores, vou a partir daí que veio a associação. Tinha hora que se confundia o que era poder público e o que era iniciativa nossa, da associação, pois tanto eu estava na gestão, quanto eu estava na associação então as coisas se confundiam um pouco. Mas a gente conseguia de certa forma até através da gestão fazer com que o nosso trabalho também crescesse.

5. Sabemos que quando da estruturação da FLIBO, houve a criação da ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores), você pode nos explicar quando e como surgiu a Associação? Quem a formou na época de sua criação e quem faz parte dela hoje em dia?

A ABES surge em 2009 comigo, Jane Luís Gomes, que está até hoje Magna Vanuza, que oscila, mas sempre que a gente precisa, ela veste a camisa e participa; Paulo da Mata, escritor, professor de história, hoje não faz parte, mas que sempre que a gente pode e precisa, ele participa; Kleber Brito, fez parte da primeira formação; Lucia Batista, não era escritora, mas era ativista aqui na cidade, não participa mais; Aparecida Farias, professora e escritora; Cleide Lima, não é escritora, mas está desde o começo, faz parte ainda; Shirley, Gelda, Maxsuell, eles entraram em 2009, quando nós fizemos, já como ação da ABES, um Concurso Literário e eles participaram e através dessa participação eles se associaram.

6. Em 2010 surge a FLIBO, como foi esse caminho entre a ABES e a FLIBO?

Quando a gente criou a ABES, a gente teve uma grande aceitação na região, inclusive em Campina Grande, a gente começou a participar de encontros, apresentações, sempre o pessoal convidava a ABES, porque era uma novidade na cena literária um grupo de escritores no interior com esse trabalho voltado para a literatura, para a formação de leitor. Quando a gente começou a participar desses movimentos, a gente começou a ter contato com outros escritores. A princípio, quando eu fiz o projeto para apresentar à Secretaria de Cultura, eu fiz como o I Encontro de Escritores Paraibanos, só que depois eu pensei que já teve outros encontros e tal, então para ser algo diferente, eu sempre fui fã da FLIP, então eu pensei por que não Feira Literária e veio a ideia de fazer a FLIBO, Feira Literária de Boqueirão. Então eu já levei tudo pronto, a arte, como seria, o banner, tudo já para não ter erro. Apresentei a Erasmo e eu disse “olha, Erasmo, essa é a proposta, mas a ideia é que seja através da Associação, não da Gestão”, porque a gestão muda, é tanto que o balaio não existe mais, porque a gestão que assumiu depois não teve interesse em manter o evento. Quando eu mostrei, à princípio eu fiz uma reunião com o pessoal da Associação, mostrei a proposta, o que nós poderíamos fazer, e todo mundo topou. Daí a gente precisava de recurso, porque tem um custo. Até então eu não sabia muito como fazia um evento, mas Erasmo já tinha toda uma trajetória, um know-how pra isso, daí quando mostrei a ideia, essa parte de recurso eu fiz inclusive junto com ele, ele sugeriu uma parceria com o SEBRAE, porque a Associação não tem recurso, então a gente faz através da prefeitura. Fomos no Governo do Estado, na Universidade, a gente começou a buscar parcerias. Na universidade não era nem recurso financeiro, porque a gente sabia que não iria ser desta forma, nós buscamos as universidades no sentido de fazermos as capacitações, o trabalho com os professores e com os alunos. Então nós fomos até a Subsecretaria de Cultura do Estado, na época o subsecretário era o professor Davi Fernandes e lembro que ele nos recebeu muito bem e disse “pronto, já li, agora quero que vocês me convençam”. Acho que quando você tem uma paixão, um sonho, você vende muito bem o seu peixe. Você conhece, então, de certa forma, você também consegue fazer com que as pessoas acreditem. Então ele sugeriu que a gente fizesse a coletânea da Associação e nós fizemos através da União. No dia em que ele veio participar da abertura da FLIBO, ele mesmo trouxe os livros e foi uma alegria muito grande, porque a gente conquistou muita coisa para um grupo que estava recém formado e a própria FLIBO foi uma surpresa porque participou muita gente que a gente não esperava. Quando a gente começou a divulgar a FLIBO, muitos escritores até de João Pessoa, talvez pela questão de visibilidade, eles tinham mais espaço na época, muitos acabaram entrando em contato para participar e a gente não tinha mais onde colocar, porque, a gente ficou até com medo, pela tamanho que a coisa estava se formando para ser a primeira. Daí quando veio a I FLIBO, o homenageado, como foi em Março, seria o aniversário de Ronaldo Cunha Lima, só que eu esqueci um detalhe - e que detalhe! - o Ronaldo político, então foi um alvoroço na cidade, porque todo mundo era apaixonado por Ronaldo Cunha Lima, o político poeta que discursava fazendo rima e ele tinha um grande carisma. Então lotou o dia que Ronaldo veio e acabou que saiu um pouco do que a gente tinha planejado, porque com Ronaldo muitos políticos aqui da região acabaram vindo e para você ter ideia a gente tinha pensado em formar uma mesa com escritores só que na

hora o cerimonial era da prefeitura e acabou que eles tiraram os escritores e colocaram os políticos. Os escritores de João Pessoa queriam ir embora, fazer um manifesto detonando a FLIBO e um escritor de Campina Grande disse “calma, é assim mesmo, vocês estão no interior, é assim que as coisas funcionam”. Ele acabou acalmando os ânimos da galera, porque realmente tem coisas que fogem um pouco, então tem os perrengues, as histórias de bastidores, nos primeiros anos a questão da influência da gestão no evento a gente teve alguns momentos que deu confronto, mas hoje é só história.

7. A FLIBO foi a primeira Festa Literária da Paraíba?

Até onde nós temos registro, sim. Nos moldes que nós fazemos, a FLIBO é a pioneira. Até porque se a gente for buscar, nós tínhamos muitos eventos literários mais restritos à Academia, mas a FLIBO traz mais essa proposta da comunidade em geral participar, é tanto que nos dois primeiros anos era feito no Clube e muitas pessoas queriam participar, mas tinham vergonha. Já aconteceu muitas vezes da gente estar entrando no clube e ter pessoas na frente perguntando “a gente pode entrar?”, então eu me deparei com isso. Por isso veio a ideia da gente ir pra praça, pois eu comecei a perceber isso, que muitas pessoas não se identificavam com aquele espaço, por ser um clube, achavam que tinham que ir muito arrumadas. Quando nós levamos pra praça, a gente sentiu essa diferença, começamos a perceber a participação de outros públicos que nós não tínhamos antes. Embora que o primeiro ano da praça também foi uma negação, vale ressaltar isso, porque assim para aquelas pessoas que estavam acostumadas com um evento fechado, torceram o nariz porque ia ser na praça, aquelas pessoas que não iam pro evento fechado, começaram a ir até a praça. Então até as pessoas se acostumarem com o movimento a gente levou uns dois anos, para ter um público satisfatório na praça.

8. A FLIBO passa a acontecer nas escolas e na praça. Fala um pouco mais sobre essa mudança dos espaços onde o evento acontece.

O que nós tivemos de mudança: no primeiro ano a gente teve os minicursos só para professores, porque a ideia era formar professores, então a gente tinha essa parceria com a Secretaria de Educação. Quando nós fomos para o segundo ano, a gente pensou no ensino médio e na Escola Normal, que hoje não tem mais, então nós trabalhávamos com ensino médio, professores e Escola Normal. A partir do terceiro ano, a gente percebeu a necessidade de envolver os alunos, porque a gente precisava formar esse público para ir para a FLIBO, então a escola era o espaço ideal para formar a galera para ir para a praça. Então nós transferimos a FLIBO para o segundo semestre para dar tempo das escolas trabalharem durante o ano a FLIBO, inclusive nós como escritores visitávamos as escolas, fazendo saraus, até para as pessoas irem conhecendo o evento.

Desde o primeiro ano nós fizemos na Feira também. Em 2019 a gente não conseguiu fazer na Feira porque não tinha mais o espaço onde a gente fazia, pois a Feira cresceu, a rua foi asfaltada, então a gente decidiu fazer o momento que a gente fazia na feira, na praça, que foi Espaço Nordeste, até como uma proposta de Tiago (Monteiro). Em 2020 não fizemos, mas quando voltarmos a ideia é que a gente mantenha, senão na Feira, na Praça. As pessoas pedem muito que a gente volte pra Feira, pois se na Praça a gente democratizou o acesso, na Feira, eu acho que isso alargou, porque aquelas pessoas da zona rural que não podem vir na semana participar, na Feira, que é o local onde todo mundo se encontra, aquilo era muito vivo, muito forte. Além disso, nos últimos três anos nós fizemos no Marinho.

9. Com qual objetivo foi criada a FLIBO? Ele permanece o mesmo?

Na criação da ABES, quando nós temos a formação deste núcleo de escritores, começamos a nos indagar quem seriam nossos leitores. Houve um movimento muito interessante dos professores da cidade que começaram a trabalhar nossos textos em sala de aula, de modo que a gente começou a ser identificado como escritores. O objetivo inicial era fazer um encontro de escritores. Só que era preciso também nós termos um público leitor. Então a FLIBO passa desse momento de encontro de escritores para a formação de um público leitor.

Então nós começamos a ter as oficinas, os minicursos, tudo isso voltado para incentivar a leitura literária.

10. Até 2017 o evento foi chamado de Feira Literária de Boqueirão, sendo mudado para Festa em 2018. Por que houve a mudança?

No começo veio Feira, porque a gente pensava em realmente ter o livro para vender, é tanto que na primeira edição a Prefeitura locou um galpão enorme com espaço para o livreiro, porque a gente achava que as pessoas iam vir para vender os livros, mas esse galpão ficou meio perdido, então nos outros anos a gente pensou em ver essa ideia da feira, só que nunca pegava. Quando a gente começou a ter venda de livros foi na quinta FLIBO, eles venderam bem, até pra mim foi uma surpresa muito grande as pessoas comprando os livros e aos poucos a gente foi colocando o artesanato local, com aquela ideia de feira. Só que aos poucos a gente foi ampliando, a música, o teatro, as apresentações culturais e decidimos mudar para a Festa, porque tem esse aspecto mesmo de Festa, a gente não comercializa nada diretamente, não é a associação que comercializa. Hoje nós temos o espaço de venda de livros, de artesanato, temos o espaço de comida, é um evento que gera renda para a cidade, nós temos o comércio informal, o artesão, o livreiro - que quando ele vem ele dá emprego a três pessoas durante quatro dias - o hotel, as pousadas que recebem as pessoas que estão participando.

11. A praça onde acontece a FLIBO se chama Praça da ABES. Como foi possível adquirir esta identidade?

Ali é o Centro Turístico, acho que foi criado em 2005 pela prefeitura. A maior célula que tem é a nossa, porque era a central do Centro Turístico, que é onde hoje funciona a ABES e hoje está funcionando mais como depósito, porque tudo que a gente utiliza na FLIBO está lá dentro, guardado. Até as reuniões que a gente fazia lá, não faz mais. Então ali, caiu na boca do povo, praça da ABES.

12. Lá também tem um acervo de livros. O que falta para que estes livros fiquem disponíveis para a comunidade?

A nossa proposta é que ali tenha um espaço maior para a ABES, já que a prefeitura pretende ampliar, com espaço para a biblioteca, se vai ter, não sei. São planos futuros. É uma luta muito grande, nós já fizemos uma petição pública, conseguimos mais de 2000 assinaturas, levamos à Secretaria de Educação, levamos ao prefeito, para que a biblioteca fosse revitalizada. Até eu conversando com ele que tinha como conseguir livros para o acervo da biblioteca, o mais difícil era construir o prédio e estruturar a parte física, a questão de móveis e tudo mais, mas os livros eram as coisas mais fáceis que tinham até por conta do depósito legal, porque a própria biblioteca nacional envia livros pra os municípios, para as bibliotecas dos municípios, esses livros estão indo pra onde?

Quando nós começamos com o espaço, a gente solicitou algum funcionário para ficar lá, até Joana²⁰, que está sempre conosco, é funcionária pública, trabalha em uma escola, já se dispôs a ficar lá; nós já pedimos várias vezes Joana para ficar à disposição e ela é uma pessoa comprometida, com certeza ela ia abrir todos os dias, ia tomar conta, porque todos nós que fazemos parte da ABES é professor, então não tem tempo para ficar ali. Não teria como alguém da própria associação ficar ali direto. É tanto que durante a FLIBO a gente vai fazendo um revezamento, uma semana antes a gente vai abrindo, mas abrindo quando dá, até pras pessoas já irem se acostumando e vendo que a FLIBO está chegando. Nossa ideia é que tivesse uma pessoa, nós já pedimos várias vezes ao poder público que ficasse uma pessoa lá, porque nós não temos dinheiro pra pagar uma pessoa para ficar lá, a ABES não tem caixa pra isso, lá a energia a gente só ativa no mês da FLIBO, porque acaba vindo pro bolso da gente.

²⁰ Nome modificado para assegurar a não identificação da pessoa.

13. Você percebe alguma mudança nos hábitos de leitura da cidade depois da Festa Literária? De que modo tem se dado esta mudança?

Sim, pelo fato de eu estar em sala de aula, eu acabo identificando essas mudanças. Nós não temos uma Biblioteca Municipal, mas na escola do estado nós temos uma biblioteca muito boa e lá os professores sempre fazem projetos de leitura e a gente percebe o quanto isso é ativo no pós FLIBO porque já é relato de Marina²¹, que fica lá na biblioteca, e ela faz esse registro pra gente, como no período pós FLIBO isso se intensifica, porque as pessoas buscam mais a leitura.

14. Quais são os caminhos da FLIBO?

Olha, 2021 é uma interrogação bem grande. Não sei se são os tempos, está todo mundo desanimado, nós tivemos as primeiras reuniões da ABES e a ideia era que a educação aqui se organizasse para a gente fazer alguma coisa, inserindo as escolas na FLIBO, porque ano passado houve muitas críticas porque a FLIBO foi virtual e não houve participação das escolas da cidade, mas nós estávamos num contexto de inserção dos alunos nas aulas remotas, não havia a obrigatoriedade dos alunos da rede pública e eu não sou da rede pública aqui, faço parte da rede privada, então é outra realidade. Daí quando nós começamos a divulgar a FLIBO, a coordenação da escola onde eu trabalho e outra escola privada, disseram que queriam fazer uma atividade na escola na semana da FLIBO, então eles fizeram a proposta e nós colocamos na programação. Então a gente recebeu algumas críticas porque as escolas públicas não participaram da FLIBO, mas eu não precisei me justificar, os professores compreenderam e viram que foi algo incoerente, mas nós estávamos em campanha política então a gente sabe que isso acontece mesmo.

Para esse ano, nós pensamos em fazer da mesma forma que fizemos ano passado, de forma virtual, mas a gente ainda precisa ajustar como seria a participação das escolas, até porque, pelo que eu estou vendo, também não está havendo essa participação toda, principalmente no público.

A proposta inicial era homenagear seu Antônio Sarinho, poeta daqui, mas seu Antônio é tão rico, seria um poeta para a gente levar para escola, para a gente ir para a rua, para as pessoas conversarem com ele, então eu acho que se a gente homenagear seu Antônio esse ano a gente vai perder muita coisa dele, pois, embora o meio virtual consiga ter uma abrangência maior, mas a gente sabe que ainda se perde um pouco e o universo de seu Antônio não é esse, é outro. Então a gente ainda está tentando ver de que forma a gente vai fazer esse ano.

²¹ Nome modificado para assegurar a não identificação da pessoa.

ANEXO IV - ENTREVISTA 2

1. Gostaríamos de conhecer um pouco de sua história enquanto leitor. Como se deu sua formação? Quem mais incentivou você?

É uma história bem antiga. Eu comecei muito cedo. Às vezes penso que me tornei leitor antes de aprender a ler. Claro que esta é uma verdade imaginada, mas que tem seu fundamento. Afinal, penso que a relação com a leitura começa em algum tipo de relação humana, em algum afeto. Eu tive vários. Aliás, só o afeto conduz à leitura. O tipo de relação que as pessoas têm entre elas, pode ou não seduzir um novo leitor. No meu caso, uma irmã seis anos mais velha e com vocação precoce para o magistério ia me repassando tudo que aprendia e assim, aos quatro anos eu já comecei compreender o significado das palavras, conhecia bem o alfabeto e até rabiscava meia dúzia de sílabas. As pessoas se impressionavam com aquilo. O tempo foi passando e minha irmã, que mais tarde faria Letras e seria professora de Literatura e Língua Portuguesa, fazia circular muitos livros em casa. Minha adolescência foi plena de leitura. Ela estudava em uma escola com uma boa biblioteca. O acesso aos livros era abundante e eu pegava carona, lia tudo. Portanto, o acesso aos livros logo na infância (e não se tratava apenas de literatura infantil) foi o passo que considero mais importante. Um outro fator importante foi ter descoberto uma bela biblioteca pública em Jaguarão, cidade onde morava. Resultado: passava as tardes na biblioteca. Lá eu li autores como Proust e Balzac. Também considero que as histórias de reinos, de cangaceiros, de fadas, de loucos, que minha mãe contava tiveram uma importância enorme. A cultura oral, penso, tem um papel importante demais na formação do leitor. Hoje começa a se discutir novamente a importância da contação de histórias. Isso aproxima o futuro leitor da realidade, mesmo quando a ficção extrapola. Quando eu era criança, mesmo morando na fronteira com o Uruguai, eu sabia de histórias do cangaço, pois minha mãe lia folhetos de cordel pra mim. Esse “aletramento materno” e a facilidade de conviver com livros, jornais e revistas, me fizeram amar a leitura e entender o mundo além do meu quintal, muito cedo.

2. De que forma sua formação leitora - que, entendemos estar sempre em processo - impactou seus caminhos profissionais.

Na verdade, impactou e impacta na minha vida de diversas formas. Principalmente porque foi a leitura que me fez escritor e este é o impacto mais visível. Nos velhos tempos, lá na fronteira, as coisas eram bem difíceis e sair de lá para estudar na capital ou em Pelotas não era sonho para menino pobre. Tive que conjugar subempregos com as necessidades básicas e com o tempo para estudar. Outro impacto positivo foi a leitura ter me ajudado a superar essas dificuldades no cotidiano. As saídas eram poucas. Uma delas era a vida militar que eu não queria. Quando pré-adolescente, fazia uma disputa de leituras com um amigo que hoje é general do Exército. Líamos e discutíamos a leitura.

Destaco ainda o meu primeiro emprego formal. Eu já trabalhava antes, pelo menos desde os 15, mas aos 17 consegui emprego com carteira assinada. Fui porteiro de um prédio residencial. Dei sorte de trabalhar num prédio onde a maioria dos moradores eram intelectuais, jornalistas, professores da UFRGS. Eles adoravam me ver lendo. Nesse período li muito e ganhei muitos livros e isso me levava a ter uma relação de afetividade com aquelas pessoas. Na verdade, só não me declaro leitor profissional por ser exótico demais, mas a leitura e a sensação de permanente aprendizado foi e é a minha melhor formação. Fui leitor menino, na juventude e ainda hoje acredito que a convivência com os livros é o que há de mais saudável. Aprender a ler não tem fim. Todo dia aprendo um pouco mais. Inclusive relendo livros que li na juventude, a exemplo de Madame Bovary.

3. Qual a importância da leitura na sua vida?

Tempos atrás estava lendo um livro da pesquisadora francesa Michelle Petit e ali fui entendendo a importância da leitura na minha vida. Ela relacionava a formalidade das bibliotecas francesas com a exuberância de bibliotecas colombianas em áreas vulneráveis, onde os jovens podiam buscar a própria identidade e a partir daí se relacionar com o mundo.

Comigo foi assim. Eu lia o Tempo e o Vento, do Érico Veríssimo e me encontrava com o passado da minha gente. Todo gaúcho é um pouco posseiro, pois as fronteiras foram desenhadas em ocupações e guerras. Lendo Veríssimo, me via naquela odisseia que foi a Guerra dos Farrapos. Depois lia Rafael Sabatini e viajava para a realidade dos Corsários. Percebi que poderia ir mais longe. A leitura me deu a noção do mundo, do tempo e de mim mesmo.

4. Em relação à Festa Literária de Boqueirão, há quanto tempo você participa dela?

Em 2005, quando ocupei meu primeiro cargo público como diretor adjunto da Fundação Cultural de João Pessoa - FUNJOPE, imediatamente criei o departamento de literatura, que não existia. Algumas ações como oficinas de leitura nos bairros, uma linha editorial com a coleção Novos Escritos e um evento chamado Agosto das Letras (agora adotado pela FUNESC em outro formato) que, na época, trouxe para João Pessoa boa parte dos escritores e escritoras do país. Nessa época, não lembro, ou pouco depois, tive notícias da primeira FLIBO. Quando soube, já tinha acabado. Mas a partir da segunda já me fiz presente. Eu tinha noção da importância do que estava sendo construído em Boqueirão. Principalmente por ser um evento organizado pela sociedade civil e não pelo governo. A paixão foi imediata. Fiz amizades preciosas na ABES – Associação Boqueirãoense de Escritores que era (e ainda é) quem comandava a FLIBO. Desde então, minha relação com a FLIBO é de troca permanente. Sempre temos o que dar e a FLIBO nos oferece sempre muito mais. Geralmente Mirtes me procura para opinar sobre diversas coisas, inclusive sobre os homenageados. Já fui patrono, inclusive. Temos um respeito mútuo admirável.

5. De que forma tem se dado esta participação?

Um evento como a FLIBO tem muitas necessidades. Enquanto gestor público, sempre que pude, ajudei na estruturação do evento. Na verdade, eu produzia um engajamento da instituição onde eu trabalhava com os objetivos da FLIBO. Assim, mesmo que não estivesse em uma instituição de cultura, os trabalhos que eu desenvolvia com o acesso ao livro, sempre foi uma forma efetiva de participação. Também pessoalmente, participei de forma voluntária em diversas mesas de debates, dei oficinas em escolas, cedi direitos autorais sobre poemas para produtos vendidos na feira para arrecadação. Não foram poucas as vezes em que participei como motorista, levando atrações para a feira. Tudo isso com muita alegria, pois estar vivenciando um momento desses é um privilégio para quem tem nos livros um dos pilares da vida. Enfim, hoje posso dizer que a FLIBO faz parte da minha história e dos meus afetos mais densos.

6. O que você sabe sobre como a FLIBO começou?

Sei algumas coisas. Acho linda aquela inquietude de algumas jovens professoras e uns poucos professores, numa cidade pequena do Cariri, com pouco acesso às estruturas, pouca experiência. A FLIBO é uma afirmação dos movimentos de mulheres, também, pois é fundamentalmente dirigida por mulheres. São extremamente capazes. O evento sempre conviveu de forma diplomática com as forças políticas que queriam, ou tomar a festa ou asfixiá-la. Não é fácil, mas a ABES conquistou respeito por parte de opositoristas e situacionistas. Desde o início não permitiram que a Feira se transformasse em bandeira partidária e esse foi um acerto imenso. Os apelos existiam, mas elas souberam contornar com elegância e bom senso. A FLIBO hoje é um patrimônio do povo do Cariri, extrapolou Boqueirão e semeou a leitura em outros municípios.

7. Você tem alguma lembrança marcante da Festa?

Tenho várias. Uma das mais importantes foi a presença de Ariano Suassuna. Mesmo que eu não tenha assistido, acho que a presença dele foi um gol de placa na história da FLIBO.

8. Pelo que você percebeu em suas participações, de que forma a comunidade de Boqueirão está envolvida na FLIBO?

Sinto que a comunidade foi se apropriando aos poucos da FLIBO. Primeiro pelo seu caráter incontestavelmente cultural, pela tranquilidade com a qual o evento se realiza. Acho que a

presença da FLIBO nas escolas e as movimentações realizadas no decorrer do ano aproximou definitivamente a comunidade da organização e do evento. Nos últimos anos venho percebendo que algumas pessoas esperam a FLIBO para comprar livros. Isso é fantástico e isso faz da feira de livros um dos espaços mais movimentados da FLIBO. Isso não é pouca coisa. É muito transformador. A cidade foi percebendo a importância do evento enquanto instrumento de formação da sociedade. Por isso a presença de idosos, jovens e crianças é tão natural e intensa. A FLIBO se expandiu para a zona rural e os eventos que acontecem no Lajedo do Marinho, por exemplo, despertam também para o potencial turístico do município como possibilidade de expansão do evento. Já já vamos perceber que até no comércio local existe impacto positivo. Por exemplo, quantas pessoas que vão para a FLIBO e almoçam nos restaurantes do Açude? Os restaurantes não estão na rota do evento, mas se beneficiam também embora os donos, talvez nem percebam.

9. Quais os espaços utilizados pela Festa? De que forma você acredita que eles contribuem para a formação de leitores?

O ambiente geral da festa é determinante para a formação de leitores. O evento acontece na praça da ABES – Associação Boqueirãoense de Escritores, no coração da cidade. Quando você chega lá a primeira coisa que se vê são os livros pendurados nas árvores, a feira de livros, os autores, enfim. Este acesso direto e de forma tão sedutora fez surgir uma camada de jovens boqueirãoenses, de boa leitura. O evento já formou a primeira geração de leitores e leitoras e isso tem repercutido na economia da cultura, uma vez que os livreiros que participam da festa são muito bem remunerados com as vendas. Sei disso porque escutei o depoimento de alguns. Depois de dez anos, Boqueirão pode dizer que, através da FLIBO, formou essa maravilhosa geração de leitores, de consumidores de livros e de cultura de um modo geral. A FLIBO é o contraponto às festas populares focadas na embriaguez e na cultura de massa, sempre alienante e propulsora de atos violentos. Acho que mais que estimular a formação de leitores, a FLIBO já começa a se notabilizar na economia local. Já se faz sentir necessidade de uma livraria na cidade, um sebo ou algum equipamento semelhante que sirva para alimentar essa cadeia criativa e produtiva que está se criando e se fortalecendo. Esse é um dos legados da FLIBO na sua primeira década. Mas tem muito mais.

10. Você percebe alguma mudança nos hábitos de leitura da cidade depois da Festa Literária? De que modo tem se dado esta mudança?

O que eu acho espetacular é exatamente o fato de que a cidade, a partir da FLIBO, criou um público leitor. Esse é o grande fator. Isso é incontestável. Atualmente, muitas pessoas em Boqueirão consomem livros, é muito visível. Não precisa morar lá para perceber. Ano passado fui dar uma oficina em sala de aula e vi o quanto a FLIBO gera expectativas, especialmente na criançada. A FLIBO representa uma quebra na rotina extremamente benéfica para as escolas. Estimula as crianças e adolescentes. Com o passar dos anos notei que cada vez menos as pessoas torcem o nariz para o que está acontecendo. Vejo que a cidade, de certa forma, já se prepara para receber a FLIBO e isso é bárbaro.

11. Qual a importância da FLIBO na cidade, no seu ponto de vista?

Uma vez falei para um dos prefeitos de Boqueirão, não lembro qual foi, que na abertura da FLIBO Boqueirão estaria na primeira página de todos os jornais, as TVs estariam lá e a prefeitura não terá gastado nada com essa propaganda positiva. E é verdade, a FLIBO gera uma mídia espontânea impressionante. Sem dúvidas é o evento que mais projeta Boqueirão para o Nordeste e até para o Brasil. Já deixou de ser uma festa da cidade ou do Cariri. Hoje é uma referência forte para a cultura da Paraíba. Um evento consolidado que precisa muito de investimentos, mas já consegue colher o que plantou e regou em terra fértil. A FLIBO colocou Boqueirão no calendário cultural do Nordeste e do Brasil. Nada é mais importante que isso, porque isso é fruto de uma construção e uma conjugação de saberes.

12. Você pretende continuar participando da FLIBO? De que forma?

Sempre. Não preciso estar representando nada ou participar pessoalmente. Eu me basto para dizer que a festa existe. Estarei sempre disponível. Sobretudo, sempre fui e sempre serei

público da FLIBO. Acho que sempre podemos ajudar, acolhendo e divulgando as feiras. Acho que um trabalho voluntário é sempre necessário e vou estar disponível não apenas para a FLIBO, mas para todas as festas literárias da Paraíba, no que me for possível.

13. Enquanto escritor, quais os desafios você vê em relação à formação de leitores? Você acha que a FLIBO ajuda a superar algum desses desafios? De que forma?

Isso não é trabalho para poucas mãos. O escritor precisa viver isso como ativista. A presença de um autor em sala de aula, por exemplo, é um estímulo e tanto para a juventude. Na verdade, precisamos entender que o escritor não existe sem o leitor. O texto literário não é apenas o que se escreve, mas sobretudo é a forma ou as muitas formas de leitura. A leitura é o próprio sentido da literatura. A FLIBO - assim como todas as festas literárias - é instrumento poderoso de superação desse imenso desafio mundial que é “formar leitores”. As feiras têm essa importância estratégica e a FLIBO não é diferente. Principalmente ao trazer para o debate a participação de professores, agentes de leitura e discutir métodos de sedução para a leitura e, mais que isso, afirmar a ideia de que a leitura literária é, como dizia Antônio Cândido, um “direito humano”. Pode ter certeza de que esse debate deságua num mar infinito e é o que tem feito com que algumas escolas avancem, por exemplo, nos índices do IDEB. Isso é fato! A realização de festas literárias, no geral, são vinculadas a propostas pedagógicas. Ou pelo menos trazem para a luz esse debate tão necessário. As Feiras literárias melhoram as escolas. Trazem bem claro o recado sobre a importância da leitura nas escolas principalmente. A FLIBO dá esse recado de forma elegante e transparente. Apesar das dificuldades, me parece que os resultados são inquestionáveis.

14. Você também esteve ligado à FLIBO enquanto Secretário de Cultura do Estado da Paraíba. Como você enxerga a importância da gestão pública quanto ao desenvolvimento de eventos que visam a formação de leitores?

A gestão pública deveria ter um papel central nesse tipo de evento, mas ainda não tem. Isso entendendo gestão pública como aplicação de certa hegemonia política. O fato é que a política mais relativiza que muda a realidade. Político adora multidões e as feiras literárias, mesmo as de grande sucesso, no máximo lotam auditórios ou salas. Precisa ter decisão política nisso ancorada em respaldo popular e aí é que está o nó. Depende de uma pauta legislativa também. Mas acho que não se trata apenas disso. Gestão pública tem particularidades. As secretarias de Educação e até de Assistência Social, por exemplo, deveriam compreender que também tem um papel nisso tudo. Algumas sabem. Por exemplo, em Barra de São Miguel a FLIBARRA é uma produção da Secretaria de Educação. É decisão de gestão. O prefeito está lá na Feira todos os dias.

As exceções são minoritárias, infelizmente. Em geral, poucos gestores compreendem que se trata de formação humana, de educação, de cidadania. Poucos compreendem a importância disso para as transformações necessárias. Se a gestão pública compreendesse de fato, teríamos um engajamento profissionalizado na formação de leitores; professores, assistentes sociais, psicólogos... Certamente que a situação da Educação e a questão social no Brasil seriam outras. O que se vê, infelizmente, é um quadro onde a maioria dos professores não leem, se sentem desestimulados para o próprio exercício do magistério. Logicamente, não falo dos que fazem a diferença - e não são poucos, ainda bem. Falo do que precisa ser visto e modificado.

Penso que os eventos devem ou deveriam ser a culminância de programas de leitura desenvolvidos nas escolas. Em alguns casos são mesmo, como é na FELIPI, em Piancó, onde é uma escola que promove o evento. No caso, nem a gestão estadual ou a municipal estão envolvidas. A escola é privada. Mas por quê uma escola pública não pode fazer o mesmo? Pode, sim. Tanto é que na FLIMA, em Mãe D'água, o evento está ancorado numa escola pública estadual. Portanto, ainda temos uma massa disforme para compreender uma feira literária enquanto parte de um programa de formação pedagógica. Não apenas para as aulas de Português, pois muitas vezes um aluno de matemática sente dificuldades porque não consegue interpretar o enunciado. Se trata, portanto, da importância de estimular a leitura em qualquer direção. Às vezes isso depende mais da gestão escolar que da secretaria. Às

vezes depende apenas do desejo de um único professor ou uma professora para mudar o rumo das coisas e, inclusive, estabelecer outros parâmetros de relação com o alunado. Acho que uma gestão pública que se apresente comprometida com a qualidade de vida do povo, precisa amadurecer neste sentido.

Por outro lado, precisamos admitir que a literatura e a leitura, mesmo dentro do universo cultural não é algo prioritário. Temos exemplos disso. Alguns não entendem que cultura artística não pode ser só palco e som. Esse é um debate que vem caminhando, com avanços e recuos. Mais recuos, infelizmente. Todavia, devemos compreender que as realidades não mudam por decreto. Por exemplo, quando foi aprovada a lei de desoneração do livro, estava previsto que as editoras e livrarias criariam um fundo de incentivo à leitura. Nunca depositaram um centavo. Também notamos que a desoneração não baixou o preço do livro. Por outro lado, acho que devemos repensar o fato de colocar tantos interesses até mesmo contraditórios na mesma plataforma. O “Mundo Livro” é algo cheio de interesses particularíssimos e acho que, em alguns casos, mais interesses financeiros que pedagógicos. Em outros casos, a pauta corporativa fala mais alto e as coisas vão sendo abafadas dentro desse mesmo universo. Não tivemos ainda maturidade política para compreender por onde começar e em que ponto unificar. Entendo que a meta comum deveria ser o foco na formação de leitores, mas isso nem de longe podemos considerar consenso. Mas são tantas variantes nesse debate, não é mesmo? Só que debater isso é fundamental e alguns precisam entender que não existe a chave do tesouro. Ela precisa e está sendo cunhada.

15. De que forma a Secretaria de Cultura da Paraíba pôde contribuir com a FLIBO ao longo desses dez anos?

Estive quatro anos por lá, mas penso que no tempo de Chico César não era muito diferente. Muito menos agora no tempo do secretário Damião Ramos. Claro que depende de decisão, já que não dispomos de instrumentos mais definidores de políticas públicas para isso. É tudo muito solto e a decisão pessoal do gestor tem um peso enorme. As limitações eram enormes no meu tempo e acho que não mudaram. A SECULT contribuía apenas com algumas estruturas de palco, som, transporte às vezes. Às vezes não podia uma coisa e outra. Enfim, o orçamento da SECULT é muito baixo, mas nem acho que o problema seja esse. O problema maior é não conseguirmos fazer com que a gestão de cultura possa ser executada de forma sistêmica. Tem vários órgãos, instâncias diversas, diversas potencialidades e funções, mas com orientações muito personalistas ainda. As instituições culturais são ilhas de visitação das demandas. Por outro lado, todos sendo cobrados pelas mesmas coisas, enfim. Essa conta não fecha e isso precisa ser discutido com serenidade porque ainda teremos algumas décadas pela frente, afinal governos de tendência fascista como que temos no Brasil e em alguns estados e municípios, acabam provocando retrocessos nas nossas inconsistências.

16. Você tem acompanhado o surgimento de eventos literários na Paraíba nos últimos anos. Qual a importância da FLIBO nesta perspectiva?

Tenho acompanhado muito de perto a grande maioria. A FLIBO foi a principal inspiração. Se tornou uma espécie de Nave Mãe. Foi a demonstração de que, com a mão na massa, tudo é possível. Foi também a afirmação que realizar feiras literárias é muito mais uma tarefa da sociedade civil que dos governos. Os governos devem apenas criar mecanismos efetivos de apoio porque não se trata aqui de produzir meras ações recreativas. São eventos de formação. E qual o papel primordial da Educação e da Cultura se não alinhar projetos de formação? Política pública, ao contrário do que alguns pensam, não se efetiva sem a participação direta da sociedade civil. Caso contrário, vira política de governo. Essas pequena e grandiosas feiras fazem um contraponto enorme com as bienais e salões do livro que custam uma fortuna para o poder público e, no geral, se ocupam prioritariamente do aspecto comercial. Devemos entender que essa é uma área de imensa concentração de lucros. Isso explica a nossa pobreza. A economia do Mundo Livro S.A. é selvagem. É objeto de poder e fortuna. O que se está fazendo é contraponto. Fazer uma feira dessas não é fácil. Apenas é necessário. E revolucionário.

ANEXO V - ENTREVISTA 3

1. Gostaríamos de conhecer um pouco de sua história enquanto leitor. Como se deu sua formação? Quem mais incentivou você?

Bem, meu Ensino Fundamental foi em uma escola particular e nisso às vezes passavam aquelas pessoas vendendo livros de contos de fadas. Eu ainda era muito criança, não faço ideia da minha idade ou da série em que eu estava, mas meu pai comprou uma coletânea de contos de fadas, os mais famosos, Branca de Neve e tudo mais. Eram os (livros) pequeninhos ilustrados, que só têm três linhas de texto. Mas, pela minha lembrança, foi aí que iniciou. Eu achava muito bonitas as ilustrações. Eu acredito que quando você é criança as ilustrações são muito importantes, você meio que lê com os olhos. O primeiro livro depois de adolescente que eu li foi *A culpa é das estrelas* (John Green), mas não foi no tempo em que viralizou, lançou o filme. Eu tinha uma amiga que era mais apegada à literatura, também do Ensino Fundamental ainda, só que aí a gente já estava no Fundamental II, e ela tinha livros na casa dela, era mais apegada à literatura e ela leu este livro e disse “Priscila, é muito bom” e tudo mais. E eu nunca tinha lido nenhum livro. Aí eu peguei emprestado o livro e amei muito a história. Então foi daí que iniciou.

As pessoas que me rodeiam sempre foram muito importantes para que eu lesse. Carol²², uma outra amiga minha, que tem um projeto incrível aqui em Boqueirão, que é a @minhabibliotecaparticular. Muitos dos livros que eu já li foram emprestados dela. Então, assim, ela sempre me cedeu a biblioteca dela, inclusive eu chamo ela de minha biblioteca, porque eu não costumo comprar muitos livros, eu leio bastante coisas em PDF e também de outras maneiras. Mas eu não costumo comprar muitos livros, principalmente por conta do frete e também por eu não ter um ganho fixo, então quando eu ganho alguma coisa, eu não invisto esse dinheiro em livros, porque seria praticamente meu dinheiro todo, se contar com o frete. Então, eu leio muito emprestado. As pessoas à minha volta, os meus amigos, sempre influenciaram diretamente na minha vida. Eu cheguei a essa conclusão agora. Na minha época de adolescência foi Geovana e na minha vida mais jovem e adulta é Carol. Sempre peguei muitos livros emprestados dela.

2. Você nasceu ou cresceu em Boqueirão? Na infância e adolescência, você costumava utilizar alguma biblioteca?

Eu nasci no Rio de Janeiro, mas vim para Boqueirão aos dois anos de idade. Eu nunca mais voltei lá, então praticamente me considero Boqueirãoense e Paraibana. Mas eu não ia a bibliotecas, porque Boqueirão não tem uma biblioteca. Ela tem um espaço que é chamado de biblioteca municipal, mas esse espaço não é alimentado, não tem muitos livros, então eu não ia. Agora uma biblioteca que eu explorei muito foi a biblioteca da minha escola, da minha escola pública. Quando eu era criança, que eu estudava em uma escola particular, tinha a biblioteca lá com muitos livros ilustrados e eu amava estar olhando, mas eu não lia nada, mesmo quando eu comecei a ler, eu não lia nada lá. Eu gostava bastante de olhar, ver as capas, ilustrações, mas eu não lia. Agora, quando eu mudei de escola, que eu fui para a escola pública estadual, a José Braz do Rêgo, aí sim eu li muito, aproveitei muito aquela biblioteca, desde o primeiro ano que eu fui pra lá, no nono ano. Eu lembro do primeiro livro que eu li lá, eu acho que é a bailarina fantasma, algo deste tipo. Foi o primeiro livro que eu li no Estadual. A biblioteca de lá é muito boa, bastante rica e eu aproveitei bastante.

3. De que forma sua formação leitora - que, entendemos estar sempre em processo - impactou seus caminhos profissionais.

Eu nunca parei para pensar sobre isso, mas quando eu escolhi o curso de Letras, eu escolhi mais por conta da gramática do que da Literatura, eu gostava muito de ler, mas isso não era suficiente para que eu fosse cursar Letras. Porém, eu gostava muito de gramática e gostava muito dos meus professores de português, eles eram incríveis, eu achava incrível a forma como eles ensinavam, então isso me fez escolher Letras. Porém, desde a escola, eu gostava

²² Nome modificado para assegurar a não identificação da pessoa.

bastante de crônicas e contos, sempre gostei, porque é uma forma de você entrar em uma história, viver uma história com personagens, enredo e tudo isso, mas dentro de duas ou três páginas e eu achava muito incrível isto e até hoje eu acho. Então, meus professores e até os livros didáticos sempre trazem uns contos e isso sempre me encantou. Então eu acho que pra responder esta pergunta, eu acho que foi através dos contos, porque antes quando eu lia, apesar de eu gostar dos livros, não era todo livro que eu conseguia terminar, porque eu achava os livros grandes, eu tinha um certo cansaço - o que faz parte também do processo de formação de leitor - e até hoje obviamente isso acontece, quando o livro não é do gênero que a gente está acostumado a ler, a gente também sofre um pouquinho mais, mas eu acho que muito mais os contos me influenciaram do que os romances.

4. Qual a importância da leitura na sua vida?

Os livros importam muito na minha vida, principalmente pela possibilidade que a gente tem de viver tantas coisas através dos livros. Eu sempre gostei muito de ler romances românticos que tivessem histórias de amor, mas além disso, toda história de amor também perpassa outras situações. Então quando eu li Tartarugas até lá embaixo, de John Green, eu consegui viver através de uma personagem, como alguém que tem TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), se não fosse através daquele livro, eu nunca conseguiria ter um olhar mais próximo dessas pessoas, de como essa doença é complicada, é muito triste e só o livro que consegue fazer isso com a gente, só as histórias, para que a gente possa, através de um personagem, entrar em realidades que não são as nossas. Da mesma forma quando eu li O cortiço (Aluísio Azevedo), eu fiquei muito impactada. Eu já li mais velha, na graduação, não li na escola, mas eu fiquei muito impactada de como eram as moradias. E a gente sabe que isto é real até hoje. Naquele momento, eram os cortiços, mas hoje em dia são as favelas. Então a gente sabe que há muitas moradias precárias e a literatura faz com que a gente possa conhecer estes lugares, mesmo que indiretamente. A ficção também é muito importante para que a gente possa imaginar, utilizar a imaginação, no ápice da literatura, porque toda literatura, seja ficção ou não, a gente precisa imaginar, mas os livros de ficção realmente... O primeiro livro de ficção que eu li foi Ano Passado, de uma série cujo nome é Corte de Espinhos e Rosas (Sarah J Maas) e eu achei muito massa porque eu nunca tinha conseguido ler algo que me fizesse imaginar pessoas voando e tudo mais e eu achei uma experiência muito boa. Então, enfim, resumindo tudo isso, o livro nos abre portas e situações que a gente jamais conseguiria viver ou ver da mesma forma se não com a descrição de um autor, de uma história, de um lugar. É incrível, os livros são fascinantes.

5. Em relação à Festa Literária de Boqueirão, há quanto tempo e como você participa dela?

Eu me lembro ainda exatamente o primeiro contato que eu tive com a FLIBO, mas eu não faço ideia do ano, eu acredito que tenha sido a terceira ou a quarta FLIBO, eu era muito criança, mas foi um espetáculo da Emília. Eu sempre me encantei muito com o teatro, até hoje em dia, mas aqui em Boqueirão não tem Teatro, nem Teatro para a gente participar, enquanto ator, nem Teatro para a gente assistir. Praticamente todo contato de Teatro que a gente tem aqui é através da FLIBO, então, eu não sei como eu tava na praça, se foram os meus pais que levaram, se foi com a minha escola, provavelmente, foi com a minha escola. Mas eu lembro exatamente de ver Emília dançando, sair de uma caixa e tudo mais e aquilo me fascinou num nível, eu fiquei apaixonada. Aí a primeira vez que eu participei da FLIBO fazendo minicurso, minha primeira participação de fato na programação da FLIBO, foi a quinta FLIBO, 2014. Eu lembro porque eu encontrei um material dessa oficina, que foi uma oficina de Haicai, com o professor Hélder. Depois disso, eu já era apaixonada pela FLIBO, desde sempre, eu amava, principalmente por conta dos shows que tinha no final, só que até uma certa idade eu não podia ir sozinha, e meus pais nem sempre iam comigo, às vezes iam e voltavam cedo, mas eu não tinha essa independência. Então, a primeira vez que eu participei foi esta e às vezes eu ia a noite, mas voltava cedo, aí a primeira vez que eu participei enquanto voluntária foi em 2016. Em 2015 foi um ano que eu fui todos os dias para assistir, eu já estava maiorzinha e eu ia via toda a programação, assistia aos shows... foi o ano que eu me lembro

de realmente ter participado enquanto público, foi 2015. A partir de 2016 eu venho sendo voluntária, já tenho 4 anos sendo voluntária, e é uma experiência ainda mais incrível você estar por dentro, nos bastidores, ajudar, cooperar para que aquilo exista. Sem palavras para o que a FLIBO significa para nós aqui de Boqueirão, que admira a cultura, que gosta de literatura.

6. O que você sabe sobre como e por que a FLIBO começou?

Eu sei pouca coisa, mas eu sei que antes da FLIBO existir, existiu a ABES, que é a Associação Boqueirãoense de Escritores e a partir do sonho comum que era fazer esta feira literária, nasceu a FLIBO. Eu sei que foi através da ABES, de um sonho que todos eles tinham, e iniciou. Eu sei que desde o início teve dificuldades, sei que no ano que Ariano Suassuna veio, a primeira ou a segunda FLIBO, a prefeitura esteve bastante presente e isso foi ruim para as meninas, porque eu sei que elas não conseguiram ter contato com Ariano, teve assim uma distância grande. Isso são informações que eu sei por alto, não sei se é exatamente assim. Mas é isso, iniciou pelo sonho deles e foram na cara e na coragem e até hoje essa feira vem sendo desenvolvida pela Associação Boqueirãoense de Escritores.

8. Você tem alguma lembrança marcante da Festa?

Eu acho que se eu fosse eleger uma lembrança marcante seria esse momento com a Emília porque foi o início de tudo, foi onde iniciou este encanto pela FLIBO e é uma memória de infância, que é uma forma de mostrar que desde a minha infância, a FLIBO está presente. Eu já vivi muitos outros momentos incríveis, tanto como público, como voluntária. A FLIBO é incrível, tem muitas atrações que encantam realmente a gente, o teatro sempre foi muito importante, sempre que tinha teatro eu ficava encantada. Já fazem alguns anos que a Companhia de Teatro Café com Pão vem e também a primeira vez que eles vieram eu fiquei muito apaixonada, achei muito lindo, então sempre a parte artística me toca bastante. Gosto muito.

7. De que forma a comunidade de Boqueirão está envolvida na FLIBO?

Bem, o público da FLIBO é bastante variado, tem pessoas de escola, professores que ajudam bastante nesse momento de organização, de voluntariado. Tem pessoas que participam como público e tem pessoas que vão mais por conta dos shows, vão mais tarde, mas ainda assim, mesmo indo pelo show, fazem parte da programação. Eu acho que uma forma que pessoas se engajam muito é na divulgação, as pessoas sempre compartilham bastante, também ajudam comprando bingo que às vezes a gente realiza, para poder ajudar nas questões financeiras e, hoje em dia, a gente vê bastante as pessoas querendo voluntariado, é tanto que ano passado foi estipulado um limite e quase não houve novas pessoas porque a gente, os voluntários antigos, a maioria quis continuar, então quase não tiveram novos voluntários e sempre tem pessoas procurando para ser, então eu percebo que, cada vez mais, as pessoas querem estar ajudando. Normalmente, essas pessoas partem das escolas, porque a maioria das pessoas são de escola, Francitânia é professora, Mirtes é professora, então esse incentivo vem muito das escolas. A ligação entre a FLIBO e as escolas em Boqueirão é algo muito importante. Acho que a maioria das pessoas começam a frequentar, a participar, conhecer, através das escolas. Porque como a FLIBO tem programação de dia e de noite, então de dia, as escolas levam, incentivam para que os alunos façam os minicursos e através dessa experiência as pessoas conhecem, “Ah, existe a FLIBO, a feira literária” e acaba indo a noite com os pais. Enfim, então essa união com a escola é muito importante e eu acho que é daí que se inicia esse engajamento, essa contribuição da comunidade. Os alunos, por conta das escolas.

8. Quais os espaços utilizados pela Festa? De que forma você acredita que eles contribuem para a formação de leitores?

Os espaços utilizados são a Praça da ABES, que já é conhecida assim, Praça da ABES, praça de FLIBO e isso é muito significativo, e as escolas. Não são todas as escolas, mas as maiores e mais centrais são utilizadas para as oficinas e minicursos e isso influencia diretamente como

os alunos tomam conhecimento da existência da FLIBO, como eu já tinha falando anteriormente, comigo foi assim, a partir dos minicursos eu conheci mais, me senti mais próxima de ir, de conhecer e eu acredito que com muitas outras pessoas também é assim. Então isso é muito importante, principalmente, porque existe a marcha literária, que é no início de tudo, primeira programação da FLIBO, antes da própria abertura, é a marcha literária e as escolas todas são convidadas, desde o mais baby até os maiores e isso é muito incrível, isso fomenta na memória uma lembrança muito boa, como eu tenho com a da Emília, de como é especial você ir. Você lembrar a FLIBO, que eu ia quando eu era criança, aquela questão mágica, as fantasias, aquela programação infantil, isso alimenta na memória uma lembrança muito boa. Acredito que muitas crianças têm isso e isso só é possível por conta das escolas, por isso é muito importante essa ligação FLIBO-Escolas e escola em todos os níveis (Fundamental, Médio).

Eu acredito que a FLIBO contribui para a formação e leitores através dessa proximidade com a feira, porque quando você chega na praça, são livros pendurados - eu falando como aluna, uma aluna que foi pra praça da ABES, pro lugar do evento, através da marcha literária - é toda aquela questão lúdica, são tantos autores citados, talvez você perceba “eita, na minha biblioteca tem um livro desse cara”. Tipo, hoje em dia eu conheço Mário Quintana, da universidade, Augusto dos Anjos e tudo mais e na minha biblioteca tinha livros deles todos e eu não li. Eu fico pensando como eu não aproveitei isso, porque eu não conhecia esses nomes. Se eu lesse Quintana e Augusto dos Anjos eu não sabia quem era. Então, através da FLIBO e você ver esses nomes, Clarice Lispector, “caramba, eu acho que na minha escola tem livro dessa mulher”, eu acho que isso pode levar o aluno a ler. E através desses livros pendurados que eles colocam, mesmo que você só olha, mas se aquilo encantou você de algum modo, essa semente vai ficar plantada e você vai ler. Também os minicursos sempre tem algo voltado à literatura e isso realmente pode plantar em alguém essa vontade de ir além, não ficar ali só naquela visita.

9. Você percebe alguma mudança nos hábitos de leitura da cidade depois da Festa Literária? De que modo tem se dado esta mudança?

Eu percebo sim. Mais uma vez eu vou falar das escolas, porque normalmente esses projetos que acontecem na FLIBO - a FLIBO é pra criança, fundamental -, os alunos se a gente vai fazer uma apresentação de Ariano Suassuna, as crianças na escola começam a ter contato com isso, começam a ter ensaios e tudo mais e eles vão ficar sabendo de Ariano Suassuna, de quem foi, quais são as histórias importantes e isso tem uma ligação muito legal, dá muito certo. Trazido para o Ensino Médio também é muito importante, porque tem professores muito influentes, eu acredito que o mais influente em termos de literatura e enquanto professor também, um professor que marca todo mundo que passa por ele é Kleber, então Kleber sempre incentiva bastante a FLIBO, a literatura, engaja os alunos, incentiva os alunos a irem, é muito importante essa ligação. E eu acredito que sim, isso impacta na formação de leitores, isso é um fato. Porque eu fui impactada, eu nunca vou saber dizer “ah, foi nesse ponto aqui exatamente que a FLIBO me impactou”, é difícil dizer isso, dizer o momento exato, a forma exata, mas impacta, todo mundo é impactado de alguma forma. Eu mesma, quando teve a FLIBO de Clarice Lispector, eu ainda não conhecia Clarice, eu já ouvia falar... Para você ter noção, eu pensava que Clarice Lispector escrevia sobre amor e é muito mais do que isso, Clarice Lispector não é romântica. Apesar de ser um nome tão famoso, Clarice Lispector você conhece desde criança, em termos de nome, mas eu só conheci a literatura dela na FLIBO e isso importa muito e depois disso eu fiquei encantada, eu disse “caramba, que mulher massa, que literatura diferente, eu quero conhecer” e conheci através dos contos. Mais uma vez os contos importam muito pra mim e eu ainda não consegui ler nenhum romance de Clarice, mas eu já li muitos contos e eu acho muito bom como através dos contos a gente consegue conhecer um autor.

10. De que forma a Festa mudou a sua relação com a leitura?

A FLIBO sempre muda a gente, sempre impacta de alguma forma, isso de formas diferentes

para cada pessoa, em níveis diferentes, mas sempre impacta. É impossível, se você tiver o mínimo de sensibilidade para literatura e para as artes, você não se impactar com a FLIBO. Eu acredito que antes da Festa eu já gostava (de ler), mas eu não lia tanto. Eu já gostava de livros, de ver coisas de livros e isso aconteceu muito na escola Estadual. Isso é uma curiosidade, eu passei a ler muito mais na escola pública do que na escola particular. Eu não lia na escola particular. Isso é muito curioso, que eu tive esse incentivo muito mais na escola pública. Então meio que tudo aconteceu na minha vida ao mesmo tempo, eu fui pra escola pública no nono ano, em 2012, lá eu comecei a ter esse contato, com o professor Kleber, com a FLIBO, com a biblioteca da escola, então foi um casamento muito bem feito (risos). Acabou que eu fui tendo mais essa curiosidade, ia mais para a biblioteca, era um lugar que eu gostava muito de estar, de olhar as estantes, de ver os autores. Como tudo aconteceu na minha vida ao mesmo tempo, então, eu tive esse incentivo vindo da FLIBO, eu comecei a ver mais livros e ver as possibilidades que os livros traziam, entender mais de temáticas e isso se aplicava na biblioteca da escola, eu usei muito aquela biblioteca.

11. Qual a importância da FLIBO na cidade, no seu ponto de vista?

A FLIBO é o respiro cultural que a gente tem, é aquele ar puro de cultura e de literatura que a gente pode respirar. Além da FLIBO, não existe outro evento cultural em Boqueirão. No mês de Abril, que é o aniversário da cidade, normalmente eles fazem alguns eventos com música, ano passado eles fizeram a noite cultural, que teve música, banda, recitação de poemas, foi algo cultural, mas essa questão de incentivo dos livros, de teatro, arte, da forma como é na FLIBO, não existe em nenhum momento do ano.

A gente consome muito as coisas pelos olhos, então mesmo que uma pessoa vá pra praça onde está acontecendo a FLIBO, não esteja nem prestando atenção no que está sendo falado, nas mesas, mas a pessoa está vendo uma livraria, está vendo livros espalhados pela praça, está vendo toda aquela questão lúdica, os olhos da gente se encantam com tanta beleza. Isso faz com que você de algum modo seja cativado pela literatura, em algum lugar dentro de você, por algum autor, por alguma frase. Se aquilo de algum modo tocou você, então a semente já foi plantada. Então a FLIBO é isso, é um respiro de cultura, dentro de uma cidade que não tem incentivo a cultura. E se um dia não existir mais FLIBO, não existirá mais cultura em Boqueirão, dessa forma que há. Porque tem as pessoas que consomem literatura, mas não tem um evento pensado da mesma forma que a FLIBO é. A FLIBO é indispensável na nossa cidade. Para mim é o evento mais importante da cidade, muito mais do que qualquer outro. A FLIBO é muito importante porque dá espaço a todas as faixas etárias, a FLIBINHO tem esse olhar mais para criança, a FLIBO à noite, os minicursos, oficinas, dá espaço para esse público mais adolescente, jovem e também tem partes da programação que dá espaço para esse pessoal mais velho. Ano passado (2019), por exemplo, teve uma parte dedicada ao cordel, no sábado a tarde, e as pessoas mais velhas gostam bastante, lembram de sua vida, do que já ouviram quando eram mais jovens e também teve um espaço dedicado a essas pessoas. Então a FLIBO é heterogênea, ela abraça todo mundo.

12. Você pretende continuar participando da FLIBO? De que forma?

Com certeza! Desde que eu fui voluntária, eu nunca mais quis outra coisa. Na verdade, antes de eu ser voluntária, eu já tinha vontade de participar, no ano de 2015, que foi a primeira vez que eu realmente entrei, que eu tive contato, que eu participei da programação, eu vivi a FLIBO, eu já tinha muita vontade de participar, mas eu não sabia como, eu tinha vergonha, então a partir de 2016, que foi quando eu fui aluna de Francitância e ela incentivava os alunos para que fossem ser voluntários e eu fui sem nem pensar, bastou aquele incentivo de “vamos ser voluntários”, e eu já fui. Eu já soube o caminho a seguir, entende? Então realmente essa ponte de Mirtes e Francitância e professores de um modo geral na escola, dizendo “se inscrevam num minicurso, se inscrevam para ser voluntários”, esse papel do professor é fundamental.

Eu amo muito ser voluntária. Às vezes sinto falta de participar da programação, porque a gente sendo voluntário a gente não consegue prestar atenção no que está sendo discutido, ali nas mesas e tudo mais, tem que prestar atenção em outras coisas, se o som tá bom, se

todo mundo tá sentado, o que a gente pode fazer. Mas é uma experiência incrível, eu não me imagino de jeito nenhum deixando de fazer parte. Esse ano eu tinha sido convidada pelas meninas para participar das reuniões com elas, de formação da FLIBO, eu e Carol, então a gente já ia ter essa experiência de ver como a FLIBO inicia, como é montada, toda essa questão, até chegar o dia e eu acho que isso tem uma intenção, talvez as meninas vejam em mim e Carol essa potencialidade de talvez um dia levar a FLIBO pra frente e isso me tocou de uma forma incrível, eu pensei “meu Deus do céu, pode ser que um dia, ao invés de Mirtes e Francitânia, seja eu e Carol” e eu fiquei maravilhada com essa escolha e eu percebo que eu e a FLIBO é um casamento que não terá mais fim.

ANEXO VI - ENTREVISTA 4

1. Gostaríamos de conhecer um pouco de sua história enquanto leitor. Como se deu sua formação? Quem mais incentivou você?

Minha formação como leitor aconteceu muito lentamente, porque apesar de eu gostar muito de ouvir literatura de cordel, sobretudo Cancão de Fogo, a História de João Grilo, meu pai sabia recitar, meus tios também tinham decorado, mas foi somente quando eu entrei em contato com O mágico de Oz (uma das minhas primeiras leituras literárias) que eu comecei a achar curiosa a história. No Ensino Médio, nós tínhamos pouco contato com livros, porque na minha escola não tinha biblioteca, e quando eu tomei gosto pela leitura, ao ler um livrinho que tinha muitas histórias dos mitos gregos e o diretor me deixava pegar e levar para casa, apesar de ser um livro para consulta na própria escola. Com o tempo, eu gostava muito de jogar RPG e com os jogos de RPG eu ia lendo revistas e comecei a ler revistas em quadrinhos. Acho que por volta de 14, 15 anos eu lia muito as histórias do Homem Aranha, eu comprava as revistas e tinha uma farmácia aqui na cidade que vendia, daí eu lia. Fazia de tudo para comprar as revistas e fui gostando até ter contato, quando eu estava cursando matemática, na minha primeira faculdade, eu comecei a ler Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, li tanto e tão repetidas vezes que decorei o poema, então a partir daí foi despertando o gosto, eu abandonei o curso de matemática, fiz Letras e aí entrei com tudo na leitura, descobrindo cada vez mais histórias, ficção fantástica, que é o estilo que eu mais gosta, também um pouco de ficção científica, também de filosofia e leio muitas obras técnicas da minha área.

2. Você nasceu ou cresceu em Boqueirão? Na infância e adolescência, você costumava utilizar alguma biblioteca?

Eu nasci e cresci em Boqueirão, morei um ano e meio no Distrito Federal, depois voltei pra Boqueirão para continuar os estudos, pois lá eu não podia estudar. Na minha infância e adolescência tinha uma biblioteca muito sucateada aqui na cidade, era a Biblioteca Municipal, tinham muitas enciclopédias, livros didáticos e algumas coleções que tinham sido doadas por um prefeito da época, com o carimbo de João Paulo Barbosa Leal. Um desses livros da biblioteca, que era O Mágico de Oz eu peguei e levei pra casa e passei uma eternidade com esse livro e depois devolvi. Peguei um livro de xadrez também. Foi pouca coisa, pois não tinha muitos livros que despertassem a curiosidade, as capas não eram bonitas, apesar de serem livros de literatura nacional, tinham umas capas feias que não atraíam. Além disso, a bibliotecária pouco sabia das histórias que tinham na biblioteca, das narrativas, dos poemas que tinham ali. Pelo menos é o que eu me recordo.

3. De que forma sua formação leitora - que, entendemos estar sempre em processo - impactou seus caminhos profissionais.

A leitura impactou de uma maneira bastante significativa, porque quando eu cursava matemática, despertei o interesse pela leitura a partir de uma obra de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina, que eu achei na casa da minha tia. Minhas primas estavam lendo, acho que da escola que elas estudavam, uma escola particular, e me emprestaram. Eu gostei, li e gostei e fui procurando mais coisa, buscando Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis, que eu tinha odiado ler no Ensino Médio, por obrigação, li o Alienista e pouco me interessou. A gente lia em cópias que a professora providenciava, a gente tirava xerox, era uma coisa muito difícil, às vezes ela fazia de próprio punho alguns contos e rodava no mimeógrafo para passar pra gente, uma dificuldade enorme. Mas aí quando eu, cursando matemática, me deparei com isso, ainda passei um período, lia bastante, decidi abandonar o curso, trancar e cursei Letras.

A partir daí, buscando cada dia mais ler, tive contato com Marcos Agra, que fazia parte da geração de 60, 69, como eles eram chamados na literatura paraibana e fui gostando de poesia e descobrindo mais coisa por incentivo de professores, fui buscando muita gente, muita referência e isso demarcou consideravelmente meu apreço por fantasia e por autores locais,

isso sem sombra de dúvidas foi o que mudou a minha carreira. Eu comecei como professor de matemática e já deixei e fui ensinar literatura e língua portuguesa.

4. Qual a importância da leitura na sua vida?

A literatura é importante, a leitura melhor dizendo, porque é o meu trabalho, minha fonte de descoberta do momento, de conhecimento, de informação, eu estou sempre lendo, revista, algum pdf, materiais para o meu crescimento, minha aprendizagem na área de ensino. Gosto muito de ficção fantástica, sou mestre de RPG há 25 anos, leio muito material para criar narrativas e aventuras. Estou lendo o tempo todo. Leio pelo celular, no computador, tenho os meus livros de fantasia que estou sempre lendo e relendo. Enfim, a leitura está em toda parte. Aqui em casa, tanto eu como minha esposa, a gente reserva uma quantia para estar comprando livros e a gente tá sempre lendo. Minha esposa tem um projeto de uma biblioteca particular, que a gente empresta livros a leitores daqui da cidade e tem sido diferencial. A gente compra bastante coisa e ela empresta os livros dela. Leitura está aqui em casa o tempo todo.

5. Atualmente você dá aula em que escola e séries?

Eu dou aula na Escola Cidadã Integral Técnica Conselheiro José Braz do Rego, conhecida como Escola do Estado, fica localizada no centro da cidade. Trabalho nesta escola há 22 anos. Sou professor de Língua Portuguesa e Literatura e ensino do Fundamental ao Médio. Nos últimos 10 anos tenho me dedicado mais aos concluintes do Ensino Médio. Atualmente eu leciono dois terceiros e um segundo ano e estou como professor de arte de primeiro e segundo ano.

6. Na escola onde você trabalha há biblioteca? De que forma os alunos usufruem dela?

Na escola tem uma biblioteca, era chamada de sala de leitura, mas foi ampliando, chegando livros pelo PNLD e desde 2018, a bibliotecária da escola, que é professora de matemática, criou um projeto e, com a ajuda de muitos professores, recebemos doações de pessoas da comunidade e a biblioteca foi ampliando com livros mais atuais, de fantasia, do universo Harry Potter, que os meninos gostam bastante e muitos romances mais atuais foram sendo doados e a biblioteca cresceu bastante. Os alunos usam o tempo todo, eles sempre estão buscando livros ou algum professor está levando os alunos para fazer uma aula de leitura. Tem livros como Eu, de Augusto dos Anjos, que tem 200 livros, tem muitos outros livros, em histórias em quadrinhos, baseados em obras clássicas que têm chegado em grande quantidade e os professores ou levam os livros para a sala para fazer rodas de leitura ou levam para a biblioteca. Como a biblioteca está cheia de materiais, então não sobra espaço para a gente fazer momentos de leitura, então a gente leva os livros para sala de aula ou para o pátio, já que a nossa escola não tem uma estrutura adequada.

7. Em relação à Festa Literária de Boqueirão, há quanto tempo e como você participa dela?

Eu acompanho desde quando era balaio cultural, foi antes de começar oficialmente a FLIBO. As meninas se encontravam, juntamente com o deputado Dunga Júnior, outros artistas locais, maestro Cledilson, eu ia com violão, acompanha Cledilson e Júnior, em declamações. Estavam ali, Mirtes, Jane, Magdovanuza, Marlene, que fazia encenações teatrais. Eu acompanho desde que nem era FLIBO.

8. O que você sabe sobre como e por que a FLIBO começou?

A FLIBO começou, foi um esboço, vamos dizer assim, saído dos encontros de Jane, Mirtes e alguns outros e encontros esporádicos, às vezes na rua conversando “me mostra teu texto”, “vamos botar isto”, como elas bem contam. Professor Maxuel escrevia, Aparecida Farias, que era professora de língua portuguesa também escrevia contos e foram orbitando em torno de Mirtes e Jane, outras meninas, como Shirley, Gelda Moura. A ideia foi amadurecendo e teve uma época que o deputado Dunga Júnior, ex-prefeito de Alcantil, fez movimentações. Na época, acho que o irmão dele era gestor da cidade e promoveu um evento chamado Balaio

Cultural, que trazia apresentações de outros lugares do país, música, dança, teatro e em um desses eventos teve um momento poético e foi surgindo, amadurecendo a ideia das meninas terem uma associação de escritores local que elas encabeçam e, enfim, a partir daí, do Balaio Cultural, que nasceu a ideia de Festa Literária.

9. Você tem alguma lembrança marcante da Festa?

Da FLIBO como ela é hoje tem alguns momentos. Eu sempre acompanho, atuo, nos bastidores, não faço parte da ABES, gosto de escrever, mas não integro a ABES. Eu gosto de atuar nos bastidores. Gosto de fazer a ponte entre sala de aula, entre o estudante, o leitor e as escritoras e o evento, mas a lembrança mais marcante é sempre quando Mirtes tem algum problema, por exemplo, ela marcou com um palestrante e o palestrante de última hora disse que não vinha, ela me aciona ou pede para eu mediar uma mesa, então já virou hábito, quase toda Festa tem uma batata quente e ela sabe que eu estou sempre a disposição e ela me aciona.

Um desses momentos que eu me lembro, foi quando o professor João²³, que é professor de Língua Portuguesa e Literatura do colégio Habilis, ele tinha ficado de dar um minicurso e precisou faltar e Mirtes em cima da hora me chamou. Eu já tinha algumas palestras prontas, apresentei a ideia pro pessoal do curso, o pessoal gostou e foi super divertido, mas enfim, esta é uma das lembranças da festa que é mais marcante.

10. De que forma a comunidade de Boqueirão está envolvida na FLIBO?

A princípio, a comunidade não se interessou bastante, as escolas marcavam presença, os professores levavam os alunos, incentivavam, aos poucos, foi um trabalho de muita paciência, de grão em grão e passo a passo, os professores insistindo, as meninas correndo atrás de patrocínio, se mobilizando, trazendo sempre um evento musical que atrai a população. O povo daqui gosta de festa e assim foi atraindo e a comunidade foi se envolvendo, mais pessoas foram se integrando, foram vendo, entendendo que faz parte do calendário de eventos da cidade. Comerciantes foram vendo a oportunidade de colocar alguma de suas vendinhas, marcar presença, o pessoal do artesanato sempre faz parte, pessoal que tem som local que aluga para a festa. Então isso foi abraçado pela comunidade de tal modo que hoje temos uma festa considerável. É o primeiro evento dessa magnitude, coisa que nem Campina Grande, nem João Pessoa à época ousaram criar e lançar e a Festa Literária de Boqueirão marcou, criou escola. A comunidade hoje participa bastante. Hoje temos pessoas que compram livros. Antigamente não, o poder aquisitivo também não era lá essas coisas. Com a percepção dos pais, principalmente, que é importante a leitura, fez com que mais stands viessem e nesse evento se vendesse bastante. A comunidade participa bastante.

11. Quais os espaços utilizados pela Festa? De que forma você acredita que eles contribuem para a formação de leitores?

O espaço principal utilizado é a praça na rua da independência, nos quiosques, como a gente chama. Tem um quiosque que é o da ABES e é ali que acontece. Hoje é asfaltado, mas antes não. Era no paralelepípedo. É arborizado, mas não como se esperava, não tem bancos adequados para o público, então as meninas da ABES tem que se virar, providenciar muita coisa, elas fazem muita coisa para que tudo dê certo. As escolas contribuem abrindo espaço para que minicursos e palestras sejam feitas ali. Mas a gente não tem um anfiteatro, um teatro, uma casa de espetáculos, que hoje possa receber. A gente já teve em outros momentos, a realização de eventos, como a palestra de Ariano Suassuna, de Jessier Quirino, que foi em uma casa de espetáculos particular aqui e eles tiveram que desembolsar, com apoio do comércio sobretudo, com os poucos recursos que eram destinados pelo poder público, fizeram alguns eventos. Antes se tinha o espaço do Clube Recreativo, chamado CEFAR, mas o espaço ficou pequeno e também não era adequado, era um espaço para dança. Nós carecemos de um espaço adequado para a realização da Festa, porque não temos, infelizmente.

²³ Nome modificado para assegurar a não identificação da pessoa.

12. Você percebe alguma mudança nos hábitos de leitura da cidade depois da Festa Literária? De que modo tem se dado esta mudança?

Nós temos hoje um grupo de adolescentes que leem bastante. Eu lembro que na minha sala de aula, há 15 anos, era muito difícil a gente despertar o interesse pela leitura, porque o acesso ao livro era difícil, os livros também eram muito caros - hoje ainda é caro, mas é mais acessível, livros em pdf, dá pra ler no celular. Com a popularização de obras como O senhor dos anéis, a partir dos primeiros anos deste século, com Harry Potter, Percy Jackson e uma série de outras obras que viraram filmes, isso fez com que muita gente despertasse os seus olhos para a leitura. Acho que isso contribuiu bastante. E, claro, a Festa Literária atuou nisso fazendo essa ponte, essa intermediação, trabalhando, cinema, teatro e música e literatura, trazendo autores como Bráulio Tavares, como Ariano Suassuna para perto do público, os homenageados sempre foram muito bem escolhidos. O trabalho com cordel, com a contação de histórias. Acho que isso seja o que mais impacta, é a contação de histórias para crianças, porque o menino e a menina que estão hoje nas séries iniciais, em dez anos eles vão estar nas séries fundamentais e vão ter outra visão sobre leitura. Então quando chegar diante de um professor de língua portuguesa, de literatura ou de artes, que falar sobre autores clássicos, sobre obras de ficção, de contos, eles vão ter outro olhar, outra visão, diferente daquela que a gente enquanto professor de língua portuguesa, de literatura, enfrentava diante de estudantes que não tinham interesse por leitura. Então a Festa Literária tem trazido aos poucos e hoje a gente já vê isso bastante consolidado, muitos pais comprando livros para os filhos, muitos estudantes.

13. De que forma a Festa mudou a sua relação com a leitura?

Na minha relação com a leitura não impactou tanto, mas mudou minha relação com o ensino de leitura. Alguns eventos, como a contação de histórias, nos faz aproximar o escritor do nosso estudante. É tanto que eu não levo apenas textos dos escritores locais para sala de aula, mas, à medida que leva o escritor pra falar com o estudante e falar sobre o processo de escrita vai ajudar tanto a despertar o interesse pela escrita literária, quanto também melhorar a leitura e a capacidade inclusive de escrever textos e se preparar para redações como a do ENEM.

Mudou a maneira como a gente leva a literatura para sala de aula e a leitura do texto literário, começando por escritores locais. Personalidades como Mirtes e Jane, a gente pega textos delas que dialogam com textos de Drummond, de Ferreira Gullar, que dialogam com cordéis, no caso de Jane. Então a gente faz esta ponte e tenta despertar o interesse a partir do escritor local.

14. Qual a importância da FLIBO na cidade, no seu ponto de vista?

A Festa Literária de Boqueirão é muito importante porque ela transformou a leitura e o contato do estudante com o texto e transformou a maneira como muitos professores viam a aula de leitura, como uma aula enfadonha, e com a contação de histórias, com leituras adaptadas para o pública, com leituras diversificadas e não com aquilo que vem no livro didático imposto para os estudantes, com as oficinas, são muitas coisas que a FLIBO contribui para a formação de leitores na cidade. As palestras, os eventos artísticos, musicais, teatrais. O projeto desengaveta meu texto com uma oficina dando a oportunidade para estudantes exporem seu texto. E, claro, tem o ponto de vista econômico. Há o espaço para que o empreendedor leve seu stand, quer de livros, quer de artesanato, quer o pessoal que trabalha com alimentação. Aquela semana que tem a FLIBO movimenta toda a cidade.

15. Você pretende continuar participando da FLIBO? De que forma?

Sim, indo aos eventos, ajudando a Mirtes sempre que ela precisa de um tapa buraco, já fiz apresentações, intermediações, já mediei algumas mesas, fiz entrevistas e estou sempre à disposição. Se é pra pegar no pesado eu estou disponível, se é pra dar uma palestra, estou disponível. Participamos de forma diversificada. Eu gosto de assistir às palestras, às mesas e quando ela me convida gosto também.

16. Enquanto professor, quais os desafios você vê em relação à formação de leitores? Você acha que a FLIBO ajuda a superar algum desses desafios? De que forma?

Nesses anos de sala de aula, são tantos desafios que a gente enfrenta, mas eu acredito que o maior dele seja o poder aquisitivo das famílias. É tão sacrificado pra muita gente, como foi pra mim nos primeiros anos de faculdade, pra tirar xerox, como professor que precisava comprar um livro. Hoje, nossa condição é melhor, a gente compra de cinco a dez livros no mês e nossa demanda de leitura é enorme. Lemos porque gostamos e pela nossa profissão. Mas se nós que temos uma renda mensal regular considerável enfrentamos estas dificuldades que dirá os pais dos alunos que não têm condições de comprar um livro de quarenta, cinquenta reais, porque não sobra no fim do mês. Investem em outras coisas, porque precisam.

Por isso eu não recrimino quem baixa livros pela internet. Eu inclusive recomendo a alguns alunos. O importante é que você esteja lendo. Se bem que a internet hoje é tudo leitura, então a gente tá lendo em todo lugar, no celular, mas temos que ver a qualidade dessa leitura. Eu acho que a grande dificuldade na formação de leitores é o contato com os livros. Eu acho que se desde cedo, a criança tem contato com o livro, então aquilo vai ter um significado enorme na vida dela e um impacto grande, seja o livro físico ou digital. Imagina aí se o pai de família não consegue comprar um livro, como é que compra um kindle?

Outra coisa, os jogos despertam muito mais atenção das crianças do que a leitura, por isso a importância do livro físico. Eu acho que isso impacta bastante.

A FLIBO ajuda a superar essas dificuldades permitindo o contato das crianças e adolescentes com os livros físicos, com as contações de histórias, com as encenações, eu acho que dessa forma, nesse contato, a FLIBO tem sido diferencial na vida dos jovens leitores.

ANEXO VII - ENTREVISTA 5

1. Gostaríamos de conhecer um pouco de sua história enquanto leitora. Como se deu sua formação? Quem mais incentivou você?

Sou formada em Pedagogia e Licenciatura em História. Tenho especialização em Atendimento Educacional Especializado, Saúde Mental, Educação Infantil e vários cursos de 120 horas voltados para a saúde mental. Sou Mestre em Educação, em processos de ensino-aprendizagem. Minha formação se deu desde a infância em escola pública. Meus pais não dispunham de condições socioeconômicas para me colocar em uma escola particular, então eu fui crescendo, passei pela fase da adolescência, da juventude, em escola pública. Outro ponto é que só que depois que eu terminei, que eu não consegui de imediato fazer a graduação em uma universidade pública, eu custeei pela universidade da UVA particular, o curso de pedagogia. Tanto as minhas duas graduações, quanto as especializações, aconteceram em universidade particular. Só a partir do mestrado que foi em universidade pública, a Universidade Federal da Paraíba. Aqui em casa nós somos em três, duas mulheres e um homem e meus dois irmãos nunca gostaram de estudar, então a única que se destacou, que voltou - pois eu morava na zona rural - que se empenhou, que enfrentava sol, chuva, as dificuldades socioeconômicas, fui eu. Sempre gostei de estudar. Naquela época eu tinha muita dificuldade, em virtude de não ter um apoio familiar envolvido com a questão da leitura, como também dos próprios professores, pois eles trabalhavam com uma abordagem tradicionalista, então eu tinha que me esforçar para poder alcançar o mérito e o êxito de ser aprovada no ano seguinte. Esse meu gosto pela leitura - aqui em casa eu tenho livro do terraço até chegar no quintal - então tem muitos livros, pois uma área que eu me identifiquei foi a área da saúde mental, foi a área de trabalhar com criança com transtorno, com deficiência, minha pesquisa de mestrado foi voltado para jovens e adultos com transtornos mentais. Eu amo esta área, pretendo levar para o doutorado.

2. Você nasceu ou cresceu em Boqueirão? Na infância e adolescência, você costumava utilizar alguma biblioteca?

Eu nasci em Boqueirão, morava na zona rural. Nós tínhamos uma biblioteca pública municipal, por várias vezes, eu lembro como hoje, para a gente ter acesso, a gente ia lá, fazia o agendamento e, posteriormente, a gente poderia tanto pegar um livro emprestado, como depois fazer a devolutiva ou estudar lá. Lembro que o acervo era bem precário, não existiam livros atualizados, de literatura. Não tinha o colorido que as crianças gostam, porque as crianças começam a fazer a leitura pelas imagens.

3. Hoje em dia essa biblioteca ainda está ativa?

Com precisão eu não sei afirmar. Não sei como está hoje. Antes mesmo da pandemia. Pois hoje eu tenho outra vida fora de Boqueirão.

3. De que forma sua formação leitora - que, entendemos estar sempre em processo - impactou seus caminhos profissionais.

Qualquer caminhada profissional precisa ser materializada na leitura, porque a leitura lhe permite criar imagens daquilo que concretamente ainda não existe. Você começa a criar ideologias subjetivas para os seus sonhos e suas metas tomarem forma. A leitura lhe permite consubstancializar, idealizar, formar e materializar seus objetivos e ideais.

6. Em relação à Festa Literária de Boqueirão, há quanto tempo e como você participa dela?

Veja bem, a Feira Literária aqui foi um marco e é um marco ainda para toda a população. A FLIBO veio com o intuito de alcançar a fragilidade que existe não apenas na cidade, mas a nível nacional, pois o Brasil é considerado em déficit em relação a outros países em que a educação é prioridade. E quando a educação é prioridade, a leitura também é. Então aqui começa de oportunizar por meio cultural, sem ser aquela leitura enfadonha, mas uma leitura lúdica, cultural. Então trouxe um despertar do olhar, um despertar subjetivo para as pessoas.

Vou falar agora enquanto escola - Escola Espaço da Criança (Pingo de Gente) - (a FLIBO) nos oportunizou a vislumbrar um ganho para o processo de aprendizagem de cada criança, pois sai dos muros de sala de aula e sai para um meio social. Porque toda caminhada, qualquer passo que você faz hoje, tem o social aplicado. Então você tem que pensar enquanto cidadão não apenas em sala de aula, mas para além da sala de aula, porque é lá no social que você vai agir. Então a FLIBO oportuniza isso, a criança vencer a timidez, vencer a imaturidade, o preconceito de achar que não sabe, então a partir do momento que está naquele palco cultural, é permitido para ela que as pessoas a vejam. O protagonismo social sendo exercido por meio da proposta literária.

7. Desde quando você participa da FLIBO?

Tem um bom tempo. Há mais de sete anos. Desde os primeiros anos, a gente participa, a escola se envolve. Eu participo enquanto direção e equipe de professores da Escola Espaço da Criança (Pingo de Gente). É um ganho que a gente percebe que as crianças gostam, as famílias gostam. Traz um ganho para o nosso objetivo, que é trabalhado durante todo o ano letivo.

8. O que você lembra de quando a FLIBO começou?

Eu lembro que era um grupo menor, mas as meninas eram muito empenhadas, com foco no objetivo que a longo prazo iria ser alcançado. Elas passaram por muitas dificuldades. Elas lutaram e buscaram apoio do poder público, do comércio local, das escolas particulares. Foi um trabalho que foi unindo forças. E aí a gente vendo a determinação delas foi nos contagiando e a gente foi mergulhando também na proposta. A gente foi vendo que era uma proposta riquíssima e significativa para os nossos propósitos enquanto didática de ensino.

9. Quem são as meninas?

As meninas da ABES. Mirtes, Magna Vanuza, Jane Luís, Aparecida, Francitania. Na época, hoje não está mais, Shirley.

10. Quais os espaços utilizados pela Festa? De que forma você acredita que eles contribuem para a formação de leitores?

Com certeza. Eu acredito também que o poder público precisaria se envolver mais, pois nós sabemos que seja ONG, seja associação, ou qualquer instituição ou projeto social sem fins lucrativos demandam uma necessidade e um conjunto de dificuldades, porque não vêem que eles persistem para isto, então, necessita que o poder público se envolva. Então nós sabemos hoje, por exemplo, que o Plano de Ações Articuladas (PAAR), que é uma diretriz municipal que vem dinheiro específico para auxiliar os projetos sociais locais, então o que está faltando hoje é o envolvimento do sistema público do município para poder auxiliar tipos de instrumentos, recursos. Já existe o local, o espaço, mas nenhum projeto funciona apenas com o espaço. Existe o corpo de recursos humanos, os instrumentos e os recursos pedagógicos, para fomentar as ideias. Hoje, acredito que temos uma estimativa de 5000 alunos, envolvendo rede pública e particular. Então imagine hoje o sistema público em termos de recursos humanos e pedagógicos, o quanto de êxito e significação não aconteceria com o projeto. Poderia alcançar muito mais do que já foi alcançado.

15. Pensando um pouco sobre Minha Escola na FLIBO e FLIBINHO, o que são esses projetos?

Olhe só, eles são projetos em que as escolas vão escolher uma didática para poder trabalhar com seus alunos. Todos os anos vem um autor ou uma autora referência a nível regional ou nacional. A escola fica com livre arbítrio se deseja trabalhar alguma referência literária daquele autor ou autora ou se deseja trabalhar outro e também sobre a maneira em que vamos trabalhar em sala de aula, através de atividades pedagógicas, de dramatizações, contações de história e dentro dessa abordagem pedagógica que estamos trabalhando em sala de aula, a escola vai escolher uma apresentação cultural para ser apresentada na semana da FLIBO, lá no palco cultural.

Lá, após, a escola recebe um troféu em menção à apresentação, à abordagem, à proposta. Ali fica tanto uma referência para a escola, quanto para as crianças e as famílias. É uma festa. As pessoas se deslumbram. Nas redes sociais, na própria comunicação interlocutiva com os pais e as crianças, o quanto gostam.

Então, a Minha Escola na FLIBO funciona dessa maneira. A escola trabalha anteriormente, ou em determinado período, ou no ano todo, e, no dia da FLIBO, ela vai se apresentar.

Além disso, no período da FLIBO ou um mês antes, as meninas fazem visitas às escolas, levam material, livros, fazem oficinas de contação de história, traz também dicas para escritores mirins.

18. Qual o envolvimento das crianças no Minha Escola na FLIBO e na FLIBINHO e como se dá a formação leitora destas?

As crianças amam e além de amar é um despertar do olhar para a leitura. O gargalo da educação brasileira é a questão do processo de leitura e escrita. Então, muitas vezes o professor, a gestão busca elementos para potencializar ganhos para as crianças. A FLIBO traz esse movimento, pois a partir do momento que você começa a ser provocado ao protagonismo social, ali já é um canal para você potencializar a leitura e a escrita. Por exemplo, a gente encaminha livros para as crianças lerem em casa, elas se envolvem; enviamos também atividades referentes à interpretação dos livros. Então eles se envolvem. Não só as crianças, mas também os familiares. Percebemos que é um estímulo para que as crianças enxerguem a leitura não como algo restrito, não, algo benéfico. Eles vão fazendo associações entre mundo real e literatura.

19. Você percebe alguma mudança nos hábitos de leitura da cidade depois da Festa Literária? De que modo tem se dado esta mudança?

Com certeza. A partir do momento que você começa a trabalhar uma proposta de atividade como ganho estimulante, você começa a perceber mudanças de hábitos. Por exemplo, a busca em caprichar e se envolver cada vez mais na apresentação cultural. Os pais investem em roupas, em maquiagem, investem em livros, porque querem que seus filhos sejam destaque. A escola envolve também em recursos, em materiais, no planejamento didático, porque quer também que a escola seja destaque no dia da apresentação cultural. Então são ganhos muito elevados, que a gente percebe no dia a dia este envolvimento.

20. Você falou que sua formação tem se dado muito em relação a crianças com deficiências. Você lembra de alguma dessas crianças que se envolveu com a FLIBO?

Sim, nós temos uma estimativa de mais de 60 crianças e adolescentes, então alguns se envolvem. A depender do nível de comprometimento cognitivo e social é até um respeito para não ocasionar um desequilíbrio, porque é muita gente no dia da festa, o que pode causar estranhamento.

Eu lembro bem de um caso de uma criança que tinha autismo associado a uma deficiência intelectual. Esta criança não saía da escola. Ela saía de casa e vinha pra escola, mas não gostava de participar em atividades culturalmente na sociedade. A gente começou a trabalhar com ela em uma perspectiva de quase 9 meses. Resultado: Pedro²⁴, no dia, fez uma apresentação que surpreendeu familiares, que nos surpreendeu, que foi um marco, porque nos trouxe uma emoção muito grande, tanto da escola, como da família.

21. Você pretende continuar participando da FLIBO? De que forma?

Este ano, devido a pandemia, acaba de certa forma restringindo um pouco os ganhos que a gente pretende alcançar, mas quando voltar presencialmente, com certeza iremos continuar. Pretendo também incluir desde o início do ano letivo toda uma programação literária para trabalhar não apenas em determinados meses, mas durante todo o ano letivo. Aquilo que é trabalhado do início ao fim, você consegue atingir um resultado melhor, do que em dois ou três meses.

²⁴ Nome modificado para assegurar a não identificação da criança.

ANEXO VIII - ENTREVISTA 6

1. Gostaríamos de conhecer um pouco de sua história enquanto leitora. Como se deu sua formação? Quem mais incentivou você?

Na verdade, eu sempre gostei de livros desde criança, então mesmo antes de saber ler, eu gostava de ver as imagens. A minha mãe comprava aquelas coleções de contos de fadas e eu “lia” entre aspas. Eu não largava os livros. Ela contava para mim as histórias, a minha irmã contava também, porque ela é mais velha que eu, ela já sabia ler. Mas eu não largava os livros e sabia tudo o que aquela história estava contando. Daí eu fui crescendo e no Fundamental I eu não lembro de ter sido incentivado pela escola, mas minha irmã tinha livros paradidáticos e eu lia. Um livro que mais me marcou foi o primeiro livro que eu li sem imagem, foi o Super Silva. Quando eu fui para o Fundamental II, eu tive uma professora de português que me incentivou muito, ela tinha muitos paradidáticos, ela levava para a escola e eu pegava muitos livros emprestados dela. Toda vez que eu terminava um livro, ela dizia “esse aqui eu acho que você vai gostar”. Eu acho que eu era a única da sala que pegava os livros para ler, inclusive, ela tinha um projeto de leitura para ver se os outros alunos liam, mas ninguém lia, só eu lia. No Ensino Médio, um professor de português me incentivou muito. Nessa escola que eu estudei no Ensino Médio já tinha biblioteca, nas outras nenhuma tinha, e eu peguei alguns livros da biblioteca para ler, com incentivo do professor. Porque aqui não tinha livraria, nunca teve, tem agora a de Mirtes, mas não tinha outro acesso a não ser a biblioteca da escola, porque biblioteca municipal também nunca teve. Então eu digo que começou na infância, porque eu sempre gostei de ler, tem aquelas historinhas bíblicas ilustradas, todo tipo de livro. Quando eu comecei a ler, eu fiquei maravilhada porque eu estava entendendo o que os meus livros estavam dizendo. Então começou na infância e eu tive incentivo principalmente de professores de português. Depois eu entrei na universidade de espanhol e confesso que dei uma diminuída na leitura por causa dos textos acadêmicos, que roubam todo nosso tempo, eu também trabalhava. Mas no fim da universidade, quando meu horário estava mais flexível, eu voltei a leitura e aí acabou mais vida social.

2. De que forma sua formação leitora - que, entendemos estar sempre em processo - impactou seus caminhos profissionais.

Se eu não gostasse de livros e literatura e tudo mais, eu não teria escolhido letras espanhol para fazer no vestibular, pois é um curso que requer muita leitura e muita atenção. Por mais que a leitura seja diferente da que eu costumava ler, obviamente, pesou na minha escolha profissional.

Quando eu estava na universidade, eu fui descobrindo muitas outras coisas da literatura que me fizeram me apaixonar ainda mais por leitura. Então teve impacto, sim. Eu sou professora de espanhol e de inglês, em curso de idiomas.

3. Você nasceu ou cresceu em Boqueirão? Na infância e adolescência, você costumava utilizar alguma biblioteca?

Eu vim morar aqui cedo, vim morar aqui com 6 anos. Então eu não tenho muita vida antes daqui. Eu nasci em Piancó e morei em Patos. Não existia biblioteca municipal. Assim, existia biblioteca municipal, mas só com livros de pesquisa, livros didáticos e era inviável porque era muito suja. Não dava para usar. Na infância eu não usava biblioteca nenhuma, eu usava os livros das minhas professoras, porque as escolas que eu estudei na infância não tinham biblioteca. Só na escola que eu estudei no Ensino Médio é que tinha uma biblioteca e ela ainda estava sendo abastecida com livros legais. Hoje, esta escola tem livros atrativos, na minha época eram mais clássicos. Foi quando eu li os clássicos, com incentivo do meu professor.

4. Desde quando você acompanha a FLIBO e de que forma se dá sua participação.

A FLIBO eu acompanho desde a primeira edição, já faz 11 anos. Eu tinha uns 15 anos, mas a primeira e a segunda FLIBO eu não tenho recordação, porque eu tenho memória ruim e não

teve tanto destaque. Mas eu lembro da terceira FLIBO, que foi quando veio Ariano Suassuna. A partir dali ela foi muito mais forte para todo mundo, inclusive para mim, eu fiquei “meu Deus, Ariano Suassuna na minha cidade, como assim?”. A partir dali eu entendi o que estava acontecendo, que tinha uma Festa Literária na minha cidade e eu tinha que participar daquilo de algum jeito. Então aquela foi a única Festa Literária que eu não participei ativamente, porque foi quando eu descobri a FLIBO. No outro ano, eu já estava mais envolvida, sempre como espectadora. Eu comecei a trabalhar em uma escola em 2010, que eu era professora de informática, e a primeira vez que eles foram fazer oficinas, eu já pedi à coordenadora para levar meus alunos. Todo ano eu tentava ser voluntária e não conseguia por causa dos horários da escola, mas eu sempre participei com meus alunos. Levava para as oficinas, para os minicursos, ajudava na hora que eu podia ajudar, mesmo sem ser voluntária oficial, de noite, eu ia todas as noites, batia o ponto, chegava lá no começo e só saía quando não tinha mais nada para eu ver. Até que em 2019, eu consegui ser voluntária. Daí eu passei todos os dias da FLIBO, antes e depois, na praça da ABES, nas escolas, antes de começar, ao decorrer, depois, eu praticamente dormi lá. Ano passado também, na FLIBO virtual, eu fui uma das pessoas que organizou, junto com Mirtes. Este ano, recebi o convite para participar da ABES. Não sou escritora, mas como pessoa incentivadora de leitura e eu aceitei com muita felicidade. Hoje eu participo ativamente. Acho que em 2019, eu fui uma das voluntárias que mais participou, que mais se engajou. Em 2020 também com a FLIBO virtual eu participei de muita coisa e acredito que em 2021 vá se repetir.

5. Como você vê a participação da comunidade na FLIBO?

A cidade inteira hoje participa bem da FLIBO, acho que todo mundo aguarda muito a FLIBO todo ano, inclusive ano passado, quando não houve, muita gente ficou triste, porque é muito importante para a cidade. Quem não gosta de literatura, gosta pelo menos dos shows que tem, das apresentações culturais, teatro, essas coisas. Então a cidade se envolve muito. A comunidade, mesmo sem ser a comunidade leitora, porque a FLIBO alcança muito mais que a comunidade leitora. E as pessoas que antes não liam, por toda a atração da FLIBO, por toda a montagem, porque a gente deixa a praça da ABES enfeitada, para chamar atenção. Então quem não era leitor, muita gente se converteu à literatura, nem que seja contos e poemas, que é uma leitura mais rápida. Hoje a gente vê a diferença. Eu, como professora, via que meus alunos não liam muito, mas quando ia chegando o dia da FLIBO, eles procuravam sobre os homenageados para entender. Eu ensinava artes também, então já aproveitada. Formou muitos leitores, com certeza, eu via meus alunos que não liam e passaram a ler e muita gente na cidade vem conversar comigo ou pega livro na biblioteca, dizendo “ah, eu nunca li, mas eu queria ler, porque eu acho bonito, eu vejo o povo da FLIBO e acho bonito, eu quero ler”. Eu já emprestei muitos livros a primeiros leitores, que disseram que nunca leram livros, mas de ver a movimentação ficaram com vontade. Fora a comunidade leitora, porque já tinha leitores e escritores, então a FLIBO veio também como um respiro para essas pessoas.

6. Neste sentido de emprestar livros, você cria o Projeto Minibiblioteca Particular e eu queria saber se houve alguma relação desta iniciativa com a FLIBO.

Houve sim. A ideia veio na FLIBO. Uma menina estava me vendendo brigadeiro. Porque, assim, eu tenho muitos livros e muitos desses livros eu li uma vez e não vou ler mais. Fez parte de mim, da minha formação leitora, mas não me interessa mais. Uma menina estava me vendendo brigadeiro e quando ela saiu um amigo dela disse “ela estava vendendo brigadeiro, porque ela quer comprar o livro X, porque ela não tem dinheiro para comprar”. E era um livro que eu tenho, não li ainda, mas que eu tenho e que, para mim, foi fácil comprar. Quando eu percebi isso, eu fiquei pensando, eu voltei pra casa, olhei meus livros e pensei “meu Deus, tão difícil para tanta gente e para mim é fácil. Eu não precisei vender brigadeiro para comprar”. Daí eu fiquei pensando “eu vou criar uma biblioteca para a cidade”, vou fazer um teste, porque olhe o tanto de gente que quer ler e não tem dinheiro pra comprar. E aqui não tem biblioteca. Tem a biblioteca da Escola Estadual, mas só quem pega são alunos e

esta menina não era aluna desta escola. Ela é de Boqueirão, inclusive ela pega livro hoje comigo, mas ela não é do Estadual. Aí eu pensei, eu falei com Kleber, “eu estou com uma ideia, o que é que tu acha?”, aí ele disse “você que sabe, os livros são seus”. Eu fiz um teste, coloquei no instagram, perguntei quem tinha interesse, recebi muita mensagem, selecionei 20 pessoas e selecionei alguns livros, não coloquei todos os livros. Daí essas pessoas escolheram os livros, só para eu ver se as pessoas iam devolver mesmo, se iam cuidar. Eram pessoas aleatórias, não eram só pessoas que eu conhecia, porque eu sempre emprestei meus livros, para amigos, para pessoas conhecidas, sempre emprestei, nunca tive problema, mas o negócio era emprestar pra gente que eu nunca vi na vida. Aí eu emprestei esses 20 livros e essas 20 pessoas leram, devolveram bem cuidados e eu pensei “vou fazer”. Eu comecei só com os livros que eu não tinha tanto apego, que se tivesse algum prejuízo eu não ia ficar tão triste. Mas depois eu fui vendo que todo mundo ia devolvendo no prazo, devolvendo cuidado, tendo cuidado, e eu fui colocando mais livros meus. E hoje tá aí, tanta gente que eu empresto que eu nunca vi na vida, mas devolve cuidado, direitinho.

7. Quantos livros já foram emprestados?

Com certeza já passou de 300.

8. Como acontecem os empréstimos?

Eu posto nos stories da biblioteca os livros que estão disponíveis. Como os stories ficam por 24 horas, os leitores respondem dizendo qual o livro que querem. Se for um novo leitor da biblioteca, eu pego nome completo, endereço completo, telefone, um ponto de referência ou alguém que seja responsável - se eu não souber onde é - e o instagram. Eu dou um mês de leitura. A pessoa vem na minha casa, porque não seria viável eu ir deixar o livro. Eles reservam na terça-feira - agora na pandemia eu estou fazendo assim, porque quando eu comecei, qualquer horário, qualquer dia que você quisesse o livro eu reservava e você pegava no outro dia, mas agora, por causa da pandemia, para não ter tanto contato com tanta gente todo dia, eu mudei - na terça-feira eles fazem as reservas [...] e na quarta eles vêm pegar, eles só têm um dia para pegar. Se não vier na quarta, a partir de 13h até de noite - eu reservo o dia inteiro pra ficar em casa, só não de manhã - aí sua reserva acabou, só na próxima semana, se você conseguir reservar este livro. Todo livro tem as regras na capa e também tem o nome (do leitor) com a data de devolução, para a pessoa saber qual é o dia. Quando vai chegando os 30 dias, eu mando mensagem dizendo que a data está vencendo e perguntando se a pessoa quer renovar por mais 15 dias. São 45 dias para ler. Para mim é muito tempo, mas tem gente que está começando que precisa dos 45 dias. Chegou nesse 45º dia, eu mando mensagem pedindo o livro de volta, porque pode ser que outra pessoa queira este livro e não está disponível há muito tempo, daí eu pego o livro de volta, coloco disponível e se alguma outra pessoa reservar, eu reservo, se a pessoa que não terminou quiser, pode reservar novamente, não tem problema, mas eu tenho que pegar, porque se alguma outra pessoa estiver interessada, eu tenho o livro.

8. Qual o perfil dos seus leitores?

Eu tenho desde criança, de 8, 9 anos, a adulto muito adulto, mas a maioria é adolescente, entre 14 a 19 anos. Homens são poucos. Tenho leitores homens ativos uns 3. De mulher são muitas. Eu acho que cadastradas umas 50 pessoas. Eu tenho leitores que pegam o livro toda semana, uns 10 leitores. Eu tenho uma leitora que eu nem guardo mais a ficha dela. Eu tenho muitos ex-alunos e muitas amigas que pegam livros comigo.

9. Você sabe se essas pessoas participam da FLIBO?

Algumas pessoas, sim, eu sei que participam como ouvintes, nas oficinas, vão para a praça da ABES, mas na organização, não.

10. Quais são as tuas perspectivas para a biblioteca?

Eu não sei. Não sei porque eu comecei sem pretensão de nada, só queria que as pessoas tivessem acesso aos livros e às vezes é muito complicado lidar com pessoas, porque tem

gente que não dá um obrigado, querem ser atendidos naquele momento que eles querem, mas nem sempre eu posso. Muitas vezes já pensei em desistir, por causa dessas coisas, mas não tenho condições de parar com esse projeto, porque esse projeto me traz muita alegria, porque muita gente me diz “eu estava no hospital, estava doente, só tinha o livro que eu peguei com você e isso me ajudou”, então eu não tenho condição de parar com isso, mas eu também não tenho um planejamento, porque tudo na minha vida eu vou vivendo, eu não planejo a longo prazo. Eu sei que eu já recebi muitas doações, eu tenho muitos livros que são da biblioteca, tem livros que eu compro para a biblioteca, eu digo que não são meus, são da biblioteca, não são livros que eu gostaria de comprar pra mim, são livros que os leitores procuram e eu compro, mas não são livros que me interessam. Mas não tenho nenhum pensamento de abrir um espaço físico, porque eu não tenho condição de ir para lá e ficar à disposição. Eu gostaria que a cidade tivesse este espaço, se a cidade tivesse esse espaço, eu me comprometeria a ser uma voluntária deste espaço, nem que fossem alguns dias da semana, mas enquanto não existe, eu vou sobrevivendo desse jeito. Não tenho nenhum planejamento, só quero aumentar alguns livros que eu ainda não tenho e alcançar um público masculino, que eu acho muito difícil, para isso eu tenho comprado livros de terror, de suspense, porque eles geralmente não gostam de romance.

11. Essa figura feminina é muito forte na leitura, não é?

Sim. É tanto que eu achei muito interessante que o meu professor lia. Quando eu estava na universidade, eu ficava impressionada - porque na universidade eu não lia muito, lia 4, 5 livros no ano - teve um ano que Kleber leu 60 livros e eu fiquei impressionada. Primeiro, a quantidade era um absurdo pra mim na época, hoje nem é, e um homem lendo, que não era comum eu ver, eu acho que o primeiro homem que eu vi lendo mesmo foi ele. Então eu acho muito difícil atrair esse público. Eu pego livros de Kleber de herói, eu já insisti - porque a gente é muito diferente, ele não empresta os livros dele, ele não risca os livros dele, eu risco, marco, faço de tudo - e eu insisti que ele selecionasse alguns livros pra ver se chamava esse público, lá no começo, mas não atraiu.

12. Você percebe alguma mudança na sociedade em relação a leitura depois da FLIBO?

Antes boa parte da nossa população não tinha interesse algum pelo meio literário. Hoje, por causa da FLIBO, algumas pessoas começaram o hábito de leitura. Eu enxergava essa mudança nos meus ex-alunos, por exemplo. Adolescentes às vezes podem ser resistentes à leitura, mas quando a semana da feira se aproximava todos ficavam animados para participar do evento e acabavam se rendendo ao mundo da literatura. Alguns até liam alguma coisa do homenageado ou da homenageada pra poder ter o que falar durante a programação.

13. Quais são as suas perspectivas em relação à FLIBO?

Eu quero chamar atenção desse público jovem ainda mais. Eu quero trazer bate-papo com esses escritores jovens e leitores jovens. Eu vejo às vezes que a programação da FLIBO é uma coisa muito adulta, muito séria, então na praça da ABES, por exemplo, é um bate-papo sobre um assunto muito científico, acadêmico, eu acho muito sério. Eu sou uma pessoa que sou formada, mas eu estou ali muito junto dos adolescentes, então eu vejo que muita gente procura livros mais jovens e eu gosto de saber dos lançamentos para estar envolvida com essa idade, então eu planejo trazer pessoas mais jovens, descontraídas para falar sobre literatura. Para as pessoas verem que literatura não é só aquela coisa chata, não são só aqueles clássicos - que para adolescentes é mais chato. Eu quero atingir esse público mais jovem ou da minha idade, mas pessoas que não têm formação na área de letras e ficaria perdido com aquela linguagem tão rebuscada, tão culta, mas que se interessa pela leitura e que quer se aprofundar. Então eu espero contribuir desta forma para a FLIBO, já que eu não sou escritora, não tenho pretensão de ser, mas eu penso que a minha entrada na ABES é pra isso, é pra atingir esse público mais jovem de forma mais descontraída. Mas, claro, eu sou pau pra toda obra, o que me colocar pra fazer, eu estou fazendo.

14. Você tem alguma lembrança marcante da Festa?

Tenho a memória de Ariano Suassuna, que eu fiquei muito impressionada, eu olhei e pensei “meu Deus, como assim? Minha cidade, de graça”. Tinha muita gente. Foi numa casa de show, tava lotado. Eu diria que foi meu primeiro contato com a FLIBO, então me chocou. Eu sempre me recordo da FLIBO com muito amor, muita paixão, sabe filme de conto de fadas que fica tudo colorido é esse meu sentimento. Então quando ia chegando a FLIBO, meus amigos até brincavam “quer encontrar Carol em época de FLIBO, não vá na casa dela, vá na praça da ABES”. Uma das FLIBOs que eu mais gostei, que eu queria estar o tempo todo lá, mas não tive muito tempo, foi a que Chico Buarque foi homenageado e eu amo Chico, então eu queria estar lá todo o tempo, o momento que eu tinha eu ia pra lá, eu ia participar das oficinas, eu acordava cedo - que é uma coisa que eu detesto - ia pros preparativos, ia pra FLIBO, almoçava, ia pra FLIBO. Desde que eu entendi que existia, eu estou dentro e não tenho nada de ruim para lembrar, porque todos os momentos foram maravilhosos.